

AS RAPINAS NOCTURNAS NA CULTURA POPULAR PORTUGUESA *pequenas histórias*

Recolha de lendas, contos, adágios, superstições e outras histórias
sobre as corujas e os mochos



aldeia 



STRI
RAPINAS NOCTURNAS
DE PORTUGAL

 *erithacus*
BIODIVERSIDADE & DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Associação ALDEIA

STRI – Rapinas Nocturnas de Portugal

Erithacus – Biodiversidade & Desenvolvimento Sustentável

As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa

TÍTULO

As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa – pequenas histórias

COORDENAÇÃO/COLIGIDO POR:

Artur Vaz Oliveira, Célia Gomes, Filipa Soares

PREFÁCIO

Ana Paula Guimarães

INTRODUÇÃO – As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa

Filipa Soares

TEXTOS INTRODUTÓRIOS – As Ciências e a Cultura Popular

Álvaro Carvalho; Fernanda Frazão; Inês Roque

ANEXO

Ricardo Brandão

ILUSTRAÇÕES

Paulo Alves

FOTOGRAFIA

Artur Vaz Oliveira

GRAFISMO

Artur Vaz Oliveira, Célia Gomes

REVISÃO DOS TEXTOS

Eduardo Cardoso

REVISÃO CIENTÍFICA (Strigiformes)

Rui Lourenço

EDIÇÃO

Associação ALDEIA

STRI – Rapinas Nocturnas de Portugal

Erithacus – Biodiversidade & Desenvolvimento Sustentável

PARCEIROS

CERVAS – Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens

RIAS – Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens

GTAN/SPEA – Grupo de Trabalho Sobre Aves Nocturnas

LabOr – Laboratório de Ornitologia da Universidade de Évora

MAIO 2017

As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa
pequenas histórias



STRI
RAPINAS NOCTURNAS
DE PORTUGAL



Agradecimentos

A todos os apaixonados, estudiosos e investigadores que compilaram, com o seu saber, parte da nossa Portugalidade espelhada nas histórias e testemunhos que aqui recuperámos. Um muito obrigado póstumo, mas sentido.

A todos os estudiosos e investigadores contemporâneos que nos possibilitaram a consulta dos mais variados documentos.

A todas as pessoas que generosamente conversaram connosco e tornaram possíveis as recolhas orais.

À Ana Paula Guimarães, pelo prefácio; Ao Álvaro Carvalho, Fernanda Frazão e Inês Roque, pelos textos incluídos em *As Ciências e a Cultura Popular*.

Pela gentileza com que se prontificaram a colaborar:

Açores / Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional da Cultura;
Madeira – Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura; Câmara Municipal de Coruche / Museu Municipal de Coruche; Museu Municipal da Póvoa de Varzim;
Câmara Municipal de Faro; Câmara Municipal do Porto; Câmara Municipal de Portalegre; Câmara Municipal de Arouca; Câmara Municipal de Évora; Câmara Municipal de Sintra / Departamento de Cultura, Juventude e Desporto e Biblioteca

Municipal de Sintra; Terras Quentes – Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros; Apenas Livros; Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica; Bafari – Associação Científica para a Conservação das Aves de Rapina; TAUC - Tuna Académica da Universidade de Coimbra; AATUC – Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra; Compadres / SPIRA; MIND4TIME.

Francisco Queiroz; Helena Rio Maior; Mónia Nakamura; Alexandre Vaz; Manuel J. Gandra; Santos Costa; Joaquim Prioste; Mário Duarte / Parente de Refóias; Tolentino Cabo; José M. Flores Gomes; António Gonçalves; Luís Gordinho; Gonçalo Elias; Gonçalo Gil Mata; João Rodrigues; Jorge Saraiva; Natália Cardoso; Hugo Barata; Patrícia Monteiro; José Teixeira; Maria Ondina de Oliveira Pinto Monteiro; José da Silva Lima; Daniel Carvalho; Margarida Leal; Paulo Lawson; Humberto Ferreira / Outeiro Seco – AQL, A Quem Interesse; Selson Garutti; Priscilla Esclarski.

A todos os que não conhecemos e que, de forma grandiosa, colaboraram na divulgação deste projecto e/ou no envio de relatos.

Finalmente, pela participação neste projecto, a todos os elementos da Associação ALDEIA; CERVAS – Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens; RIAS – Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens; STRI – Rapinas Nocturnas de Portugal; GTAN/SPEA – Grupo de Trabalho sobre Aves Nocturnas (Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves); LabOr – Laboratório de Ornitologia da Universidade de Évora.

Outros municípios, freguesias e entidades contactados:

Vila Franca de Xira; Viana do Castelo; Paredes de Coura; Braga; Esposende; Vila Real; Chaves; Bragança; Macedo de Cavaleiros (Corujas); Amarante; Aveiro; Viseu; São Pedro do Sul; Guarda; Vila Nova de Foz Côa (Muxagata); Coimbra; Miranda do Corvo; Leiria; Óbidos; Castelo Branco; Fundão; Lisboa; Lourinhã; Santarém; Marvão; Setúbal; Alcácer do Sal; Mourão; Beja; Serpa; Vila Real de Santo António; Sociedade da Língua Portuguesa; Casa de Sarmento – Centro de Estudos do Património; CEG – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; Federação do Folclore Português; Folclore de Portugal – O Portal do Folclore Português; Grupo Etnográfico da Gafanha da Nazaré; Grupo Etnográfico de Valbom; Associação Etnográfica “Os

Serranos”; Grupo Etnográfico do Alto Minho; Grupo Etnográfico “Os Esparteiros” de Mouriscas; Grupo Etnográfico da Portela das Padeiras; Grupo Folclórico de Faro; Grupo Coral e Etnográfico “Os Camponeses de Pias”; Grupo Danças e Cantares dos Pioneiros de Vendas Novas; Rancho Folclórico Fazendeiros de Montemor-o-Novo; Grupo Folclórico Cultural da Boavista; Rancho Folclórico de Avis; Rancho Folclórico de Linhaceira; Rancho Folclórico “Os Camponeses de Santana do Mato”; Rancho Folclórico da Casa do Povo de Nespereira; Rancho Folclórico de Vila Nova de Tázem; Rancho Folclórico de Gouveia; Rancho Folclórico Cancioneiro de Folgoso; Associação Desportiva e Cultural de Danças e Cantares de Carragoso; Rancho Folclórico de Gumirães – Viseu; Grupo Folclórico e Etnográfico de Vila Cova à Coelheira; Rancho Folclórico e Etnográfico de Santa Maria de Cárquere; Rancho Folclórico da Associação Cultural e Desportiva de Mindelo; Associação Folclórica Cantarinhas da Triana; Rancho Folclórico de Paranhos; Rancho Etnográfico Santa Maria de Touguinha; Grupo Folclórico “As Ceifeirinhas do Vale Mesio”; Rancho Folclórico de Baião; Rancho Etnográfico de Santiago de Bougado; Rancho Folclórico da Associação Cultural e Recreativa de Santa Cruz do Douro; Rancho Folclórico de Zebreiros; Grupo Etnográfico Danças e Cantares “O Cantaréu”; Grupo Cultural Os Medroenses; Rancho Folclórico da Casa do Povo de Vilarandelo; Grupo dos Sargaceiros da Casa do Povo de Apúlia; Grupo Folclórico de Barcelinhos; Grupo Folclórico da Casa do Povo de Briteiros; Grupo Associativo de Divulgação Tradicional de Forjães; Grupo Folclórico da Casa do Povo de Creixomil; Grupo Folclórico de Vila Verde; Grupo de Danças e Cantares de Barcelos; Rancho Folclórico e Recreativo de Candoso; Grupo Etnográfico Rusga de Joane; Grupo Folclórico das Lavradeiras de Parada de Gatim.



a todos os que, sendo noite, procuram ver...

Tant. Mes
2014

CONTEÚDOS

Prefácio	12
As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa.....	27
1.0. Introdução	27
2.0. Bons, Maus e Assim-Assim.....	28
2.1. Simbolismo	29
2.2. Conhecimentos empíricos.....	32
2.3. Usos e Práticas.....	35
3.0. Metodologia, Estrutura e Conclusão.....	37
3.1. Metodologia e estrutura	37
3.2. Conclusão.....	38
As Ciências e a Cultura Popular	40
Etnografia/Mitologia – O mocho e a coruja em diversas tradições.....	40
Biologia – Poderá a biologia decifrar a cultura popular?	45
Medicina Rural – Ontem e Hoje.....	52
VOCÁBULOS.....	61
USOS • COSTUMES • MEDICINA POPULAR	91
CRENÇAS • CRENDICES • AGOUROS • PROGNÓSTICOS • SUPERSTIÇÕES... ..	127
PROVÉRBIOS • ADÁGIOS • RIFÕES • ANEXINS • DIZEDELAS • PARÉMIAS • DITOS • DITADOS • APODOS	191
CANCIONEIROS • CANTIGAS POPULARES • PARLENDAS	223
CONTOS TRADICIONAIS • LENDAS • FÁBULAS • APÓLOGOS	249
LITERATURA • OUTROS TEXTOS	323
TOPONÍMIA • BRASÕES • EMBLEMAS	359

ANEXO	394
As Aves de Rapina Nocturnas.....	395
1.0. Espécies existentes em Portugal	395
1.1. Características gerais	397
1.2. Rapinas Nocturnas: Recuperação, Conservação, Investigação e Divulgação	402

Prefácio

BI das Rapinas Nocturnas

por Ana Paula Guimarães

IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Patrimónios, Artes, Culturas.
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - FCSH/NOVA

Cabe-me, conluo agora mesmo, agir enquanto humilde prefaciadora e, para tal, ir vasculhando nas páginas desta preciosa obra os dados de identificação de quem se chama assim:... aves de rapina. Tentemos então construir um *Bilhete de Identidade*, isto é, um *BI* – hoje em dia, já fora de moda. De facto, foi substituído, há alguns anos, pelo chamado *Cartão de Cidadão*.

ASCENDÊNCIA e NOME

“As aves de rapina nocturnas, vulgo mochos, corujas e bufos, povoam o imaginário popular desde tempos imemoriais” – esta a primeira frase escrita por Filipa Soares introduzindo, ela sim, este extenso volume de recolha e reflexão sobre esses seres.

“Ora veneradas e admiradas, ora temidas e odiadas”, essas aves convivem connosco desde – afirma a investigadora – cerca 30.000 a.C., Paleolítico Superior. E respondem a variadíssimos nomes:

Coruja, Bufo, Ujo, Corúgem, Corujo, Carrocho, Piôcho, Coruja-das-torres, Mocho-d’orelhas, Bufo real, Mocho-galego, Coruja-do-mato, Bufo-pequeno, Coruja-do-nabal, Marta, Toupeirão, Mochela, Moucha, Rabalva, Demingueso, Aziágo, Estrige, Bul, Corújem, Hubris, Grão-duque, Cruja, Mouchico, Moucho, Queruja, Ulula, Mocho maior, Miau Miau, Galhofo, Moutcho, Bujo, Bubo bubo, Ujo bufo, Martaranho, Bebe-azeite, Coruja-branca, Coruja-católica, Coruja-azeiteira, Coruja-da-igreja, Grifa, Moncho, Ave-de-Minerva, Ave-gatinhas, Chio, Mocha, Moxo, Camocho...

IDADE

Por enquanto, ainda nada se sabe sobre idade: data de nascimento e duração de vida – e morte? A ver vamos. Talvez algum leitor contribua.

SEXO

“Mocho-macho, marimacho, mulher com aspecto ou modos próprios de homem”, diz-se em Gavião do Ródão.

Consta que o Mocho, macho, é muito inteligente. Intitulado Ave-de-Minerva, dá cartas à Coruja, dama sua vizinha, de facto, muito mais ociosa, desfrutando do trabalho alheio e usufruindo daquilo que encontra já feito. Ela terá fama de ser ladra. Orgulhar-se-á? Quem sabe?

Mais um dado sobre... sexo: consta que as damas de Algôs gostavam, no princípio do século XX, de vestir “com graça” colocando uma simples flor no cabelo e dispensando as asas de Coruja num chapéu “vindo do estrangeiro por subido preço.”

DESCENDÊNCIA

“Coruja não acha os filhos feios”, diz o provérbio. Acrescente-se: “Nunca!”

Conte-se agora um conto sobre o apreço da mãe zelosa pela sua criaçãda:

“Havia a águia e a coruja.

Nesse tempo os bichos e os pássaros eram todos compadres uns dos outros e um dia a coruja encontrou a comadre águia e disse-lhe:

– Ó águia, se encontrares um ninho com uns passarinhos muito bonitos e muito bem feitos, não os comas, que são os meus filhos.

A águia um dia foi passear e encontrou um ninho com três passarinhos muito feios. Comeu-os todos! A coruja chegou lá e achou o ninho sem os filhos. Encontra a águia e diz-lhe:

– Então comeste os meus filhos?

– Tu disseste que eles eram muito bonitos e muito bem feitos. E como aqueles eram feios, comi-os, pensando que não eram os teus.

– É pena não os veres com os meus olhos, logo os achavas bonitos.”

Moral: «Quem o feio ama bonito lhe parece.» – Ezequiel Maria Santos, de 89 anos, relata este conto (sobre um valente mal-entendido entre amigas!) a Marisa Amarelo, de 16 anos, em Julho de 2002.

Ora desacerto entre fêmeas, águias e corujas; ora confluência de idades e de gostos: 89 e 16 anos.

FALA, isto é, VOZ

Estas aves de rapina conversam com parentes e outros seres do mundo com vozes muito variadas: cantam, piam, gritam. Entretanto, homens e mulheres se vão benzendo. Corujas cruçam e curujam, ululam, grasnam, ladram, chirriam, escrujeiram, roncam e morrinham (talvez ainda venhamos a escutar mais sons deste ‘mulherio’).

Os Bufos bufam, clamam e crucitam. “Diz-se que são Bufos aqueles que passam a vida denunciando os outros à polícia e outras autoridades”, lembra-me o meu acompanhante nesta casa. Com que voz andarão bufando?, pergunto-me eu.

Grita-se ao Mocho, isto é, grita-se alerta – diz-se no Alentejo. Por sua vez, em todos os lugares, o Mocho geme e lamuria. Mais mimado, será? Quando pia, anuncia nevoeiro no final da tarde. Quando canta, ao fim de três dias, há-de chover. Mais ainda, se se escuta a voz de um mocho, fica-se estéril. Diz-se.

Conta-se ainda, em terras alentejanas, a história do “Mocho que tinha um criado chamado Domingos e um carro de bois. Quebrou-se o cabeçalho do carro e o mocho mandou o criado cortar um pinheiro para o substituir. O criado demorou-se e o mocho andava pelo ar: «Domingos, Domingos!» (é o miar). «Os bois? Os bois?» (é o mochar).”

Isto explica o que dizem nas Caldas da Rainha. O mocho tem duas vozes: *miar* quase como o gato e *mochar* (grito grosso e longo). O *miar* é sinal de boa-nova; e o *mochar* é agouro. Esta é a história narrada por Rui Arimateia, Câmara Municipal de Évora/Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial.

E mais ainda. Recordemos o poema de Fernando Pessoa:

“Pia, pia, pia

O mocho,

Que pertencia

A um coxo.

Zangou-se o coxo

Um dia,

E meteu o mocho

Na pia, pia, pia.”

MORADA

Canta-se no Minho, na zona de Guimarães:

“Moro à beira do monte,

Meus vizinhos são penedos:

Não tenho quem cho're por mim,

Senão mochos ou morcegos.”

Tocas das árvores, morada de Mochos, ao que consta.

E corujas? Qual o seu endereço? A que terra dão o nome?

“Segundo uma lenda”, o nome de Coruche terá nascido aquando da tomada de Santarém por D. Afonso Henriques: ter-lhe-á chamado a atenção a existência de “dois enormes pinheiros, no cocuruto dos quais estavam poisadas duas corujas que nem o tropear dos cavalos amedrontava. Então o rei terá dito:

– Estamos a chegar à terra das corujas.”

E assim fica baptizada a povoação. Coruche, doravante.

Sabe-se que elas vivem em torres, passeiam por pratos de azeite e lamparinas das igrejas – decerto não debicando. Dizem alguns que apreciam pombais, não pelas habitações em si mas apenas por quem lá mora: pombinhos pequenos. Habitam suas moradias mas frequentemente são armadilhadas para que morram ou, pelo menos, mudem de casa. Quem não as quer ver por perto, recorre a fumaças de ervas e enxofre, pedaços de borracha e cascos de macho ou burras.

E vamos agora aos Bufos!

O povo coloca, nos bicos das crias de Bufos-reais, “barbilhos” (pequeno pau colocado dentro do bico, com um cordel atado a cada uma das duas pontas e que passa por trás da cabeça) para que não comam lebres, perdizes, coelhos.

E o senhor ainda sabe ‘tecer’ esta armadilha que não mata Bufos mas os impede de certas comezainas? Ou já mudou de ideias?

Para além de muitas mudanças obrigatórias, as rapinas nocturnas mantêm-se interessadas em causar pânico entre familiares. Por isso mesmo ainda se usam Corujas ou Mochos empalhados para afugentar passeriformes das culturas agrícolas.

Há quem pregue na porta, “cheio de tolo orgulho” (reza um texto de 1862), o coitado do Mocho privado dos campos e celeiros. “Porque não prega ele o gato?”

ESTADO CIVIL

Mocha é mulher do Mocho?

“Minha mãe, p’ra me casar

Prometeu-me três ovelhas,

Uma manca, outra cega,

Outra mocha, sem orelhas.”

Esta será uma das cantigas a aprender de cor logo no princípio do namoro:

“Canta o mocho no penedo

A coruja no pinheiral.

Quem se mete com mulheres

Arrisca-se a ficar mal...”

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Descreve Ricardo Brandão as rapinas nocturnas como “aves de cabeça grande [...] aparentemente desproporcional em relação ao resto do corpo”. O disco facial pode mesmo ter “forma de coração” escondendo os ouvidos externos. Audição notável!

Olhos grandes (“espécie de telescópio”), bicos encurvados, tufos de penas erectas em forma de orelhas. Por aí adiante... até às asas longas e às garras curvas e afiadas.

Na obra *Mário* (1868), Silva Gaio escreve sobre “uma pobre coruja”, morta, erguida por alguém acima do telhado, para dar exemplo e provocar medo nas outras. E explica o vigário ao autor desta ‘proeza’:

“– Olha, caçava os ratos, que dizimam o teu pobre celeiro. Era o teu gato, mas que não miava a pedir-te de comer! E também tem os seus afectos, os seus ninhos, os seus filhos. Tem dó disto. Só voa de noite? Que queres? É porque os seus olhos se magoam com a muita luz.”

Ver de noite. Quando chegarmos ao final deste prefácio, vamos – por uns segundos – ver de dia.

Importante característica física para quem quer fazer parte desta obra de excelentes autores (Artur Vaz Oliveira, Célia Gomes, Filipa Soares), intitulada *As Rapinas Nocturnas na Tradição Popular Portuguesa – pequenas histórias*.

Ainda segundo a tradição, analisemos agora – a partir destes documentos recolhidos e seleccionados – o Mocho. É um animal sem cornos, diz-se por aí. Porque lhos cortaram ou porque nasceu sem eles, devendo tê-los? Mocho é quem tem falta de algum membro?

Em “Methodo de Apanhar Mochos e Coelhos”, texto de 1837, relata-se uma forma muito curiosa de os americanos (imagine-se!) apanharem Mochos: “Quando huma pessoa descobre hum môcho sobre huma arvore, e logo que he por elle vista, para o apanhar não tem mais a fazer, do que correr á roda da arvore humas poucas de vezes, porque [...] o môcho fixando sobre ella a vista, e esquecendo-se da necessidade de volver o corpo com a cabeça, seguirá os movimentos até torcer o pescoço.”

Considero notável e fico ansiosa por experimentar.

ALIMENTAÇÃO

O investigador escreve: “Os dedos e garras são as principais armas de que uma ave de rapina nocturna dispõe e são essenciais para a obtenção de alimento. A maior parte das espécies apresenta patas e dedos robustos e revestidos por penas, o que contribui para minimizar perda de calor, principalmente durante as longas esperas nocturnas, por vezes sob temperaturas muito baixas.”

A Coruja bebe azeite roubado das candeias das igrejas? Uns dizem que sim, outros dizem ser grande mentira. Come borboletas nocturnas voando ofuscadas pela luz? Chupa o sangue das crianças? E o sangue das cabras? De facto, a Coruja-das-torres foi designada por Aristóteles de *aegolis* (semelhante à cabra) e *aegotilax* (chupa-cabra).

Os Bufos caçam lebres, coelhos e perdizes, sendo frequentemente atacados por aves mais fortes e severas, com energia de vingança e prontas para se alimentarem com o repasto preparado pelo Bufo – o gerente?

Situações ambíguas: quem come quem e o quê? Há lavradores que acusam as aves de rapina de lhes rapinarem (razão do seu nome), de noite, as ervilhas semeadas; e por outro lado, há quem diga que são extremamente úteis em práticas agrícolas, no hoje chamado “equilíbrio ecológico”. O texto de 1859, transcrito por Filipa Soares, refere a ignorância dos camponeses quando matam aves destruidoras de ratos,

toupeiras, arganazes, estes sim alimentando-se de produtos das searas. Diz o texto: “Vale mais um ninho de môcho na habitação do cultivador, do que dez gatos; vale mais um ninho de melharuco, do que dez eslagartadores.” E termina apelidando as aves, analisadas nesta obra e neste BI, como “aves proveitosas”.

Cabe recontar, desta vez a propósito de comezainas, a história da coruja que encontra a águia e lhe diz que não coma os passarinhos “com uns biquinhos muito bem feitos” e a quem, dali a dias, a águia responde justificando a refeição soberba:

“– Eu encontrei umas corujas pequenas num ninho, todas depenadas, sem bico, e com olhos tapados, e comi-as.” Prossegue o diálogo (nesta versão de Teófilo Braga) mas, desde logo, nos apercebemos de quão apetitosos são os filhos de mãe-coruja, cega de amor...

Também coligida por Teófilo Braga, eis a “Fábula da Raposa e do Mocho”:

“Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um mocho; disse ela para si:

– Ceia já eu tenho.

E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o.

O Mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ela:

– Ó raposa, não me comas assim como qualquer frango desses que furtas pelos galinheiros; tu também sabes andar à caça de altanaria, e é preciso que todos os saibam. Agora que me vais comer, grita bem alto: «Mocho comi!»

A raposa levada por aquela vaidade, gritou:

– Mocho comi!

– A outro sim, que nenja a mim! Replicou-lhe o mocho caindo-lhe de entre os dentes e voando pelo ar fora, livre do perigo.”

Variante, outra de entre inúmeras, aquela contada por António Azinheira, 70 anos e recolhida por Tiago Azinheira, 13 anos, em Julho de 2002. Termina esta história assim:

“A raposa chega à do mocho para o comer:

– Ó comadre raposa não me coma, estou todo sujo, todo enlameado. Lava-me antes de me comeres.

A raposa lá o foi lavar:

– Pronto, agora vou-te comer!

– Ai! Ainda não me comas! Já viste, estou todo molhado e nem te vou saber a nada. Coloca-me além no velado [valado, vala] a enxugar e depois podes comer-me.

A raposa colocou-o no velado a enxugar e quando vai para o comer, o mocho levanta-se e abala a voar e a dizer:

– Não me comes não, que eu já não chego com os pés ao chão!”

Dá gozo ao Mocho: aldrabar e deixar-se perseguir. Rapinar espertezas e surripiar manhas. Ardis asseguram a sua sobrevivência, suscitando apetite e depois... não autorizando ferradela, dentada e deglutição.

Por outro lado, a original feição desta raposa: ser vítima da aldrabice e não conseguir apoderar-se da apetitosa refeição.

Em *Hamlet* (de William Shakespeare), surge uma referência à Coruja enquanto filha de um padeiro. Em Portugal, aconteceu ter-se registado esta versão narrada por Maria Luísa Silva, 66 anos:

“Jesus Cristo, tendo parado na casa de um padeiro, pediu algo para comer. Este preparou-lhe uma massa com um pouco de fermento e preparou-se para o colocar no forno. A filha do padeiro, mulher avarenta, achou que a quantidade era exagerada e reduziu-a consideravelmente. Porém, ao aperceber-se do crescimento da massa e,

desta forma, da inutilidade da sua acção, exclamou: «hu-hu-hu», tendo sido castigada e transformada numa coruja.”

Comer, ser comido. Caçar, ser caçado. Devorar(-se).

E beber? Não se preocupe, dizia-se em 1818, se o Mocho cantar “antes que as vides lancem os pimpolhos”, haverá vinho com fartura!

Cerca de cem anos mais tarde, em *Terras do Demo*, Aquilino Ribeiro escreve:

“Em voz alta, Jaime declarou que sua mãe era uma grandessíssima coruja que tinha dinheiro enterrado e preferia beber o sangue dos filhos.”

Grande mãe. Dizemos nós.

ARTES DE CURA

Estas são aves muito usadas na medicina popular.

Há mezinhas diversas, por exemplo, através do Mocho: sangue desta ave cuida tuberculose, carne abre o apetite, cura anemia. Conhece-se a receita para pessoas anémicas em *Artes de Cura e Espanta-Males – Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*: carne desta ave de rapina misturada com agrião torrado, nove grãos, nove favas, “tudo torrado e fervido e peneirado, depois. Põe-se o mel ao fogo, numa vasilha de barro nova e, depois de ferver, deita-se o pó e toma-se.” Tosse convulsa era afastada do corpo humano, há 30 anos, com canja de Mocho-galego – na Amadora, imagine-se.

O pó ou cinzas de Coruja cura garrotinho, fluxos de sangue no peito e asma (pós de coruja queimada viva com as penas dentro de uma panela de barro nova, bem tapada). O seu ovo cura o alcoolismo.

Em *Medicina Lusitana* (1731), se explicita receita para excesso de cabelo: “Tomem duas onças de pós de coruja, tres onças de pós de cominhos, outras tres de sangue

de morcego” e por aí adiante fazendo linimento, lavando (com “decoada de cinza de vides”), untando e prosseguindo...

O poder do Bufo permite-lhe, através do consumo da sua carne (cozida viva em azeite novo) e suas cinzas, curar asma e “dureza do baço”.

Aproveitem também os amuletos, tais como, por exemplo, o olho de Coruja contra mau-olhado, cobiça e inveja, muito útil em negócios. Cuidado, atentem no aviso feito às crianças na escola onde terá estudado Filipa Soares (a investigadora presente nesta obra?): “os olhos da coruja cegam quem os observa.”

Menos conhecida esta receita explicitada por Consiglieri Pedroso: “Para fazer a testa grande às crianças, deve pôr-se-lhes todos os dias, enquanto são pequenas, na cabeça, açorda de alho ou sangue de mocho.”

HÁBITOS, COMPORTAMENTOS

Hoje as rapinas só saem de noite, sempre vigilantes. Conta-se que, em tempos imemoriais, as Corujas voavam à vontade durante todo o dia. Certa vez, uma delas, condoída pela carência de roupa de uma ave chamada Pito-nú, andou pelos céus, armada em mãe-Coruja, pedindo emprestadas penas e penugem para vestir o dito Pito. Assim que este se viu bem vestido...ala... e voou para onde bem lhe apeteceu. Ora, a Coruja ter-se-á sentido bem envergonhada, escondendo-se doravante das aves que tinham generosamente cedido muita roupa.

Também se conhece uma adivinha, contada em 2015 por um senhor de 46 anos. Revela hábitos e comportamentos? Creio que sim. Horas de sono!

“Na floresta, o lobo dorme quando a coruja está acordada e está acordado quando a coruja dorme. O lobo dorme tanto numa semana quanto a coruja dorme num dia. Quantas horas dorme cada um destes animais por dia?

Resposta:

O lobo dorme tanto numa semana quanto a coruja dorme num dia. A coruja dorme 7 vezes mais do que o lobo. Por cada hora que o lobo dorme, a coruja dorme 7 horas; por cada 2 horas que o lobo dorme, a coruja dorme 14; e por cada 3 horas que o lobo dorme, a coruja dorme 21. Como $21+3=24$ horas, num dia, o lobo dorme 3 horas e corujas as restantes 21 horas.”

FEITIO e outras FEIÇÕES

Ora “símbolo de bom augúrio, sendo o mocho-galego (*Athene noctua*) associado a Atena, deusa da sabedoria” na Grécia Antiga, ora “símbolo de mau agouro ou morte iminente” entre os Romanos – afirma Filipa Soares acrescentando referências ao Antigo Testamento, onde estas aves eram consideradas “seres *impuros*” e outras menções aos bestiários medievais, “onde eram associadas à bruxaria e ao mundo das trevas”. Refere-se ainda a ambivalência das aves de rapina, representando tanto “a morte, a noite, as trevas, o submundo” como a “sabedoria, clarividência, vida, regeneração”.

Lê-se hoje na Internet que a Coruja-das-torres é fundamental “na protecção do equilíbrio ecológico das nossas vinhas”, logo “é um dos garantes do compromisso que assumimos com a conservação da biodiversidade.”

Conhecer bem as rapinas vale a pena. Saudemos, por um lado, a investigação científica (hoje muito desenvolvida, sempre a amplificar); por outro, atentemos ainda em práticas populares, raras e insólitas.

Em Maio de 2005 ter-se-á recolhido a seguinte experiência realizada por um bruxa convencida de que não iria falhar:

“Quatro dias depois da menstruação, procura um mocho de papo branco e veste-se-o de flanela, de forma que só o pescoço fique de fora, por espaço de 13 dias e só depois do dia 13, que é fatídico, corta-se-lhe o pescoço de um só golpe sobre um cepo, e mete-se a cabeça em álcool até ao dia 13 do mês seguinte. Chegando esse dia, corta-se-lhe o bico e queima-se junto com o cartão que servir para fazer a ceia da pessoa a quem se quer prender. Nessa ocasião os dois olhos do mocho devem estar ao pé do fogão ou fogareiro, um de cada lado, e a mulher que fizer tal operação deve abanar o lume com um abanador feito de fralda da camisa com a qual tenha dormido pelo menos cinco noites.”

MORTE

Em primeiro lugar, morte do próprio. Veja-se o texto de Jaime Lopes Dias em *Etnografia da Beira*: “quando uma coruja pousa sobre o telhado de uma casa e canta *morri! morri!* as pessoas que a ouvem dizem: – *por ti seja! por ti seja!* (Idanha-a-Nova).”

Em segundo lugar, morte do outro, caçadas: confirma-se, lendo esta obra, que até os reis fruía da caça. Em 1866, o Rei D. Luís e o Infante caçaram 16 galinhas, um gamo, uma perdiz, 4 coelhos e... um Mocho real; em 1891 a caçada de D. Carlos rende 5 peças de caça grossa, 32 galinhas, 10 perdizes, 8 tordos, uma águia de asa redonda, um Mocho e 12 coelhos. Muitas mortes.

“Quem segue um mocho, vai ter a ruínas”, prenúncio... “Morte mocha”, expressão utilizada em poema de Fernando Assis Pacheco, significando, eventualmente a aceitação da morte e do renascimento “com naturalidade”.

Em terceiro lugar, presságios da morte dos outros. “Alguém vai morrer, anda a Grifa (ou a Coruja) no ar.” Mau agouro ouvir a coruja cantar (ou ressonar tal qual pessoa com boca aberta), quando está alguém doente, porque cheira logo a cadáver (1871). E se ela canta defronte da janela... morte de noite.

Mortes reais. Assassinatos por rapinas. Que morram, por exemplo, ratos, especialidade destas aves. Que não morra gente atacada por Corujas agressivas. Protejam-se com chapéu-de-chuva – recomendação de habitantes de uma cidade holandesa.

Enquanto, no Minho, se vai cantarolando:

“Canta o mocho no penedo,

A poupa no carrascal.

Vais morrer numa cadeia

Ou acabar num hospital!”

E pelo país fora:

“Ouvu-se piar um mocho

No alto do campanário

Negro sinal de quem tinha

De cumprir o seu fadário.”

“Entrou pela porta dentro

Uma coruja assustada...

Mal pecado que eu morresse

Antes de ser desgraçada!”

Agouros. Imensos e imensas superstições em redor das rapinas. Há quem, desde sempre, os tenha considerado abençoados. E, como é óbvio, não faz sentido... persegui-los.

Catar agouro, observar as aves para conhecer o futuro – não será tão mau assim. Mochos, símbolos da arte tumular portuguesa entre 1840 e 1900. Habitualmente são esculpidos de forma a rematar grades de ferro, velando pelos mortos. Figurando a morte, representam também a sabedoria.

*

“Assentar o cú no mocho” significa, ao que consta, “ir a tribunal”. Pois, sentem-se agora – inocentemente – num mocho (segundo um texto de 1933, “assento grosseiro, feito em um pedaço de madeira, com três ou quatro pés, sem encosto, e que só acomoda uma pessoa”) e escutem mais uma história. Não será sobre Mochos, Corujas ou Bufos (todos voando de noite) mas sobre Falcões, rapinas diurnas, sem medo de nada nem ninguém, acompanhando soberanos e desprezando súbditos. Escreveu-se algures que... “doutores e falcões não eram senão para reis.”

E há quem avise. Esta ave de rapina gosta de voar ao sol e, apesar de tudo, causa pavor:

“Ainda que a garça voe alta, o falcão a mata.”

“Voo de falcão, morte de gavião.”

Pensemos também neste dito de D. João II a Lopo Figueiredo:

“Tempos havia para usar de coruja, e outros tempos para usar como falcão.”

Terminemos este texto com o relato da saga vivida pela antropóloga Teresa Perdigão, habituada a lidar com culturas regionais, festas, romarias, artesanato, têxteis e alimentação, mulher tão delicada, quão corajosa, empenhada, desta vez, em salvar a vida de uma ave, essa desconhecida:

“Eu ia a conduzir, serra acima e, quando vi uma ave na estrada, parei. Ela fugiu e eu... Ah! Inconsciência!... Deixei o carro a trabalhar e corri, corri, atrás dela. Felizmente cansou-se e eu apanhei-a sem saber que se tratava de um bicho que comia carne humana!

Meti-a então no único contentor disponível... A minha bolsa...

(...)

Imagina que eu tenho um certificado de Madrinha de um falcão que salvei na Serra dos Candeeiros. Tive-o cá em casa umas semanas e ele até se afeioou a mim. Depois veio buscá-lo um técnico de um centro de tratamento do Algarve, único, na altura. O bicho despediu-se com lágrimas no olho, até que, meses mais tarde, foi posto em liberdade. Teve honras de televisão e, assim que deixou de ser tão mediático, conseguiu vir visitar-me às Caldas. Diga-se (em segredo), que aparece com frequência por aqui!

Ele revela sempre uma grande gratidão pelo sucedido e eu acredito que o ensinei a voar, como o gato que ensinou a gaivota, sabes?”

As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa

por Filipa Soares

*E vós, oh cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!*
(Bocage, in 'Rimas')

1.0. Introdução

As aves de rapina nocturnas, vulgo mochos, corujas e bufos, povoam o imaginário popular desde tempos imemoriais. Ora veneradas e admiradas, ora temidas e odiadas, deixaram indícios da sua presença um pouco por todo o mundo, sob a forma de lendas, contos, mitos, superstições, artefactos.

Esta quasi-omnipresença cultural parece remontar ao Paleolítico Superior, datando de c. 30.000 a.C. a representação mais antiga, até hoje conhecida, das rapinas nocturnas. Também na Antiguidade Clássica marcaram uma forte presença, onde Gregos e Romanos as imbuíram de grande parte dos significados e atitudes ainda hoje predominantes. Na Grécia Antiga, por exemplo, estes animais eram tidos como símbolo de bom augúrio, sendo o mocho-galego (*Athene noctua*) associado a Atena, deusa da sabedoria. Entre os Romanos, pelo contrário, eram vistos como símbolo de mau agouro ou morte iminente. Reza a lenda, aliás, que o Imperador Júlio César ouviu o piar de um mocho um dia antes da sua morte, tal como narrado na tragédia Shakespeariana sobre o mesmo. Esta conotação negativa foi predominante também no Antigo Testamento, onde estas aves são tidas como seres *impuros*, bem como nos bestiários medievais, onde eram associadas à bruxaria e ao mundo das trevas, ou ainda aos Judeus, que haviam renunciado a Jesus Cristo. Posteriormente, a carga simbólica e alegórica que lhes subjaz continuou e continua a ter repercussões a nível artístico e literário, figurando entre os grupos de aves mais vezes representados.

Como o atestam estes exemplos, de forma alguma exaustivos¹, no mundo dito ocidental, a relação histórica estabelecida entre os diversos grupos humanos e as

¹ Para uma descrição pormenorizada da presença das rapinas nocturnas na mitologia e cultura popular, em contexto ocidental e não-ocidental, cf. por exemplo: “Rapinas Nocturnas na Mitologia e Cultura Popular: Pequena Reflexão” (Célia Gomes); “Owls” (D. Morris); “The mythical zoo” (Sax, 2001).

aves de rapina com as quais coabitam tem sido pautada por ambiguidade, tendendo a oscilar entre dois extremos. Por um lado, simbolizam a morte, a noite, as trevas, o submundo, o que está na base da forte animosidade popular e da consequente perseguição de que têm sido alvo; por outro, simbolizam sabedoria, clarividência, vida, regeneração. As fronteiras entre ambos não são, contudo, estanques.

Também na cultura portuguesa este grupo de aves tem marcado uma forte presença, como o evidencia esta extensa compilação. Sem pretender ser exaustiva, demonstra uma parte significativa do espólio cultural extremamente rico associado a este grupo, constituído por dizeres, saberes e práticas dispersos e acumulados pelo tempo no imaginário colectivo, de norte a sul do país, que importa coligir e preservar. Tal preservação constitui, aliás, um dos principais objectivos subjacentes a esta compilação, servindo de testemunho da complexa relação estabelecida com este grupo de aves e do marco cultural que deixaram, também visível em toponímias e vocábulos. Simultaneamente, ao transmitir o rico património imaterial associado às aves de rapina nocturnas, pretende-se também contribuir para a sua conservação. Tal é particularmente importante no caso das atitudes mais negativas, muitas vezes apontadas como ameaças à sobrevivência das espécies e à coabitação num mundo em constante mudança. Parafraseando o historiador William Cronon: a protecção da natureza circundante passa, antes de mais, por uma consideração séria da própria ideia de natureza que temos dentro de nós.

2.0. Bons, Maus e Assim-Assim

As referências às aves de rapina nocturnas na cultura popular portuguesa abrangem vocábulos, usos, crenças, adágios, cantigas populares, literaturas tradicionais e eruditas, toponímias e iconografias, em torno dos quais está organizada a presente compilação. Aqui, ao invés de analisarmos cada um destes tópicos e respectivos exemplos individualmente, serão abordados três aspectos transversais, subjacentes às próprias percepções e relações com os recursos naturais, de acordo com o campo da *etnoecologia*. São eles: crenças e cosmologias (*kosmos*); conhecimentos ecológicos (*corpus*); e usos ou apropriação material dos recursos (*praxis*), sobre os quais nos iremos deter nas próximas páginas.

Antes, porém, e por forma a enquadrar os mesmos, detenhamo-nos brevemente sobre as próprias percepções sociais da natureza, nomeadamente dos animais, no mundo dito ocidental. Em traços muito gerais, estas tendem a ser dicotómicas, utilitárias e antropocêntricas, girando em torno de dualismos como bom/mau, útil/prejudicial, que ocupam os extremos da *escala sociozoológica*, embora as fronteiras não sejam estanques. Tal está relacionado, por exemplo, com o facto de os animais desempenharem ou não o papel que deles é esperado pelos diferentes grupos sociais, nomeadamente o de subordinado; com as interferências nos modos de vida humanos; ou ainda com o facto de ultrapassarem as barreiras físicas ou simbólicas estabelecidas pelos humanos, nomeadamente no que respeita aos animais selvagens, dando origem a conflitos. Não obstante esta visão mais utilitária, a componente simbólica detém um papel igualmente importante na forma como a natureza é experienciada.

No caso das rapinas nocturnas, e apesar de haver algumas referências aos prejuízos que podem causar na agricultura ou, em contrapartida, a sua utilidade enquanto controladores biológicos de pragas agrícolas, como veremos, o carácter simbólico parece deter um papel central, tanto em termos de crenças e dizeres, como práticas.

2.1. Simbolismo

São vários os significados e as conotações simbólicas atribuídos a corujas e mochos ao longo desta colectânea. Em grande parte das crenças e superstições aqui presentes, espelhadas em vocábulos, práticas, adágios, lendas, contos, são referidas aves agoirentas, nomeadamente devido aos seus comportamentos crepusculares e nocturnos (são tidos como “*habitantes das trevas*” e “*sentinelas dos túmulos*”) e vocalizações, as quais são consideradas presságio de morte ou infortúnio, bem como a sua presença ou voo: “*Nunca os antigos ouviraõ o Mocho, que naõ julgassem por monstro da noute, por annuncio da tristeza, e por percursor de alguma ruina.*”

Nalguns casos, são especificados locais concretos para que tal infortúnio se verifique (ex.: num telhado, à janela, na proximidade de casas e da povoação) ou períodos do dia (ex.: de noite, à meia-noite, de dia). São também aludidas actividades específicas no decurso das quais tal se verifica, como aquando de uma caçada (ex.: “*Se um caçador encontra um môcho, é “galinhaço”, isto é, mau agouro*”). Por último, há ainda referência a certos números, conotados com aspectos simbólicos próprios da literatura

tradicional (ex.: “*Quando a coruja pia 3 vezes alguém irá morrer nessa noite.*”; “*Os mochos piam: O pio é sinal de que há número prenho [ímpar] no céu. Vai morrer alguém para o número ser par.*”).

O cantar de mochos, corujas e bufos está também associado à previsão do tempo, sendo tido como sinal de mudança de tempo ou prenúncio de mau tempo, nomeadamente chuva. Por exemplo: “*Coruja de chirriar brandamente em tempo de tempestade, denota serenidade, mas se se queixar em tempo sereno anuncia tempestade.*” O seu cantar, nomeadamente em épocas específicas do ano e do calendário lunar, também é referido nalgumas crenças relacionadas com o impacto destas aves na agricultura: “*Se conhecesse haver abundância de vinho, se cantar o mocho antes que as vides lancem os pimpolhos*”; “*As ervilhas devem semear-se de noite, mas em ocasião que não haja lua. De contrário a coruja vai comê-las.*”

No caso das corujas, aparecem igualmente associadas à bruxaria e magia, remetendo para figuras da mitologia clássica, como o mito da mulher-pássaro ou Strix, uma mulher transformada em ave noturna “*que chupa o sangue das crianças*”. A estreita associação entre coruja, feiticeiras e bruxas é visível em certos termos que abrangem os três, como sinónimos, tais como: *strix* (grego), *striga* ou *estrige* (do latim *strige*-). A associação da coruja ao mundo feminino está ainda patente, por exemplo, numa referência a um mito de criação do mundo: “*Cando fôï que se fromou o mundo, a cruja era ma molher e andava vestida de graça.*”

Ainda sobre as corujas, nomeadamente a coruja-das-torres, é várias vezes referido o facto de serem tidas como “*ladras*” que “*vão de noite roubar e beber o azeite das candeias das igrejas*”. Tal está na base, por exemplo, de alguns termos comumente utilizados para a denominar, como é o caso de *bebe-azeite*, *coruja-católica*, *coruja-azeiteira* e *coruja-da-igreja*. Não obstante, algumas referências aludem a uma possível explicação, com base nos hábitos alimentares: “*acusam-na de beber o azeite das lamparinas das igrejas, o que é uma calúnia. Se ela procura as lamparinas, é para comer as borboletas nocturnas, que andam ofuscadas em volta da luz.*”

Esta crença está ainda na base de algumas metáforas (ex.: “*és pior que as corujas!* - referindo-se a quem punha muito azeite no prato”) e de críticas sociais. Numa fábula alegórica e moral, por exemplo, quando um estorninho propõe à coruja que os estorninhos deixem de comer as azeitonas para que ela faça o azeite, a coruja recusa,

dizendo: “*Não sei, / Nem para tal tenho jeito; / O que sorvo, e me sustenta / He o que encontro já feito.*” Ao que o estorninho responde que este “*monstro feio*” só serve para “*desfrutar, pelo mundo, / Frutos do trabalho alheio.*” O conto termina com uma reflexão acerca do seu significado moral:

*Com systema de Coruja
Inda entre nós homens temos!
Que sem risco, sem fadigas,
Sem despezas, e sem sustos,
Desfrutão bens grangeados
Por outros a muito custo.*

Para além destes simbolismos mais negativos, são também reconhecidos e referidos aspectos positivos, como a associação à sabedoria, racionalidade, clarividência e regeneração. Tal associação aparece sobretudo no caso do mocho, “*Ave-de-Minerva*”, descrito muitas vezes como sábio, pensador, e até mais inteligente do que a coruja, como no caso da fábula *O mocho e a raposa*. Nalguns casos, o olhar e a capacidade destas aves de ver na escuridão são tidos como metáforas de sabedoria. Relembrando a *Alegoria da Caverna*, de Platão, ou o Segismundo de *A Vida é Sonho*, de Calderón de la Barca, a coruja e o mocho simbolizam a capacidade de ver além dos limites, das ilusões, do perceptível; simbolizam a capacidade de “*ver as coisas na sua totalidade, o consciente e o inconsciente*”, cultivando uma vida solitária.

“- *Para ser Sabio (o Mocho lhe responde)*
- *Cumpra o Mundo fugir, e em solidão*
- *Indagar com tenaz meditação*
- *Altos arcanos, que Natura esconde.*” [Fabula XXXIII. O Pardal, e o Mocho]

“- *Não me fallecem amigos*
- *Por eu ter má condição,*
- *Mas porque o Ceo me deu olhos*
- *Para ver na escuridão.*

*O sabio, que dos Humanos
Penetra a perversidade,
Ou nunca, ou mui raras vezes
Cultivará a amizade.*” [Fábula LXI. O Milhafre, e o Mocho]

Esta conotação com a inteligência e racionalidade é apropriada por algumas entidades, como a Escola Prática de Engenharia, Centro de Formação Militar e Técnico da Força Aérea, ou Academia das Ciências de Lisboa, que incorporam rapinas nocturnas nos seus brasões

2.2. Conhecimentos empíricos

Grande parte da simbologia previamente referida revela, também, um interessante conhecimento empírico das aves de rapina nocturnas, tanto em termos da sua identificação, como do seu habitat, hábitos ou morfologia.

No que respeita aos termos utilizados para as referir, os mais frequentes são os termos genéricos e respectivos derivados: *coruja* (corúgem, corujem, cruja, queruja), *mocho* (moucho, moutcho, moxo, moncho, mochela) e *bufo*. Estes englobam tanto as espécies que têm esse termo no nome (ex.: coruja-das-torres, mocho-galego, bufo-real), ou ainda as aves de rapina nocturnas no geral, extensivo a todos os membros da ordem Strigiformes, indiscriminadamente. Tais termos genéricos e derivados aparecem também em topónimos: Coruja (derivados Corujães, Corujais, Corujal, Corujas, Corujeira, Corujeirinha, Corujeiro, Corujo, Cruja, Crujães, Crujinha e Crujo) ou Bufo (e derivados Bufinho e Bufos). O termo Estrige pode ainda ser aplicado tanto a mochos como corujas.

São ainda abundantes os nomes comuns pelos quais as diversas espécies de rapinas nocturnas são conhecidas². Alguns destes termos são regionalismos (ex.: o mocho é designado em Trás-os-Montes como *carrocho* e em Paredes de Coura como *piôcho*); outros estão relacionados com crenças e superstições (ex.: *Bebe-azeite* ou *coruja-azeiteira*, para designar a coruja-das-torres; *Ave-de-Minerva*, como sinónimo de mocho) ou com características biológicas e ecológicas das espécies. Podem ser, a título de exemplo, termos referentes a aspectos morfológicos (ex.: *coruja-branca*, *coruja-alvadia*, *corujão*), habitat (*coruja-da-igreja*, *cravo-do-monte*) ou vocalizações, sobretudo no caso do bufo (*ujo*, *hujas*, *hubris*). Acerca das vocalizações, é ainda interessante salientar os inúmeros termos utilizados para as caracterizar, alguns dos quais onomatopeicos. É frequentemente referido o cantar ou piar, tanto de corujas

² ver *Anexo*.

como de mochos, ou até grito, que, no caso da coruja, é rouquenho, estridente, taciturno. O cantar das corujas também é denominado como grasnar, ladrar, chirriar, crujar/corujar, ulular, escrugeirar, morrinhar. O bufo, para além de bufar, clama ou crucita, “*lento, compassado, num dorido carpir de peito humano*”, enquanto que o mocho também emite gemidos e lamentos, sendo o seu piar tido como triste e melancólico, por vezes utilizado como metáfora. A título de exemplo: “*Não te esqueças de mim, quando á noite / Ouvires o mocho na grimpa a piar, / Como elle tambem vivo triste, / Passo a vida de continuo a chorar.*”

Todas estas considerações enquadram-se na chamada taxonomia popular, por oposição à taxonomia científica, que consiste num sistema de classificações filogenéticas constituído por indivíduos histórica e genealogicamente relacionados entre si sem terem necessariamente de ser semelhantes do ponto de vista morfológico. No caso das rapinas nocturnas, todas pertencem à mesma Ordem (Strigiformes), mas diferem em termos de Família, Género, Espécie e Subespécie. Pegando, por exemplo, no caso do bufo-real (*Bubo bubo*), este pertence à Família Strigidae (a par de todas as outras espécies em contexto nacional, com excepção da coruja-das-torres), mas é o único do Género *Bubo*. Apesar de ter o mesmo nome genérico, o bufo-pequeno pertence a outro Género: *Asio*. Apesar de ter o mesmo nome genérico, o bufo-real pertence a outro Género: *Bubo*. Em contrapartida, a nível da taxonomia popular, o termo bufo parece englobar tanto o bufo-pequeno, como o bufo-real, para além de ser ainda sinónimo de coruja e mocho. Neste caso, a classificação rege-se sobretudo pelo critério da semelhança (como a semelhança morfológica) e nos usos, conhecimentos e significados atribuídos.

Para além da identificação e categorização, são ainda descritas características da ecologia e biologia deste grupo de aves, nomeadamente a três níveis: habitat e locais de nidificação, hábitos alimentares e morfologia. Os dois primeiros são evidentes no seguinte excerto, que remonta ao século XVII:

Os mochos crião nas toquas das arvores, & entre pedras, onde há morouços dellas: as corujas em torres, em muros velhos, & nas igrejas denoite buscão seu pasto, & onde há pombaes matão para comer os pombinhos pequenos, os mochos se mantem debichinhos, & algumas vezes se achão nos ninhos penas de passarinhos, que elles cação, a estes acodem todos os generos de passarinhos silvestres, (...) Os Bufos saõ aves mayores, & se mantem de caçar lebres & coelhos & perdizes que denoite tomão, vão a onde aja esta caça,

longe das villas & lugares crião em altas rochas & nellas estão de dia escondidos. A estes Bufos acodem todos os falcões, & Açores, & Gaviães, & Esmerilhões, & todas as mais aves de rapina se mantem, decendo a elle com furia, dando lhe rapellões & golpes.

Quanto à morfologia, o mocho é, a título de exemplo, definido como sendo “*mayor que o noitívó, & menor que a coruja, & bufo [...] Chamão-lhe Mocho, porque tem cabeça mocha, a modo de carneiro mocho, id est, sem pontas. Alguns delles tem aos lados humas plumas, a modo de orelhas de asno, donde lhe veyo o nome Latino Asio, onis.*” Desta forma, o substantivo *mocho* parece ter origem etimológica no adjectivo homógrafo, que significa, por extensão, falta de algum membro. Em contexto agrícola, este adjectivo pode significar ausência de grão ou semente, podendo estar relacionado com algumas das crenças previamente referidas acerca dos impactos das rapinas nocturnas na agricultura, ou até hábitos alimentares: “*Também os lavradores a acusam de comer de noite as ervilhas semeadas*”. Não obstante, e como é destacado em inúmeros excertos, estas aves desempenham um papel extremamente importante no equilíbrio ecológico, sendo tidas como úteis para a agricultura, como o ilustra o seguinte excerto:

Os camponezes, que matam as corujas e os môchos e outras aves nocturnas, e mesmo as aves diurnas, que, como os melharucos e as poupas, se nutrem de insectos e outros animaes, ignoram completamente o mal, que fazem. Estas aves destroem uma grande porção de ratos, toupeiras, arganazes, e outros pequenos roedores, que se alimentam unicamente dos productos das ceáras. (...) Quem destróe os ninhos de coruja, de môcho, de poupa, de melharuco concorre, sem o pensar, para a propagação dos animaes e insectos nocivos e prejudiciaes. Vale mais um ninho de môcho na habitação do cultivador, do que dez gatos; vale mais um ninho de melharuco, do que dez eslagartadores. É, portanto, de grande interesse para a agricultura vigiar pela conservação d'estas aves proveitosas. [1859, “Utilidade de Algumas Aves Geralmente Desconhecidas”]

Em termos de conhecimento dos hábitos e comportamentos, o que mais se evidencia diz respeito ao comportamento crepuscular e nocturno, o qual está patente também em metáforas e comparações, como: “*É como a coruja, só sai de noite*”. Num dos contos aqui presentes, é explicado este comportamento e o facto de “*evitarem serem vistas de dia*”:

Havia um pássaro sem penas, chamado o pito-nú. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nú penas para ele se vestir. Mas o pito-nú, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca aparece de dia com medo que as outras aves a piquem, pelo facto de ela não poder restituir as penas do pito-nú.

Não obstante, também há alusões “*ao lento e silencioso voo deste tipo de aves*”, ao facto de ficarem “*muito tempo quietas expectantes, vigilantes, quase só mexendo a cabeça*”, ou ainda ao comportamento materno das corujas, através do termo *mãe-coruja* (semelhante a mãe-galinha, refere-se a uma mãe que protege excessivamente os filhos) ou no conto “A Coruja e a Águia” (também em mirandês, “L moucho i la águila”).

2.3. Usos e Práticas

Em termos das práticas e usos relacionados com as aves de rapina nocturnas, as descrições estão geralmente associadas a muitos dos conhecimentos e simbolismos previamente referidos. As práticas que se destacam dizem respeito ora ao consumo (para alimentação ou fins medicinais) e domesticação, ora à perseguição, devido aos conflitos com este grupo de aves, assentes em percepções e conotações negativas, como referido anteriormente. A título de exemplo:

Não ha calumnia que não levantem ás corujas. Todos lhes atiram só porquê... são feias e aparecem de noite! Os lavradores supersticios perseguem-as e o mesmo fazem aos mochos e sapos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damninhos. Mas são de mau agoiro! E matam esses e outros desgraçados animaes, ou os pregam vivos numa porta ou os espetam num pao, para exemplo! (O'Neill, 1885, p. 577.)

Começando pelo consumo e domesticação, ambos requerem a captura dos animais, através da caça, uso de armadilhas, ou apanha nos ninhos. No caso da domesticação, é referido que o bufo-real não é passível de ser domesticado, ao contrário do mocho, “*mas para isso é preciso apanhal-a muito nova; porque adulta, quando captiva, recusa tomar alimento e morre.*” As crias de ambos podiam também ser capturadas para consumo. Numa interessante descrição da dieta alimentar da família Ximenez, uma abastada família de mercadores portugueses que viveu na Bélgica entre os sécs. XVI

e XVII, é referida a coruja-das-torres como uma das aves consumidas. Mochos e mochos-reais aparecem ainda em algumas descrições das caçadas reais na Tapada de Mafra, em finais do século XIX/princípios século XX.

Para além de integrarem a alimentação, algumas partes dos mochos, corujas e bufos eram usados na medicina popular, como “mezinhas”. A título de exemplo, a carne de mocho é aconselhada para abrir o apetite e para curar anemia, enquanto que o seu sangue pode curar tuberculose. No caso da coruja, são referidos sobretudo os poderes curativos do seu pó/cinzas (excesso de cabelo, garrotilho, asma, fluxos de sangue do peito), bem como o consumo do seu ovo para o alcoolismo. Embora com menos referências, os poderes curativos do bufo dizem respeito à asma e à “dureza do baço”, através do consumo das suas cinzas ou carne, respectivamente. Existem também menções a amuletos, nomeadamente o olho de coruja contra mau olhado, cobiça e inveja, amuletos esses que também são usados em contexto de negócios, mais recentemente (cf. pó mágico Especiarias Coruja).

Quanto à materialização dos conflitos e perseguição deste grupo de aves, esta pode passar pelo recurso a armadilhas, como “*armadilhas de laços & redes, & costellas, com que estas aves se tomão*”, ou ainda:

“alguns populares deslocavam-se aos ninhos dos bufos-reais, na altura em que já tinham crias, e colocavam “barbilhos” nos bicos das crias (um pequeno pau colocado dentro do bico, com um cordel atado a cada uma das duas pontas e que passava por trás da cabeça) para não os deixar comer as peças de caça mais “valiosas”: lebres, perdizes, coelhos e outras que os progenitores levavam para o ninho. Depois de recolhidas as melhores peças de caça pelos populares, deixavam então as crias alimentarem-se. Isto repetia-se a cada ano.”

Podiam também ser afugentadas com recurso a “certas “fumaças” de ervas (fiolho, trevisco e outras) e enxofre, pedaços de borracha, ou até cascos de macho ou burras”. Por seu turno, as próprias rapinas nocturnas também são utilizadas na resolução de conflitos com outras aves, quer em contexto cinegético, quer em contexto agrícola. Um dos textos refere que os bufos-reais parecem ter sido utilizados no passado “*para atrair outras rapinas e, de seguida, despejar chumbo nelas*”, aquando das perseguições sistemáticas aos predadores por parte das Comissões Venatórias, que os considerava nocivos à caça. Outros referem o uso de corujas empalhadas em hortas para afugentar passeriformes que podem prejudicar as culturas agrícolas, ou o

uso de afugentadores de aves com a forma de bufos-reais ou mochos para o mesmo efeito. Os mochos podem também ser chamarizes para a apanha de outras aves: “Os mochos são alvo da troça dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: por isso os passarinhos às vezes servem-se d’elles para chamarizes cercando-os de ramos envisgados.” Curiosamente, sangra-mocho ou zingamocho designam uma armadilha para caçar pássaros.

Recentemente, têm surgido novas práticas associadas a este grupo de aves, algumas das quais resultantes da sua mercantilização. No caso das Feiras Medievais, por exemplo, estas aves aparecem como representantes do passado medieval, ali recreado, e, “mediante o pagamento de determinada quantia, as pessoas [podem] tirar uma fotografia com estas aves pousadas no braço.”

3.0. Metodologia, Estrutura e Conclusão

3.1. Metodologia e estrutura

Analisado metodicamente, embora de forma sucinta, o conteúdo desta compilação, e cientes do muito que ainda ficou por referir, resta um pequeno apontamento sobre o *modus operandi* subjacente à recolha que lhe deu origem e respectiva organização do trabalho:

- neste contexto, é importante começar por sublinhar que a recolha não seguiu uma metodologia científica no sentido estrito do termo, nem pretende ter o peso e limitações de um trabalho de cariz científico;
- não obstante, envolveu uma pesquisa documental meticulosa e intensiva em publicações disponíveis na Internet e em bibliotecas (cujos principais termos de pesquisa foram os nomes comuns das diversas espécies de aves de rapina nocturna existentes em Portugal, e suas derivações, assim como os seus nomes científicos), pesquisa essa entrelaçada com recolhas orais e outros textos que nos chegaram por escrito. Estes últimos foram enviados ora no seguimento de contactos previamente estabelecidos, ora após um repto lançado através da Internet, em Agosto de 2015, ao público em geral;
- foram ainda contactados diversos municípios e entidades (n=106: 41 municípios/entidades públicas; 65 associações e organizações não governamentais,

entre os quais 44 ranchos folclóricos), através dos respectivos endereços de correio electrónico disponíveis, solicitando informações ou histórias locais sobre as rapinas nocturnas, embora não tenhamos obtido resposta por parte da maioria;

- convém ainda ressaltar que todos os textos foram transcritos *ipsis verbis*, mantendo a grafia original, e que, no caso das recolhas orais, a pontuação foi realizada por nós. Foi ainda mantida a grafia original dos testemunhos que nos chegaram por escrito;

- sempre que possível, foram acrescentadas notas a certas entradas, ou apontamentos da nossa autoria, estes últimos dentro de parêntesis rectos, em itálico, nos textos transcritos, por forma a complementar a informação contida nos mesmos;

- em termos do conteúdo propriamente dito e organização, optou-se por não ordenar entradas semelhantes, tendo estas sido dispostas por ordem de chegada ou consulta, facilitando a recolha, mas essencialmente a leitura, e imprimindo-lhes assim algum dinamismo que nos parece favorecer o leitor;

- no separador *Literatura* a recolha reúne apenas uma muito pequena amostra do conjunto de obras que contêm referências às aves de rapina nocturnas. Pareceu-nos, no entanto, interessante recolher alguns textos, ainda que o manancial disponível fosse imenso e esta compilação não versasse particularmente sobre literatura de cariz erudito. Sendo ainda de mencionar que, dada a extensão de alguns dos textos originais, algumas entradas apresentam apenas um excerto dos mesmos;

- para terminar, refere-se que se pretende que esta compilação tenha um carácter dinâmico e não fechado, estando aberta a novas inclusões e entradas, que poderão dar origem, se assim se justificar, a uma actualização futura do documento.

3.2. Conclusão

por Célia Gomes

“Os contos populares são muito mais antigos do que a arte e a ciência da psicologia e, por mais tempo que passe, assim serão, sempre, os mais antigos na equação.”
(Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*, 2016.)

Conclui-se, agora, esta recolha que é fruto de uma busca que começou, dentro de cada um de nós, “recolectores”, e que, depois, extravasou para o Território Português. Este projecto nasceu da nossa vontade de conjugar o interesse apaixonado que nutrimos por estes animais extraordinários, com a vontade de preservar, por escrito,

um vasto património material e imaterial que, sentíamos, percorria o nosso país e que ecoa, agora, em todos os testemunhos que nos chegaram, ou que fomos encontrando neste nosso percurso e que se traduziram nesta compilação, que se quer viva, e por isso não terminada, apenas encontrando, no presente, esta forma provisória. Isto, porque este trabalho contém em si fragmentos de outras pesquisas que surgiram em investigadores e interessados, letrados e iletrados, passados e presentes, e, por isso, se espera que suscite ou leve a novas descobertas, de maneira a que o círculo nunca se feche e o conhecimento nunca se perca!

Se a noite é, por excelência, o reino destas aves, e a noite é negra, na sua essência, a complexa dualidade - *Vida-Morte* - que encontramos, quando olhamos para todos os mitos, crenças e folclore, associados às rapinas nocturnas, espelha-se no retorno a essa Noite Primordial que, de forma bela e crua, contém em si o Início e o Fim, sendo o preto a sua personificação:

“O preto é a cor da terra, da fertilidade, da matéria de base onde se semeiam as nossas ideias. Mas o preto é também a cor da morte, das trevas. E o preto tem ainda uma terceira conotação. É também a cor associada ao mundo entre mundos, o espaço pertença de La Loba – porque o preto é a cor da origem. O preto é uma promessa de que em breve saberemos algo que não sabíamos antes.” (Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*, 2016.)

Resta-nos reiterar o agradecimento a todos os que colaboraram connosco nesta demanda e tiveram a gentileza de fazer parte deste trabalho, assim como aos mochos, bufos e corujas que nos inspiraram a perseguir um sonho, que se materializa, aqui e agora, neste documento:

Um singelo, mas muito sincero,
Obrigado!

As Ciências e a Cultura Popular

Etnografia/Mitologia – O mocho e a coruja em diversas tradições

por Fernanda Frazão
Investigadora

O mocho, o corvo, a pega e a cegonha estão ligados por estreito parentesco mítico. Para dar uma ideia do monstro que vagueia pelas sombras da noite, o *Rigveda* compara-o a uma *khargalâ*, provavelmente o mocho (também chamado *naktacara*); um hino exorta os adoradores a maldizer a morte e o ouro dos mortos (para a afastar através de encantamentos); é isto que lemos, também, nos fragmentos de Menandro, quando o mocho faz ouvir o seu grito lúgubre e quando a *kapota*, ou a pomba preta, toca o fogo: «Se o mocho grita, temos razões para ter medo»; no *Pancharantra*, o rei dos corvos compara também o mocho hostil que aparece ao deus da morte (*Yama*), ao princípio da noite. Na Hungria, chama-se pássaro da morte à coruja. No *Mahâbhârata*, o espírito dos malvados, que vê claramente peixes em águas turvas e que comete habilmente as acções criminosas, é comparado à coruja a qual (sem dúvida, a imagem da Lua) vê perfeitamente à noite. No *Mahâbhârata*, de noite, o mocho mata os corvos enquanto dormem. No *Râmâyana*, o mocho (representando a Lua) discute com o abutre que se apoderou do seu ninho; ambos recorrem a Râma que pergunta a cada um deles desde quando o ninho lhe pertence; o abutre responde: «desde que os homens povoam a terra», e o mocho: «desde que as árvores cobriram a terra». Râma decide, então, a favor do mocho, observando que o seu direito é mais antigo, uma vez que já havia árvores antes de haver homens; ele queria também punir o abutre mas renunciou a tal, ao saber que, há muito tempo atrás, ele fora o rei Brahmadata, que o sábio Gâutama condenara a transformar-se em abutre, ainda que, não obstante a sua qualidade de asceta, lhe tivesse oferecido carne e peixe para comer. O efeito da maldição cessou quando Râma tocou no abutre, fazendo-o voltar à sua forma humana. O terceiro livro do *Pancharantra* trata da guerra entre corujas e corvos. As aves estavam cansadas de ter um rei inútil, como Garuda, que só pensava no deus Vishnu, sem se preocupar em proteger os ninhos dos passarinhos, seus súbditos; estes estavam a ponto de eleger um novo rei e inclinavam-se para o mocho, quando o corvo, que o *Pancharantra* considera a ave mais astuta – tal como o barbeiro

é o mais astuto dos homens, a raposa a mais astuta dos quadrúpedes e os religiosos mendicantes os mais astutos dos ascetas – impõe o seu veto.

A guerra entre o mocho e o corvo é um assunto familiar na tradição indiana. Uma das designações sânscritas do mocho é *kâkâri*, isto é, o inimigo do corvo e a palavra *kâkolúkiyâ*, que significa a guerra entre os mochos e os corvos, já figura na gramática de Pânini, tal como, muitas vezes, se referiram os sábios que estudam a cronologia literária da Índia.

No décimo terceiro conto do quarto livro, de Afanasiéff [contos tradicionais russos], o corvo come os ovos dos gansos e dos cisnes. O mocho, por raiva contra o corvo, queixa-se à águia; o corvo nega descaradamente, mas não deixa de ser condenado ao cárcere.

Também no nono livro da *História dos Animais*, de Aristóteles, o corvo se bate contra o mocho, cujos ovos destruiu a meio do dia, enquanto o mocho, por seu lado, come os ovos do corvo, durante a noite. Em Itália, emprega-se a expressão proverbial «o mocho no meio dos corvos» para indicar um sério perigo. Encontramos também, em Joannes Tzetzes [escritor bizantino do século XII], um apólogo no qual o corvo está quase a ser eleito rei das aves, após se ter apoderado de penas perdidas por pássaros de outras espécies, quando chega o mocho (em Babrius [também conhecido como Babrias ou Gabrias, escritor grego do século II, foi o autor das fábulas conhecidas como de Esopo], é a andorinha em vez do mocho) e reconhece uma das suas penas e lha arranca, dando assim exemplo a todas as outras aves que, num piscar de olhos, o despojam completamente. (Este apólogo é uma outra versão da célebre fábula do corvo – ou do gaio – enfeitado com penas de pavão, e da mesma fábula do *Pancharantra*, na qual, pelo contrário, o corvo é o animal prudente e o mocho, o tolo).

As fábulas fornecem-nos outros exemplos da perspicácia atribuída ao mocho: a predição às aves que um arqueiro as matará com as suas próprias penas e recomendando-lhes que não deixem medrar os carvalhos, porque é nessas árvores que cresce o visco, do qual se tira o engodo para os apanhar. O Eulenspiegel alemão, o malicioso bobo da lenda que traz um enorme chapéu, pertence, provavelmente, à mesma família mítica.

O Gregos consideravam o mocho uma metamorfose da filha de Nicteu de Lesbos (segundo outros, do rei dos Etíopes: Nicteu e o Etíope Escuro, representando ambos a

noite, estão estreitamente relacionados) que, tendo-se apaixonado pelo pai, dormiu com ele sem que ele desse por isso; o pai quis matá-la, mas Atena apiedou-se dela e transformou-a em mocho, ave que, lembrando-se do seu crime, evita sempre a luz (afasta-se do dia, como a Lua). Por ter capacidade de visão nas trevas, o mocho estava consagrado a Atena; para os Atenienses, o voo da ave nocturna era um sinal propiciador da deusa protectora da sua cidade; foi daí que os mochos de Atenas se tornaram proverbiais. Sob um outro ponto de vista, o mocho (segundo a crença supersticiosa dos antigos Gregos, mencionada por Plínio, entre os Latinos) era o inimigo de Dionísio (na sua qualidade de bêbado, de deus apaixonado pelo vinho; a Lua que preside ao Inverno traz o frio, diminui o calor); é nesta base que se constrói a opinião da medicina antiga de que, para fazer retornar os bêbados à temperança, estes teriam de beber vinho com ovos de mocho, durante três dias. Filostrato, na vida de Apolónio, chega a dizer que, após se ter comido um ovo de mocho, se fica com repugnância ao vinho, mesmo sem o provar. No entanto, na própria Antiguidade, o mocho já era realmente considerado como a ave ignóbil e de mau agoiro. Diz-se que Demóstenes, antes de partir para o exílio, declarou que Atena se deliciava com três animais assustadores – o mocho, o dragão e o povo de Atenas. Elien e Apuleio falam dos mochos como animais de mau agoiro. Mas o mocho macho era, e ainda é – em Itália, na Rússia, na Alemanha e na Hungria – encarado como tendo um carácter especialmente detestável e fúnebre. Segundo Virgílio, no quarto livro da *Eneida*, o pio do mocho macho é funesto:

Seraque culminibus ferali carmine bubo

Visa queri et longas in fletum ducere voces.

Os Romanos, quando um mocho macho ou um lobo entravam no templo de Júpiter ou no Capitólio, purificavam a cidade com água e enxofre. Segundo Sílio Itálico, a derrota de Cannes foi predita pelo mocho macho:

Obseditque frequens castrorum limina bubo.

Também Ovídio diz, no décimo livro das *Metamorfoses*:

Ignavus Bubo dirum mortalibus omen;

Nam diræ mortis nuntius esse solet.

No quinto livro da mesma obra, Ceres transforma Ascalafo em mocho macho e condena-o a profetizar os acontecimentos infelizes, porque, apesar da proibição, ele fora acusado perante Júpiter de ter comido secretamente uma romã.

Segundo a opinião popular, a capacidade profética do mocho é tão grande que levou Alberto, o Grande, a escrever com seriedade a seguinte passagem: «*Si cor ejus cum dextro pede super dormientem ponatur, statim tibi dicit quidquid fecerit, et quidquid ab eo interrogaveris. Et hoc a fratibus nostris expertum est moderno tempore*». Quando as bruxas de Macbeth fazem, no caldeirão, a horrível mistura que deverá levar à realização dos seus sinistros presságios, atiram lá para dentro, entre outros, os seguintes ingredientes maléficos:

Eye of a newt, and toe of a frog.

Wool of bat, and tongue of dog,

Adder's fork, and blin-wor's sting,

Lizard's leg, and owlet's wing.

Na Sicília, o pio do mocho, o crocitar do corvo e o uivar do cão, ouvidos durante a noite na vizinhança de uma casa onde existe um doente, anunciam a proximidade da sua morte; também a coruja (a Lua cornuda, isto é, o quarto minguante; sabe-se que a superstição popular considera de mau agouro o momento em que a Lua, depois de ter chegado ao auge do crescimento, começa a minguar), chamada *jacobu*, *chiovu* ou *chio*, é especialmente ameaçadora. A coruja vem piar, perto da casa de um doente, três dias antes dele morrer; se não houver doentes na casa, anuncia que pelo menos um dos seus habitantes será atingido por uma amigdalite. Quando os camponeses da

Sicília ouvem pela primeira vez, na Primavera, o grito lúgubre da coruja, vão ter com o patrão e informam-no de que desejam largar o serviço; daí a origem deste provérbio siciliano:

Quannu canta lo chiò

Cu'avi patruni, tinta canciar lu pó.

[...]

Em várias canções populares alemãs, a coruja e o mocho queixam-se de estar sós na floresta. O mocho (representando a Lua) é, também, considerado como um tecelão nocturno. Nesta mesma tradição, o mocho fúnebre é mencionado em conjunto com o corvo fúnebre.

Gubernatis, Angelo, *Mythologie zoologique ou les légendes animales*. Paris, A. Durand et Pedone Lauriel, Editeurs, 1874, vol. II, pp. 257-263.

As Ciências e a Cultura Popular

Biologia – Poderá a biologia decifrar a cultura popular?

por Inês Roque

Bióloga, investigadora da Universidade de Évora

Durante muito tempo, as rapinas nocturnas (Strigiformes) tiveram – e em parte ainda têm, com base na tradição oral – uma conotação negativa na cultura popular Portuguesa. Aquilo que não podemos ver, e que por isso não sabemos bem o que é, favorece a superstição. Foram vários os testemunhos que recolhi durante o trabalho de campo, junto da população rural, sobre histórias de corujas e mochos que vocalizavam junto a uma casa, anunciando a morte de alguém no interior. E era garantido que o anúncio se concretizava. Isto, nos primeiros anos do século XXI. Esta é a crença popular mais enraizada, revelada num inquérito realizado a nível nacional sobre o papel das rapinas nocturnas na tradição e na cultura (Roque & Johnson 2010). **Mas então porque são nocturnas estas aves? E que características lhes conferem aptidão para estarem activas durante a noite?** Talvez a resposta a estas perguntas seja a chave para explicar alguns mitos que se foram criando em torno das rapinas nocturnas.

As aves evoluíram a partir de um grupo de dinossauros (Theropoda) há 165-150 milhões de anos (Brusatte et al. 2015). Existem evidências de que alguns arcossauros, os antepassados dos dinossauros, eram nocturnos (Schmitz & Montani 2011). Não sabemos exactamente quando surgiu o comportamento nocturno, mas sabemos como. A evolução do comportamento nocturno teve origem num fenómeno biológico arbitrário: a mutação. As mutações são alterações nas sequências dos nucleótidos na molécula de ADN, e podem ser causadas por erros durante a divisão celular, vírus, alguns tipos de radiação, etc. Quando as diferenças genéticas causadas pelas mutações produziram (por mero acaso!) adaptações morfológicas, fisiológicas e/ou comportamentais mais adequadas à actividade nocturna, os indivíduos com essas mutações que passaram a estar activos durante a noite sobreviveram e reproduziram-se com maior sucesso. Ao longo de inúmeras gerações, essas adaptações prevaleceram e foram-se acumulando cada vez mais mutações favoráveis ao modo de vida nocturno.

Hoje sabemos que o comportamento noturno em aves surgiu mais do que uma vez, em alturas e em grupos diferentes. Este tipo de evolução chama-se convergência e resulta em características análogas, ou seja, que não estavam presentes no ancestral comum e evoluíram independentemente mas de forma semelhante em grupos distintos, por constituírem adaptações ao modo de vida noturno (Wink and Heidrich 1999). Por exemplo, durante muito tempo pensou-se que os noitibós (Caprimulgiformes) e as rapinas noturnas estariam próximos na sua história evolutiva, devido às suas semelhanças morfológicas e anatómicas (Wink & Heidrich 1999). No entanto, com base em análise genética, hoje sabemos que os noitibós constituem um grupo muito afastado das rapinas noturnas, estando mais próximos dos andorinhões (Apodiformes) (Hackett et al. 2008). **Mas quais foram as características que as mutações imprimiram a estas aves para que vivam durante a noite?**

Voltemos aos arcoossauros. A característica que permitiu inferir o período de actividade destes animais foi a estrutura óssea do olho: os fósseis com anel escleral de grande diâmetro interno em relação à órbita ocular provavelmente eram noturnos, pois estas características indiciam uma pupila grande – e essa é uma característica dos actuais animais noturnos (Schmitz & Montani 2011). A pupila (conhecida como “menina do olho”) é um orifício de diâmetro regulável que é responsável pela passagem da luz do meio exterior até à retina, onde se forma a imagem. O olho das rapinas noturnas evoluiu no sentido de aproveitar ao máximo a luz sob condições de reduzida luminosidade – é por isso que as rapinas noturnas têm olhos grandes. Se os humanos tivessem olhos da mesma proporção, estes seriam do tamanho de bolas de ténis (Waldvogel 1990)! No entanto, tendemos a considerar os olhos grandes uma característica antropomórfica. A sensibilidade à luz dos olhos das rapinas noturnas não é mais do que duas vezes e meia superior à do olho humano (Martin 1977). Isto quer dizer que as corujas e os mochos não ficam cegos com a luz do sol, como por vezes se ouve dizer. Provavelmente, ficam apenas um pouco mais ofuscados do que nós. Existem espécies que caçam durante o dia (como, por exemplo, o mocho-galego *Athene noctua*) e que localizam as suas presas através da visão. Mesmo as espécies consideradas estritamente noturnas, na presença de condições ideais de luminosidade, conseguiriam caçar com base na visão. No entanto, durante a noite raramente existe iluminação suficiente para que consigam ver as presas: nestas condições, a acuidade visual (ou seja, a capacidade de distinguir os detalhes) é reduzida. **Então o que faz das rapinas noturnas caçadoras tão aptas em condições tão difíceis?**

Há uma característica que as distingue das outras aves: o seu sentido de audição particularmente apurado. O ouvido externo das rapinas nocturnas consiste em dois orifícios auriculares grandes e assimétricos, tão grandes que se olharmos para o seu interior podemos ver as órbitas tubulares onde se inserem os olhos (Martin 2012)! Ao contrário do que acontece com a visão, o tamanho destas estruturas não contribui para aumentar a sensibilidade auditiva: a sua função é a de localizar os sons com grande precisão, avaliando a direcção e o ângulo vertical da fonte sonora (Knudsen & Konishi 1979). Uma outra adaptação importante das rapinas nocturnas é o seu voo completamente silencioso, graças à forma como a estrutura especial das suas penas permite a passagem do ar durante o batimento das asas (Bachmann et al. 2007). Esta característica, seguramente responsável por vários encontros de pessoas com aterradores vultos misteriosos, é fundamental para detectarem e surpreenderem as presas nas suas investidas. Contudo, um ataque certo implica que a distância à presa seja avaliada com base na aprendizagem de como os sons se propagam no meio envolvente. Em áreas florestais fechadas, por exemplo, a coruja-do-mato (*Strix aluco*) enfrenta o desafio de localizar as presas no solo e, simultaneamente, evitar os ramos das árvores e outros obstáculos na sua trajectória de voo. Um excelente conhecimento da área e dos pontos de caça é, então, essencial (Martin 2012) e faz com que um território estabelecido tenha um grande valor para o indivíduo. **Mas deverá então um território ser defendido a todo o custo?**

As rapinas nocturnas diferem entre si nos seus níveis de agressividade na defesa de um território. O tamanho corporal é indicativo da dominância, ou seja, o bufo-real (*Bubo bubo*) – a maior das rapinas nocturnas – é o mais temido dos predadores, podendo mesmo incluir outras espécies de rapinas nocturnas na sua dieta (Lourenço et al. 2011). A forma de defender um território, evitando muitas vezes o confronto físico, é a comunicação através das vocalizações. As rapinas nocturnas vocalizam para assinalar os seus territórios, reconhecendo através do som os seus pares, os vizinhos e os potenciais intrusos (McGregor & Peake 2000, Delgado & Penteriani 2007). A qualidade de um indivíduo (por exemplo, o seu tamanho e condição física) pode também ser anunciada através das suas vocalizações (Appleby & Redpath 1997). As áreas mais importantes de um território, como as imediações do ninho e as zonas com maior abundância de alimento, são por norma defendidas de forma mais activa, enquanto áreas menos essenciais podem ser partilhadas entre territórios contíguos (Samuel et al. 1985). Espécies fortemente territoriais (como a coruja-do-mato) tendem a vocalizar durante todo o ano na periferia dos territórios (Sunde & Bølstad 2004). Por outro lado, espécies mais passivas como a corujas-das-torres (*Tyto*

alba) – considerada por alguns autores como não territorial (Barn Owl Trust 2012) – tendem a vocalizar sobretudo durante o período reprodutor e nas imediações do ninho (Zuberogoitia & Campos 1998). Esta espécie em particular, ocupa frequentemente edifícios, incluindo chaminés e forros de telhado em casas habitadas. A sua grande proximidade ao Homem e o facto de produzir um som nada melódico, áspero e arrastado, pode ter contribuído para as crenças que se foram estabelecendo em torno das vocalizações das rapinas nocturnas. **Mas afinal o que nos dizem a nós estes sons?**

Através das vocalizações das rapinas nocturnas, e devido à sua associação a um território, podemos recolher informação ao longo do tempo sobre a distribuição e abundância destas espécies e assim compreender as tendências das suas populações. Pelo facto de estarem activas num período diferente da maioria das aves, requerendo portanto metodologias de monitorização específicas, as rapinas nocturnas são comparativamente menos estudadas. As primeiras tendências a curto-prazo em Portugal são recentes e sugerem um declínio da coruja-das-torres, do mocho-d'orelhas (*Otus scops*), e do mocho-galego (Lourenço et al. 2015). Ainda sabemos pouco sobre o mocho-d'orelhas em Portugal, mas a coruja-das-torres e o mocho-galego parecem estar a ser afectados pelas alterações agrícolas, nomeadamente pela conversão de terrenos cultivados em plantações florestais, e também pelo abandono e posterior desenvolvimento de matos (Lourenço et al. 2015). Pelo facto de terem grandes territórios, estas aves existem em baixas densidades. Isto faz com que sejam particularmente susceptíveis a declínios populacionais. Existem em Portugal várias espécies com estatuto de conservação desfavorável: a coruja-do-nabal (*Asio flammeus*) está classificada como ameaçada, o bufo-real como quase ameaçado, e o mocho-d'orelhas e o bufo-pequeno (*Asio otus*) inserem-se na categoria “informação insuficiente” (Cabral et al. 2005). Pela sua posição no topo das cadeias tróficas, as rapinas nocturnas podem ajudar a controlar as suas populações de presas, sobretudo micromamíferos e insectos, que em alguns casos podem provocar danos nas culturas agrícolas. Por esse motivo, existem locais onde a promoção de elevadas densidades de rapinas nocturnas é uma alternativa à utilização de métodos químicos de controlo de pragas (Meyrom et al. 2009). Podemos também recorrer a estas aves para monitorizar os contaminantes ambientais, pelo facto de acumularem grandes quantidades de poluentes no seu corpo, que excretam através das penas (Roque et al. 2016).

Quando a escuridão apenas era iluminada por velas e candeias, e as pessoas só ficavam acordadas pela noite dentro quando velavam os seus mortos, talvez tenham aprendido a associar o som das rapinas nocturnas à partida dos seus entes queridos. E talvez a memória dessas noites tenha permanecido associada à vocalização destas aves até ao presente. Mas hoje sabemos que os sons que emitem são parte de um complexo sistema de comunicação que regula a estrutura das suas comunidades. Sabemos também que, se formos surpreendidos por uma ave silenciosa durante a noite, é porque esta depende muito da audição para localizar as suas presas com precisão. Porque os seus olhos grandes não vêem o suficiente para conseguirem caçar no escuro. E estes nem sequer denotam uma grande sabedoria – pelo menos não no sentido antropomorfo que nos dita a cultura popular, pois as corujas e os mochos adestrados são bastante desinteressados e difíceis de treinar! A verdade é que as rapinas nocturnas são carismáticas e não nos deixam indiferentes. A par de povoarem a nossa imaginação e as nossas tradições, merecem a nossa atenção pela importância que têm para o equilíbrio dos ecossistemas e para a conservação da natureza.

Bibliografia

- Appleby BM, Redpath SM (1997) Indicators of male quality in the hoots of tawny owls (*Strix aluco*). *J Raptor Res* 31:65–70
- Bachmann T, Klän S, Baumgartner W, et al (2007) Morphometric characterisation of wing feathers of the barn owl *Tyto alba pratincola* and the pigeon *Columba livia*. *Front Zool* 4:23. doi: 10.1186/1742-9994-4-23
- Barn Owl Trust (2012) Barn owl conservation handbook. A comprehensive guide for ecologists, surveyors, land managers and ornithologists. Pelagic Publishing. Exeter
- Brusatte SL, O'Connor JK, Jarvis ED (2015) The origin and diversification of birds. *Curr Biol* 25:R888–R898. doi: 10.1016/j.cub.2015.08.003
- Cabral MJ (coord), Almeida J, Almeida PRA, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L, Santos-Reis M (eds) (2006) Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. 2ª ed. Instituto da Conservação da Natureza/Assírio & Alvim. Lisboa

- Delgado MM, Penteriani V (2007) Vocal behaviour and neighbour spatial arrangement during vocal displays in eagle owls (*Bubo bubo*). *J Zool* 271:3–10. doi: 10.1111/j.1469-7998.2006.00205.x
- Hackett SJ, Kimball RT, Reddy S, et al (2008) A phylogenomic study of birds reveals their evolutionary history. *Science* 320:1763–1768. doi: 10.1126/science.1157704
- Knudsen EI, Konishi M (1979) Mechanisms of sound localization in the barn owl (*Tyto alba*). *J Comp Physiol* 133:13–21. doi: 10.1007/BF00663106
- Lourenço R, Roque I, Tomé R, et al (2015) Current status and distribution of nocturnal birds (Strigi- formes and Caprimulgiformes) in Portugal. *Airo* 23:36–50
- Lourenço R, Tavares P, del Mar Delgado M, et al (2011) Superpredation increases mercury levels in a generalist top predator, the eagle owl. *Ecotoxicology* 20:635–642. doi: 10.1007/s10646-011-0603-7
- Mahmood MT, McLenachan PA, Gibb GC, Penny D (2014) Phylogenetic position of avian nocturnal and diurnal raptors. *Genome Biol Evol* 6(2):326–332. doi: 10.1093/gbe/evu016
- Martin GR (1977) Absolute visual threshold and scotopic spectral sensitivity in the tawny owl *Strix aluco*. *Nature* 268:636–638
- Martin GR (2012) Through birds' eyes: Insights into avian sensory ecology. *J Ornithol* 153:23–48. doi: 10.1007/s10336-011-0771-5
- McGregor PK & Peake T M (2000) Communication networks: social environments for receiving and signalling behaviour. *Acta Ethologica*, 2(2):71–81. doi:10.1007/s102110000015
- Meyrom K, Motro Y, Leshem Y, Aviel S, Izhaki I, Argyle F, Charter (2009) Nest-box use by the barn owl *Tyto alba* in a biological pest control program in the Beit She'an Valley, Israel. *Ardea* 97(4):463-467 doi: 10.5253/078.097.0410
- Roque I & Johnson DJ 2010. Owls in lore and culture in Portugal. Livro de resumos do 12º Encontro Nacional de Ecologia. Serviços dos Ecossistemas: desafios e ameaças num mundo em mudança. Porto, 18 a 21 de Outubro de 2011
- Roque I, Lourenço R, Marques A, et al (2016) Barn owl feathers as biomonitors of mercury: sources of variation in sampling procedures. *Ecotoxicology* 25:469–480. doi: 10.1007/s10646-015-1604-8

- Samuel MD, Pierce DJ & Garton EO (1985). Identifying areas of concentrated use within the home range. *J. Anim. Ecol.* 54:711–719
- Schmitz L, Motani R. 2011 Nocturnality in dinosaurs inferred from scleral ring and orbit morphology. *Science* 332:705–708. doi:10.1126/science. 1200043
- Sunde P, Bølstad MS (2004) A telemetry study of the social organization of a tawny owl (*Strix aluco*) population. *J Zool* 263:65–76. doi: 10.1017/S0952836904004881
- Waldvogel JA (1990) A bird's eye view. *Am Sci* 78:342–353
- Wink M, Heidrich P (1999) Molecular evolution and systematics of the owls (Strigiformes). In: König C, Weick F, Becking JH (eds) *Owls A guide to the owls of the world*, Pica Press. Sussex, pp 39–57
- Zuberogoitia I, Campos LF (1998) Censusing owls in large areas: a comparison between methods. *Ardeola* 45:47–53

As Ciências e a Cultura Popular

Medicina Rural – Ontem e Hoje

por Álvaro Carvalho
Médico, especialista de Medicina Interna

Até ao final da década de 60 do século passado, Portugal continuava com um atraso socioeconómico significativo, relativamente a outros países europeus. Os estigmas de subdesenvolvimento acentuavam-se no universo rural do interior, onde não havia saneamento básico nem água canalizada. Estas precárias condições higiénicas da população propiciavam a proliferação de doenças infecciosas.

Paralelamente a esta vulnerabilidade à doença, a medicina dessa época apresentava notórias lacunas: enfermava de muito empirismo e não dispunha de meios auxiliares de diagnóstico e de terapêutica.

Quem residia distante dos grandes centros urbanos encontrava-se mais exposto a sofrer, com maior acuidade, as evidentes carências de cuidados de saúde. Os habitantes de aldeias, isolados, iletrados e sem capacidade reivindicativa, estavam votados ao abandono e condenados a depender de actos de caridade assistencial ou, pior que isso, ficavam à mercê de práticas locais obscurantistas que, quantas vezes, deslizavam para procedimentos intempestivos e perigosos para o organismo humano.

A vida do médico rural, simbolizada pela figura de João Semana, nem sempre era fácil num ambiente social hermético, onde circulavam boatos e havia línguas ávidas de se exercitarem na maledicência, em cada esquina. O adro da igreja e o comércio serviam de palco às comadres que desempenhavam esse papel. À espreita, estavam as bruxas e as «entendidas», para reter qualquer dito que a pudesse desclassificar. O boticário, interessado em sobrepor o benefício dos seus preparados às orientações clínicas, também colaborava...

Os enfermeiros escasseavam e só trabalhavam no hospital do concelho. Supria-se esta falta, em cada povoação, com os serviços prestados por umas curiosas e autodidactas. Davam injeções, faziam desinfecções com borato, mercurocromo, água oxigenada e tintura de iodo, suturavam feridas e aplicavam ventosas.

A maior parte dos partos também estava a cargo de «curgidosas» (parteiras de aldeia), ficando reservados para os médicos os casos complicados, em que se tornava

necessário utilizar ferros (fórceps). No cordão umbilical, aplicavam cinza, teias de aranha e mel, para suster as hemorragias. Exerciam grande parte desta actividade a título gratuito.

Estas práticas tinham um certo fundamento: a seda segregada pelo aracnídeo tem um efeito semelhante à fibrina, um hemostático, e o mel dispõe de acção anti-infecciosa, devido à sua hiperosmolaridade. Contudo, estas acções envolviam riscos, pois podiam originar infecções graves e contribuir, dessa forma, para a elevada mortalidade perinatal.

Além das mortes relacionadas com o parto, muitas crianças sucumbiam nos primeiros anos de vida, por infecções variadas, sobretudo com as enterites, que, no Verão, provocavam um elevado número de óbitos. Sem esquecer o sarampo, outro dos carrascos da população infantil. Para minimizar os efeitos desta virose aguda, fechavam-se os afectados em ambientes escuros. Esta medida, de fácil aplicação, tem lógica, pois a inflamação das conjuntivas provoca uma incómoda intolerância à luz (fotofobia).

A tuberculose pulmonar constituía um drama, não só do ponto de vista médico e de saúde pública, mas também social. Os portadores da doença, popularmente designados por «fracos», iam para sanatórios, que lhes proporcionavam repouso e «bons ares» para respirar. Porém, o que verdadeiramente se pretendia era isolá-los, para diminuir o risco de contágio. Este estigma de marginalização sentia-se mesmo no seio da família, onde utilizavam pratos próprios para se alimentarem. Havia quem fugisse destes «condenados», como se de leprosos se tratasse. Até à descoberta de drogas activas contra o bacilo de Koch, na transição da década de 40 para a de 50, as medidas terapêuticas para esta infecção careciam de eficácia e algumas deixavam evidentes marcas de mutilação. Sendo assim, muitos dos tísicos acabavam por morrer.

As doenças venéreas ocorriam com frequência. O tratamento da sífilis fazia-se com bismuto e mercúrio e, mesmo assim, a taxa de cura não ia além dos 30%, sendo que alguns faleciam da «cura», vitimados pelos efeitos tóxicos da medicação.

As bronquites e as pneumonias combatiam-se com ventosas, cataplasmas de linhaça, zaragatoas e papas de mostarda. Para os engripados, optava-se por friccionar o corpo com álcool.

Quando pairava a ameaça do carbúnculo sobre alguém, a intranquilidade instalava-se no agregado familiar ou mesmo em toda a comunidade. Esta zoonose é altamente

letal, mas não se transmite por contacto entre humanos. É propagada por herbívoros – bovinos, ovinos e caprinos – através da carne ou da lã de rezes infectadas. Para melhorar as lesões cutâneas que provocava, propunham-se lavagens (com água e sabão) e a queimadura com um ferro em brasa. Antes de haver sulfamidas, para a forma generalizada da doença, prescrevia-se soro, arsénio e iodo.

O enxofre utilizava-se na escabiose (sarna) e também chegavam a introduzir os parasitados em fornos de cozer, ainda quentes, depois de retirar o pão. Estes procedimentos estranhos não eram totalmente descabidos, pois, no primeiro caso, aquele elemento é activo contra o ácaro e, devido a esse efeito, entra na composição dos fármacos que actualmente são utilizados para a sua eliminação; por outro lado, o calor também fazia algum sentido, porque dilata os poros e as galerias, por onde entra e circula o parasita.

Muitas pessoas apresentavam, de forma recorrente, queixas dispépticas, atribuídas a úlceras nervosas. Com o intuito de as atenuar, recorria-se a produtos alcalinos, como o leite. Havia quem comprasse uma cabra, para ter este medicamento/alimento durante todo o ano e outras utilizavam pastilhas *rennie*, com o mesmo fim. Não raras vezes, o assunto podia ser mais sério, porque os sintomas estavam relacionados com uma neoplasia gástrica. Em linguagem popular atribuíam-se estas mortes a «nascidas», pois as palavras cancro e tumor não faziam parte do léxico em uso.

Da mesma forma, consideravam-se as trombozes cerebrais e os enfartes de miocárdio como inespecíficos «ataques». Para a «congestão» cerebral, recomendavam-se benzeduras e rezas, por se pensar ser causada por um «mau ar» - (Foi um ar que lhe deu!).

Até à descoberta dos antibióticos, havia poucos medicamentos e de utilidade duvidosa, se exceptuarmos a insulina, as sulfamidas, a colchicina, a aspirina, os digitálicos, as vitaminas, os barbitúricos e os laxantes. Este facto tornava-se patente nas prateleiras vazias das farmácias e drogarias, onde também se comercializavam. Perante essa carência, lançava-se mão de produtos caseiros e de mezinhas de esconjuro. Purgantes e clisteres administravam-se, de forma indiscriminada.

À canja de galinha atribuíam-se grande valor terapêutico e, por isso, ficava reservada para doentes graves, grávidas e parturientes. O ditado popular sinalizava bem este facto: «quando o pobre come galinha, está ele doente ou a galinha». O «Ceregumil», um medicamento muito respeitado, o «sangue de cavalo», que vinham de Espanha

pelas rotas do contrabando, bem como as gemadas (com muito vinho e açúcar mascavado), passavam por ser os melhores e mais apreciados «tónicos».

Chás de variadas ervas constituíam uma espécie de sortido. Aconselhavam-se para acalmar dores, superar indisposições, aliviar cólicas e controlar sintomas. O vinho bebia-se para dar força. Porém, interditava-se o seu consumo às crianças, porque se temia que lhes tirasse a «memória». Contudo, nalgumas regiões, as «sopas de cavalo cansado» serviam para as alimentar ou pôr a dormir, libertando temporariamente a mãe para o trabalho no campo.

Para as cefaleias aplicavam-se rodela de batata na testa, fixadas à frente por uma ligadura humedecida. Substituíam o gelo, que não existia, pois o frigorífico não entrava no equipamento da cozinha de aldeia.

Charlatães faziam sangrias, por tudo e por nada. Com lancetas sujas e rombas de tanta serventia. Antes, esfregavam-nas na manga da camisa, não se sabendo se o gesto servia para as limpar ou para as afiar. Cortavam a fundo e o sangue escorria sem controlo. Alguns recorriam a sanguessugas apanhadas em ribeiras. A ferida feita pela armadura bucal desse anelídeo sangrava bastante, porque a saliva do invertebrado contém um anti-coagulante – a hirudina. O verme só largava a presa quando estava saciado.

O barbeiro arrancava os dentes com linha resistente ou com uma turquês de ferro. Após a extracção, mandava bochechar com aguardente. Estes artifices também realizavam cirurgias – corte da trave (freio da língua), drenagem de abscessos, remoção de quistos e outras. O ferreiro, com um ferro em brasa, queimava o «nervo da orelha», na tentativa de controlar as «dores ciáticas». Para este incómodo sintoma, havia quem preconizasse sangrias, purgas, defumadouros, rezas e benzeduras.

Encaminhavam-se os traumatismos osteo-articulares para o «endireita». Em todas as povoações existiam curiosos destes. Se alguém se enganava e mandava o acidentado para um hospital, o taxista corrigia o alvo e desviava-o para o «sítio certo». Havia umas avenças acordadas... Estes «compunidores» eram, na maior parte das vezes, pastores com boa pontaria. Partiam as patas de ovelhas e cabras à paulada ou à pedrada. Para remediar o acidente, faziam reduções, alinhamentos e imobilizações de fracturas. A prática continuada dava-lhes confiança para transportar a «técnica» para os seres humanos. Alguns destes curiosos tornaram-se figuras míticas, a quem a voz do povo atribuía verdadeiros milagres. Em surdina, insinuava-se que os médicos se aconselhavam com eles.

No conceito popular, a coluna é a parte principal, a região sagrada do corpo, a que tudo o resto se liga – intestinos, fígado, pulmões e outros órgãos. Além disso, vai até ao cérebro. «Especialistas» desta área «corriam» as costas. Para eles, a mãe de todos os pecados era a «espinhela» caída. Tratando-se de uma criança, afiançavam estar «desmanchada». Perante esta convicção, corrigiam o hipotético desvio com manipulações da coluna, tronco e membros superiores. Também usavam as imobilizações com emplastros.

Cito Fernando Namora: «nas costas do médico, o curandeiro desfazia tudo o que o clínico prescrevia. À farmácia, mandava receitas copiadas. Manipulava xaropes, aproveitava rótulos e o preço das fórmulas caras, para obter lucros. Desta forma se vingava das avenças miseráveis. Receitava uma gama de produtos especializados – cola granulada, injeções de leite e de óleo de cânfora, para além de extractos de ovário».

A população rural, mergulhada neste panorama assistencial, em que à escassa oferta de cuidados médicos se juntava a ignorância, o isolamento e muitas vezes o desespero (o desesperado até às silvas se agarra), recorria, nos momentos críticos, ao mais fácil e cómodo – o sobrenatural. Qualquer aventureiro oportunista conseguia apresentar-se como representante dessa «medicina misteriosa».

Podia não haver doentes à porta dos consultórios, mas não faltavam clientes para os curandeiros e barbeiros. Nalgumas terras, ninguém levava uma receita médica para aviar na farmácia sem ser vistoriada por eles. Entre os manipuladores, e para além dos curandeiros, havia outros «especialistas»: benzedeira, bento e bruxa, sendo difícil fazer uma distinção clara das suas competências, que se cruzavam e sobrepunham.

O facto da maior parte das doenças ser auto-limitada, com alívio espontâneo dos sintomas, ajudava a manter a credibilidade. Reivindicavam melhoras e curas como obras da sua acção. Atribuíam-se-lhes êxitos e não malogros; ao médico apenas se registavam os insucessos, como referia o médico escritor.

Neste contexto social obscurantista, quando a doença batia à porta, as pessoas socorriam-se, com naturalidade, das práticas mágico-religiosas, existindo sempre por perto quem interpretasse as queixas. Havia um cardápio de rezas e orações para todos os fenómenos que as provocavam – mau-olhado, olho de sol, mal de inveja, pasmo, enfezamento, afrontamento e bicho. Cada povoação tinha as suas «entendidas» em preces. Desde «generalistas» que rezavam a tudo, até «especialistas», nesta ou naquela matéria. Quem adoecesse com zona, baptizada de

coirão por se supor ser provocada por contacto com uma cobra, ou com erisipela, nunca escapava às orações, para atalhar a infecção.

Diga-se, em abono da verdade, que estas práticas primitivas podiam criar efeitos psicológicos positivos no doente, porque o acalmavam, bem como aos familiares que acompanhavam a evolução da enfermidade. Aliás, este deve ser um objectivo prioritário do clínico, enquadrado na humanização dos cuidados de saúde, que o avanço tecnológico tem vindo a desvalorizar. Vale a pena recordar o que, há 100 anos, William Osler definia para a actuação do médico: «curar, raramente. Aliviar, muitas vezes. Consolar, sempre». Apesar da medicina actual dispor de eficientes meios para obter curas e atenuar sintomas, não pode descurar o apoio e a tranquilização de pessoas debilitadas pelo sofrimento provocado pela doença.

O progresso médico e cirúrgico começa a ser notório nas décadas de 40 e 50, com a descoberta dos antibióticos, que vieram alterar, por completo, a história natural das doenças infecciosas. O formulário terapêutico crescia e isso era patente nas prateleiras das farmácias, onde já se viam medicamentos úteis, para muitas patologias. A descoberta de novos anti-bacterianos até parecia ser obra fácil...

Noutra perspectiva, investiu-se na prevenção e na profilaxia das doenças infecciosas, com a melhoria das condições sanitárias de base das populações e com a vacinação em massa. A DGS (Direcção Geral de Saúde) estabeleceu o plano nacional de vacinação em 1965. Entretanto, foi criado o diploma das carreiras médicas e no final dos anos setenta legislou-se o SNS (Serviço Nacional de Saúde). Também foram construídos vários hospitais, em capitais de distrito, o que contribuiu para a melhoria dos cuidados de saúde e sua extensão a zonas periféricas, antes marginalizadas.

Paralelamente, vieram as técnicas de imagem que revolucionaram o exercício da clínica, a par de variados avanços técnicos e científicos, como os do campo da genética e da biologia molecular.

A diferenciação não acabou com a crendice, mas as sociedades dispõem, hoje, de outros recursos e os cidadãos estão mais bem informados. Sendo assim, a medicina do nosso tempo não tem nada a ver com a praticada na primeira metade do século passado, embora persistam algumas assimetrias regionais e um desfasamento entre os cuidados assistenciais prestados nos grandes centros urbanos e os assegurados no mundo rural.

Cascais, 24 de Julho de 2016

Prohibimos estreitamente a nossos subditos, que não usem de agouros, fazendo conjectura por as vozes, ou encontro dos animaes, ou do cantar, ou voar das aves, ou cousas semelhantes.

Constituições Synodaes do Bispado da Guarda, 1759
Livro V, Titulo III, Capitulo II

[...] porque das cousas naçê as palavras, não das palavras as cousas.

(Fernão Doliveira, *Grammática da Lingoagem Portuguesa*, 1536)

VOCÁBULOS



Paul Alves
2017'

#01**Contribuidor/Informador:**

Fonte: *coruja* in Toponímia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/coruja>

Data: [consult. 2016-06-08]

Lugar:

Coruja. De *coruja*, nome de uma ave. Também se encontra na Galiza. Tem os derivados Corujães, Corujais, Corujal, Corujas, Corujeira, Corujeirinha, Corujeiro, Corujo, Cruja, Crujães, Crujinha e Crujo.

#02**Contribuidor/Informador:**

Fonte: *Bufo* in Toponímia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/coruja>

Data: [consult. 2016-06-08]

Lugar:

Bufo. Parece vir de *bufo*, nome de ave (cf. o castelhano *búho*, 'mocho'). Tem os derivados Bufinho e Bufos.

#03**Contribuidor/Informador:**

Fonte: *ujo* in Toponímia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/coruja>

Data: [consult. 2016-06-08]

Lugar:

Ujo. Do português arcaico *ujo*, nome de uma ave de rapina.

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, António de Moraes da, VELHO, Theotonio José de Oliveira. *Diccionario da Lingua Portugueza*, Tomo 1, Na Impressão Regia, Lisboa, 1831.

Data:

Lugar:

Corúgem. s.f. Coruja, ave.

Corujo. s.m. Coruja, ave.

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, Chardron e Moraes, Porto, 1873.

Data:

Lugar:

Gemido. [...] “Nunca os antigos ouviraõ o Mocho, que naõ julgassem por monstro da noute, por annuncio da tristeza, e por percursor de alguma ruina.” Braz Luiz de Abreu, Portugal Medico.

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: KRÖLL, Heinz. “O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno” in *Biblioteca Breve*, vol.84, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1.^a edi., 1984, p. 12.

Data:

Lugar:

De demón

io, temos *demo*, *democho* e *demoncho* que são os mais vulgares.

#07

Contribuidor/Informador:

Fonte: MORENO, Augusto C. “Vocabulário Transmontano” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 5, Antiga Casa Bertrand, Lisboa, 1897-1899, pp. 37-97.

Data:

Lugar:

Carrocho. Nome que nós damos ao mocho.

Môcho. (adject.). Sem grão.

#08

Contribuidor/Informador:

Fonte: AZEVEDO, Pedro A. de. “Micellanea” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 10, Imprensa Nacional, Lisboa, 1907, p. 251.

Data:

Lugar:

[apodo]

Cega-mochos.

(in *Correio da Noite*, n.º 8210, anno de 1906)

Nota: Não foi possível apurar o significado de cega-mocho. Sem conhecimento se possui qualquer relação, encontramos: “Saganucho – está por ceganucho = vesgo de um olho.” (*Revista Lusitana*, vol. 12, p.122.)

#09

Contribuidor/Informador:

Fonte: AMARAL, Carlos A. Monteiro do. “Tradições Populares e Linguagem de Atalaia” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 11, Imprensa Nacional, Lisboa, 1908, p. 159.

Data:

Lugar:

Mocho. Sem chifres.

Nota: Termo também utilizado para designar alguns animais mutilados, como, por exemplo, sem orelhas.

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas,
Uma manca, outra cega,
Outra mocha, sem orelhas.

(J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, 2.^a edição, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1883, p. 256.)

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEREIRA, A. Gomes. “Linguagem Minhota” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 14, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1911, p. 163.

Data:

Lugar:

Piôcho. Môcho (Paredes de Coura).

#11

Contribuidor/Informador:**Fonte:** Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Cândido de Figueiredo — 1913.Disponível na Internet: <http://www.dicionario-aberto.net/estaticos/about.html>**Data:****Lugar:****Sangra-mocho.** *m. Prov. Trasm.* Armadilha para caçar pássaros.**Mocho, (mô)***adj.*

Diz-se do animal, que não tem cornos, porque lhos cortaram, ou porque nasceu sem eles, devendo-os ter.

Ext.

Que tem falta de algum membro.

Prov. trasm.

Que não tem grãos ou sementes: ervilha mocha.

Que perdeu os ramos, (falando-se de uma árvore), ou que perdeu os mastros, (falando-se de um navio).

Diz-se de uma espécie de trigo mole.

*Náut.**Mastaréu mocho*, diz-se o mastaréu em que a borla fica quase em cima das últimas encapelladuras.*M.*Ave nocturna, (*strix otus*).*Fig.*

Misanthropo; homem sorumbático.

Banco, de assento quadrado e sem encosto.

Prov.

Canilha de ferro, na extremidade do eixo do carro, para segurar a roda.

*Loc. Loc. de Alcanena.*Ou *cuco* ou *mocho*, ou uma coisa ou outra.(Do lat. *mutilus*)**Coruja.** *f.* Ave nocturna de rapina. *Fig.* Mulher velha e feia.

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: BARREIROS, Fernando Braga. “Vocabulário Barrosão” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 35, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1937, p. 260.

Data:

Lugar:

Môcho. 1) banco sem encosto para uma pessoa; 2) estrado pequeno em que as mulheres ajoelham junto do confessorário.

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: CATRY, Paulo, COSTA, Hélder, ELIAS, Gonçalo, MATIAS, Rafael. *Aves de Portugal. Ornitologia do território continental*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2010.

Data:

Lugar:

Coruja-das-torres – Bebe-azeite, Coruja-azeiteira, Coruja-branca.

Mocho-d’orelhas – Margarida, Mochela.

Bufo-real – Corujão, Mocho-real.

Mocho-galego – Ave-gatinhas, Chio, Papagaio-saloio.

Coruja-do-mato – Coruja-cabreira, Cravo-do-monte.

Bufo-pequeno – Toupeirão, Coruja, Mocho.

Coruja-do-nabal – Coruja-d’água, Coruja-de-arribação, Coruja-galhofa, Galhofeira.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>

Data: [consult. em 2015.10.25]

Lugar:

Mocho. Nome masculino; ORNITOLOGIA nome vulgar extensivo a várias aves de rapina noturnas, da família dos Estrigídeos, algumas das quais frequentes em Portugal, e também denominadas **toupeirão**, **galhofa**, **chio**, **mocho-de-orelhas**, **mocho-real**, **bufo**, **martarinho***, **ujo**, etc.

Toupeirão. Nome masculino; ORNITOLOGIA ave de rapina, noturna, da família dos Estrigídeos, com penachos cefálicos muito desenvolvidos, que aparece em Portugal, no inverno, e é também conhecida por **coruja**, **mocho**, **bufo-pequeno**, etc.

Mochela. Nome feminino; ORNITOLOGIA ver **mocho** (1).

***Nota:** O vocábulo *marta* é utilizado, em alguns lugares da Galiza, para designar a coruja: *Marta - s. f. Ave nocturna parecida a la lechuza o curuxa. (X. Luis Franco Grande, Dicionario Galego-Castelan, Editorial Galaxia, 1968.)*

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: COUTO, António Maria do. *Diccionario da maior parte dos termos homónimos, e equívocos da lingua portugueza: augmentado com huma grande cópia de vocábulos técnicos...*, A.J. da Rocha, Lisboa, 1842, p. 260.

Data:

Lugar:

Moucha. A fêmea do môcho, áve nocturna.

Môcho. No sentido figurado, môcho se diz, de quem está triste.

#16

Contribuidor/Informador:**Fonte:** BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez & Latino...*, Off. Pascoal da Sylva, Lisboa, 1720, p. 80.**Data:****Lugar:****Rabalva.** Ave de rapina, nocturna, da qual faz menção Diogo Fern. Ferr. Na Caça de Alenar. p. 83.

Nota: A entrada referente a este vocábulo (semelhante em várias publicações), nesta obra, como tendo sido utilizado, pelo autor citado, para designar uma ave de rapina nocturna, não parece estar correcta. Numa leitura da obra em questão, ‘rabalva’ aparece num contexto, junto a outras aves, relacionado com as aves de rapina em geral.

#17

Contribuidor/Informador:**Fonte:** HERMINII, Herminia (José Rabaça Gaspar). *Nominalia, ou a Festa dos Nomes...da Minha Serra, Serra da Estrela, Manteigas...*, Corroios, 2005, p. 427. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=UzOtOLiBomYC&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s**Data:** [consult. em 2015.10.27]**Lugar:****Mocho.** Está um MOCHO na árvore. Senta-te no MOCHO.

#18

Contribuidor/Informador:**Fonte:** : “O Bufo, ou Guincho” in *O Archivo Popular*, vol. 2, Na Typographia de A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1838, p. 281.**Data:****Lugar:***[do bufo-real]*

[...] o clamor dos bufos he mui forte, e sôa - *hu-hu* -, donde lhes veio o nome - **Hujas** - com que são nomeados em algumas partes da Beira.

[...] procurão sempre de dia a obscuridade de hum canto, e se algum objecto d’alli se aproxima, começão logo a bufar donde lhe veio o apropriado nome de **bufo**.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: FRADINHO, Manuel Gomes. “Maneiras de Dizer Alentejanas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 31, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1933, pp. 110-114.

Data:

Lugar:

Mocho. Assento grosseiro, feito de um pedaço de madeira, com três ou quatro pés, sem encosto, e que só acomoda uma pessoa.

#20

Contribuidor/Informador:

Fonte: MONTEIRO, Ana Rosa. “Onomatopeias da Cova da Beira” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 38, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1943, pp.137-138.

Data:

Lugar: Valverde

Mocho:

Nós, ò mötcho, tchamêmos-le “**Demingueso**”. É pro casa do cantári:

- Demingueso!... Demingueso!... Demingueso!...

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez & Latino...*, Off. Pascoal da Sylva, Lisboa, 1716, p. 523.

Data:

Lugar:

Mocho. Ave nocturna, mayor que o noitivó, & menor que a coruja, & bufo [...] Chamão-lhe Mocho, porque tem cabeça mocha, a modo de carneiro mocho, *id est*,

sem pontas. Alguns delles tem aos lados humas plumas, a modo de orelhas de asno, donde lhe veyo o nome Latino *Asio, onis. Masc.*

#22**Contribuidor/Informador:**

Fonte: FARIA, Eduardo de. *Novo Diccionario da Lingua Portugueza, O Mais Exacto e Mais Completo...*, vol. 1, Typ. Lisbonense J. C. D'Aguiar Vianna, Lisboa, 1850, p. 689.

Data:

Lugar:

Aziágo. A, *adj.* (Arab. *azar*, má sorte.) infausto, infeliz, desgraçado, de mau agouro (dia). *Mocho* – sinistro, de mau agouro.

#23**Contribuidor/Informador:**

Fonte: ROQUETTE, J. I., FONSECA, José da. *Diccionario dos Synonymos, Poetico e de Epithethos da Lingua Portugueza*, J. P. Aillaud, Monlon e C.^a, Pariz, 1856, p. 128.

Data:

Lugar:

Estrige. Coruja, mocho.

#24**Contribuidor/Informador:**

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estriga>

Data: [consult. em 2015.11.02]

Lugar:

Estrige. *Nome feminino.* 1. coruja; 2. feiticeira; vampiro; estriga, estria.

Do grego *stríx*, «coruja», pelo latim *strige-*, «idem».

Nota: Diversas personagens que povoam as obras da Literatura Latina foram criadas tendo como suporte factos reais, depois criativamente exacerbados. Muitas dessas personagens foram capazes de influenciar a percepção popular sobre a existência de

bruxas, e a sua ligação às rapinas nocturnas, desde a Antiguidade, até ao presente. A palavra *strix*, usada inicialmente para descrever uma coruja que devorava seres humanos, ou capaz de se alimentar do sangue de crianças, dependendo das obras consultadas e do período histórico dessas mesmas obras, modificou-se para *striges* ou *striga*, descrevendo, a partir do séc. I d.C., bruxas que possuíam a capacidade de se transformarem em corujas. (COSTANTINI, L. *Roman Witchcraft: ‘Contaminations’ between Literature and Reality (Narrating Witchcraft)*, University of Leeds, 2016.)

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Adalberto. *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2013, p. 330-652.

Data:**Lugar:**

Bu! Voz expressiva c/ que se assustam as crianças, imitando o grito do mocho ou da coruja.

Mocho Mocho. Apelido, topónimo. (Vár.), *adj.* e *s. m.*, «deslocar-se devagar» [alusão ao lento e silencioso voo deste tipo de aves – nome comum a várias aves estrigídeas de rapina nocturnas.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, vol. 2, Typ. de António José da Silva Teixeira, 1873, pp. 210-908.

Data:**Lugar:**

Chirriar. *v. n.* Diz-se da voz de certas aves, e principalmente da coruja.

Crujar. *v. n.* (De cruja). O cantar da coruja. O cantar como a coruja.

Desmouchar. *v. act.* (De des prefixo, e moucho). Fazer mocho serrando, quebrando os cónos. – Desmouchar *um boí*, cortar cerce, mutilar, trincar.

- Termo Agrícola, Podar, decotar, descabeçar. – desmouchar *os ramos ás arvores*, ou desmouchar *as arvores dos ramos mais compridos ou de toda a rama*.

- Desmouchar *das ameias um muro*, tirar-lhe as partes mais salientes que servem de defeza.

- Figuradamente: Abater. – Desmouchar *a soberba, o orgulho, a vaidade d'alguem*.

#27

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza, Composto por...4.^a edi.*, Na Impressão Regia, Lisboa, 1831, pp. 342-493.

Data:

Lugar:

Corújem. s. f. Coruja, ave.

#28

Contribuidor/Informador:

Fonte: FARIA, Eduardo de. *Novo Diccionario da Lingua Portugueza, O Mais Exacto e Mais Completo de Todos...*, vol. 3, Typ. Lisbonense de J. C. D'Aguiar Vianna, Lisboa, 1852, p. 732.

Data:

Lugar:

Hubris. s. m. (h.n) synonymo antigo de Grão-Duque, especie de Ave do genero Curuja, da divisão Curuja Mocho.

#29

Contribuidor/Informador:

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.04]

Lugar:

Grão-duque. 3. *Ornitologia*; ver *bufo*.

Bufo. *Ornitologia*; ave de rapina noturna, da família dos Bubonídeos ou Estrigídeos, também conhecida por corujão.

#30

Contribuidor/Informador:

Fonte: PIRES, A. Thomaz. “Vocabulário Alentejano” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 9, Imprensa Nacional, Lisboa, 1906, p. 171.

Data:

Lugar:

Cruja. Coruja.

#31

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEREIRA, A. Gomes. “Tradições Populares e Linguagem de Villa Real” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 12, Imprensa Nacional, Lisboa, 1909, p. 322.

Data:

Lugar:

Ujo. Ave de rapina da família das águias.

Nota: ‘Ujo’ é um nome comumente utilizado para designar o bufo-real (*Bubo bubo*). Se, neste caso, for essa a utilização, não pertence à família das águias.

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Dicionário da Língua Mirandesa”. *Portal de Miranda do Douro*.

Disponível na Internet: <http://www.mirandadodouro.com/dicionario/traducao-mirandes-portuques/mouchico/>

Data: [consult. em 2015.11.08]

Lugar:

Mouchico. s.f. (*dim. de moucho*). Filhote de mocho.

Moucho. s.m. Mocho.

Queruja. s.f. Coruja.

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: GASPAR, José Rabaça. “Nominália”. *Joraga.net*. Disponível na Internet: <http://www.joraga.net/>

Data: [consult. em 2015.11.10]

Lugar:

Mocho. mocha, passarelo.

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ulula>

Data: [consult. em 2015.11.11]

Lugar:

Ulular. *Verbo intransitivo*, 1. soltar (certos animais) gritos lamentosos; uivar; ganir. 2. *figurado*, queixar-se aflitivamente. *Verbo transitivo*, exprimir, soltando gritos semelhantes a ulos.

Nota: “Com ULULARE se relaciona o português uivar e uivo [...] também o latim ULULARE é onomatopaico, como ULULA ‘coruja’.”. (*Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, CLUL.)

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa, Recopilado...*, vol. 2, Typ. Lacerdina, Lisboa, 1813, p. 76.

Data:

Lugar:

Gallego. [...] pequeno.

Nota: Também em: TORRINHA, Francisco. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Editorial Domingos Barreira, Porto, 1954. *Galego*, [...] *Adj. pequeno*. Nota: Mocho-galego.

#36

Contribuidor/Informador:

Fonte: SIMÕES, A. A. da Costa. *Topographia Medica das Cinco Villas e Arega...*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1860, p. 135.

Data:**Lugar:****Mocho maior** (*Strix scopus*)**Coruja alvadia chilrante das torres** (*Strix flamea [sic]*)

Nota: O nome comum ‘coruja alvadia chilrante das torres’ parece ser utilizado, em Portugal, nas várias obras consultadas, para designar a coruja-das-torres (*Tyto alba*). No entanto, sobre este assunto, a informação dispersa encerra algumas diferenças que, em virtude das alterações sofridas pelos nomes científicos, ao longo dos tempos, se podem revelar confusas.

Por exemplo, nesta tradução para português (abaixo), em edição brasileira, a partir de um original alemão:

O mocho-galego (*Athene noctua*) aparece com o nome comum (de utilização generalizada em diversos países) ‘ave de Minerva’ (*Strix noctua*), mas também como ‘coruja alvadia chilrante das torres’.

Na mesma obra, os nomes comuns ‘mocho velado’ e ‘mocho aperolado’ (*Strix flammea*), referem-se à coruja-das-torres (*Tyto alba*).

A título de curiosidade, encontrámos, nesta mesma obra, o nome ‘coruja parda uivante’, para a coruja-do-mato (*Strix aluco*), com o mesmo nome científico; ‘mocho orelhudo anão’ (*Strix scops*), para o mocho-d’orelhas (*Otus scops*); ‘mocho mediano’, ‘mocho cornigero’ ou ‘bufo orelhudo das mattas’ (*Strix otus*), para o bufo-pequeno (*Asio otus*); ‘Bufo’ ou ‘Grão-Duque’ (*Strix bubo*), para o bufo-real (*Bubo bubo*).

(*Historia Natural Popular, Descrição Circumstanciada dos Tres Reinos da Natureza*, Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1898, p. 251.

#37

Contribuidor/Informador:

Fonte: JÚNIOR, J. A. Pombinho. “Vocabulário Alentejano (Subsídios para o léxico português)” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 34, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1936, p. 204.

Data:

Lugar: Cabeça Gorda, Beja

Escrugeirar. v. i. Morrinhar, corujar.

#38

Contribuidor/Informador:

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/corujar>

Data: [consult. em 2015.11.14]

Lugar:

Corujar. v.i. Emitir (a coruja) o som próprio da sua espécie.

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Loriguês”. *Freguesia de Loriga*. Disponível na Internet: <http://www.freguesiadeloriga.net/lorigues/>

Data: [consult. em 2015.12.05]

Lugar:

Mocho. Triste, calado.

Nota: Loriguês: Termo linguístico que os Loriguenses criaram, que não sendo oficializado, define num falar e numa aplicação de palavras em número significativo, muito usuais principalmente em tempos passados, em que muitas delas são exclusivas e originais de Loriga.

#40

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Expressões Típicas de Loriga”. *Memória Portuguesa*. Disponível na Internet:
<http://www.memoriaportuguesa.com/expressoes-tipicas-de-loriga>

Data: [consult. em 2015.12.05]

Lugar:

Mocho. Meixo.

Mocho. Triste, calado.

#41

Contribuidor/Informador:

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto:
Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet:
<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/corujento>

Data: [consult. em 2015.12.06]

Lugar:

Corujento. *Adj.* Relativo a coruja ou próprio dela.

#42

Contribuidor/Informador: João Rodrigues, 46 anos

Fonte:

Data: Dezembro 2015

Lugar: Trás-os-Montes

Há localidades em Trás-os-Montes em que chamam **MIAU MIAU** aos bufos-reais. Quando estes caçam os gatos, nas aldeias, os mesmos vão a miar, durante o voo, presos nas garras da ave... facto que lhes deu o referido nome.

#43

Contribuidor/Informador: Filipa Soares, 29 anos**Fonte:****Data:** Janeiro 2016**Lugar:** Gouveia

Na zona de Gouveia, durante o trabalho de campo para estágio no CERVAS, em 2008, ia mostrando algumas fotos de animais, uma das quais era uma coruja-das-torres. Algumas pessoas disseram tratar-se de um **Galhofo**.

Para além disso, nessa zona as **ovelhas-mocho** são as que não têm chifres, ao contrário das ovelhas-cornudas (ex.: raça Bordaleira).

#44

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Zingamocho”. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível na Internet: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de-zingamocho/16418>

Data: [consult. em 2016.01.11]**Lugar:**

Zingamocho é o remate ou acrescento de um local ou coisa alta (como uma torre, um zimbório ou uma clarabóia); por extensão, significa também o ponto mais alto de um lugar, portanto, o mesmo que dizer «pináculo». Como termo da meteorologia tem também a acepção de «cata-vento».

José Pedro Machado (in *Dicionário da Língua Portuguesa*, edição da Sociedade da Língua Portuguesa) regista ainda como termo específico da região de Amarante (Portugal): «espécie de boiz».

Boiz ou aboiz = armadilha para caçar coelhos e pássaros [Obs.: o plural de aboiz é aboízes]

#45

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Letra M”. *Sobral de S. Miguel*. Disponível na Internet:
<http://sobraldesaomiguel.blogspot.pt/2006/10/letra-m.html>

Data: [consult. em 2016.01.15]

Lugar:

Moutcho. ave de rapina; banco; sem chifres;

Moutchas. às escuras.

(Maria Pinto dos Santos A. Carrola, Gabriel dos Santos, *Sobral de S. Miguel: estudos etnográficos*, Coimbra, 1993.)

#46

Contribuidor/Informador: Santos Costa

Fonte:

Data: Janeiro 2016

Lugar: Trancoso

Bujo. No almanaque Anuário de Trancoso, ano de 1916, a determinado passo: " Nas duas Beiras e ainda no Alto Alentejo, dá-se o nome de Bujo ao bufo, ave de rapina nocturna bem conhecida, por isso o nome desta freguesia vem a ser Vale do Bujo".

Nota: Bufo referindo-se ao bufo-real, *Bubo bubo*.

#47

Contribuidor/Informador:

Fonte: C. C. *Diário Ilustrado*, Lisboa, 1877.

Data:

Lugar:

Ujo buffo. Nestes ultimos dias tem augmentado a concorrência á exposição de aves no palacio de crystal, onde agora há muito maior numero de aves do que no momento da inauguração. [...] O que mais attrahe a attenção dos visitantes, é um Ujo buffo (mocho grande).

#48

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Bracara Augusta, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*, vol. 4, ed. 22, vol. 5, ed. 30, Câmara Municipal de Braga, Braga, 1952, p. 112.

Data:**Lugar:**

Bufaranho. Gato assanhado, gato bravo, martaranho. Bufão, basófiás, jerifanes.

Nota: martaranho = bufo-real.

#49

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Adalberto. *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2013, pp. 331-652.

Data:**Lugar:**

Bufoaria. top. (ant?) (Alenquer), de *bufo* (ave) [lg. onde há bufos (mochos)].

Bufaria. s. f., de *bufo* – conjunto de bufos.

Bufo. ap., top. (vár.), adj. e s. m., de (**bûh**), «mocho» – des. comum a vár. espécies de mochos, tb. cham. *corujão* [aves noturnas que denunciam a sua presença através do grito peculiar].

Mocho. ap., top. (vár.), adj. e s. m., de (**maxâ**), «deslocar-se devagar» [als. ao lento e silencioso voo deste tipo de aves] – n. comum a vár. aves estrigídeas de rapina noturnas.

Coruja. ap., top. (vár.) e s. f., de (**hurûj**), «saída» [estas aves vivem, durante o dia, recolhidas em tocas, torres, casas abandonadas, etc., e, quando alguém se avizinha, fazem uma saída intempestiva] – n. comum a vár. aves de rapina noturnas das quais existem em Portugal, três tipos: a ...-do-nabal (*Asio flammeus*), a ...-moura (*A. capensis*) e a ... das-torres (*Tyto alba*).

Nota: A entrada 'coruja' possui algumas incorrecções. O nome científico (espécie) da coruja-do-nabal é *flammeus* e não *flammeus* (gralha?). A coruja-moura (*Asio capensis*) não existe actualmente em Portugal, sendo que o último registo para esta espécie, no nosso país, é de 1887 (CATRY, Paulo, COSTA, Hélder, ELIAS, Gonçalo, MATIAS, Rafael. *Aves de Portugal. Ornitologia do território continental*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2010.)

Desta forma, são três as corujas existentes em Portugal Continental – a coruja-das-torres (residente), a coruja-do-mato (residente) e a coruja-do-nabal (invernante). De notar que, em Portugal Continental, existem mais 4 aves pertencentes à ordem Strigiformes (as rapinas nocturnas) - os mochos: mocho-galego e mocho-d'orelhas; e os bufos: bufo-real e bufo-pequeno.

#50

Contribuidor/Informador: Carlos Alberto Nunes Almeida, 52 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Janeiro 2016

Lugar: Sintra

À coruja-das-torres já ouvi chamar **bebe-azeite**, **coruja-branca**, **coruja-católica**, **coruja-azeiteira** e **coruja-da-igreja**.

#51

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Prontuário Prático do Português da Galiza – Dr. Carlos Durão*. Disponível na Internet: <http://lusografiacarlosdurao.blogspot.pt/>

Data: [consult. em 2016.01.27]

Lugar:

Bufo. sopro; ave; bufão; barbas das maçarocas; de bufar.

Coruja. ave; de corujar.

Corujeira. lugar onde há corujas.

Curuja. coruja; de curujar.

Corujo. macho da coruja; curujo; de corujar.

Moucho. pássaro; insociável; de mouchar.

Moucha. cabeça, em lapizarro; meiga em figura de moucho fêmea.

Nota: meiga. f. meigo; bruxa.

#52

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, Anabela Mota. «"Não abri as portas docemente, tive que as empurrar" Graça Morais». *Público*. Disponível na Internet: <https://www.publico.pt/tema/jornal/nao-abri-as-portas-docemente-tive-que-as-empurrargraca-morais-23349084>

Data: [consult. em 2016.01.28]

Lugar:

Grifa. As noites eram calmíssimas. Por isso é que às vezes até metia medo. Quando se ouvia o piar da grifa, a coruja, diziam: "Alguém vai morrer, anda a grifa no ar."

#53

Contribuidor/Informador:

Fonte: BELO, Aníbal da Cunha. *Como se Fala na Minha Terra, Gavião de Ródão*, Castelo Branco, 1988, pp. 18-33.

Data:

Lugar:

Cruja. Coruja; ave nocturna. Alimenta-se de ratas, répteis, insectos e suas larvas, considerando-se deste modo animal amigo do lavrador.

Mocho-macho. Marimacho, mulher com aspecto ou modos próprios de homem.

Moucho. Banco de 4 pés.

Moucho. Jogo infantil (bilharda).

Moucho. Mocho; ave de rapina nocturna, de plumagem castanha.

#54

Contribuidor/Informador:**Fonte:** CABRITA, António Henrique. *Curiosidades da Fala dos Pescadores Olhanenses*, APOS, Olhão, 2008, p. 3.**Data:****Lugar:****C’ruja.** Coruja.

#55

Contribuidor/Informador:**Fonte:** *A Bem da Língua Portuguesa*, vol. 23, Sociedade de Língua Portuguesa, Lisboa, 1972, p. 63.**Data:****Lugar:****Moncho.** Muito conhecido sob vários nomes vulgares: *Ave-de-Minerva*, *Ave-gatinhas*, *Bufo-pequeno*, *Chio*, *Mocha*, *Mocho* [...].

Nota: Es notable la frecuencia con que aparece en el dialecto de Beja una *n* epentética. Distínguense los casos siguientes: 1. Encuéntrase com toda regularidad como reflejo de una consoante nasal precedente: *mesa* > *menza*, *moega* > *moenga* [...] Corresponden a esta tendencia fuertemente arraigada en português también *noite* > *nonte*, *muito* > *munto*, *mocho* > *moncho*. (F. Krüger. “Recensões Críticas” (DELGADO; Manuel Joaquim. *A Linguagem Popular do Baixo-Alentejo*, Beja, 1951) in *Boletim de Filologia*, Tomo 13, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1952, p.328. Disponível em: Camões, I. P., <http://www.instituto-camoes.pt/quem-somos/root/sobre-nos/quem-somos>

#56

Contribuidor/Informador:

Fonte: BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia - Feiticeiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no Século XVI*, Companhia das Letras, 1987, pp. 50-51.

Data:**Lugar:**

Os termos referenciados em José Leite de Vasconcelos estão presentes, quase todos, no *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso, o primeiro dicionário de autor português impresso. [...] A bruxa é traduzida simultaneamente por *lamia* e *strix*, [...] A sensibilidade de Agostinho Barbosa na tradução dos termos em análise revela-se semelhante à de Jerónimo Cardoso. [...] Bento Pereira, no *Thesouro da língua portuguesa*, continua a traduzir [...] bruxa por *lamia* e *strix*.

#57

Contribuidor/Informador:

Fonte: DOMINGOS, Victor. *A Língua Portuguesa no Alto Minho*, O Portal de Arcos de Valdevez, 2004, pp. 19-23.

Data:**Lugar:**

Amouchar (-se). aninhar; encolher-se; amochar; aguentar; pôr-se triste e melancólico; começar a sentir sonolência (“a-” + “moucho” + “-ar”).

Moucho. assento pequeno e de pouca altura (Lat. 'mutilu(m)', “mutilado”).

#58

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEREIRA, Ricardo. *Acórdãos e Eleições da Confraria e Santa Casa da Misericórdia da Vila de Óbidos (vol. 2, 1601-1627)*, Óbidos, 2013, p. 185.

Data:**Lugar:**

[Fl. 192] As Ordinarias que ficarão por lembrança são as seguintes:

Maria Francisca a moucha he ordinária de Pão

Gaspar Ribeiro andador tambem de Pão

#59

Contribuidor/Informador:

Fonte: COELHO, Francisco Adolpho. “O Cuco e a Popa” in *Contos Populares Portuguezes*, P. Plantier, Lisboa, 1879, p. 23.

Data:

Lugar:

Moxo. [mocho].

#60

Contribuidor/Informador:

Fonte: GANDRA, Manuel J.. *Florilégio de Tradições do Concelho de Mafra*, Casa do Povo de Mafra, Mafra, 2013, p. 156.

Data:

Lugar:

Mocho. Outra forma de chamar cornudo disfarçadamente. (Usavam a expressão: “Seu filho de um mocho !”, ao ralar com um rapazito.)

#61

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Naturalia: revista de divulgação de biologia e história natural*, vols. 3-4, Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 1939.

Data:

Lugar:

Toupeirão, Coruja, Mocho. *Asio otus otus* (L.).

Nota: Também com o nome comum ‘bufo-pequeno’.

#62

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELOS, José Leite de. *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (Folhas para um Dicionário)*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Centro de Tradições Populares Portuguesas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Data:**Lugar:**

Bruxa. «ave-bruxa», d'onde as feiticeiras tomarão o nome, por ser ave que voa de noute e chucha o sangue dos meninos», *Ensaio Mágico*, p. 25.

#63

Contribuidor/Informador:

Fonte: *camoch* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/camoch>

Data: [consult. em 2016-08-19]**Lugar:**

Camoch. tostão (*gíria*, de origem obscura).

Nota: “meio tostão ou cinco centavos: *meio camoch*; um tostão ou dez centavos: *camoch*”. (*Olisipo, Boletim Trimestral do Grupo ‘Amigos de Lisboa’, n.º 58, 1952.*)

#64

Contribuidor/Informador:

Fonte: LEAÕ, Duarte Nunes do. *Origem e Orthographia da Lingoa Portugueza, Obra Util, e Necessaria...*, Nova Edição, Correcta, e Emendada, Conforme a de 1784, Typographia do Panorama, Lisboa, 1864, p. 60.

Data:**Lugar:**

Dos vocabulos que os Portugueses tem seu nativos, que não tomaraõ de outras gentes que nós saibamos.

Ou fosse dos Godos, ou de outras nações, ou inventados per si, os Portugueses tem vocabulos, a que não podemos dar origem, & que são seus peculiares de que ha grande numero, de que ajuntamos estes.

Curuja.

Mocho, ave nocturna.

Nota: o excerto acima transcrito, retirado da edição de 1864, apresenta-se conforme o da edição de 1606.

#65

Contribuidor/Informador:

Fonte: FERNANDES, A. de Almeida, SILVA, Filomeno. *Toponímia Arouquense*, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca, 1995, p. 78.

Data:

Lugar:

Corujeira. Local onde havia ou nidificavam corujas, todavia a designação pode ser de sentido translato: local elevado e mais ou menos pedregoso, com a feição topográfica ou natural de uma “corujeira” – a da referida rapace. Menos de crer, mas possível algum caso de *cor* “pedra” (pré-romana) com o suf. *uja* (cp. Labruja, etc.) se não no nosso caso, ao menos nalgum dos da grande frequência deste topónimo.

Ha no povo a persuasão de que toda a doença, com exclusão daquelas que requerem intervenção cirúrgica imediata, é, sob o ponto de vista etiológico, proveniente de duas causas: resfriamentos ou bruxaria.

A medicina popular é cheia de perigos e de ensinamentos. O médico tem o dever de combater os primeiros e aproveitar os segundos.

(Francisco António Gonçalves, Breves Considerações Sobre Medicina Popular, 1917)

USOS • COSTUMES • MEDICINA POPULAR



Fant. Art
20/21

#01

Contribuidor/Informador: José Francisco Ferreira Queiroz**Fonte:****Data:** Janeiro 2016**Lugar:****Qual o simbolismo dos mochos na iconografia da arte tumular em Portugal?**

Os mochos, ao que julgo saber, foram usados como símbolos na arte tumular portuguesa sensivelmente entre 1840 e 1900. Podendo haver casos ligeiramente posteriores e ligeiramente anteriores, o maior número de casos em Portugal insere-se no período romântico. É este facto, assim como a constatação de onde e como surgem os mochos na arte tumular, que permite concluir qual o significado na arte tumular em Portugal. Assim, estes são normalmente animais representados numa posição de velar, muito frequentemente rematando as grades de ferro dos jazigos. Isto, não só por serem aves que ficam muito tempo quieta expectantes, vigilantes, quase só mexendo a cabeça, mas também por evitarem serem vistas de dia, pelo que são aves popularmente associadas à noite. E a noite é uma das principais metáforas do homem romântico para dizer “morte” sem proferir essa palavra. Por esta razão, há também túmulos em que os mochos não estão representados vigilantes, mas surgem como atlantes (inseridos em molduras arquitectónicas), e há até casos em que surgem esvoaçantes, nomeadamente sobre figuras que expressam melancolia, ou seja, indicando um ambiente nocturno ou, pelo menos, de entardecer, significando o fim da vida.

É possível que, no túmulo de um erudito, surja o mocho num contexto em que possa ser interpretado, não tanto como símbolo da noite, mas como símbolo de sabedoria, por exemplo. Porém, estes serão casos raros em Portugal: o significado principal que se pode aferir pelas centenas largas de túmulos portugueses que apresentam mochos é aquele que mencionei acima. Note-se que o mocho também surge em túmulos do mesmo período em outras culturas, como em França.

Note-se ainda que, apesar da presença do mocho na arte tumular portuguesa do período romântico, na mesma época a literatura alude também bastante à coruja. Neste caso, a coruja é associada também à morte, não só por ser ave nocturna, mas sobretudo devido ao piar muito agudo, que quase arrepia, de modo que é considerado agoirento. E qual é o pior agoiro do que a morte?

Nota: Comentário, da autoria de Francisco Queiroz, historiador de arte, enviado generosamente ao STRI, em resposta ao assunto em questão.

Um excerto, retirado de: Direção Geral do Património Cultural. Disponível na Internet: http://patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2016/er_7.pdf:

“Entre as grandes encomendas de trabalhos assinados por arquitetos destaca-se o jazigo encomendado por [...] No campo da simbólica propriamente dita, os elementos mais relevantes são [...] as corujas, aves que veem no escuro, ou as papoilas dormideiras, ícone botânico da ressurreição.”

#02

Contribuidor/Informador: Belarmino Vaz, 53 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Janeiro 2014

Lugar: Caçarelhos, Vimioso, Bragança

Na aldeia de Caçarelhos, concelho de Vimioso, durante as décadas de 60/70, as crias destas aves eram capturadas, pois a sua carne era muito apreciada. Os tempos não eram de abundância, não havia muito dinheiro e a necessidade obrigava a arranjar soluções, para colocar na mesa. Todos os anos, próximo do período em que as aves jovens já quase sabiam voar, estas eram capturadas junto às fragas dos lameiros, nos ninhos e levadas para serem cozinhadas. Muita gente comia estas aves, pois a carne do mocho é bastante saborosa.

#03

Contribuidor/Informador: João Rodrigues, 46 anos

Fonte:

Data: Dezembro 2015

Lugar: Beira Baixa / Alto Alentejo /Trás-os-Montes

No interior do país (Beira Baixa e Alto Alentejo), alguns populares deslocavam-se aos ninhos dos bufos-reais, na altura em que já tinham crias, e colocavam "barbilhos" nos bicos das crias (um pequeno pau colocado dentro do bico, com um cordel atado a cada uma das duas pontas e que passava por trás da cabeça) para não os deixar comer as peças de caça mais "valiosas": lebres, perdizes, coelhos e outras que os

progenitores levavam para o ninho. Depois de recolhidas as melhores peças de caça pelos populares, deixavam então as crias alimentarem-se. Isto repetia-se a cada ano.

Segundo me disseram, em Trás-os-Montes acabam também por comer as crias do próprio bufo-real.

Nota: «Barbilho: 1) ‘Travessa que se mete na boca dos cabritos, atada a crina das orelhas com um cordel, para não mamarem’; 2) ‘Espécie de saco que se colloca na boca dos bois para não comerem o trigo quando andam nas debulhas. De junco. Também chamado *bocal*, mais usado’. Óbidos.» in VASCONCELOS, José Leite de. *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (Folhas para um Dicionário)*.

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: Kim L.M. Aluwé, Britt M. Starkovich, Jeroen Van Vaerenbergh (2015) The diet of the Portuguese merchant family Ximenez at the “Blauwhof” (Belgium): Between tradition and display in the 16th–17th centuries. *Journal of Archaeological Science: Reports* 3:581-590. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jasrep.2015.08.026>.

Data:

Lugar:

[A família Ximenez, uma abastada família de mercadores portugueses que viveu na Bélgica entre os sécs. XVI e XVII, utilizava uma grande diversidade de aves na sua dieta. Entre garças, cegonhas, corvos e abetouros, fazia também parte da sua alimentação a coruja-das-torres (*Tyto alba*). À data, a capacidade de adquirir uma grande e diversa quantidade de carne, e particularmente algumas destas aves, era uma manifestação de riqueza e posição social.]

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALMEIDA, Ana Gomes de, MAGALHÃES, Miguel, GUIMARÃES, Ana Paula. *Artes de Cura e Espanta-Males, Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 197.

Data:**Lugar:**

Os caldos de carne de mocho são bons para abrir o apetite aos doentes. (PIRES: 1933, 150)*

A carne de mocho é boa para abrir o apetite. (Santana da Serra/Beja)

Nota: Indicações semelhantes são mencionadas para: Aldeia de Palheiros/Beja; Perolivas/Évora; Laborato/Faro; Alcaria Alta/Faro; Arrimal, Porto de Mós, Leiria.

* «Os caldos da carne de mocho são bons para abrir o apetite aos doentes. (Elvas)»

PIRES, A. Thomaz. “Investigações Ethnographicas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, Imprensa Nacional, Lisboa, vol. 38, 1906, p.115. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALMEIDA, Ana Gomes de, MAGALHÃES, Miguel, GUIMARÃES, Ana Paula. *Artes de Cura e Espanta-Males, Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 250.

Data:**Lugar:** Faro

[*anemia*]

Carne de mocho; agrião torrado; nove grãos; nove favas; tudo torrado e fervido e peneirado, depois. Põe-se o mel ao fogo, numa vasilha de barro nova e, depois de ferver, deita-se o pó e toma-se. (Alcaria Alta/Faro)

#07

Contribuidor/Informador:

Fonte: COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Almocreve de Petas, ou Moral Disfarçada para Correccção das Miudezas da Vida*, Tomo II, J.F.M. de Campos, Lisboa, 1798, 1.^a ed. /1819, 2.^a ed., LVIII, pp. 2-3.

Data:**Lugar:** Lisboa

Largo do Rato 27 de Maio.

Faz pasmar, ver as forças que o homem maneja pelo conhecimento da razão, para poder quartar as suas paixões, e o como se deixa suggerir por huma inclinação, que o faz dobrar ao vicio, pondo de rastos a nobreza de espirito: entre a multidão de divertimentos, que o ócio tem inventado, se incluye hum, que a necessidade tinha descoberto, para remediar em parte as precisões do homem, qual he o da caça, cujo exercicio vemos praticar a muitas pessoas sérias, que adoptarão este divertimento, já como conservação da saúde, e fóra desta, immensos se lhe tem dedicado por tafularia sujeitando-se a passarem por immensos inconvenientes, como por exemplo, fazer jornada de três legoas, levando de farnel só pão com o sentido de o comer com perdiz, a qual se transformou em huma açorda d'alhos, ou em huma posta de bacalhão; matar a gallinhola, e metter-se até á cintura pela lagoa dentro, para a ir buscar, e isto aquelle mesmo, que para ir a hum negocio de Inverno, nas ruas de Lisboa, calça botas, veste casacão de barregana, arma-se de chapéo de sol de oleado, e todos os mais reparos contra constipações, e molhadellas, dispara-se o tiro, rebenta a espingarda, e fica servindo de caça o Caçador, etc. Por salvar estes incómmodos, e nutrir ao mesmo tempo a sua paixão, hum acérrimo Caçador que ha neste sitio, todas as noites sahe á caça por nova idéa, pois quando o escuro dá lugar, sahe da meia noite por diante a caçar ratos, e morcegos com huma matilha de gatos, huma doninha, que lhe serve de furão, e huma espingarda de vento, a qual evita desastres, faz effeito, e não espanta a caça, e dando volta por alguns sitios da Cidade, não se recolhe com menos dos seus 200 ratos, 50 morcegos, e ás vezes a sua coruja, nutrindo com este divertimento a sua compleição, e dando hum assalto geral aos inimigos dos viveres, e tem protestado não desistir da empreza, em quanto não der cabo destas sevandijas. Não se tem descoberto até ao presente huma peste mais forte para os ratos, que o tal meu senhor.

#08**Contribuidor/Informador:**

Fonte: “Santa Cristina de Agrela, Inquérito Paroquial de 1842” in *Revista de Guimarães*, n.º 108, 1998.

Data:

Lugar:

Nomes de aves, peixes aquáticos, terrestres, voláteis e anfíbios, truta, escalos, bogas enguias, servem para sustento no estado de saúde.

São anfíbios os seguintes: a lontra, cobra de água, a rã e sapo concho alguns deram que os comuns tenho por mais certo que sim.

Para fim, e melriacho, papalgo, rola do rio, pato, narico, ganso, estorninho, comem-se no estado sanitário e na [ilegível] pito, pega, melro, pardal, e pimpalhão, codorniz, perdiz, gaio, pica porca, poupa, o cuco, (ou grande [ilegível], rouxinol, sombria, verdelhão, chasco, pisco, rola do mato, galinhola, mocho e os noturnos: noitibó, coruja, morcego, caçapo, cotovias.

As duas qualidades de tordos; e o pimpalhão da Índia comem-se e domesticam-se menos o morcego que sendo volátil não tem penas nem se come, a carriça, andorinha, pedreiro, a vaqueira, branca de todo o ano não se come por pequenas e terem delas certo nojo.

#09**Contribuidor/Informador:**

Fonte: “S. João Baptista de Castelões, Inquérito Paroquial de 1842” in *Revista de Guimarães*, n.º 108, 1998.

Data:

Lugar:

Mocho, coruja e noitibó – comem-se e domesticam-se.

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: REIS, Fernando Azevedo. *A MÚSICA POPULAR E FOLCLÓRICA, como Estratégia de Ensino/Aprendizagem na Disciplina de Educação Musical do Ensino Básico, (Uma Abordagem Estética)*, UTAD, 2007, p. 263.

Data:**Lugar:**

- Bom, respondeu a bruxa: Vai fazer um trabalhinho que, não sendo fácil, nunca me falhou nestes casos. Escreva o que lhe vou dizer, mas não se engane. “Quatro dias depois da menstruação, procura um mocho de papo branco e veste-se-o de planeta, de forma que só o pescoço fique de fora, por espaço de 13 dias e só depois do dia 13, que é fatídico, corta-se-lhe o pescoço de um só golpe sobre um cepo, e mete-se a cabeça em álcool até ao dia 13 do mês seguinte. Chegando esse dia, corta-se-lhe o bico e queima-se junto com o cartão que servir para fazer a ceia da pessoa a quem se quer prender. Nessa ocasião os dois olhos do mocho devem estar ao pé do fogão ou fogareiro, um de cada lado, e a mulher que fizer tal operação deve abanar o lume com um abanador feito de fralda da camisa com a qual tenha dormido pelo menos cinco noites”.

(recolha oral realizada em Maio de 2005)

Nota: O autor refere que a “bruxa” em questão “usava como suporte teórico as teorias prescritas por São Cipriano”.

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Utilidade de Algumas Aves Geralmente Desconhecidas” in *O Instituto, Jornal Científico e Litterario*, vol.7, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1859, p. 266.

Data:**Lugar:**

Utilidade de Algumas Aves Geralmente Desconhecidas

Os camponezes, que matam as corujas e os môchos e outras aves nocturnas, e mesmo as aves diurnas, que, como os melharucos e as poupas, se nutrem de insectos e outros animaes, ignoram completamente o mal, que fazem. Estas aves destroem

uma grande porção de ratos, toupeiras, arganazes, e outros pequenos roedores, que se alimentam unicamente dos productos das ceáras. Uma experiência feita com uma ninhada de melharucos mostrou, que esta pequena família destrui em vinte e um dias 45:000 lagartas.

Os melharucos, aves inoffensivas, sustentam-se da lagartas, e reproduzem-se de um modo prodigioso. Têm no anno duas ou trez posturas de dez a dezeseis ovos cada uma.

Quem destróe os ninhos de coruja, de môcho, de poupa, de melharuco concorre, sem o pensar, para a propagação dos animaes e insectos nocivos e prejudiciaes. Vale mais um ninho de môcho na habitação do cultivador, do que dez gatos; vale mais um ninho de melharuco, do que dez eslagartadores. É, portanto, de grande interesse para a agricultura vigiar pela conservação d'estas aves proveitosas.

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: “O Bufo, ou Guincho” in *O Archivo Popular*, vol. 2, Na Typographia de A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1838, p. 281.

Data:

Lugar:

[*do bufo-real*]

[...] algumas vezes são apanhados ainda novos, e se conservão nas casas; porém nunca se tem podido domesticar.

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: ZACARIAS, Fernanda. *Mitos, Crenças, Superstições no Concelho de Faro*, Departamento de Cultura/Divisão de Museus, Arqueologia e Restauro, 2011, p. 33.

Data:

Lugar:

Na área da saúde, uma das entrevistadas na zona do Montenegro, referiu que na sua juventude, testemunhou um caso de sacrifício de mochos, onde os mesmos eram

mortos para que lhes fosse retirado o sangue, que davam a beber a uma vizinha sua, que padecia de tuberculose. Acreditavam desta forma que o sangue deste animal tinha propriedades curativas no combate a este mal.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEDROSO, Consiglieri, 1851-1910, LEAL, João. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa: e outros escritos etnográficos*, Publicações Dom Quixote, 1988.

Data:

Lugar:

11. Para fazer a testa grande às crianças, deve pôr-se-lhes todos os dias, enquanto são pequenas, na cabeça, açorda de alho ou sangue de mocho.

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: LOUREIRO, Aguiar de. “Influencia da Luz Sobre o Aspecto e Instincto dos Animaes” in *A Semana, Jornal Litterario, redigido por Castello Branco, Silva Brschy, Pinto de Sousa e Aguiar de Loureiro*, vol. 1, Imprensa Nacional, Lisboa, 1850, p. 271.

Data:

Lugar:

[do mocho]

[...] prevenção que ainda mesmo as outras aves parecem confirmar, reunindo-se, cercando-as e perseguindo-as com pios extraordinarios, mas sempre os mesmos na presença dellas, como outros tantos insultos com que as affugentam, ou denunciam ao caçador, que lhes não perdôa, **e aos rapazes que as seguem, e por mil traças as apanham nas locas a que a final se acolhem; ardua empresa em que não poucas vezes triumphamos.**

#16

Contribuidor/Informador:**Fonte:** ARAÚJO, Francisco Duarte D'Almeida e. “O Mocho” in *Ilustração Popular*, n. 5, vol. 2, Domingos Francisco Lopes, Lithographia Rua Nova dos Martyres, Lisboa, p. 19.**Data:****Lugar:****O Mocho**

[...] esta ave é domesticavel, mas para isso é preciso apanhal-a muito nova; porque adulta, quando captiva, recusa tomar alimento e morre.

#17

Contribuidor/Informador:**Fonte:** “Protecção aos Pequenos Passaros” in *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*, vol. 5, Typographia Commercial, Porto, 1862, n.º 2, p. 42.**Data:****Lugar:**

[...] Não é tambem por pura ignorancia que o habitante das aldeias préga na porta, cheio de tolo orgulho, o mocho do qual a sua desastrada destreza privou os campos e os celeiros? Porque não préga elle o gato?

#18

Contribuidor/Informador:**Fonte:** “Methodo de Apanhar Mochos e Coelhos” in *Archivo Popular*, vol. 1, Typ. A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1837, n.º 39, p. 309.**Data:****Lugar:**

[...] os americanos tem hum bom methodo de apanhar môchos [...], que não deixa de ser curioso.

Quando huma pessoa descobre um môcho sobre huma arvore, e logo que he por elle vista, para o apanhar não tem mais a fazer, do que correr á roda da arvore humas poucas de vezes, porque no entanto o môcho fixando sobre ella a vista, e

esquecendo-se da necessidade de volver o corpo com a cabeça, seguirá os seus movimentos até torcer o pescoço.

Nota: Apesar de constar, nesta publicação, como uma prática atribuída aos americanos, (?) julgamos ser, pelo menos, curiosa quanto baste para a recolhermos.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Medicina Lusitana, Soccorro Delphico, a os Clamores da Natureza Humana, Para Total Profligação de Seus Males*, Caza de Miguel Diaz, Amsterdão, 1731, pp. 181-650.

Data:

Lugar:

[*excesso de cabelo*]

Assim como falta muytas vezes o cabelo, também muytas vezes nace mays do que hé necessario, de sorte que obriga a usar remedios para o fazer cair. [...] Tomem duas onças de pós de coruja, tres onças de pós de cominhos, outras tres de sangue de morcego, vinte, e quatro grãos de almiscar, faça-se um linimento, o qual se ponha despoys de se lavar a parte com decoada de cinza de vides; e se causar algum proido, unte-se com unguento branco de Rhafis, ou lave-se com cosimento de meymendro, ou de couves.

[*garrotilho*]

Os pos de huma coruja queymada dentro de hua panella, soprados na garganta, abrandão, e suppuram o tumor admiravelmente, segundo escreve João Agricola, que os louva como singular segredo para os ditos uzos.

[*asma*]

Alem destes remedios lhe daremos tambem os anti-asmaticos, que são aquelles em que há virtude oculta, e especifica para este achaque, como são os pós dos bichos chamados millepedes, preparados; os pós de bofe, é figado de rapoza, os pós de coruja, e os mays que adiante se acharem na cura dos adultos; de cada vez se pode dar meyo escropulo nestes meninos em huma colher de caldo, ou de cosimento de semente de ortigas, continuando vinte, ou trinta dias.

[asma]

Tambem os pós de coruja queymada viva com as penas dentro de huma panella de barro nova, bem tapada, tem especial virtude occulta para curar este achaque, commo com experiencia affirmou Zacuto, o qual curou hua asma rebelde dandos estes pós em tudo quanto o asmatico bebia. A mesma virtude tem [...] a cinza da ave chamada bufo, queymada com as penas.

[dureza do baço]

A ave chamada bufo, cozida viva em azeite novo, até que fique em forma de unguento, diz Zimara, que cura toda a obstrucçam, e dureza do baço.

Nota: Francisco da Fonseca Henriques, transmontano, natural de Mirandela, foi médico de D. João V, rei de Portugal.

#20

Contribuidor/Informador: Virgilio António Janeiro dos Santos, 69 anos

Fonte: recolha oral (P. Marques)

Data: Novembro 2015

Lugar: Buraca, Amadora

Quando os meus filhos eram pequenos, há cerca de 30 anos, fazia canja de mocho-galego para tratar a tosse convulsa.

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: SEMMEDO, Joan Curvo. *Polyanthea Medicinal, Noticias Gelenicas e Chymicas Repartidas em Tres Tratados*, Off. de Antonio Pedroso Galram, Lisboa, 1704, pp. 274-616.

Data:

Lugar:

[garrotilho]

15. [...] & se acontecer (o que eu não espero) que este cozimento não baste para romper o apostema, em tal caso assopraremos na garganta com hum canudo os pòs da Coruja queimada, porque amolecem, abrem, & rompem os abcessos dos Garrotilhos por modo de milagre.

[*fluxos de sangue do peito*]

31. Porque razão a cinza da Coruja queimada viva com a penna, peneirada, & dada em quantidade de huma oitava, desfeyta em caldo de Gallinha, ou em agua, cura os fluxos de sangue do peyto, como observey em muytas pessoas, principalmente no Padre Frey Elias da Conceição, Sanchristão Mòr dos Carmelitas Descalços, o qual estando já unguido, sarou tomando os pòs da Coruja.

[*alcoolismo*]

32. Porque razaõ os bebados cobraõ notavel aborrecimento ao vinho, dando-lhes a comer hum ovo de Coruja, mal assado, ou [...].

Nota: Joan Curvo Semmedo (1635-1719) – médico português, nascido no Alentejo. Formado pela Universidade de Coimbra, foi médico da Casa Real.

Nota: Escribónio Largo (séc. I), médico que serviu Cláudio, o quarto imperador de Roma, utilizava a mioleira de coruja misturada com manteiga, para curar o mal das parótidas. (ALMEIDA, A. 2011, *Compositiones Medicamentorum de Escribónio Largo, Substâncias vegetais com valor medicinal.*)

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: SEMMEDO, Joan Curvo. *Atalaya da Vida Contra as Hostilidades da Morte, Fortificada & Guarneçada...*, Off. Ferreyrenciana, Lisboa, 1720, p. 310.

Data:

Lugar:

[*garrotilho*]

He remedio aplaudido de muytos para amolecer, & abrir o apostema dos garrotilhos, soprar na garganta a cinza da coruja.

Nota: Joan Curvo Semmedo (1635-1719) – médico português, nascido no Alentejo. Formado pela Universidade de Coimbra, foi médico da Casa Real.

#23**Contribuidor/Informador:**

Fonte: SEMMEDO, Joan Curvo. Observações Medicas Doutrinaes de Cem Casos Gravissimos: Que Em Serviço da Patria..., Off. de Antonio Pedrozo Galram, Lisboa, 1707, pp. 447-526.

Data:**Lugar:**

[*asma*]

[...] usou dos pòs da coruja queimada viva; tomou os bofes da raposa, & os pòs dos Mille-pedes em caldo de gallo velho; appellou para os banhos das caldas, tomou suores, & unturas; finalmente não ficou remedio de Medico letrado, nem de barbeiro simplez, ou velha benzedeira que deixasse de fazer, ainda que tão desgraçadamente, que cada dia se augmentava mais a enfermidade.

[*alcoolismo*]

[...] deitarem de infusão hum ovo de huma coruja mal assado, & feito em talhadinhas miudas.

Nota: Joan Curvo Semmedo (1635-1719) – médico português, nascido no Alentejo. Formado pela Universidade de Coimbra, foi médico da Casa Real

#24**Contribuidor/Informador:**

Fonte: PEREIRA, António dos Santos. “Antes pecar do que cardar: um filho de Manteigas, em oceano de ira, na aurora do século XVIII” in *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, 2014, p. 157. Disponível na Internet: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n03/home.html>

Data:**Lugar:** Covilhã

[*asma*]

Asa de coruja para curar a asma (suposta feitiçaria).

([...] em vinte de junho de 1709, perante o juiz do Tribunal do Santo Ofício, João de Sousa Castelo Branco, o José Rodrigues Manteigas justificou a fuga das galés com a necessidade de

assistência à mulher doente e invocou a legitimidade das práticas curativas pois as levava a cabo sem feitiçaria, antes administrava “remédios naturais” e consultava livros médicos e cirúrgicos.)

Nota: Mezinha utilizada por João Castelo Branco, suposto curandeiro, conhecido como O Manteigas.

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Augusto C. Pires de, LIMA, Américo Pires. *Leituras Para o Ensino Primário, Quarta Classe*, Edição dos Autores, Porto, 1960.

Data:

Lugar:

A coruja

A coruja é uma ave nocturna, de linda plumagem, e que, de modo nenhum, merece a má fama que tem entre as pessoas ignorantes. Presta, até, grandes serviços ao homem, pela destruição que faz dos ratos e doutros animais nocivos.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Geografia Humana”. *Bemposta*. Disponível na Internet: <http://www.bemposta.net/>

Data: [consult. em 2015.11.19]

Lugar: Bemposta

A entrada das pombas faz-se por buracos abertos na parede virada a sul e próximo do beiral de baixo. Também existem pombais nos quais as pombas entram por brechas deixadas ficar aquando da justaposição das telhas no telhado.

Mas os pombais também estão sujeitos a inimigos. Para lá dos roubos, as ratazanas as doninhas e até as corujas podem ser elementos que vão fazendo desaparecer as pombas.

Porém, o saber de experiência feito, levou a descoberta de certas “fumaças” de ervas (fiolho, trevisco e outras) e enxofre, pedaços de borracha, ou até cascos de macho ou

burras, que pelo seu cheiro intenso afugenta aqueles animais. Diz-se até que um sapo, dentro do pombal, espanta ou come as doninhas.

#27

Contribuidor/Informador:

Fonte: SIMÕES, Dulce. “Carnaval em Lazarim: Máscaras, Testamentos e Práticas Carnavalescas”, *Mural Sonoro*, 2014. Disponível na Internet:

<http://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-blog/2014/10/20/ka8f0sz8b7z7hlqat1n3zz1xxewyy1>

Data: [consult. em 2015.12.01]

Lugar: Lazarim

Os Caretos de Lazarim exibem através das suas máscaras representações de figuras históricas como bispos, reis e romanos, de figuras místicas como bruxas e diabos, de figuras grotescas, e ainda figuras de animais, como o burro, a corsa, o mocho e o porco.

#28

Contribuidor/Informador:

Fonte: MONTEIRO, Maria Ondina de Oliveira Pinto. *Relatório de Estágio Curricular*, PNDI, Instituto Politécnico da Guarda, 2011.

Data:

Lugar:

Em algumas terras as asas das corujas-das-torres eram utilizadas, colocadas como asas, pelas crianças nas procissões.

#29

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Padre Himalaya, Biografia”. *Memória Portuguesa*. Disponível na Internet: <http://www.memoriaportuguesa.com/padre-himalaya>

Data: [consult. em 2015.12.06]

Lugar:

Em 1908 o padre Himalaya adere à Academia de Ciências de Portugal, onde profere diversas conferências e participa em vários congressos. Nas suas intervenções é manifesta a preocupação com o ordenamento territorial do País, expresso nas suas teses de aproveitamento das energias renováveis, com vista a um desenvolvimento sustentado. Na sua comunicação “Alguns problemas de economia e higiene pública” o padre Himalaya propõe as seguintes linhas de actuação para o ordenamento e prosperidade económica da “nação portuguesa”:

5. Plantas e animais nocivos à agricultura e à higiene pública. Desmistifica a animosidade popular relativa a animais como o ouriço cacheiro, a doninha, o sapo e a coruja, valorizando a sua contribuição benéfica no controlo de pragas agrícolas.

#30

Contribuidor/Informador:

Fonte: “O Painei das Almas” in *Boletim Municipal de Figueiró dos Vinhos*, Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, Figueiró dos Vinhos, 1992, p. 15.

Data:

Lugar: Figueiró dos Vinhos

[*As Alminhas*]

Edificadas normalmente à beira dos caminhos, em sítios ermos, essas singelas construções de pedra tosca, pois raramente o artesão se esmerou no trabalho, imprimindo-lhe requinte, espelham os sentimentos da gente simples das nossas aldeias. Como homenagem, e até sufrágio, às almas do Purgatório têm quase sempre na origem da sua construção uma promessa, um voto, se não mesmo algo de superstição ou credice, ouvindo-se curiosos relatos de romagens populares, alta noite, à luz da lanterna de azeite, para ir rezar nas Alminhas perdidas no interior das

florestas ou nas encruzilhadas dos caminhos, enquanto a coruja e o môcho piavam nas ramadas do arvoredos.

#31

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Relação entre os Signos e as Festividades”. *Nova Acrópole – Organização Internacional*. Disponível na Internet: http://www.nova-acropole.pt/a_relacao_signos_festividades.html

Data: [consult. em 2015.11.08]

Lugar:

O olho da coruja – animal emblemático da deusa – é utilizado na magia popular contra o mau olhado.

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Anjos de Luz*. Disponível na Internet: <http://www.anjos-de-luz.com/pos-magicos/20863-po-magico-especiarias-coruja.html>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

O pó mágico Especiarias Coruja serve para eliminar a inveja, o mau olhado e afastar todas as más energias.

Pó mágico poderoso!

Modo de utilização: Colocar o pó em calçado e/ou roupa. Pode e deve ser colocado em casa ou nos negócios. E ainda pode utilizar este pó com velas para fortalecer o "trabalho".

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Tenda Medieval Mística*. Disponível na Internet:
http://www.tendamedievalmistica.com/index.php?route=product/product&product_id=570

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Olho Turco com Coruja - O Olho Turco é um dos mais antigos amuletos para afastar cargas negativas adversas, como inveja, mau olhado, cobiça. Ao usar este porta-chaves encontra-se protegido contra todo o tipo de energias que poderá absorver de pessoas que lhe querem mal, seja no trabalho, família ou amizades.

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Manias & Manias*. Disponível na Internet:
<http://www.maniasemanias.com/produto/amuleto-para-a-saude>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Amuleto para a Saúde (significado dos 7 elementos):

- 1 – Pomba – para ter Paz e Saúde;
- 2 – Pimenta – para afastar a Inveja e o Mau Olhado;
- 3 – Coruja – porque é o símbolo do Cuidado, da Premonição e da Sabedoria;
- 4 – Anjo da Guarda – para que esteja sempre amparado;
- 5 – Estrela do Mar – símbolo da regeneração, para que a Saúde nunca se esgote;
- 6 – Cruz – para afastar os poderes do Demónio;
- 7 – Mão de Fátima – para trazer Bons Presságios, é o símbolo da Fé e da Esperança;

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: OLX. Disponível na Internet: <http://olx.pt/anuncio/almofada-decorativa-coruja-IDwO6Js.html>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Vendo almofada de coruja para pendurar na cama e afastar ao mau olhado. É nova.

#36

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Parapsicólogo Carbó.* Disponível na Internet: <http://www.parapsicologocarbo.com/products/index/19?page=2>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Pó de coruja - atrai dinheiro, trabalho, prosperidade e, sobretudo, ajuda em negócios.

#37

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Mundo Místico.* Disponível na Internet: <http://www.mundomistico.pt/loja/pos-magicos>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Pó Coruja (Alta Magia): dinheiro, Negócios, Trabalho. Fórmula especial a partir de antigos grimórios. Usa-se queimando em pastilhas de carvão ou polvilhando velas, objectos ou lugares.

#38

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Talismã*. Disponível na Internet: <http://www.talisma.pt/>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Óleos de Ritual – Coruja: aproximação; vence tudo.

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Saidacasca*. Disponível na Internet:
<http://www.saidacasca.pt/info/Afugentador-Aves-Movido-a-vento-233.html>

Data: [consult. em Novembro de 2015]

Lugar:

Afugentador de aves movido a vento:

Três processos de dissuasão simultâneos: movimento, brilho metálico, imagem de predador (Bufo Real); protecção de hortas; protecção de sementeiras; protecção de frutos contra aves, como peras, morangos, mirtilhos, cerejas, etc. Eficaz contra Melros, Gaios, Pegas, Coelhos e outros. Deverá instalar-se no cimo de uma vara, a uma altura de 2 a 3mt. Sistema simples mas de elevada eficácia.

Mocho cabeça oscilante:

O mocho de cabeça oscilante é uma ferramenta simples, mas eficaz, que irá manter os pombos e outras aves longe de seu telhado e jardim. Ele apresenta uma cabeça rotativa e olhos reflexivos, dando a coruja uma aparência realista para resultados garantidos.

#40

Contribuidor/Informador: Carlos Alberto Pinto, 57 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Novembro 2015**Lugar:** Sintra

Quase em todas as feiras que vou visitando (refiro-me principalmente às, agora muito frequentes, chamadas Feiras Medievais), espalhadas um pouco por todo o país, estão presentes empresas que possuem diversas aves de rapina, normalmente corujas, mochos e águias, para que, mediante o pagamento de determinada quantia, as pessoas possam tirar uma fotografia com estas aves pousadas no braço.

Na maioria dos casos, as aves estão num pouso, presas, pela pata, com uma espécie de corrente ou são exibidas nos braços dos funcionários, sujeitas, muitas vezes durante 10 ou 12 horas, ao constante movimento e barulho causado pelos visitantes da feira. Não é incomum existir um grande aglomerado de pessoas junto a estes locais. Parece ser uma atração com alguma popularidade, pois frequentemente as pessoas rodeiam as aves e, de telemóvel em punho, tiram algumas fotografias.

#41

Contribuidor/Informador:

Fonte: ABREU, Paula. *Geocid Madeira*, Dezembro 2012. Disponível na Internet: http://www.geocidmadeira.com/print.aspx?Parametro_Accao=Conteudo&Parametro_Conteudo=Conteudos/Historico.ascx&Parametro_ObjectID=46180&Parametro_ClassID=23&Parametro_parentClassID=23

Data: [consult. em 2016.01.11]**Lugar:** Funchal, Madeira

Fotografias com animais exóticos têm atraído estrangeiros e portugueses

Apesar de serem já uma presença habitual nas ruas da Sé e Avenida Arriaga, os animais exóticos estão a ser mais procurados para as fotografias nesta quadra natalícia. [...] tentam atrair os clientes para pousar com aves exóticas, como águias reais e corujas das torres [...] para as imagens que custavam entre 10 euros, para

uma arara ou ave de rapina pequena, a 20 euros, para as aves de rapina de grande porte.

#42

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Funchal Proíbe Espectáculos Com Animais Nos Circos”. *Green Savers*, Novembro 2014. Disponível na Internet: <http://greensavers.sapo.pt/2014/11/07/funchal-proibe-espectaculos-com-animais-nos-circos/>

Data: [consult. 2016.01.11]

Lugar: Funchal, Madeira

Tigres, leões, crocodilos, ursos, cavalos, cães ou quaisquer outros animais estão a partir de agora proibidos de serem exibidos nos espectáculos dos circos que se instalem na cidade do Funchal. [...] Adicionalmente, a Câmara do Funchal está empenhada em acabar com a actividade que explora as aves de rapina para fotografias com turistas nas ruas da baixa da cidade.

#43

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Vinhas Protegidas”. *Tyto alba*. Disponível na Internet: <http://www.tytoalba.pt/#!prettyPhoto>

Data: [consult. 2016.01.13]

Lugar:

Intrigante e misteriosa, a coruja das torres (*Tyto alba*) encontra refúgio nos habitats promovidos pela reconhecida gestão agroflorestal sustentável da Companhia das Lezírias. Fundamental na protecção do equilíbrio ecológico das nossas vinhas, esta ave é um dos garantes do compromisso que assumimos com a conservação da biodiversidade.

#44

Contribuidor/Informador:**Fonte:** “Olival e Lagar” *Esporão*. Disponível na Internet: <http://esporao.com/herdade-do-esporao/olival-e-lagar/?age-verified=c4b0345551>**Data:** [consult. 2016.01.13]**Lugar:** Alentejo

À noite, o olival agita-se com as visitas dos morcegos e dos mochos-galegos, que vêm fazer o resto do controlo biológico, mantendo as oliveiras saudáveis.

#45

Contribuidor/Informador:**Fonte:** COELHO, Eduardo. *Passeios na Provincia*, vol. 1, Lisboa, Thypographia Universal, 1873, pp. 63-64.**Data:****Lugar:**

É preciso lembrar que por *candeeiros publicos* entendemos *candeeiros accesos*. Esta observação não é ociosa, porque Castello Branco tem candeeiros, mas apagados. Extinguiu-lhes a luz o sopro esterilizador das economias negativas. Sob proposta de um dos homens mais ricos do districto economisou-se a verba do azeite. Se foi para matar as corujas ou para não affrontar os mochos, desculpemos.

#46

Contribuidor/Informador: Jorge Saraiva, 57 anos**Fonte:****Data:** 2016.01.13**Lugar:** Lisboa

Nunca em tempo algum, no passado, em Portugal, se fez falcoaria com rapinas noturnas. [...] Que eu saiba, a única e exclusiva utilidade que davam aos bufos-reais

era para atrair outras rapinas e, de seguida, despejar chumbo nelas; isto nos idos tempos da tristemente famosa "Lei dos nocivos".

#47

Contribuidor/Informador: Inácio Vicente, 72 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Janeiro 2016

Lugar: Alentejo

Na minha terra, ainda eu era miúdo, algumas pessoas faziam espantalhos com as corujas. Eram penduradas, mortas e de asas abertas, num pau e colocadas no meio das hortas, para espantar a passarada.

#48

Contribuidor/Informador:

Fonte: "Crono Tapada". *Monumento de Mafra Virtual*. Disponível na Internet: <http://www.cesdies.net/monumento-de-mafra-virtual/cronotapada>

Data: [consult. em 2016.01.27]

Lugar:

1866

Dezembro 28 - O Rei [*D. Luís*] e o Infante caçam 16 galinholas, 1 gamo, 1 perdiz, 4 coelhos e um mocho real (*Gazeta do Campo*, 30 Dez. 1866).

1891

Dezembro 23 - Pelas 9 da manhã, D. Carlos chega a Mafra [...] A caçada rende na sua totalidade 5 peças de caça grossa, 32 galinholas, 10 perdizes, 8 tordos, uma águia de asa redonda, um mocho e 12 coelhos.

1893

Janeiro 15 - Após a missa das sete e meia, D. Carlos e respectivos convidados partem para a Tapada do Meio, onde fazem uma boa caçada, abatendo 6 gamos, 24 galinholas, igual número de coelhos, 2 mochos e outras aves.

Fevereiro 14 - Nova caçada nos mesmos locais da véspera, a qual, apesar da chuva, é abundante: são abatidos 1 veado, 3 gamos, 50 coelhos, 41 galinholas, 23 perdizes, tordos, melros, gaios e mochos.

#49

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Caçadas” in *O Tiro Civil, Revista de Educação Physica e de Sport Nacional*, Typographia Rua de S. Paulo, Lisboa, 1902, p. 5.

Data:

Lugar:

El-Rei [*D. Carlos I*] partiu para Mafra no dia 21 do mez findo onde foi caçar. [...] Foram abatidos, no dia 21 e 24, as seguintes peças de caça: [...] 17 galinholas, 7 perdizes, 1 mocho real.

#50

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Aves Uteis e Aves Nocivas á Agricultura” in *O Tiro Civil*, ano 3, n.º 120, Typographia Rua de S. Paulo, Lisboa, 1897, pp. 5-6.

Data:

Lugar:

Mas uma ave póde prestar-nos, durante todo o anno, beneficios superiores aos prejuizos; estas são principalmente as *aves insectivoras*, cuja alimentação é quasi que exclusivamente animal durante todo o periodo da sua existencia: taes são os mochos, corujas, andorinhas, noitibós, pica-paus, etc.; e são relativamente em pequeno numero. [...] Assim, por tudo quanto fica dito, classificarei as aves sob o ponto de vista da sua utilidade, nas seguintes classes:

Aves permanentemente uteis, comprehendendo algumas aves de rapina, principalmente nocturnas, e aves insectivoras.

Aves uteis durante uma epoca do anno e nocivas durante o restante, comprehendendo principalmente especies granivoras.

#51

Contribuidor/Informador: Carlos Manuel Vilar, 56 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Fevereiro 2016**Lugar:** Sintra

Há uns anos, era frequente ver corujas, mochos e outras aves de rapina empalhados e expostos nas lojas ou restaurantes... até raposas e cabeças de javali! Hoje, parece ser menos frequente... talvez pela legislação.

O meu pai também me dizia que, na terra dele [*Braga*] utilizavam mochos-reais, empalhados, para capturar outras aves de rapina, com redes.

#52

Contribuidor/Informador:**Fonte:** MACHADO, José Joaquim Ferreira. *A Administração Municipal de Ponta Delgada nos Primórdios da Autonomia*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2004, p. 148.**Data:****Lugar:**

Em 1910, ainda na vigência do regime monárquico, não se registaram mais medidas no âmbito do combate aos roedores. Somente em Novembro, já em plena actividade da Comissão Municipal que presidiu aos destinos do concelho após a implantação da República, se veio a aprovar uma postura proibindo a caça ao milhafre e à coruja, “considerando que aquelas aves [eram] um bom meio de exterminação de ratos”, sinal inequívoco de que o problema persistia e reclamava novas medidas¹⁴⁰.

140. BPARPD, FAMPD, *Livro de Actas (1910-1911)*, nº62, Sessão de 30-XI-1910, fol.49v.

#53

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Coruja agressiva”. *Correio da Manhã*, 02.03.2015. Disponível na Internet: http://www.cmjornal.xl.pt/insolitos/detalhe/coruja_agressiva.html

Data: [consult. em 2016.02.21]

Lugar:

Coruja agressiva.

Usa garras para atacar pessoas.

Uma cidade holandesa está a ser aterrorizada por uma coruja feroz que ataca a população com as suas garras afiadas.

Os habitantes decidiram tomar medidas e agora só saem à rua protegidos por chapéus de chuva.

#53

Contribuidor/Informador:

Fonte: LISBOA, Christovão de. *Santoral de Varios Sermoens de Sanctos, Composto por...*, Antonio Alvarez, Lisboa, 1638, pp. 70-72.

Data:**Lugar:**

Compara pois o Senhor os mãos à coruja: por nos mostrar, que em certo modo, o proprio, quarto modo dos mãos, como dizem os philosophos, he terem tanto odio aos bõs, como a coruja à luz, porque gente roim mostra tal aborrecimento à boa, que a não pode ver; & pelo contrario, estima a mà, & se recrea tanto com ella, como a mesma coruja com as trevoas & noite [...] foge esta ave da luz, ama as trevoas, tem odio às pombas, & tratta de perseguilas, & dannificalas, hanbita nas sepulturas, se pode, & nos lugares dos mortos. [...] furta a coruja de noite: & tão ladra he, que até o azeite das Igrejas não lhe escapa. [...] vae ao ninho das gralhas, & o destrue, & rouba emparada & ajudada das trevoas & noite.

#54

Contribuidor/Informador: Isilda Martins, 76 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Maio 2016

Lugar: Sintra

Quando era miúda, no Cartaxo, o meu tio tinha sempre na horta uma coruja empalhada, para espantar a passarada. E quando matavam um furão, também o penduravam nos portões. Está a perceber? Os passaritos tinham medo.

#55

Contribuidor/Informador: João Jacinto, 59 anos

Fonte: Humberto Ferreira

Data: Junho 2016

Lugar: Outeiro Seco, Chaves

Outra referência que muito se ouvia, vinda das pessoas de Outeiro Seco, noutros tempos, era o Lugar do Mocho, um cemitério de animais onde estes acabavam por passar os seus últimos dias de vida. Nos anos 50, só lá se viam carcaças. Quantas vezes se ouvia os mais idosos dizer, "quando morrer levai-me para o Mocho", ou então "se queres uma dentadura nova vai ao Mocho".

#56

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. “O Philosopho e o Mocho” in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, p. 76.

Data:**Lugar:**

Os mochos são alvo da troça dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: porisso os passarinheiros ás vezes servem-se d'elles para chamarizes cercando-os de ramos envisgados.

#57

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. “A Coruja” in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, p. 577.

Data:**Lugar:**

Não ha calumnia que não levantem ás corujas. Todos lhes atiram só porquê... são feias e aparecem de noite! Os lavradores supersticios perseguem-as e o mesmo fazem aos mochos e sapos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damninhos. Mas são de mau agoiro! E matam esses e outros desgraçados animaes, ou os pregam vivos numa porta ou os espetam num pao, para exemplo!

#58

Contribuidor/Informador:

Fonte: FERREIRA, Diogo Fernandes. *Arte da Caça de Altanería*, vol. 1, Escriptorio, Lisboa, 1899, p. 51-144.

Data:**Lugar:**

Toma-se [a ógea] com o bufo que cae a ella denodadamente. A mim me contaram que estas aves em companhia dos Falcões aletos matavam as perdizes. [...]

Alguns caçadores parecendo-lhe que com matarem os mochos com os seus Açores, os tem com lembrança viva para se não esquecerem das perdizes, e com elles matam os mochos, n'elles os cevam fazendo-lhe festa como se fossem as perdizes, para que elles os tem guardados, não sendo conforme á arte da caça; porque costumados a comerem no que lhe custa pouco trabalho em matar, e voa pouco. desconfiam se topam com perdigão aspero e que lhe trinque, o deixam. [...]

Para esta voaria tem o caçador necessidade de bufo manso que bem vôle ensinado ao pouso, o qual além de servir para tomar os milhanos para as treinas, e todas as mais aves de rapina com armadilhas, é mui necessario para baixar os milhanos, e se poderem largar os Falcões a elles com feição e lanço.

O bufo se largará no lugar mais baixo d'onde se achar o milhano, em valle, para que fiquem os caçadores que hão-de largar os Falcões melhorados, e se poder ser que vejam os caçadores as costas d'elle baixando ao bufo; é lanço seguro, o qual se uzará emquanto os Falcões não são mestres. [...]

#59

Contribuidor/Informador:

Fonte: FERREIRA, Diogo Fernandes. *Arte da Caça de Altanería*, vol. 2, Escripório, Lisboa, 1899, pp. 63-93.

Data:**Lugar:**

Já disse na armadilha atrás como o misero passaro [*bufo-real*], de se vêr perseguido das aves de rapina, não ousava mostrar-se de dia, pelo receio que tem de ser mal tratado, porque, não sómente o molestam as aves nobres, mas ainda os corvos, pegas e gralhas, e todas as que se mantem de bichos o querem matar e comer, dando-lhe golpes e pancadas com muita furia [...] Estes de rapinas nobres, são os que com mór colera cahem ao bufo [...].

Todas as [aves] de rapina cahem ao bufo em qualquer tempo e hora em que o virem. [...]

Com ella [*armadilha*] se tomam papafigos, melros, picanços, negraes e alvares, raberuivas, tutinegras, rouxinoes, tralhões, chascos e todo o genero de passaros [...] e para se tomarem busca o caçador bosque de silvas, matos e arvoredos [...] e junto á mesma choça se põe o mocho em cima de uma rodelinha de cortiça do tamanho da palma da mão [...] no qual elles se põem sem temôr [...] e assim se tomam muitos d'estes passaros encerrados em seus bosques.

#60

Contribuidor/Informador:

Fonte: OLIVEIRA, Francisco Xavier D'Athaíde. *A Monografia do Algôs*, Imprensa Lucas, Lisboa, 1905, pp. 193-194.

Data:**Lugar:**

São simples os costumes dos filhos do Algôs: as mulheres para se vestir não exigem dos maridos ou dos paes grandes sacrificios. Vestem com graça, mas não usam de tecidos de grande valor. [...] Uma simples flôr collocada com arte no cabelo tem mais

valôr do que as azas de uma coruja num chapeo, que vem do estrangeiro por subido preço.

#61

Contribuidor/Informador:

Fonte: ANDRADA, Miguel Leitão. *Miscellanea, Nova Edição Correcta*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1867, p. 78.

Data:

Lugar:

Porém a razão por que as mulheres se embebedão menos, não he porque não sejam avidissimas de vinho, e muitas o não bebão, se não porque abundão de grandissima humidade, o que bem se deixa ver, na brandura de suas carnes e couro, e nas continuas purgações, por onde o vinho que bebem como cae n'um poço de tanta humidade, perde sua força agoando-se ahi. Além do que o corpo da mulher, tem mais meatos, por onde evaporar: e tem sua demasiada frialdade, esfria o vinho com o que debilita a sua força, que he a causa pola qual o appetecem muito [...] dando-se á mulher agoa de vide podada, aborrecherà o vinho; e Plinio, que se lhe derem a beber tres dias dos ovos da curuja [...] o aborrecherà.

#62

Contribuidor/Informador:

Fonte: AVREU, Joseph Rodrigues de. *Historiologia Medica, Fundada, e Estabelecida Nos principios de George Ernesto Stahl famigeradissimo Escritor do presente seculo, e ajustada ao uso pratico deste Paiz*, Tomo Segundo, Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, Lisboa, 1739, p.985.

Data:

Lugar:

[*tratamento para a “esquinência” – antiga designação de amigdalite*]

Ninhos de Andorinha num. j. *Album graecum*, raizes de *Açucenas*, e de *Althea*. *Figos*, e *Tamaras*. Cozaõ-se em agoa commua até tomarem a consistencia de papas, ajunte-

se-lhe depois *Oleo violado*, *farinhas das Alforvas*, e de *Macela*, *semente de Linho*, e do *Trigo*, *cerebro de Cachorro*, e *poz de Curuja queimada*, *gemmas de Ovos* n. j. *Açafrão Oriental*, misture-se para cataplasma.

#63

Contribuidor/Informador:

Fonte: BOAVENTURA, Rui Jorge Nascimento. *As Antas e o Megalitismo da região de Lisboa (Volume I)*, Tese de Doutoramento em Pré-História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009, pp. 203, 272, 273.

Data:

Lugar:

Alguns aspectos da proposta de K. Lillios (2004a, 2006 e 2008) para os ídolos-placa biomorfos, encontrados entre o espólio funerário das antas, poderiam também coadunar-se com a faceta lunar e nocturna das antas. Segundo a autora, aquele tipo de placa apresentaria características que recordariam a coruja das torres (*Tyto Alba*), espécie noctívaga associada a crenças de morte e regeneração/fertilidade (Lillios, 2004), e que seria avistada com maior facilidade durante as noites com a claridade lunar no seu auge. Contudo, esta hipótese poderia relacionar-se também o Sol, e o ciclo diário de luz e trevas.

[...]

Por outro lado, para K. Lillios (2006 e 2008) as placas de carácter antropomórfico, denominadas pela autora como biomórficas, mais do que entidades humanizadas, representariam animais. Após análise de um conjunto de placas biomórficas, propôs a coruja das torres (*Tyto alba*) como o provável animal representado, associado à noite e à morte e vida das sociedades campesinas.

[...]

Assim, as qualidades e características de animais, que de alguma forma emanassem a/s divindade/s seriam integradas na representação da entidade superior, nomeadamente a coruja das torres.

*E estas mesmas penas haverá qualquer pessoa,
que disser alguma cousa do que stá por vir, dando a entender,
que lhe foi revelado per Deus ou per algum Santo, ou em visão,
ou em sonho, ou per qualquer outra maneira.*

(Ordenações Filipinas, 1595)

**CRENÇAS • CRENDICES • AGOUROS •
PROGNÓSTICOS • SUPERSTIÇÕES**



Jan. Alvarez 2014

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: GANDRA, Manuel J. *Glossário de Práticas Mânticas*. Disponível na Internet: <http://freepdfs.net/glossario-de-praticas-manticas-cesdiesnet/d61f8273561f9f4a239b827cd5dbb794/>

Data:**Lugar:**

Agouro. Termo de origem latina, *augurium*, com o significado de consulta das aves, e sinónima de *auspicium*. Presságio ou prenúncio de ocorrência futura, auspiciosa ou funesta. Os agouros deste tipo são os mais comuns, podendo assumir duas modalidades: agouros que anunciam um mal genérico e aqueles que pressagiam uma maleita particular. Exemplos: escutar o piar do mocho (morte próxima).

#02

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico” [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$pressagio](http://www.infopedia.pt/$pressagio)

Data: [consult. em 2015.11.24]**Lugar:**

Presságio. O presságio (do latim *praesagiu*) é um facto, um sinal ou indício pelo qual se pressente ou se adivinha o futuro. É o mesmo que agouro, pressentimento, previsão, prognóstico. Na conceção geral, entende-se por presságio qualquer tipo de afirmação e acontecimento capaz de fazer prever um infortúnio ou fatalidade inevitável.

Entre os antigos romanos existiam os "áugures", sacerdotes que faziam presságios ou augúrios, isto é, prognósticos favoráveis ou desfavoráveis, a partir do canto das aves: por exemplo, o piar da coruja (mau agouro) ou do corvo (prosperidade e sabedoria, mas também má sorte) e do mocho (a que se refere Bocage, como pressagístico da desgraça).

#03

Contribuidor/Informador:

Fonte: MACHADO, Julio Cesar. *Da Loucura e das Manias em Portugal, Estudos Humorísticos*, Liv. de A. M. Pereira, Lisboa, 1871, pp. 117-118. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=zrOSCJE88tIC&printsec=frontcover&vq=mocho&hl=pt-PT#v=onepage&q=mocho&f=false>

Data:**Lugar:**

Agouro e enguiço não são a mesma cousa. O vulgo confunde ordinariamente o sentido natural d'estas palavras, que têm todavia uma significação diversa. Agouro significava antigamente predizer o futuro pelo canto, gesto, e pasto das aves (*ex avium cantu, gestu, vel pastu futura divino*) e por extensão conjecturar de qualquer modo. N'este sentido se usa hoje em Portugal, quando por incidentes insignificantes – a que chamamos agouros queremos predizer o futuro. O terror – de umas vezes os remorsos, os ciumes queimadores de outras vezes – torna videntes certas creaturas. Mudam de côr, á mesa, se espalham sal na toalha; sobresaltam-se na aridez das praias se succede levantarem com o pé os limos, que cobrem as borboletas do mar; atormentam-se quando ao atravessar charnecas se lhe prende o lenço nas urzes; vêem imagens conhecidas nos montões de nunvens negras que um relampago allumia. Tudo lhes falla; para elles até a materia muda tem lingua. Ouvem preságio no grão de areia que o vento leva, no tremer das folhas, nas borboletas escuras, no voar das nuvens, na agua que reflecte as figuras, na herva que balança ao peso de uma formiga... Ouvem chorar vozes no orvalho, nas trepadeiras se lhes cáe chuva, no canto do gallo fóra de horas, no mocho, nos morcegos, no uivar do cão...

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, Chardron e Moraes, Porto, 1871.vol. 1, p. 233. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=6MdRAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

Agouro. [...] na linguagem antiga, *catar* agouro, observar as aves para conhecer o futuro. [...] *má* agouro ouvir cantar a coruja quando está alguém doente, porque lhe cheira já a cadaver.

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELLOS, José Leite. *Revista Lusitana: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*, vol. 20, A.M. Teixeira & C. (filhos), 1917, p. 67.

Data:

Lugar:

São agoiros: os pios e lamentos do mocho, da coruja e do noitibó (pardal da morte).

Nota: Também em: José Diogo Ribeiro. “Turkel Folclórico” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*, dirigido por J. Leite de Vasconcelos, vol. 20, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1917, p. 67.

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: BARREIROS, Fernando Braga. “Tradições Populares de Barroso” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 19, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1916, pp. 97-98.

Data:

Lugar:

Piar de coruja ou de môcho, uivar de cão, corvo a grasnar, são sinais de mortorio.

Se um caçador encontra um môcho, é “galinhaço”, isto é, mau agouro.

#07

Contribuidor/Informador:

Fonte: PAÚL, Maria dos Anjos Montenegro Dá Mesquita. “Folk-lore”, in *Revista de Guimarães*, Soc. Martins Sarmiento, 1898, p. 118.

Data:

Lugar:

Mocho. Quando um mocho grita muito no telhado da casa d’um doente, é porque elle não escapa.

#08

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEDROSO, Consiglieri, 1851-1910, LEAL, João. *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa: e outros escritos etnográficos*, Publicações Dom Quixote, 1988.

Data:

Lugar:

22. Quando um mocho vem piar a um telhado, à meia-noite, é sinal de morte.

177. O mocho, o corvo, a coruja e o besouro são animais de mau agoiro.

293. Quando uma pessoa está para morrer, mesmo na ocasião de dar o último suspiro, vem sempre um mocho bater com as asas na janela do quarto.

#09

Contribuidor/Informador:

Fonte: COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Almocreve de Petas, ou Moral Disfarçada para Correccção das Miudezas da Vida*, Tomo II, J.F.M. de Campos, Lisboa, 1798, 1.^a ed., 1819, 2.^a ed., XLVIII, p. 4.

Data:

Lugar:

Cantar a coruja defronte da janella – Morte de noute.

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: ZACARIAS, Fernanda. *Mitos, Crenças, Superstições no Concelho de Faro*, Departamento de Cultura/Divisão de Museus, Arqueologia e Restauro, 2011, p. 33.

Data:

Lugar:

O mocho, a coruja, o solitário e o corvo – O poisar destas aves e o seu piar sobre o telhado ou nas proximidades das casas sobretudo, durante a noite, era considerado um sinal de morte ou doença para alguém dessa casa ou das proximidades.

Curiosamente, o mocho também é reconhecido como um animal ligado à sabedoria.

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Protecção aos Pequenos Passaros” in *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto*, vol. 5, Typographia Commercial, Porto, 1862, n.º 2, p. 38.

Data:

Lugar:

[...] se os pardaes e os corvos nos fazem pagar seus serviços, ha outros passaros, e em numero muito maior, que nol-os prestam sem nenhuma retribuição. São em primeiro logar as aves de rapina *nocturnas*: as corujas e os mochos, que a ignorancia

tolamente persegue como animaes de mau agouro. A agricultura em vez de os perseguir deveria abençoal-os, porque dez vezes melhor que os melhores gatos, e sem serem como estes ladrões de tudo quanto pilham, os passaros d'esta ordem fazem uma guerra terrivel aos ratos e ás ratazanas tão prejudiciaes ás novidades enceleiradas, e alem d'isso tambem destroem nos campos prodigioso numero de arganazes, de toupeiras, e de ratos, que sem estes caçadores nocturnos se tornariam um verdadeiro flagello.

#12

Contribuidor/Informador: Clara Isabel Correia da Silva, 35 anos

Fonte:

Data: 2015.09.28

Lugar: Azambuja, Aveiras de Cima

Por estas bandas do Ribatejo, ditam os populares que, sempre que uma coruja pia, em plena noite profunda, sobre os telhados de alguém, na manhã seguinte, um dos membros da família residente aparecerá morto!!

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Marcha Guerreira para o Regimento d’Infantaria n.º 12” in *O Bardo, Jornal de Poesias Ineditas*, Typ. Sebastião José Pereira, Porto, 1854, p. 227.

Data:

Lugar:

Notamos uma fatal coincidencia. Na mesma noite em que fizemos estes versinhos a um mocho, que por costume ia todos os dias piar junto á capella do Conde de Lumiar, nosso visinho, e que nésta noite viera repentino pousar sobre a nossa janella, foi na Ilha da Madeira assassinado o infeliz De lapierre, joven da nossa amizade. Eis ahi uma d’aquellas coincidencias naturaes, que muitas vezes nos animais fracos, ou atormentados pelo infortunio se converte em supersticiosos agouros.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Manuel Ferreira. *As Aves*, Coleção Educativa, Série C, n.º 1, Ministério da Educação Nacional, 1ª ed. 1955, 2ª ed., 1973, pp. 185-186.

Data:**Lugar:**

As corujas, mais ainda do que os mochos, têm sido perseguidas pelo povo, que lhes chama «aves agoirentas», «pássaro da morte», e as acusa de roubarem o azeite das igrejas. A verdade, porém, é que se trata de aves muito úteis. Que destroem grande quantidade de ratos, toupeiras e insectos e são injustamente caluniadas. [...] [*a coruja das-torres*] É muito dócil e domestica-se facilmente, sendo útil em casa, tal como um gato, pelos ratos que come.

Nota: A crença nas corujas bebedoras de azeite tem origem no facto de, antigamente, as candeias de azeite serem muito comuns nas igrejas e, por essa razão, as corujas, atraídas pela luz, se aproximarem destes locais, em busca de insectos.

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). *Bragança: memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, ou, Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas...*, vol. 11, Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus - Museu do Abade de Baçal, 2000, pp. 531-532.

Data:**Lugar:** Bragança, Montesinho

[...] Esta descrição quadra ainda melhor à coruja do que ao mocho, mas de forma nenhuma ao bufo, no conceito da gente destas terras bragançanas, que é chamado mocho-real, pelos serranos de Montesinho. A lenda de as outras aves perseguirem o tal *buho*, aplicam-na em Baçal à coruja, não para lhe arrancar os olhos, mas sim as plumas, pois, segundo dizem, roubou a cada ave, uma pluma das mais belas com que se enfeita.

#16**Contribuidor/Informador:**

Fonte: VASCONCELLOS, José Leite de. *Tradições Populares de Portugal*, Livraria Portuense de Clavel & C.^a, Porto, 1882, p.159.

Data:**Lugar:**

292. Coruja. – a) “Suppõe o povo que ella mora nas torres e telhados das egrejas, para roubar e beber o azeite das lampadas” (A. Luso, - *Erros dcerca de alguns animaes*, no *Livro de leitura*, p. 64). b) “Se, pousando sobre o telhado de uma casa, deixa ouvir o seu grito rouquenho ou o sopro seguido, que se assemelha ao resonar d’uma pessoa com a bocca aberta, entende o povo que ella chama alguém à sepultura; e com a ideia da noite e visinhanças dos cemiterios, olha a coruja como ave funebre e mensageira da morte, declarando-lhe a guerra mais atroz...” (Id., ib., pag. 64). c) O povo teme principalmente os gritos da coruja quando há um doente numa casa (*passim*).

#17**Contribuidor/Informador:**

Fonte: CASTRO, Leite de. “Folk-lore”, in *Revista de Guimarães*, Soc. Martins Sarmiento, 1886, p. 204.

Data:**Lugar:**

- Na mata da Costa tem sido ha dias ouvida uma alma penada que por lá geme, sem se saber o que diz. É o pae d’um tal que vivia por aquelles sitios. Já antes d’elle a mulher, que tinha morrido primeiro, frequentára o mesmo sitio. Tem ido muita gente ouvir a alma penada. (1.º informador)

- A alma penada sahiu um mocho real, que foi morto. (4.º informador)

Nota: Mocho real = bufo-real.

#18

Contribuidor/Informador:

Fonte: PIRES, A. Thomás. “Investigações Ethnographicas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 11, Imprensa Nacional, Lisboa, 1908, p. 266.

Data:

Lugar: Alentejo

É crença que, não só a coruja, mas também os mocegos, vão de noite beber o azeite das lampadas nas igrejas.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: AMARAL, Carlos A. Monteiro do. “Tradições Populares de Atalaia” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 12, Imprensa Nacional, Lisboa, 1909, p. 289.

Data:

Lugar:

12. Quando piam os mochos próximo da povoação é sinal de morrer alguma pessoa, e quando o sino *canta dolorido* também se dá o mesmo.

#20

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRITO, Cunha. “Etnografia Minhota” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 15, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1912, p. 306.

Data:

Lugar: Ruivos

Quando o mocho pia, é sinal de chuva.

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Augusto C. Pires de. “Tradições Populares de Santo Tirso” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 17, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1914, pp. 40-53.

Data:

Lugar: Santo Tirso / Areias

As corujas e os mochos são aves de mau agouro. O seu canto é ouvido com terror por muita gente.

Semeando-se as ervilhas em ocasião de lua, a coruja vê e come-as.

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: “As Crendices e Superstições no Distrito de Bragança”. *Câmara Municipal de Mirandela*. Disponível na Internet: <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3772>

Data: [consult. em 2015.10.02]

Lugar: Bragança

Mocho. É tida como uma ave agourenta, nocturna, nuncia de infortúnios, que os romanos procuravam apanhar quando entrava em alguma casa, pregando-a nas portas, “para expiarem por seu tormento as desgraças de que ameaçavam as famílias com os seus nefastos voos”.

#23

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Coruja Nivea” in *Archivo Pittoresco, Semanario Ilustrado*, vol. 5, Castro Irmão & C.^a, Lisboa, 1862, p. 110.

Data:

Lugar:

Coruja Nivea

[...] Esta ave toma o vulgo por agoirenta, não tanto pela sua figura triste e medonha, como pelos guinchos e sons lugubres que sôlta no silencio da noite. Costuma acoitar-se nas torres, sineiras, telhados das egrejas e de outros edificios altos. Quando d'alli vôa, dá sopros e lança pios tetricos, o que inspira horror á gente ignorante que acredita em almas do outro mundo, em bruxas e agoiros, julgando que se uma coruja poisa no telhado de alguma casa, e começa a piar, vem chamar pessoa d'aquella casa para o cemiterio.

É vergonha crer em taes agoiros, e cumpre explicar aos simples, que as vozes e gritos dos animaes nada tem de sinistro, porque a natureza lh'os deu para sua conversação. O piar das corujas serve para ellas afungentarem os animaes seus inimigos, que as temem de noite, porque de dia, como as suas vozes não fazem pavor, quando aparece alguma coruja estonteada pela claridade do sol, todas as aves, por mais pequeninas que sejam, aos bandos a investem e insultam.

Nota: Julgamos que o autor pretende referir-se, ao utilizar o nome “coruja-nivea”, à coruja-das-torres. No entanto, o texto (completo) original contém uma descrição física da ave que se enquadra com a espécie (não existente em Portugal), coruja-das-neves (à data [1862], *Nyctea Nivea*). Este texto será, eventualmente, uma tradução/cópia.

#24

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Augusto C. Pires de. “Tradições Populares de Santo Tirso” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 22, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1919, pp. 51-54.

Data:

Lugar: S. Simão

Os mochos piam: O pio é sinal de que há número *prenão** no céu. Vai morrer alguém para o número ser par.

As ervilhas devem semear-se de noite, mas em ocasião que não haja lua. De contrário a coruja vai comê-las.

Nota: Parnão, pernão = ímpar.

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: PAÇO, Afonso do. “Usos & costumes, contos, crenças e medicina popular” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 28, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1930, p. 255.

Data:**Lugar:** Outeiro, Viana do Castelo

Um mocho que pia ou um cão que uiva são sinal de morte.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: FERREIRA, Diogo Fernandez. *Arte da Caça da Altanería, composta por Diogo Fernandez Ferreira, moço da Camara del Rey...*, 5.^a parte, Officina de Jorge Rodriguez, Lisboa, 1616, pp. 80-81.

Data:**Lugar:**

Os Mochos, Corujas, & Bufos, são contadas com as aves de rapina, porque se mantem de cousas vivas, que ellas de noute cação. Estas sendo vistas de dia das outras aves loguo se vão a ellas, & as perseguem, & espanção dando lhe golpes & rapelloens, & se poem junto a ellas espantandose muito. A gente vulgar diz que cada ave daquellas lhe emprestou algumas penas, & quando as vem lhas querem tomar. A causa he que estas aves noturnas, posto que sejam semelhantes às outras, tem o rosto & os olhos diferentes, porq'os tem muito grandes & encendidos como lume, & o rosto quasi como de hua criatura humana, ainda que coberto de penas. As corujas são do mesmo talho & feição, & os mochos o mesmo.

Os mochos crião nas toquas das arvores, & entre pedras, onde há morouços dellas: as corujas em torres, em muros velhos, & nas igrejas denoite buscão seu pasto, & onde há pombaes matão para comer os pombinhos pequenos, os mochos se mantem debichinhos, & algumas vezes se achão nos ninhos penas de passarinhos, que elles cação, a estes acodem todos os generos de passarinhos silvestres, donde os homés vierão a inventar, a armadilha do brete, & as varas de visco postas junto delle para se enviscarem.

Os Bufos são aves mayores, & se mantem de caçar lebres & coelhos & perdizes que denoite tomão, vão a onde aja esta caça, longe das villas & lugares crião em altas rochas & nellas estão de dia escondidos. A estes Bufos acodem todos os falcões, & Açores, & Gaviães, & Esmerilhões, & todas as mais aves de rapina se mantem, decendo a elle com furia, dando lhe rapellões & golpes. Pello que os homés engenhosos inventarão as armadilhas de laços & redes, & costellas, com que estas aves se tomão. Aqui porei só aquellas q'tenho por melhores; & algumas nunca vistas inventadas de meu engenho, que a estas cousas se inclinou minha natureza.

#27**Contribuidor/Informador:**

Fonte: RIBEIRO, José Diogo. “Turkel Folclórico” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 20, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1917, p. 55.

Data:

Lugar: Turquel, Alcobaça

O principal maleficio praticado pelas bruxas é chupar, de noite, o sangue das crianças de tenra idade, as quaes se vão finando, até que morrem de inanição. Acommettem, de preferênciã, as que estão por baptizar, quando nos respectivos aposentos não haja luz. Como as aves nocturnas e agoireiras, as bruxas só agem desempeçadamente no meio das trevas.

#28**Contribuidor/Informador:**

Fonte: LOUREIRO, Aguiar de. “Influencia da Luz Sobre o Aspecto e Instincto dos Animaes” in *A Semana, Jornal Litterario, redigido por Castello Branco, Silva Brschy, Pinto de Sousa e Aguiar de Loureiro*, vol. 1, Imprensa Nacional, Lisboa, 1850, p. 271.

Data:

Lugar:

[...] contrastando o applauso geral da natureza á luz, aborrecem-n'a, fogem-lhe, e vão nos mais asquerosos escondrijos evita o fulgôr que odeam! Taes são a coruja, o mocho, o noitibó, o morcego e outros habitantes das trevas, que as vão procurar nos antros, quando ellas não enlutam a face da terra, esperando com impaciencia a noite para annunciar, por vozes rouquenhas ou lamentosas, sua existencia sinistra e

agourenta. [...] A granja habitada, o sitio alegre, o prado risonho, a arvore viçosa e florida, são outros tantos objectos do seu asco e do seu odio: as fendas dos edificios abandonados, o reconcavo das penhas, os abysmos das torrentes, e as tócas dos troncos decrepitos são as suas habitações predilectas. Lá onde não existe um vivente, e só vagueam evaporações de cadaveres é o seu ponto de reunião, alli se communicam e alli se repelem por gritos, que levam o pavor e o espanto atravez das sombras ao azylo das aves, que traiçoeiramente espiam, agarram e devoram ainda mal acordadas.

Pequenas de corpo, sua voz, monotona e triste, quasi que tem do leao o écco, sem ter a magestade, sua figura é hedionda, suas fórmias obtusas, suas vistas traiçoeiras, seu aspecto taciturno, revelando no bico e garras a crueldade, companheira da covardia, com que divagam nas sombras a surprehender as innocentes victimas, que não podem fugir-lhes.

Quem diria, se os não conhecesse, que dos acanhados pulmões de um mocho, ou de um noitibó, ainda menores, saiam os uivos, apupos e guinchos que repercutem por montes e valles? Nem menos repugnantes são o grasnido da coruja e o grunido do morcego, quadrupede alado para que, na natureza a cadêa dos seres, se modificada, não seja interrompida.

Destas reflexões depreheende-se a rasão porque os homens, de todo o tempo, tiveram sempre como sinistras as aves nocturnas, collocando-as como emblemas da morte, sentinelas dos tumulos: e por isso mesmo prognostico de tempestades, pestilencias e desastres, quando vagueam de dia.

#29

Contribuidor/Informador:

Fonte: ARAÚJO, Francisco Duarte D’Almeida e. “O Mocho” in *Ilustração Popular*, n.º 5, vol. 2, Domingos Francisco Lopes, Lithographia Rua Nova dos Martyres, Lisboa, p. 19.

Data:

Lugar:

O Mocho

[...] a voz d’esta ave é uma especie de grito lastimoso ou gemido grave e extenso, que ella faz ouvir durante a noite, e que o vulgo acredita ser de mau agouro e anunciador de morte.

#30

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Breves Reflexões Sobre Alguns Pontos de Economia Agricola” in *Revista Universal Lisbonense*, redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá, n.º 20, vol. 8, Typ. da Revista Universal Lisbonense, Lisboa, 1849, p. 233.

Data:

Lugar:

A arte de adivinhar o tempo pelos prognosticos é incerta; porém entre estes há alguns que se não devem desprezar, e que convem saber, taes como os seguintes:

O grito da coruja em mau tempo annuncia mudança para bom.

#31

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELLOS, J. Leite de. *Tradições Populares de Portugal*, Livraria Portuense de Clavel & C.^a, Porto, 1882, p. 162.

Data:

Lugar:

a) O *piar* dos mochos é agoureiro (Estremadura, etc.).

b) Caçador que encontre um môcho, pode crer que não mata nada nesse dia (Extremadura).

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: KRÖLL, Heinz. “O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno” in *Biblioteca Breve*, vol.84, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1.ª ed., 1984, p. 14.

Data:

Lugar:

Assim, por exemplo, a *coruja* é considerada de mau agoiro. É por isso que disfemicamente se chama a *maldita*. Também o *mocho* é uma ave de mau agoiro, porque o seu piar é interpretado como sinal de morte e o seu nome na linguagem popular é o *malvado*.

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, vol. 2, Typ. de António José da Silva Teixeira, 1873, p. 210.

Data:

Lugar:

Coruja de chirriar brandamente em tempo de tempestade, denota serenidade, mas se se queixar em tempo sereno anuncia tempestade. (Avellar, *Chronographia*, p.235.)

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Indícios Prováveis do Tempo” in *Archivo Pitoresco*, vol. 2, Typ. Castro & Irmão, Lisboa, 1858-1859, p. 359.

Data:

Lugar:

Mochos, que gritam durante mau tempo, signal de que vem bom tempo.

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: Xuventude de Galicia, Centro Galego de Lisboa. Disponível na Internet:
<http://www.juventudedagaliza.com/informacion-galega/conxuro-queimada-galega.html>

Data: [consult. em 2015.10.07]

Lugar:

Conxuro (Esconjuro da Queimada)**Galiza**

Mouchos, coruxas, sapos e bruxas.
 Demos, trasnos e dianhos,
 espíritos das nevodadas veigas.
 Corvos, pintigas e meigas,
 feitizos das mencinheiras.
 Pobres canhotas furadas,
 fogar dos vermes e alimanhas.
 Lume das Santas Companhas, mal de ollo,
 negros meigallos,
 cheiro dos mortos, tronos e raios.
 Oubeo do can, pregon da morte,
 fouchinho do satiro e pe do coello.
 Pecadora lingua da mala muller casada cun home vello.
 Averno de Satan e Belcebu,
 lume dos cadavres ardentes,
 corpos mutilados dos indecentes,
 peidos dos infernales cus,
 muxido da mar embravescida.
 Barriga inútil da muller solteira,
 falar dos gatos que andan a xaneira,
 quedella porra da cabra mal parida.
 Con este fol levantarei as chamas
 deste lume que asemella ao do inferno,
 e fuxiran as bruxas acabalo das sas escobas,
 índose bañar na praia das areas gordas.

¡Oide, oide! os ruxidos que dan as que non poden deixar de queimarse no agoardente, quedando asi purificadas.

E cando este brebaxe baixe polas nosas gorxas,
quedaremos libres dos males da nosa ialma e de todo embruxamento.

Forzas do ar, terra, mar e lume, a vos fago esta chamada:
si e verdade que tendes mais poder que a humana xente, eiqui e agora,
facede cos espíritos dos amigos que estan fora, participen con nos desta queimada.

Portugal

Mouros, corujas, sapos e bruxas.

Demónios, duendes e diabos, espíritos dos nevoeiros.

Corvos, salamandras e meigas, feitiços das curandeiras.

Troncos podres e furados, lugar de vermes.

Fogo das Guerras Santas, negros morcegos;

Cheiro dos mortos, trovões e raios.

Orelha de cão, pregão da morte;

Focinho de rato e pata de coelho.

Pecadora língua de mulher má casada com homem velho.

Casa de Satanás e Belzebu, fogo dos cadáveres ardentes;

Corpos mutilados de ignescentes, peidos de cus infernais

Bramido do mar bravo;

Barriga inútil de mulher solteira;

Miar de gatos que andam à solta.

Guedelha suja de cabra mal parida.

Com este fole levantarei as chamas deste lume que se assemelha ao do inferno

E fugirão as bruxas a cavalo das suas vassouras indo-se banhar na praia das areias gordas.

Oiçam! Oiçam os ruídos que fazem as que não podem deixar de queimar-se na agoardente ficando assim purificadas.

E quando este preparo, passar pelas nossas goelas, ficaremos libres dos males da nosa alma e de todo o embruxamento.

Forças do ar, terra, mar e lume!

A vós faço a chamada: Se é verdade que tendes mais força que a humana gente, aqui e agora, fazei com que os espíritos dos amigos que estão fora, participem connosco nesta Queimada.

[*outra versão*]:

Sapos e bruxas, mouchos e crujeiras, demonhos, trasgos edianhos, espíritos das enoboadas beigas, corvos, pegas e meigas, feitiços das mezinheiras, lume andante dos podres canhotos furados, luzinha dos bichos andantes, luz de mortos penantes, mau olhado, negra inveija, ar de mortos, trevões e raios, uivar de cão, piar de moucho, pecadora língua de má mulher casada com home belho. Vade retro, Satanás, P´ras pedras cagadeiras! Lume de cadávres ardentes. Mutilados corpos dos indecentes peidos de infernais cus. Barriga inútil de mulher solteira, miar de gatos que andam à janeira, guedelha porca de cabra mal parida! Com esta mulher levantarei labaredas deste lume, que se parece co do Inferno. Fugirão daqui as bruxas, por riba de silbaredos e por baixo de carbalhedos, a cabalo na sua bassoir de gesta, pra se juntarem nos campos de Gualdim. Pra se banharem na fonte do areal do Pereira...

Oubide! Oubide

Os rugidos das que estão a arder nesta caldeira de lume. E cando esta mistela baixe polas nossas gorjas, ficaremos librés dos males e de todo embruxamento. Forças do ar, terra, mar e lume, a vós requero esta chamada: Se é verdade que tendes mais poder que as humanas gentes, fazei que os espíritos ausentes dos amigos que andam fora participem connosco desta queimada!... (Baptista, 2006:84-85)

Nota: A Queimada Galega e o respectivo “Conxuro”, cujas origens remontam, na forma e ingredientes usados, nos dias de hoje, ao período Medieval, mas cujas raízes poderão ser bem mais antigas, é realizada em várias celebrações e reuniões e com ela, espera o povo, afastar os maus espíritos. Diz-se que surgiu na área que circunda o rio Minho, pelo que, tal como acontece em tantas outras tradições, se compreende que entre o “conxuro” galego e o esconjuro português (em particular o minhoto e o transmontano) haja tantas semelhanças. (ver #1, *Adágios*)

Existem outras versões deste esconjuro em outras Queimadas. Como, por exemplo, a de Cidões, Vinhais:

Esconjuro da Queimada de Cidões

Mouros, cucos, sapos e bruxas.
Demónios, ecos e diabos,
Espíritos dós Azibreiros,
Dá derruida, dá cabreira e dós alheirões.
Passos que ressoam, mortos vivos,
Corujas e feitiços das curandeiras.
Canhotos podres e esfuracados,
Lugar de bichos esganados.
Fogo das Guerras Santas,
Gritos no silêncio, negros morcegos,
Cheiro dos mortos, trovões, raios e zangões.
Orelha de cão, pé de cabra,
Focinho de rato e pata de coelho.
Guedelha de ovelha preta, pregão da morte,
Fiambre de cabrito apodrecido.
Pó de sótão de morto,
Casa de Barzabu, fogo dos cadáveres ardentes,
Satanás e pita preta.
Peidos de cus infernais, rugido do Rio Tuela,
Pinotes de rapariga,
Miar de gatos pretos vadios,
Pintelheira suja de cabra machorra,
Com esta colher levantarei as chamas deste lume,
Das profundezas do inferno.
Fugirão as bruxas a galope, nas suas vassouras,
Indo-se banhar nos poços do Manhuço,
Do Maquia e do João do Souto.
Escutem! Oiçam!
Oiçam os barulhos que fazem as bruxas a arder nesta aguardente, transformando-se
em donzelas purificadas.
E quando este preparo, passar pelas nossas goelas,
Esconjure todos os males da nossa alma,
E nos livre de diabruras, bruxedos e maus olhados.

Forças do ar, terra, mar e lume! Cachoeiras, águas dó reganal, Fráguas dos corvos, ar de ribô e lume do canhoto!

A vós faço a chamada:

Se é verdade que tendes mais força que a humana gente,

Aqui e agora,

Fazei com que os espíritos dos amigos que estão fora,

E os nossos antepassados, participem connosco nesta Queimada.

[*outro tipo de esconjuro*]:

Esconjuro da Leitura

Quem um livro não ler, sapos e bruxas o vão comer.

Leitor assíduo, da inveja negra se livrará.

Basta um livro ler para na caldeira não arder.

Quem na leitura se envolver de mal ruim não há-de morrer.

Anos e anos sem um livro consultar, 13 anos ter de azar.

Hábitos de leitura nos filhos incutir farão as bruxas fugir.

Vade retro satanáas quem uma página deixar pra trás.

Oubide! Oubide o que os livros vos dirão e ventos de sorte soprarão.

Lume de cadáveres ardentes vos tornareis se sem livros andareis.

Quem um livro por mês ler, nariz de bruxa não vai ter.

Com livros na bagagem forças do ar, terra e mar novos rumos vão mostrar.

Demónios vão vir se livros não abrir.

Mochos e corujas atazanar vão, quem a este esconjuro não der razão.

(Fonte: “Esconjuro da Leitura” in *Seleção 13*, DDCSCD – Divisão de Desenvolvimento e Cooperação Social, Cultural e Desportiva, Biblioteca Municipal de Montalegre, 2013.)

#36

Contribuidor/Informador:**Fonte:** CHAMBINO, Eddy. *Pastores, Guardiões de Uma Paisagem*, Município de Idanha-a-Nova, 2008, pp. 91-92.**Data:****Lugar:**

[...] se o mocho real levantar do Tejo e começar a cantar pelos altos, no fim de três dias chove [...]. Quem me ensinou isto foi o meu pai que também é pastor. (Rui Sanches, 26 anos, pastor, Rosmaninhal)

Quando o mocho real anda pelas lombas, chove. (Ti Marcos, 74 anos, pastor, Cegonhas)

Nota: Mocho real é um dos nomes vernáculos do bufo-real.

#37

Contribuidor/Informador: Nuno Raminhos, 41 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Novembro 2015**Lugar:** Alentejo

Dizia a minha mãe, alentejana, que, “quando piam os mochos, no final da tarde, vem nevoeiro e chuva”.

#38

Contribuidor/Informador:**Fonte:** BRAGA, Alberto Vieira. “As Vozes dos Sinos na Interpretação Popular e a Indústria Sineira em Guimarães” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1936, vol. 34, p. 12.**Data:****Lugar:**

O sino é um símbolo expressivo, pela natureza das sensações que desperta quando ao serviço do homem ou da colectividade. Por isso o povo o envolve de mistério, entre

o respeito da sua invocação a todos os cultos cristãos, e o temor natural por tudo quanto à sua roda volteia, desde as corujas e mochos agoirentos às lendas e às superstições.

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Oração dos Passarinhos”. *Santuário do Menino Jesus de Praga*. Disponível na Internet: http://www.santuariomeninojesus.org/clube/clube_ver.php?cod_clube=20

Data: [consult. em 2015.11.08]

Lugar:

Oração dos passarinhos

Olá Jesus, meu amigo, meu irmão e meu Deus!

Quanta alegria oferecem os passarinhos quando, na minha janela, os oiço cantar todas as manhãs!

Apesar de serem tão frágeis e pequenos, como admiro a sua vitalidade e energia! Mal aparece o sol começam logo a voar por todo o lado, procurando a sua comida nos ramos das árvores, nas plantas, na terra.

Jesus, hoje peço-te para começar o meu dia com a mesma alegria dos passarinhos; que eu tenha a mesma vitalidade e energia para os meus afazeres e trabalhos. Ensina-me a aproveitar o tempo como eles fazem cada dia.

Ensina-me a não deixar para amanhã o que posso fazer hoje.

Ensina-me o caminho para chegar ao céu como os passarinhos.

Eles vivem e voam sem fazer mal a ninguém.

Ajuda-me a ser como a pomba, para levar a paz onde há discórdia.

Ajuda-me a ser como o falcão, para ser rápido a socorrer quem precisa de mim. Ajuda-me a ser como a águia-real, para proteger os indefesos à minha volta.

Ajuda-me a ser como o pintassilgo, para alegrar com o meu canto quem está triste e desanimado.

Ajuda-me a ser como o mocho, para ver sempre o bem que existe ao meu redor.

Por fim, ajuda-me a ser como o papagaio, para nunca me cansar de repetir sempre: Obrigado, obrigado, obrigado, Jesus, por estares sempre ao meu lado. Assim seja.

#40

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Relação entre os Signos e as Festividades”. *Nova Acrópole – Organização Internacional*. Disponível na Internet: http://www.nova-acropole.pt/a_relacao_signos_festividades.html

Data: [consult. em 2015.11.08]

Lugar:

O olho da coruja – animal emblemático da deusa – é utilizado na magia popular contra o mau olhado.

#41

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Tradições, crenças e práticas místicas”. *freamundense.blogspot.com*. Disponível na Internet: <http://freamundense.blogspot.pt/2009/11/tradicoes-crencas-e-praticas-misticas.html>

Data: [consult. em 2015.11.08]

Lugar:

A coruja canta de manhã – sinal de morte.

#42

Contribuidor/Informador:

Fonte: CORREIA, João da Silva. “Migalhas Etnográficas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 19, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1916, p. 224.

Data:**Lugar:****Esconjuro do Milhafre**

Martaranho do pecado,
 Não m'azangues o meu gado,
 Nem no branco, nem no negro,
 Nen no qu'anda misturado.
 Este gado não é meu,
 É da Virgem que m'o deu.
 Lá p'ra traz d'aquela serra,
 Encontrarás o teu pae morto,
 Enforcado num ganhoto;
 Come a carne e deixa os ossos,
 P'r'ámanhã p'ró teu almoço.
 Queimá-lo, queimá-lo,
 C'uma faxa de palha no rabo!
 Biu! Biu! Vá p'rá pata que o pariu!

Nota: Com efeito, este esconjuro terá como destinatário o milhafre; no entanto, o vocábulo 'martaranho' é um dos diversos nomes vernáculos existentes para o bufo-real. (ver #17, *Vocábulos*). Também em REIS JUNIOR, João Alves. *Catálogo Sistemático e Analítico das Aves de Portugal, 1930: Bufo, Ujo, Corujão, Mocho-real, Martaranho.*

#43

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Atlas das Aves do Arquipélago da Madeira”. Disponível na Internet:
<http://www.atlasdasaves.netmadeira.com/index.php>

Data:**Lugar:**

[sobre a coruja-das-torres]

Em termos históricos, a perseguição humana, fundamentalmente guiada por superstições e crenças, foi a maior ameaça que esta espécie enfrentou. Actualmente, fruto de uma maior sensibilização e educação das populações, esta ameaça não apresenta a mesma expressão.

Nota: Curiosamente, na ilha da Madeira, a cagarra junta-se à coruja e ambas estão na origem de um presságio de morte, ao passarem sobre o telhado de uma casa, durante a noite, a piarem. Em relação à cagarra, esta crença talvez seja uma consequência das ruidosas vocalizações que, durante a noite, esta ave emite.

#44

Contribuidor/Informador:

Fonte: MATOS, Albano Mendes de. “Os Medos e a Defesa do Corpo no Homem da Gardunha” in *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI*, Cadernos de Cultura, n.º 23, Castelo Branco, 2009, p. 111.

Data:**Lugar:**

Sugerem, também, medos e comportamentos instintivos irracionais [...] as corujas, especialmente de noite, como sinais de morte.

#45

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Benedicta Maria Duque. “Saúde, Doença e Morte na Memória das Gentes de Póvoa de Rio de Moinhos” in *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI*, Cadernos de Cultura, n.º 28, RVJ Editores Lda., Castelo Branco, 2014, p. 115.

Data:

Lugar:

Já sobre os corvos e as corujas diz-se serem aves agoirentas e que sempre que andam a cantar próximo, morre alguém. E nada mais violento que as mortes em série, as crises de mortalidade.

#46

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Os Mochos” in *O Panorama, Jornal Literário e Instructivo*, vol. 13, Typ. de A. J. F. Lopes, Lisboa, 1856, p. 184.

Data:

Lugar:

A gente do povo supersticiosamente considera estas aves de mau agouro; no entanto os athenienses veneravam o mocho e o consagraram a Minerva, por isso figura no emblema da Academia real das sciencias, de Lisboa.

#47

Contribuidor/Informador:

Fonte: SOUSA, A. D. de Castro e. *Memoria Historica Sobre a Origem da Fundação do Real Mosteiro de N.S. da Pena, Que Pertenceu aos Monges da Ordem de S. Jeronimo; Actualmente Palacio Acastellado, Situado na Serra de Cintra...*, Typ. de A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1841, pp. 25-26.

Data:**Lugar:**

[...] ficou este Regio Edificio, que outr'ora servio de delicias aos nossos Reis, e de asylo ameno aos seus Monges, abandonado á injuria dos tempos [...] tornando-se por tal arte em albergue de Corujas, Môchos, e Noitibós, ou Zangaralheiros para vergonha da Nação.

#48

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, Chardron e Moraes, Porto, 1871, vol. 1, p. 233.

Data:**Lugar:**

[...] na linguagem antiga, *catar* agouro, observar as aves para conhecer o futuro. [...] máo agouro ouvir cantar a coruja quando está alguém doente, porque lhe cheira já a cadaver.

#49

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Augusto C. Pires de, LIMA, Américo Pires. *Leituras Para o Ensino Primário, Quarta Classe*, Edição dos Autores, Porto, 1960.

Data:**Lugar:****A coruja**

[...] acusam-na de beber o azeite das lamparinas das igrejas, o que é uma calúnia. Se ela procura as lamparinas, é para comer as borboletas nocturnas, que andam ofuscadas em volta da luz. Também os lavradores a acusam de comer de noite as ervilhas sementeadas*. Isso não é verdade, pois a coruja só utiliza alimentos animais. [...] Chamam-lhe ave agoureira, e, por causa dela, muitos sustos tem apanhado quem passa de noite junto dos cemitérios, ou torres velhas, pois ela tem uma voz desagradável, que se assemelha ao ressonar de uma criatura.

A coruja nenhuma culpa tem de não possuir a voz melodiosa do rouxinol, nem de que os homens sejam, às vezes, ignorantes e mal agradecidos.

#50

Contribuidor/Informador:

Fonte: CHAVES, Luís. *O Amor Português*, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, Lisboa, 1922, p. 149.

Data:**Lugar:**

[a mulher]

Se encontra ou ouve um mocho, fica estéril.

Nota: Também em: ALMEIDA, Ana Gomes de, MAGALHÃES, Miguel, GUIMARÃES, Ana Paula. *Artes de Cura e Espanta-Males, Espólio de medicina popular recolhido por Michel Giacometti*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 231.

#51

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). “Rifões Populares” in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. 10, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, Bragança, 2000, pp. 35-42.

Data:

Lugar: Bragança

Quando o mocho em Janeiro canta, lá vem Fevereiro que o acalenta.

Canta o mocho pelo dia, água p’ro outro dia.

#52

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Prever a Meteorologia em Montanha”. *Clube de Montanhismo de Braga*. Disponível na Internet: <http://clubemontanhismodebraga.blogspot.pt/2013/05/prever-meteorologia-em-montanha-parte-2.html>

Data: [consult. em 2015.11.24]

Lugar: Braga

Se ouvirmos piar a coruja ao entardecer, isso é prognóstico de chuva próxima.

#53

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Revista de Guimarães*, vols. 97-98, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1998, p. 320.

Data:

Lugar:

No culto de Santo Antão costumam ainda fazer um amuleto constituído da seguinte maneira: uma pequena imagem do Santo unida a uma cabeça de mocho e um ramo de azinho.

#54

Contribuidor/Informador:

Fonte: PINTO, José. “Rituais Funerários na Gavieira (Arcos de Valdevez) (Viana do Castelo) (Portugal)” in *Revista de Investigación Etnografía*, n.º 4, 2012.

Data:**Lugar:**

Destacamos todo o conjunto de sinais premonitórios associados a manifestações animais, nomeadamente, o uivar dos cães, o coruçar da coruja, o cantar do galo à meia-noite, ou do «pito da morte», ou ainda o deambular da «raposa de murraça» dentro do perímetro dos lugares sem demonstrar qualquer receio pela presença de um ser humano.

#55

Contribuidor/Informador:

Fonte: ANDRÉ, Américo dos Santos. *Descobrir, Partilhar e Valorizar Memórias da Literatura Oral da Raia: Contributos para a Preservação dos Contos, Lendas, Crenças e Superstições de Penha Garcia*, Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Departamento de Letras, Covilhã, 2012.

Data:**Lugar:**

Viam no grito da “*noutibó*”, no cacarejar da galinha a querer imitar o galo, no aparecimento de borboletas pretas ou no vôo da coruja sobre uma casa, um “*sinel*” de morte.

#56

Contribuidor/Informador:

Fonte: ANTUNES, António Rodrigues. *Zebreira Terra da Raia. Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnográficos*, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, 2014, p. 186.

Data:

Lugar: Zebreira

Coruja – O seu aparecimento “adivinha mortos”; diz-se também que “vai beber o azeite das lamparinas das capelas”, oriundo das promessas.

Piar dos pássaros à noite. Ouvi-los é mau presságio: “adivinha mortos”, “mau tempo” e “mudança de tempo”.

#57

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIRA, Marisa. “Etnografia e Folclore” in *Voz de Portugal*, 2.º cad., 24 de Maio de 1959.

Data:

Lugar: Cinfães do Douro

Há certas aves, como o mocho, cujo canto é tido como de várias delas, não pertence só a ele, mas a toda a humanidade. Mau agouro.

#58

Contribuidor/Informador:

Fonte: FERREIRA, Seomara da Veiga. “Marcas de Oleiro em Território Português” in *O Arqueólogo Português*, série 3, vol. 3, Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia, Lisboa, 1969, p. 149.

Data:**Lugar:**

A zoologia manifestou-se plenamente em todo o território que viria a ser Portugal. [...] os calaicos prognosticavam o futuro pelo voo das aves [...], está de acordo com a realidade que a etnografia nos propõe: em nossos dias, entre Douro-e-Minho fazem-se presságios com o mocho, a coruja e o charco.

#59

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, José Emílio Esteves da. *O Património Cultural da Freguesia da Cumieira*, UTAD, Vila Real, 2010, pp. 80-81.

Data:**Lugar:** Cumieira

São muitas as histórias de bruxas que povoam a imaginação dos habitantes da Cumieira. [...] A sombra das árvores, projectada pela luz da Lua, num movimento contínuo provocado pelo ventos, fazia criar imagens de seres de outro mundo. A juntar a estas imagens, os sons provocados pelo bater da ramagem ou os produzidos por animais (cantar da coruja) transformavam estas ilusões em verdadeiros encontros de pavor, em momentos de cortar a respiração mesmo aos mais corajosos.

#60

Contribuidor/Informador:

Fonte: MORAIS, Rui Manuel Lopes de Sousa. *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*, 1.ª e 2.ª parte, Braga, 2004, pp. 76-77.

Data:**Lugar:**

Pelo mesmo motivo, em muitos dias do ano o calendário religioso proibia os negócios de qualquer espécie incluindo a demanda das embarcações. As datas de 24 de Agosto, 5 de Outubro, 8 de Novembro, ou mesmo os últimos dias do mês, eram de mau presságio para a navegação (Casson, 1994: 154). Nos dias favoráveis à navegação, antes do embarque, procedia-se a sacrifícios de animais, frequentemente uma ovelha ou um touro. Se o vento fosse favorável, se não houvesse nada de errado com a data e se o sacrifício fosse de bom augúrio, a superstição ainda considerava uma gama de maus presságios: um espirro enquanto se subia para a rampa de acesso à embarcação, um corvo ou uma pega pousados ou crocitando no cordame, o vislumbrar de alguns destroços, pronunciar certas palavras ou expressões e um número indeterminado de sonhos considerados como maus presságios (por exemplo, sonhar com águas turvas, chaves, âncoras ou animais – em particular, cabras, javalis, touros, corujas e aves nocturnas, gaivotas e outras aves marinhas) (*id. ibidem*).

#61

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, Fernando Augusto da, MENESES, Carlos Azevedo. *Elucidário Madeirense*, 1.º vol., 4.ª ed., Secretaria Regional da Educação e Cultura, Funchal, 1978, p. 640.

Data:**Lugar:**

A coruja e o patagarro são aves agourentas e o mesmo acontece á galinha quando tem o mau hábito de cantar como o galo.

Nota: Patagarro = cagarra ou cagarro. Da mesma obra (p.305): “Como ave diurna, é chamado boieiro pelos homens do mar, como ave nocturna, é em toda a Madeira conhecido como estrapagado, papagarro ou patagarro, designações onomatopaicas,

que imitam menos mal a sua voz característica. [...] Para muita gente é ave de mau agouro. Segundo a crença popular, haverá morte próxima entre os moradores duma habitação, sempre que nela vá pousar um patagarro ao fazer a excursão nocturna das montanhas para o mar, ou vice versa.”

#62

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Caçadas na Povoia das Meadas” in *O Tiro Civil, Orgão do Sport Nacional, A Liberal*, Offic. Typographica, Lisboa, 1899, p. 3.

Data:

Lugar:

De lá trouxemos: um javali – o tal morto pelo Visconde de R.; rapozas: as duas de que já falei e mais outra; 118 coelhos, mortos, grande parte, pelos batedores, e em duas batidas de portas falsas; 114 lebres caídas ás portas; 89 perdizes, a maior parte em duas caçadas a salto, em cordão marchando, á ida e á volta no caminho, na Ribeira do Niza, o sitio mais quente d’ellas de mim conhecido; 18 gallinholas, 1 narceja, 2 algrivões, 2 codornizes e 1 coruja de matto morta pelo D. B. da C. e que lhe poderia servir de agouro ao pouco mais que viveu.

#63

Contribuidor/Informador:

Fonte: BARATA, Filomena. “Espécies Animais de Miróbriga e Suas Referências Bibliográficas e Mitológicas”. *Portugal Romano.com*. Disponível na Internet: <http://www.portugalromano.com/site/especies-animais-de-mirobriga-e-suas-referencias-bibliograficas-e-mitologicas/>

Data:

Lugar:

A coruja simboliza a reflexão que domina as trevas. No Museu Nacional de Arqueologia há um Tetradracma de Atenas de prata, proveniente da Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia, da II Idade do Ferro, datável de final do século V a. C. No anverso está representada a deusa Atena e no reverso apresenta uma coruja de pé, um ramo de oliveira e um crescente. [...] A coruja foi sempre companheira inseparável da feiticeira, motivo pelo que os romanos lhe deram o mesmo nome com que designavam a feiticeira: *striga*. Símbolo da sabedoria ou da inteligência desde a antiguidade grega,

a coruja é, tal como o galo e a serpente, um dos atributos da deusa Atena, e foi associada ao oculto e ao sobrenatural, possivelmente devido a seus hábitos noturnos e aos pios que emite.

#64

Contribuidor/Informador: João Rodrigues, 46 anos

Fonte:

Data: Dezembro 2015

Lugar: Pampilhosa da Serra / Entroncamento

Perto da barragem de Sta. Luzia, um agricultor contou-me que os bufos traziam a chuva, porque quando começavam a cantar, pouco tempo depois começava a chover (provavelmente porque ouvem-se com maior regularidade no outono e inverno...).

Existem histórias, que se contam nas aldeias do interior e até aqui pelos nossos lados (Entroncamento), sobre as corujas azeiteiras que iam às igrejas para beber o azeite das lamparinas.

#65

Contribuidor/Informador/Autor: Estevam Coelho

Fonte: TAVARES, Silva. *Baylia d'amor: Cantigas dos Cancioneiros*, Livraria Popular, Francisco Franco, Lisboa, 1933, p. 46-118.

Data:

Lugar:

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,
sa voz manselinha fremoso dizendo
cantigas d'amigo!

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,
sa voz manselinha fremoso cantando
cantigas d'amigo.

- Par Deus de cruz, dona, sei eu que avedes
amor mui coitado que tam bem dizedes
cantigas d'amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sei eu que andades
d'amor mui coitada que tam bem cantades
cantigas d'amigo.

- Avuitor comestes, que adevinhades.

Nota: Nota, de Silva Tavares, a esta cantiga:

Ao abutre chamava-se *avuitor*, na linguagem da época. Depreende-se, pelo final da cantiga de que se trata, que era tradição corrente prevêr-se o futuro comendo carne de abutre. Facto curioso é que a mesma tradição parece manter-se ainda hoje [1933] em alguns pontos do paiz, com a unica variante do abutre ser substituido pelo môcho, que é, afinal, uma ave da mesma classe. Consta-me, também, que para resultados satisfatórios torna-se necessário que o môcho seja velho. Ahi fica o aviso, não vá qualquer dos meus leitores sacrificar, inutilmente, algum pobre môcho em plena juventude... (*Baylia d'amor*, p.118.)

#66

Contribuidor/Informador: Filipa Soares, 29 anos

Fonte:

Data: Janeiro 2016

Lugar: Gouveia

Algumas pessoas disseram-me:

“Quando se ouve, vem morte”;

“Quando cantam de noite, morre gente e dá azar”;

“Dá azar, adivinha a morte”.

Uma criança que acompanhava um dos informantes afirmou o seguinte:

“Na escola, dizem que os olhos da coruja cegam quem os observa”.

#67

Contribuidor/Informador:

Fonte: DIAS, Jaime Lopes. *Etnografias da Beira – Lendas, Costumes, Crenças e Superstições*, Ferin, Lisboa, p. 183.

Data:

Lugar:

A coruja bebe o azeite das lâmpadas das igrejas e pressagia a morte de pessoas quando solta seus gritos estridentes sobre os telhados das habitações.

O uivar dos cães e o canto das corujas são sinais de morte próxima.

#68

Contribuidor/Informador:

Fonte: OLX. Disponível na Internet: <http://olx.pt/anuncio/coruja-smbolo-de-inteligencia-IDyycDp.html>

Data: [consult. em 2016.01.05]

Lugar:

Vendo, um animal que simboliza a sabedoria, a inteligência o mistério, misticismo chamado a coruja. Por outro lado essa ave de rapina, nocturna, pode simbolizar mau agúrio, azar escuridão espiritual .

A coruja vê na escuridão, tem uma visão como não podemos imaginar...

#69

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALEGRE, São. “Animal de Poder”. C.H.A.C.A. Disponível na Internet: <http://www.chacahome.com/index.php/oraculo/animal-de-poder/item/132-animal-de-poder-a-coruja>

Data: [consult. em 2016.01.05]

Lugar:

A semana de 1 a 7 de Maio estará sobre a protecção da coruja, que simboliza a sabedoria, a inteligência, o mistério e o misticismo. A coruja significa "o ver a totalidade", ou seja, ela, através da sabedoria, dá-nos a possibilidade de ver as coisas na sua totalidade, o consciente e o inconsciente. Este animal tem a capacidade de ver na escuridão, o que significa também ampliação dos limites da percepção. A coruja conecta com todas as partes do ser, e permite vencer o temor e aprender a qualidade da consciência do existir e do fluir em todos os níveis.

Os poderes da coruja são a clarividência, a projeção astral e a magia. Na essência, a coruja vê o que os outros não vêem, e pode ter mais percepções a respeito de outras pessoas do que de si mesma. Mas mesmo assim, o poder desse animal pode ser invocado para que a pessoa desperte a capacidade de olhar para si mesma, em busca de uma visão mais íntegra a respeito de si, ou de aspectos que ainda permanecem obscuros e precisam ser vistos.

#70

Contribuidor/Informador:

Fonte: LOURO, Norberto. “Corujas Devotas Acompanham Orações” in *Fátima Missionária*, Delegação Portuguesa do Instituto Missionário da Consolata, 2006, p. 33. Disponível na Internet: <http://www.fatimamissionaria.pt/revista.php>

Data:

Lugar:

Hoje vou falar de corujas, aquela ave agourenta, mais por ser nocturna do que por outro facto qualquer que lhe queiram atribuir. [...] Sei que, uma vez, uma família delas se aninhou na torre duma capela onde era costume rezar-se e cantar-se todos os dias. Tendo a igreja entrado em obras, a comunidade cristã começou a reunir-se debaixo

duma árvore frondosa e aí continuou a dar largas à sua fé com cânticos e orações. Coisa inaudita e com sabor a mistério, para não dizer milagre! Durante as funções e os cânticos, as corujas deslocavam-se “religiosamente” para cima da árvore e daí assistiam devotamente a tudo. Acaso? O certo é que, terminadas as obras, deixaram de o fazer. Sinal certo que o gesto era “propositado”! E ainda há quem diga que as corujas são bichos de mau agoiro!

#71

Contribuidor/Informador: José Francisco Ferreira Queiroz

Fonte:

Data: Janeiro 2016

Lugar:

[...] Note-se ainda que, apesar da presença do mocho na arte tumular portuguesa do período romântico, na mesma época a literatura alude também bastante à coruja. Neste caso, a coruja é associada também à morte, não só por ser ave nocturna, mas sobretudo devido ao piar muito agudo, que quase arreperia, de modo que é considerado agoirento. E qual é o pior agoiro do que a morte?

Nota: Comentário, da autoria de Francisco Queiroz, historiador de arte, enviado generosamente ao STRI, em resposta ao assunto em questão.

#72

Contribuidor/Informador:

Fonte: REBANDA, Nelson (coordenação). *Pelos Caminhos do Douro... Pela Calçada de Alpajares*, Comissão Executiva das Comemorações dos 250 Anos da Região Demarcada do Douro, 2006, pp. 62-63.

Data:

Lugar: Freixo de Espada à Cinta

Estas pinturas são figurativas [...] representam dois animais (uma lontra, delineada a ocre avermelhado e um mocho, ou talvez um bufo, pintado em tons de negro) [...] poderiam ilustrar um mito ou uma qualquer história das origens, uma vez que se trata de um animal anfíbio (lontra), que liga a terra e a água e um animal voador (mocho ou

bufo), mas também associado às rochas (elemento céu e terra), além de ser, ainda hoje, associado a agoiros e presságios, à noite e ao mistério, devido aos sons que emite e que assustam os humanos.

#73

Contribuidor/Informador:

Fonte: SERRANO, Bento. *O Oraculo do Passado, do Presente e do Futuro – Ou o Verdadeiro Modo de Aprender no Passado...*, *O Oraculo da Noite*, Parte Primeira, Livraria Portugueza – Editora, Porto, 1883.

Data:

Lugar:

Explicação dos Sonhos

Coruja: desastre ou desgraça (voando: perigo de morte para pessoa a quem se dirige; grasnando: tristeza).

Môcho: enterro.

Nota: Bento Serrano era conhecido como o *Astrólogo da Serra da Estrela*, lugar “onde reside ha perto de trinta annos, sendo a sua habitação uma estreita gruta que lhe serve de gabinete dos seus assiduos estudos astronomicos” (transcrito da obra em questão).

#74

Contribuidor/Informador: Augusto Luso

Fonte: SERRANO, Bento. *O Oraculo do Passado, do Presente e do Futuro – Ou o Verdadeiro Modo de Aprender no Passado...*, *O Oraculo das Sinas*, Parte Quinta, Livraria Portugueza – Editora, Porto, 1883.

Data:

Lugar:

Amigo,

Fiquei, na minha carta passada, de te fallar dos erros inveterados no povo, a respeito d'alguns animaes; e que só podem trazer males, como erros que são. [...] A coruja das torres, que toda a gente conhece pelo nome, mas que ainda muita outra a não conhece por a ter visto, inspira horror, susto, desprezo, raiva e odio, pelas crenças de mau agouro, ás mulheres, que isto mesmo transmittem ás creanças, e ainda aos

homens, fracos pela ignorancia, que veem almas do outro mundo, consultão os agouros, as feiticeiras e os adivinhos!

A coruja das torres é a mais bella das tres especies que temos, pela sua leveza, pelo bem pintado de amarello e cinzento sobre o mais bello branco d'algodão, e pelo delicado folho de pennas encrespadas que lhe circumda a cabeça; mas como ave nocturna, para que os raios do sol lhe não firão os olhos, de dia se esconde; e procura para isso as torres e os campanarios das egrejas, os telhados e ainda algumas paredes velhas, aonde encontre buracos, para passar o dia; d'onde sáe pelo crepusculo, quando a luz a não incommoda já.

Suppõe o povo que ella mora nas torres e telhados das egrejas, para roubar e beber o azeite das alampadas, ao passo que ella procura aquelles logares, onde os ratos, sempre damninhos, vivendo á vontade e multiplicando-se, lhe possão servir de sustento.

Se, pousando sobre o telhado de uma casa, deixa ouvir o seu grito rouquenho ou o sopro seguido, que se assemelha ao resonar d'uma pessoa com a boca aberta, entende o povo que ella chama alguem á sepultura; {17} e com a ideia da noite e visinhanças dos cemiterios, olha a coruja como ave funebre e mensageira da morte; declarando-lhe a guerra mais atroz, sem compaixão nem indulgencia, em logar da benevolencia e gratidão, que devia prestar-lhe, poupando-lhe sempre a vida, pelos bons serviços que esta ave presta á agricultura. De todas as aves nocturnas, nenhuma lhe é mais proveitosa, por ser um creado e guarda fiel, que em quanto dorme o senhor, espreita e dá caça a muitos roedores nocivos, como o rato domestico ou rato commum, o rato campestre, etc., os quaes roubão de noite, roendo os fructos, os grãos e as sementes.

Teu amigo, A. Luso (Augusto Luso)

Nota: Bento Serrano era conhecido como o *Astrólogo da Serra da Estrela*, lugar “onde reside ha perto de trinta annos, sendo a sua habitação uma estreita gruta que lhe serve de gabinete dos seus assiduos estudos astronomicos” (transcrito da obra em questão)

#75

Contribuidor/Informador:

Fonte: “A coruja e a ignorância” in *Folha Informativa*, Grupo Folclórico e Recreativo de Vilarinho, Mondim de Basto, 1990, p. 26c.

Data:

Lugar:

A coruja e a ignorância

A coruja que na antiga Grécia simbolizava a famosa "Atena", deusa da sabedoria, é dos animais mais úteis ao homem. Num ano caça mais ratos que uma dúzia de gatos. Nenhum gato consegue superá-la por melhor caçador que seja. Até as ratazanas, capazes de enfrentar um gato, são presa fácil para a coruja que as caça sem qualquer receio. - Porquê então ser um passaro agoirente? - Apenas por ignorância humana.

#76

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Cultura”. *Vinhais, Juntas de Freguesia de Vinhais*. Disponível na Internet: http://www.vinhais.com.pt/web/index.php?option=com_content&view=article&id=73&Itemid=208

Data: [consult. em 2016.01.23]

Lugar: Alvaredos

Quando a coruja pia 3 vezes alguém irá morrer nessa noite.

#77

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Nova Demanda e Sentença a Favor dos Officiaes, Aprendizes e Degredo do Seram” in *Feira da Ladra, Revista Mensal Ilustrada*, Tomo Nono, Gusmaõ Navarro, Lisboa, 1940, pp. 39-40.

Data:**Lugar:**

Volitavaõ pelo ar os pavidos morcegos, chiavaõ nos ramos os notunos mochos, e bulcavaõ os campanarios das Igrejas as azeiteiras corujas; huns com medo que as outras aves lhe chegassem ao pelo; outros receyando que todas para elles fossem picanços; e as ultimas, com menos medo que pouca vergonha, se recolhiaõ a sagrado, proveito mais pelo de lamberem as torcidas, que pelo terror de serem depenadas.

Nota: As candeias de azeite eram normalmente feitas de lata, com um ou mais bicos (os candeios), por onde saíam tiras de pano, embebidas em azeite, chamadas “torcidas”. A título de curiosidade, existe um provérbio português que diz: “falta de azeite, desgraça das torcidas”.

#78

Contribuidor/Informador: Inácio Vicente, 72 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Janeiro 2016**Lugar:** Alentejo

Quando era miúdo, ouvia dizer que “as corujas chupavam o leite das cabras”.

Nota: Houve tempos em que as cabras eram os principais fornecedores de leite de muitas famílias. O rebanho era trazido do campo, ao fim da tarde, e as cabras eram então ordenhadas. Mais ou menos à mesma hora, as corujas abandonavam os seus locais de repouso diurno e saíam para caçar. Nesta caminhada das cabras pelo campo, o ruído das patas e a agitação natural do rebanho causavam um certo desconforto nos ratos -

estes movimentavam-se rápida e descuidadamente pelo solo -, o que levava a que fossem facilmente descobertos pelas corujas.

Mas não eram só os ratos a entrar neste alvoroço: os insectos também. Ora, este acontecimento atraía outras aves, também nocturnas, com um particular gosto por estas pequenas criaturas voadoras: os noitibós. Os donos dos rebanhos, confusos, começaram a associar a presença regular destas aves às cabras, achando tratar-se de uma particular atracção pelo leite destas - o que não correspondia, de facto, à realidade.

Caçar na companhia das cabras parecia ser, segundo a história, para estas aves, uma forma mais fácil de garantir alimento. E foi assim que as corujas e os noitibós começaram a ser chamados, por muitos agricultores europeus, chupa-cabras.

Os noitibós aparecem incluídos na ordem Caprimulgiformes e na família *Caprimulgidae* (latim para 'chupa-cabras').

Aristóteles utilizava os nomes *aegolius* ('semelhante à cabra')* e *aegotilax* ('chupa-cabra')** para designar a coruja-das-torres.

* do inglês: *goat-like*.

**do inglês: *goat-sucker*.

(Fonte: *Owls in Folklore and Natural History*, Virginia C. Holmgren.)

#79

Contribuidor/Informador:

Fonte: CASTILHO, António Feliciano de. *Os Fastos de Publio Ovidio Nasão*, Tomo 3, Parte 2, Imprensa da Academia Real de Sciencias, Lisboa, 1862, p. 532.

Data:

Lugar:

As aves, talvez por se aproximarem mais dos astros, ao que á vista se nos figura, foram sempre havidas como boas adivinhas. O mocho e a coruja, como só de noite soltam os seus gritos, e estes monotonos e tristes, são tidos como nuncios de desgraças.

Nota: Nota ao texto, na obra citada, por Maria Peregrina de Sousa.

#80

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, Anabela Mota. «"Não abri as portas docemente, tive que as empurrar - Graça Morais». *Público*. Disponível na Internet: <https://www.publico.pt/tema/jornal/nao-abri-as-portas-docemente-tive-que-as-empurrargraca-morais-23349084>

Data: [consult. em 2016.01.28]

Lugar:

As noites eram calmíssimas. Por isso é que às vezes até metia medo. Quando se ouvia o piar da grifa, a coruja, diziam: "Alguém vai morrer, anda a grifa no ar."

#81

Contribuidor/Informador:

Fonte: BORIEGA, Ana Cristina, MAZZOTTI, Carla. *Metodologias Facilitadoras da Criatividade em Design Aplicadas à Moda: uma experiência académica*, 2014, pp. 6-7.

Data:

Lugar:

No primeiro dia do processo, foi apresentado o problema aos alunos, que consistiu na “criação de um coordenado de vestuário conceitual a partir de um determinado tema, que neste caso foi a “superstição”. [...] foi também considerado o mau presságio que envolve as corujas e os mochos que são aves associadas à má sorte, sinais de infortúnio e criaturas de mau agouro [...] As escolhas do subtema [...] recaíram sobre as corujas e mochos, justificando que “como se sabe da tradição popular, estas duas aves estão, envolvidas em mistério, remetendo para a morte e o oculto, têm forte ligação com o lado negro e supersticioso. Estas aves, envolvidas em presságios, tem forte simbologia no passado, o que perdura até aos dias de hoje, mantendo desde sempre um lugar especial no imaginário do povo. No entanto são seres sábios e reconhecidos como conhecedores do mundo. Tendo em conta tudo isto, elas têm o poder de gerar emoções inquietantes e perturbadoras, são agente terrestres de forças sobrenaturais”. Um dos presságios que mais lhes está associado é: “A coruja quando canta é sinal de morte próxima”.

#82

Contribuidor/Informador:**Fonte:** ALARTE, Vicencio. *Agricultura das Vinhas, Tudo o Que Pertence a Ellas Até Perfeito Recolhimento do Vinho...*, Na Impressão Regia, Lisboa, 1818, p. 130.**Data:****Lugar:**

Se conhecesse haver abundancia de vinho, se cantar o mocho antes que as vides lancem os pimpolhos.

#83

Contribuidor/Informador:**Fonte:** “Mudanças de Tempo” in *Mundo Gráfico*, n.º 120, Lisboa, 1945, p. 8.**Data:****Lugar:**

Diz-se que, se uma coruja pia quando está mau tempo, é porque êste vai mudar.

#84

Contribuidor/Informador:**Fonte:** BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia - Feiticeiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no Século XVI*, Companhia das Letras, 1987, pp. 150-151.**Data:****Lugar:**

Os casos mais comuns de embruxamento dizem respeito a crianças, conforme o mito da *strix* [...] A transformação das bruxas em “passarões grande pretos” corresponde já a uma adaptação do mito romano da *strix* (ave noturna que chupa o sangue das crianças) ao contexto demonológico. Assim, a figura da mulher-pássaro depredadora parece ter deixado vestígios em nosso país, ao contrário do que aconteceu nos demais países europeus: “Embora as histórias de bruxas que voam de noite para o *sabá* sejam frequentes na literatura europeia, são raras as referências à transformação das bruxas em aves de rapina.”¹²¹

121. Alex Scobie, “Strigiform witches in Roman and other cultures”, *Fabula*, (Berlim), 1-2, 1978, p.81 (tradução minha).

#85

Contribuidor/Informador:

Fonte: HORTA, Manuel Dias. “Há Festa na Minha Terra” in *Diário do Alentejo*. Disponível na Internet: <http://da.ambaal.pt/noticias/?id=8198>

Data: [consult. em 2016.02.07]

Lugar: Beja

Na minha aldeia o sinal de que as festas estavam à porta era a intensa azáfama de mulheres que vivavam o alvo branco das paredes da rua, o amarelo ocre, ou o azul ferrete das barrinhas das basas baixinhas. A torre do sino, onde residiam corujas, aves agoirentas, eram dali expulsas e também era caiada. A igreja nos seus interiores e exteriores era bem lavada. Os seus hospedeiros passavam uma noite ao relento para embrandecer a porcaria durante um ano acumulada.

#86

Contribuidor/Informador:

Fonte: SIMÕES, Cláudia, RIBEIRO, Joana. *História de Vida de António Francisco dos Santos*, QREN, Aldeias de Memória, Piódão, 2008, p. 25.

Data: [consult. em 2016.02.18]

Lugar:

Na altura dos meus irmãos, os dois mais velhos - têm agora 60 anos -, muitos rapazes iam ali para os Chãs d'Égua. Casaram lá muitos. Então, não havia motas, não havia estradas, tinham que ir a pé. Ao passar ali por uma zona que se chama Barrocas, há um sítio que realmente até de dia mete um bocado de respeito quanto mais à noite e sozinho. É um sítio que fica ali atrás do cemitério. E aí, de noite, geralmente é onde há corujas, bufos reais (que são aves nocturnas de grande poderio) e esses animais. Até são capazes de viver 70 ou 100 anos. Ora, se estão todos os dias em casa deles, ali a imaginar o harém sossegado, quando passa ali qualquer coisa, eles têm que dar logo sinal. É lógico. Talvez o mito seja esse: mal os rapazes entravam além, na ponta do outeiro dos Chãs d'Égua para cá, a coruja ou o mocho ou fosse o que fosse talvez tivesse o sinal e eles entravam logo em pânico! Diziam que era o espírito ou qualquer

coisa assim parecida. Por causa do susto e daquela coisa da ave talvez se mexer, um primo meu mandou-se lá para um poço onde estava água do Inverno. E depois é a história do outro que caiu e lá ter morrido ou o outro que fez e aconteceu. Um tipo, mal chega à ponta do outeiro, diz:

- "Pá, já não vou! Já não vou!"

Já não vai, não vai mesmo! E então voltavam para trás, iam dormir às palheiras, às arrumações dos animais, em cima no pasto onde passava ninguém. O meu pai contava e toda a gente de idade conta, que para ir daqui para a Malhada Chã ou daqui para o Tojo faziam as travessias a pé de noite. O meu avô era um dos tipos que ia daqui para o Tojo a pé e sozinho! Metia-se-lhe na cabeça que tinha que ir e, mais um bagacito ali e outro lá, ia. Mas depois, a altura certa, se há esse acontecimento, é que também tem que haver imaginação da pessoa, saber estar. Só que eles entram em pânico. É como cair de um barco ao mar: a pessoa tem logo é o pânico. Mas, pronto, uma pessoa de bem ainda não viu muita coisa, mas de mal já se viu. E eu acredito nessa de que realmente existe o mal.

#87

Contribuidor/Informador:

Fonte: BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia - Feiticeiras, Adivinhos e Curandeiros em Portugal no Século XVI*, Companhia das Letras, 1987, p. 22.

Data:

Lugar:

No caso espanhol e no caso português existem fragmentos de figuras míticas arcaicas, nomeadamente da mulher que se transforma em pássaro, fenómeno que remete à mitologia clássica da *strix*.

#88

Contribuidor/Informador:**Fonte:** GANDRA, Manuel J.. *Portugal Sobrenatural*, Ésquilo, Lisboa, 2007, p. 243.**Data:****Lugar:**

Diz o povo que «se não houvesse mau gosto que seria do amarelo?». Tal antipatia grangeou-lhe um significado desagradável, acrescida pela cor macilenta dos que sofrem e da «palidez da morte». O amarelo é a mortalha da alma, como o preto é luto do corpo. O amor-perfeito amarelo é emblema dos «casados» ou «casadinhos», enquanto goivo dessa cor é flor de sepultura, desempenhando no reino das flores a função do mocho e da coruja.

Nota:

Põe na minha sepultura

Um presente bem singelo;

Dois goivos, uma saudade

Ao pé d'um cravo amarello.

Apanhei no cemitério

Um ramalhete de goivos

Nascidos entre as saudades

Da campa de uns pobres noivos.

(Francisco Xavier da Silva, *Cantigas Populares*, 1871)

#89

Contribuidor/Informador:**Fonte:** GANDRA, Manuel J.. *Portugal Sobrenatural*, Ésquilo, Lisboa, 2007, p. 188.**Data:****Lugar:**

Alma Penada. O mesmo que alma depenada, i. e., uma alma à qual, dada a gravidade dos factos de que é acusada, nem Deus, nem o diabo se dignaram infligir uma pena. Também abujão, alma do outro mundo, aparição, avejão, fantasma, morto-vivo, visão, etc. Alma de alguém morto de forma violenta (enforcado, assassinado ou

acidentado), sem restituir o que lhe competia (culpas ou dívidas), cumprir promessa feita, ter algum pecadilho escondido em artigo de morte à absolvição do confessor (Madeira), ou relativamente a quem não foi convenientemente seguido o ritual fúnebre, por ausência do sacerdote, por exemplo. A alma poderá perseguir quem não praticar o rito de separação que consiste em atirar um punhado de terra sobre o caixão quando este se encontra na sepultura, por exemplo. [...] K-Sal, aliás António Casal Ribeiro, regista uma tradição de Paço de Ilhas (Santo Isidoro, Mafra), que associa as corujas às almas dos incinerados na necrópole romana que se sabe ter existido ali.

#90

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELLOS, J. Leite de. *Religiões da Lusitania, Na Parte Que Principalmente Se Refere A Portugal*, vol. 1, Imprensa Nacional, Lisboa, 1897, pp. 329-330.

Data:

Lugar:

Quando tem chegado até nós um cemitério prehistorico constituído por monumentos megalithicos cobertos de terra, impressiona-nos immediatamente, ainda agora, com as ondulações do solo produzidas aqui e alem pelas mamôas. Nos tempos prehistoricos estas ondulações erão muito maiores, formavão enormes saliências ou montículos; mas a acção atmospherica e os homens tem-nas esboroado, a ponto de ás vezes ellas poderem confundir-se hoje com as elevações naturaes do solo. As pequenas distâncias que as mamoas deixavão entre si não permittião que entre ellas houvesse, quando os havia, senão os espaços necessários para se passar na occasião dos enterros ou das romarias fúnebres. Se o panorama, observado á luz do dia, punha nos ânímos terror, que tétricas lembranças não evocava de noite! O luar, incidindo oblquamente no campo mortuário, fazia que aquelles pináculos de terra, dentro dos quaes havião sido amortalhadas tantas almas, se cobrissem de sombras, e, tomando aos olhos das pessoas crédulas e timoratas, que os contemplavão, aspectos e proporções de phantasmas, parecessem encarnações dos próprios defunctos. Das alturas vizinhas acorrião de vez em quando, no sossêgo nocturno, os povos a maravilharem-se com o estranho espectáculo. No ar esvoaçavão, piando, as corujas agourentas, que sao as aves favoritas das trevas, e as sentinellas dos tumulos. Os ventos contorcião-se nas ramagens das arvores, em gemidos e psalmódias,

segredando mysterios do Outro-Mundo, porque para todos os povos a noite e a morte se apresentação acompanhadas do mesmo cortejo de medos.

#91

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELLOS, J. Leite de. *Religiões da Lusitania, Na Parte Que Principalmente Se Refere A Portugal*, vol. 1, Imprensa Nacional, Lisboa, 1897, p. 161.

Data:

Lugar:

Em segundo logar lembrarei duas curiosas placas de schisto, uma das quaes foi achada numa gruta do Carvalhal (Alcobaça), e a outra numa anta ao pé de Idanha-a-Nova.

A primeira pertence hoje á collecção organizada em Alcobaça pelo sr. Vieira Natividade, a cujo obsequio devo o tê-la visto e poder reproduzir aqui uma photographia d'ella na fig. 32 (tamanho natural). Esta placa, como me nota o Sr. Natividade, parece representar, «ainda que grosseiramente, a cabeça de um mocho ou coruja». Em these, isso podia ser, tanto mais que a coruja e o mocho são animaes de que existem muitas tradições religiosas mas provavelmente aqui a semelhança é fortuita.

#92

Contribuidor/Informador:

Fonte: CARDOSO, João Luís. Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul peninsular in *O Arqueólogo Português*, Série 4, 20, 2002, pp. 61-76.

Data:

Lugar:

Dos quatro cilindros de calcário recolhidos, apenas um se encontra decorado, consistindo a decoração nos bem conhecidos pares de olhos radiados, sobrepostos por sobranceiras e tatuagens faciais. Sem que neste trabalho se pretenda discutir a simbologia desta iconografia, apenas referimos que a divindade se assemelha, nesta representação, à cabeça de uma coruja, símbolo da noite e da morte, mas também da regeneração.

#93

Contribuidor/Informador:

Fonte: GANDRA, Manuel J.. *Florilégio de Tradições do Concelho de Mafra*, Casa do Povo de Mafra, Mafra, 2013, p. 276.

Data:**Lugar:**

Eram maus presságios as seguintes situações: cão a uivar e ao mesmo tempo latas a bater (morte próxima), entrada de uma andorinha de repente em casa; algum burro a zurrar alta noite; ver um gato preto; ouvir um mocho a rir (quando tal se ouvia, era costume dizer três vezes: Se deres agoiro que te venha pelo coiro que arrebetes e dês um estoiro).

#94

Contribuidor/Informador:

Fonte: CABRAL, A. M. Pires. *O Diabo Veio ao Enterro*, 2ª ed., Editorial Notícias, Lisboa, 1995, p. 86.

Data:**Lugar:**

Mas é um toque mais agourento, um home fica num sei como cá por dentro a oubir aquilo. É assim acaije¹ c'mó² piar da c'ruja, quando bem à neite³ buber⁴ o azeite do lampadário da igreja. Dize⁵ que tilhado onde piar a c'ruja é porque bai morrer alguém nessa casa.

- E é berdade – corrobora o tio Domingos. – Ou⁶ que o diga. Quando a m'nha mãe morreu, lembra-me c'mo se fosse onte, a c'ruja piou toda a santa neite no tilhado. Tanto montou⁷ o mou⁸ pai atirar-le lapadas⁹ para a impontar, c'mo nada. Inté le tchigou¹⁰ a mandar deis¹¹ tiros de caçadeira. Peis num senhor: alebantaba¹² boo¹³, daba uma bolta e tornaba a apousar. Dali num despegou enquanto a m'nha mãe num cerrou os olhos. Mal morreu, foi-se embora, como quem dize: já aqui num sou p'cisa¹⁴.

[...]

– Mau 'stepor le dê a c'ruja! Só aquela cousa de bir a buber o azeite à igreja agonêa¹⁵ a gente... Qu'ele agora, a bem d'zer, já acaije que as num há. As c'rujas e o resto. Lubou¹⁶ sumiço o passaredo todo.

Nota:

- | | |
|--|----------------|
| 1. Quase; | 10. Chegou; |
| 2. Como; | 11. Dois; |
| 3. Noite; | 12. Levantava; |
| 4. Beber; | 13. Voo; |
| 5. Dizem; | 14. Precisa; |
| 6. Eu; | 15. Agonia; |
| 7. Tanto fez; | 16. Levou. |
| 8. Meu; | |
| 9. Paulada. Lapa = pau, pedaço de madeira; | |

#95**Contribuidor/Informador:**

Fonte: DIAS, Jaime Lopes. *Etnografia da Beira – Lendas, Contos, Romances, Costumes...* vol. 7, Torres & C.^{ta}, Livraria Ferin, Lisboa, 1948, p. 251.

Data:**Lugar:**

Quando uma coruja pousa sobre o telhado de uma casa e canta *morri! morri!* as pessoas que a ouvem dizem: - *por ti seja! por ti seja!* (Idanha-a-Nova)

#96**Contribuidor/Informador:**

Fonte: DIAS, Jaime Lopes. *Etnografia da Beira – Lendas, Contos, Romances, Costumes...* vol. 3, 2^a ed., Torres & C.^{ta}, Livraria Ferin, Lisboa, 1955, p. 219.

Data:**Lugar:**

Se depois do pôr-do-sol passar noite-bó, mocho ou milhafre sobre o telhado de qualquer casa, morre pessoa de família ou haverá grande desandância. Se, ao passar, bater com as asas no telhado, então há morte certa em breves dias. (Vila Real)

Se uma coruja canta à noite durante o serão, brevemente morre alguém da povoação.

#97

Contribuidor/Informador:**Fonte:** VALE, Andreia. *Cruz Credo, Bate na Madeira... e outras 113 superstições do nosso dia-a-dia*, Manuscrito, Lisboa, 2016, pp. 52-53.**Data:****Lugar:**

Mochos e Corujas

A sua existência solitária e misteriosa, o facto de voarem de noite enquanto todos os outros animais estão a dormir e o som que emitem contribuíram para fazer destes animais um símbolo de pouca sorte, agourentos, associados à morte, às trevas e à bruxaria.

Se os gregos gostavam de mochos, os romanos queriam distância do animal. Durante o Império Romano, o piar de uma coruja era sinal de proximidade da morte, uma espécie de aviso. Reza a história que Júlio César ouviu o piar de um mocho um dia antes da sua morte... Também Augusto César e Agripa viram as suas mortes previstas pelo som de um mocho.

Na Europa, durante o período medieval, as corujas eram consideradas bruxas disfarçadas. [...] Um detalhe importante para salvar o bom nome do mocho: a coruja é, ainda assim, um animal que simboliza a sabedoria e a inteligência.

#98

Contribuidor/Informador:**Fonte:** DRUMMOND, Francisco Ferreira. *Annaes da Ilha Terceira*, vol. 1, Imprensa do Governo, Angra do Heroísmo, 1850, p.17.**Data:****Lugar:**

E a serem chamadas geralmente ilhas dos Açores, e andarem estas aves pintadas nas varas dos ministros da justiça, e senadores das camaras¹⁸, serve de fundamento o terem-se achado em todas ellas abundancia de milhafres com que se confundiu o nome; porque os açores e falcões que se dizem encontrados nellas parecem tão fabulosos nestas ilhas¹⁹ como a phenis lá nas regiões d'Arábia.

19. Na estação invernososa apparecem nestas ilhas muitas aves arribadas, o que dá argumento ao povo para acreditar nas ilhas encobertas; comtudo na Terceira também se acham nos matos, e nos pomares, o *mocho* e o *bufo* que de noite guerreiam as outras aves estranhamente - *Illic vultures, hic luctifer bubo gemit*. Sen. in Herc. fur.

Nota: Não existem registos regulares de bufo-real (*Bubo bubo*), para os Açores. Desta forma, pensamos que o autor pretenderia referir-se ao bufo-pequeno (*Asio otus*), designado, um pouco indiscriminadamente, no continente, como ‘mocho’ ou ‘bufo’. Nos Açores, esta espécie (*Asio otus*) é chamada ‘mocho’. Existe também a possibilidade de se tratar de um erro de identificação, no caso da referência ser mesmo à espécie *Bubo*.

#99

Contribuidor/Informador:

Fonte: VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. “Estatinga Estantinga?” in *A Tradição, Revista Mensal de Ethnographia Portugueza*, vol. 1, Serpa, 1899, pp. 161-168.

Data:

Lugar:

Já viram *Wuotans Heer? das wütende Heer? o exercito bravio*, na forma attenuada em que a velha concepção da mythologia germanica, meio dissolvida, e com infiltração de pormenores estranhos, persiste na peninsula?

O cortejo lugubrememente phantastico desfila sempre a horas mortas, nas trevas e no silencio da noite, enquanto os sinos vão repetindo monotonos as doze badaladas.

Ou então nas horas crepusculares, ao *toque d'almas (ás Trindades ou Ave-Marias)*, quando os môchos começam a piar e o morcego atravessa os ares, adejando em torno de ermidas solitarias e torres de igreja. Não só no adro, nos cemiterios, mas tambem em olivedos e pinheiraes, nos montes e nas eiras dos lavradores é onde surge com mais frequencia. [...]

Em todo aquelle paiz [*Alemanha*] vigora entre o povo a crença que as almas não admittidas no ceo apparecem como aves noctivagas, ou em figura de luz, affastando o viandante do seu caminho. E vigora, como em Portugal, a fé que é preciso não só respeitar essas visões mas temê-las.

#100**Contribuidor/Informador:**

Fonte: JUNQUEIRO, Arronches. "Questionario Sobre as Crenças Relativas aos Animaes" in *A Tradição, Revista Mensal de Ethnographia Portugueza*, vol. 2, Serpa, 1900, p. 175.

Data:**Lugar:**

Entre as aves que presagiam a desgraça temos: Coruja, *Strix flammea* e *S. aluco*. Mocho, *Athene noctua*. Nilss. = Mocho grande, *Otus vulgaris*. Flem = Noitibó, *Caprimulgus europaeus*.

Piando sobre o telhado anunciam morte: A Coruja, *Strix aluco* e *S. flammea*. O noitibó, *Caprimulgus europaeus*, e o mocho, *Athene noctua*.

Nota: excerto das respostas coligidas entre os leitores da revista *Tradição*. Estas recolhas, realizadas sob a forma de um questionário, destinavam-se a integrarem um "estudo comparado de todas as crenças relativas aos animaes nos diversos paizes da Europa", levado a cabo pelo "eminente cientista" N. W. Thomaz.

#101**Contribuidor/Informador:**

Fonte: RIBEIRO, Mário de Sampayo. "Superstições, bruxedos e agoiros" in *Olisipo, Boletim Trimestral do Grupo 'Amigos de Lisboa'*, ano 15, n.º 58, Lisboa, 1952.

Data:**Lugar:**

Quem há hoje que sinta gelar-se-lhe o sangue quando ouve piar um mocho? Quero crer que ninguém, até pelo simples facto de nunca na vida ter adregado de escutar a agoireira ave, ou a coruja sua próxima parenta.

#102**Contribuidor/Informador:**

Fonte: BERNARDO, S., RICA, P. M. Fr. Joam Barba (trad.). *Espelho Monastico e Catholico, que em Discursos Moraes, e Predicaveis...*, No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra, 1756, p. 312.

Data:**Lugar:**

Tambem entendo, que pela mesma razão prohibio Deos a curuja ao seu povo. Porque a curuja em quanto apparece a luz do dia escondese, nem vê, nem anda, nem voa; mas tanto que chega a noute voa, e vê, e como ave de rapina, entre as trevas he que faz as suas prezas, sem perdoar aos Templos, e lugares sagrados. Assim os hypocritas, em quanto os vem, estão mortificados, e modestos, andaõ com passo grave, pezam e medem as palavras, prendem, e ataõ as mãos; mas em se achando sós, e sem testemunhas, não ha vicio, não ha deshonestidade, a que se não entreguem, e em que não cayam.

#103**Contribuidor/Informador:**

Fonte: T., A. J. (trad.). *Noticia da Mythologia, onde se contém em forma de dialogo...*, Na Typografia Rollandiana, Lisboa, 1780, p. 121.

Data:**Lugar:**

P. Qual a ave consagrada a *Minerva*?

R. Primeiramente foi a gralha; mas esta perdeo depois sua graça, por lhe ter dito cousas desagradáveis. O bufo, d'antes *Nyctimene*, foi admitido no seu lugar.

P. Porque razão foi *Nyctimene* convertida em moucho?

R. Foi em castigo do commercio incestuoso, que teve com *Nycteo* seu Pai, Rei de *Lesbos*; achando meio de o enganar para commetter este horrível crime. Eis-aqui porque ella foge da luz, e oculta a sua deshonra entre as sombras da noite; sendo aborrecida de todas as outras aves, como para representar, que ella tem sempre o seu crime diante dos olhos.

Nota: não estando directamente relacionado com a cultura popular portuguesa, mas com a mitologia romana, julgamos interessante recolher outro dos motivos (este mitológico) pelo qual as ‘corujas’ estão, irremediavelmente, consagradas à noite. Em *Metamorfoses*, Ovídio, Cornix, a gralha, lamenta-se por o lugar anteriormente ocupado por si, como ave sagrada de Minerva, ter sido tomado por *Nyctimene* e de como esta, envergonhada, não aparece à luz do dia.

#104

Contribuidor/Informador:

Fonte: BARREIRA, Catarina Alexandra Martins Fernandes. *Gárgulas: representações do feio e do grotesco no contexto português. Séculos XIII a XVI (Volume I)*, Tese de Doutoramento em Belas Artes (Especialidade de Ciências da Arte), Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, pp. 502, 504.

Data:

Lugar:

A ala Norte é sem dúvida a que apresenta mais gárgulas restauradas, pois temos somente um estranho dragão, de grandes olhos, asas e bico comprido e um mocho, retocado ao nível da cabeça.

[...]

Já na ala Oeste temos uma coruja e a gárgula seguinte, apesar de ter parte da cabeça partida, era um dragão gastrocéfalo, com uma face humana esculpida na barriga.

#105**Contribuidor/Informador:**

Fonte: MONTEIRO, Patrícia Alexandra Rodrigues. *A Pintura Mural no Norte Alentejo (séculos XVI a XVIII). Núcleos temáticos da Serra de S. Mamede (Volume I)*, Tese de Doutoramento em História (Especialidade História da Arte), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012, p. 90.

Data:**Lugar:**

A variedade de temas presentes em Olivença oscila entre os elementos geométricos (linhas, estrelas, etc), fantásticos (como a *princesa-coruja*, reminiscência das sereias da Antiguidade Clássica;...

#106**Contribuidor/Informador:** Herodiano

Fonte: Repositório da Universidade de Lisboa. Disponível na Internet: <http://repositorio.ul.pt/>

Data:**Lugar:**

INQ1 Um que anda durante a noite e que dá um, que diz cá-vai, cá-vai, cá-vai?

INF Que andam durante a noite? O pássaro que aparece aqui, e coisa... Às vezes aparecem dessa maneira.

A gente até lhe tem zanga. Será as corujas?

INQ1 Sem ser as corujas. Um que diz cá-vai, cá-vai, cá-vai?

INF Oh, e há os mochos, também são danados (para um coiso).

INQ1 Rhum.

INF Há um pássaro que é um mocho que é danado para andar também de noite.

INQ1 Mas ainda é outro. Ainda é outro.

INF Mas esse também já não há muito. Já há poucos mochos.

INQ1 Pois.

INF [Risos] (...) Também há já pouca coisa dessas. É também já raro encontrar-se. [Risos] É quase tudo cornudo, já não há mochos. [Risos]

INQ2 Eu não estava a perceber. Não estava a perceber a piada.

INF Está aqui uma mulher, além no largo, que ainda agora quando você estava falando ali comigo, estava ali o marido agachado. O marido dessa mulher estava ali agachado. E depois um dia foram os dois aí – ele tem uma espingarda –, foram os

dois (...) na bicicleta, conta ele. Ele é que conta isto. Diz ele: "Espera lá que eu vou matar aquele pássaro que está ali". Começa a andar com a espingarda de roda do coiso, e ela (...) encostada à bicicleta (...) à espera de ele vir. E ele não vinha. "Então o que é que andas aí fazendo"? "Ando a ver se mato aqui um mocho". [Risos] A mulher é um bocadinho assim simplória, diz-lhe assim: "Deixa já o passarinho! Então se tu fosses mocho também gostavas que te matassem"?! [Risos]

*[...] d'onde não posso crêr, que haja quem batendo com a mão na testa,
não se atreva a dizer seu pouco, ou seu muito.*

(D. Francisco Manuel de Melo, *Feira dos Anexins*, 1875)

**PROVÉRBIOS • ADÁGIOS • RIFÕES • ANEXINS •
DIZEDELAS • PARÉMIAS • DITOS • DITADOS • APODOS**



Toni Alver
2017

Provérbio

«Perde-se incontestavelmente na noite dos tempos a origem dos provérbios. Nesses conceituosos dizeres, ora inspirados nos diversos misteres da vida prática, ora filiados num facto histórico, ou num episódio mitológico, ora derivados de um simples apólogo, já colhidos no campo das letras, já no campo das ciências, já no campo das artes, inclusivamente mesmo no variadíssimo campo dos diversos reinos da Natureza, - força é de reconhecer que o instinto popular soube pitorescamente reunir um precioso tesouro de filosofia.

Vico em seu entusiasmo pelos provérbios não hesita em chamar-lhes a linguagem dos deuses.

Nem é só a filosofia moderna que em tão grande conta e consideração os tem, - porquanto já nos remotos tempos da Antiguidade lhes ligavam importância extrema os filósofos todos.

Em confirmação do que deixamos exposto, basta dizer que essas sete celebridades, - cujo prestigioso influxo a posteridade ficou respeitosamente venerando sob a designação genérica de os sete sábios da Grécia, - preconizaram assaz e propagaram mesmo com a prática do próprio exemplo a vulgarização do provérbio como fórmula adequadíssima à propagação dos preceitos e doutrinas filosóficas.

Se dos filósofos propriamente ditos volvemos a atenção para os antigos poetas gnómicos da Grécia, neles encontramos também da mesma forma autorizado, exemplificado, aconselhado, o uso dos provérbios.

Nem qualificação melhor poderemos certamente achar do que florilégio de provérbios para os célebres *Versos Áureos* de Pitágoras, - versos em que, sob a forma de axiomas, se nos depara expressa a doutrina deste famoso filósofo, e que o professor Luís António de Azevedo traduziu do grego para português publicando-os em 1795, ilustrados com escólios e anotações críticas.

Teognis (o autor das *Senteças elegíacas*), Sócrates, Platão, Clearco, Teofrasto e vários outros, são ainda frisantes exemplos de muito apreço em que entre os sábios da antiguidade eram tidos os provérbios, - quer se tratasse de vulgarizar princípios científicos propriamente ditos, quer se tivesse em vista popularizar preceitos de doutrina moral.

De provérbios se serviram frequentemente os sacerdotes do paganismo, quando pela boca dos supostos oráculos transmitiam seus ditames aos povos.

De provérbios lançaram muitas vezes mãos os legisladores, para mais facilmente levarem a efeito a promulgação das leis.

E tão recomendáveis vieram a ser, tão respeitáveis, tão veneradas e veneradas se tornaram estas máximas de vida prática entre os povos da antiguidade, que não duvidavam eles – para incessantemente as terem presentes ao espírito – inscrevê-las nos monumentos públicos das cidades e mesmo das povoações rurais.

Referindo-se ao assombroso número destas inscrições, que nos povoados da Atica se liam a cada canto e a cada passo, - costumava Platão dizer que, para seguir um curso completo de Moral, bastava apenas percorrer de um cabo ao outro aquela região.

Se da Grécia passamos para Roma, ainda aí se nos depara pronunciadíssima a tendência para os provérbios. Júlio César, que sob o título de *Apotegmas*, formou deles uma preciosa colecção, sustentava que os provérbios se deviam considerar mananciais riquíssimos de utilidade e bom Conselho para a vida prática, visto que implicitamente instigavam a praticar tal ou tal acção – *Ad agendum* (em latim); daqui veio a derivar-se a palavra *adágio* (do latim *adagium*), nome por que também se designa hoje qualquer provérbio (mormente os que têm já foros de antiquado ou obsoleto).

Na opinião tanto dos rabinos como dos padres da Igreja, Salomão (1082 – 975 A.C.) passa por ser o mais antigo que se conhece entre os coleccionadores de provérbios. Este sábio, monarca de Israel, recomendava – como importantíssimo e sobre todos excelente meio para adquirir a virtude – estudar e profundar o sentido misterioso dos provérbios, aos quais costumava ele chamar *vozes da sabedoria*.

E sua especial predilecção por este género de literatura filosófico-moral, assaz a exemplificou o ilustrado príncipe, não desdenhando ocupar as horas de ócio em compendiar os provérbios da nação a que presidia, nos três livros que nos deixou e que figuram entre as mais apreciáveis páginas do Velho Testamento, tais são o chamado Livro dos Provérbios, o Eclesiastes e o Livro da Sabedoria.

Verdadeiro complemento destes três se pode considerar ainda outra colecção de provérbios que também se nos depara na Bíblia e que constitui o chamado *Eclesiástico*, - livro atribuído a um tal Jesus, judeu de Jerusalém, que floresceu por fim do século III antes da era cristã.

Os povos do Oriente possuem todos grande cópia de provérbios, - notáveis geralmente pelo conceituoso das imagens.

Meidani (um escritor persa que floresceu no século XII da nossa era) compôs em arábigo um “Livros Provérbios”, (*ketab-al-Amthal*), - curioso florilégio que, no século XVII, o ilustre orientalista e filósofo Eduardo Pocok traduziu em latim, contribuído desta arte para tornar conhecida na Europa uma obra que tanta reputação deveu no Oriente o seu autor. Passam de 6.000 os provérbios coligidos no livro de Meidani.

Se há época, porém, na qual os provérbios formem, por assim dizer, o verdadeiro fundo intelectual da sociedade humana, é na Europa a quadra e historicamente designada sob a denominação de Idade Média. Não queremos dizer com isto, que todo este largo período apresentasse como forma exclusiva ou predominante de manifestação literária os provérbios; - mas é na Idade Média que o provérbio, mais do que nunca, assume foros de primazia para conglobar e resumir preceitos científicos ou morais; é na Idade Média que brotam as estrofes do *Hava-Mal*, espécie de poema gnómico, onde figura uma notável colecção de provérbios escandinavos; é na Idade Média que floresce a célebre escola de Salerno, cuja voga e popularidade se filiou especialmete na forma aforística de provérbios que ali se adoptou para a vulgaridade de seus ditames médicos.

Jacopone de Todi (poeta ascético italiano), que floresceu entre o século XIII e o século XIV, e a quem alguns querem atribuir a prosa rimada do célebre cântico sacro *Stabat Mater* compôs para uso dos seus compatriotas um poema, em que reuniu os mais selectos preceitos da filosofia popular.

Nem mesmo com o alvorecer da Renascença esmoreceu a predilecção pelos provérbios: Miguel Apostólio coligiu deles uma grande porção; Scaligero trouxe a público os versos paremiacos dos gregos; Polídoro Virgílio compôs um vocabulário de provérbios.

Em 1500, deu Erasmo a lume 800 provérbios gregos e latinos; dezassete anos depois, estava aquele número noutra edição elevado a mais de 4.000.

Nos séculos XVI e XVII, continua ainda a vigorar o provérbio como forma literária muito aceite e seguida.

Tanto, porém, o quiseram popularizar, tanto o quiseram vulgarizar os diversos escritores, nem sempre dotados do conceituoso e fino que em provérbios se requer, - tanto de provérbios se usou e abusou, tão exageradamente se fez deles constante aplicação muitas vezes sem gosto nem critério, ou, como vulgarmente se diz, sem tom nem som, - que enfim chegou para os provérbios a hora do descrédito e da decadência.

Em duas grandes categorias se podem os provérbios dividir: - provérbios *gerais*, e provérbios *particulares* ou locais.

Os provérbios gerais exprimem geralmente uma ideia moral ou prática, - verdade axiomática aceite igualmente por todos os povos, e reproduzida por imagens mais ou menos análogas (às vezes até por vocábulos equivalentes) em todos os países.

Os provérbios particulares ou locais devem ordinariamente sua origem a um facto histórico, a um costume local ou a uma aventura singular. Há neles portanto (ao inverso do que sucede nos provérbios gerais) uma originalidade especialíssima que caracteriza a localidade ou a ocasião em que eles se originaram (...).

Muitas cerimónias e costumes antigos se encerram nos provérbios. Eles são o depósito de toda a Antiguidade. Neles se topam muitas vezes motejos agradáveis e conceituosos aos perversos costumes dos homens. O grande Cambden lhes chama um discurso conciso, espirituoso, sábio, e fundado numa longa experiência que ordinariamente contém alguma notícia importante e útil.

Do que se segue que os provérbios são aquelas máximas concisas que encerram muito sentido; mas que costumam ser declarados com um estilo familiar, e que não deixam de ter seu lugar na conversação e ainda nos discursos sérios; e apontados com ordem, com escolha, dão beleza à oração e renovam a lembrança dos séculos afastados de nós, e nos mostram o que os povos têm de mais polido e grosseiro.

Cardano no Livro da Sabedoria diz que a prudência e a sabedoria de cada nação consiste nos provérbios.

Provérbio (em latim *proverbium*, - vocábulo em cuja formação entra o substantivo *verbum* (“palavra”) e o prefixo *pro*) torna-se vulgarmente como sentença ou máxima, que o uso popularizou e consagrou.

Aplicado embora pelo comum das pessoas no mesmo sentido que *adágio*, o *provérbio* é frequentemente reservado para aquelas máximas ou sentenças que apresentam origem bíblica (o que tem sua explicação no título *Livro dos Provérbios* com que a *Vulgata* designa a interessante colecção dos sábios preceitos atribuídos no Velho Testamento a Salomão) (...).

São estes princípios donde os Provérbios nasceram, dez, segundo os que melhor consideram: 1) dos Oráculos ou dos Profetas; 2) dos ditos dos Sábios; 3) das fábulas dos Poetas; 4) das comédias que se representaram em teatros; 5) dos acontecimentos; 6) das histórias; 7) das fábulas em que os brutos animais se introduzem falando; 8) das palavras ditas a caso; 9) dos costumes ou condições das gentes ou do homem ou da natureza dos brutos ou das plantas, pedras ou das criaturas; 10) de alguma coisa preciosa ou artificiosa e vulgarmente conhecida por maravilhosa e insigne.

De tão copiosa semente nasce um bosque de muitas e várias maneiras de Adágios, no qual é coisa trabalhosa distinguir propriamente os Ditos dos Adágios e Sentenças, ou pelo contrário. Por onde basta dizer que as Sentenças e os Ditos se estendem mais larga e copiosamente, e que, às vezes, se contém debaixo deste nome Adágio, o que se determina mais pelo uso e gosto universal do que pelas regras e definição.

Na prática usual da linguagem vulgar, confunde-se frequentemente *adágio* com *provérbio*. Há, porém, quem de preferência reserve a palavra *adágio* para com ela designar o *provérbio* antiquado.»

CUNHA, Xavier da, *Filosofia Popular Em Provérbios*, 3-8, 1902, in *Vozes da Sabedoria*, Maria de Sousa Carrusca (coordenação).

Adágio

«É nos adagiários que se nos deparam as primeiras colecções de elementos populares; (...) nem todas estão porém no mesmo caso, umas a respeito das outras: há colecções com intuito exclusivamente filosófico; outras com intuito exclusivamente moral; outras ao mesmo tempo com os dois intuítos (...). Os adágios relacionam-se muitas vezes com ideias místicas antigas e contos populares; por isso bem se vê como o seu estudo é útil. Além de conterem alusões a ideias ou costumes que já não vigoram, formam o código do lavrador, e são também fecundo reportório de bons conselhos.»

VASCONCELOS, José Leite de, *Ensaios Etnográficos*, IV, 3, in *Vozes da Sabedoria*, Maria de Sousa Carrusca (coordenação).

Ditado

«Vejam os em que o ditado consiste.

Ditado exprimiu primitivamente a ideia de trova em cantiga; o marquês de Santillana fala dos *decires* portugueses; e entre nós *dizidor* era o poeta do povo que exprimia nos seus versos pensamentos conceituosos sob a forma satírica e jovial. Assim se expressam no artigo *Adágio* os supra-mencionados coordenadores do já citado *Tesouro da Língua Portuguesa*. Mas no artigo *Ditado* confessam que este vocábulo se emprega comumente na significação de provérbio ou adágio.

Ditado se chama efectivamente na linguagem corrente ao adágio ou rifão popular.»

CUNHA, Xavier da, *Filosofia Popular Em Provérbios*, 16, 1902, in *Vozes da Sabedoria*, Maria de Sousa Carrusca (coordenação).

Parémia

«Parémia (em grego *paroimia*) se chama na versão dos Setenta ao livro dos Provérbios. *Parémia* é um vocábulo que significa “alegoria” ou “parábola”; nos *Provérbios de Salomão*

abundam efectivamente as alegorias ou parábolas. *Parémia* se chama ainda hoje a uma expressão proverbial em que predomina a feição alegórica, por vezes mesmo repassada de um certo tom de ironia.»

CUNHA, Xavier da, *Filosofia Popular Em Provérbios*, 9, 1902, in *Vozes da Sabedoria*, Maria de Sousa Carrusca (coordenação).

Rifão

«Análogo ao anexim, ao adágio e ao provérbio, temos nós ainda o rifão. Evidentemente derivado do *refrain* francês ou do *refran* castelhano, o *rifão* (ou *refrão*, conforme antigamente diziam) é propriamente o provérbio que anda na boca do povo (...).

Diz o sr. Teófilo Braga: “o provérbio ou rifão popular tem sempre uma forma poética com certa assonância; as regras práticas da vida, os conselhos da agricultura, descobertos e confirmados pela experiência, gravam-se na memória, como uma ciência hereditária, pela harmonia do ritmo; sucede o mesmo com as regras de direito, pela música da aliteração e tautologia”.

Sensatas e conceituosas se nos atolham, e como tais as transcrevemos aqui, as reflexões que o padre Roquete apresenta em seu *Dicionário de sinónimos da língua portuguesa*, quando discute a questão da sinonímia entre os diversos vocábulos de que nos estamos ocupando. Diz ele: “Estes três últimos (o provérbio, o adágio e o rifão) que frequentemente se confundem, diferenciam-se em que o *adágio* é mais vulgar que o *provérbio* e de uma moral menos austera, e que o *rifão* dá sempre a introdução por meio de alguma alegoria ou metáfora. Além disso o *provérbio* é grave e seco; o *adágio*, singelo e claro; o *rifão*, agudo, chistoso e muitas vezes de um estilo baixo. Em rigor todo o *rifão* e todo *adágio* é *provérbio*; porém, não falaria com propriedade o que chamasse *adágios* ou *rifãos* aos *provérbios* de Salomão.”

Acerca dos rifões mui galantemente se expressa pela forma seguinte o nosso D. Francisco Manuel de Melo na *Carta de Guia de Casados*: “Diz um antigo ditado: *Quem não tem marido, não tem amigo*. Diz outro: *Quem tem mulher, tem o que há mister*. E na verdade assim é entre os bons casados; e os rifões, senhor N., sentenças são verdadeiras que a experiência, suma mestra das artes, pronunciou pelas bocas do povo.”

Daqui podemos dizer que o espirituoso autor dos *Apólogos Dialogais* encontrava sinonímia entre *ditado* e *rifão*.»

CUNHA, Xavier da, *Filosofia Popular Em Provérbios*, 15-16, 1902, in *Vozes da Sabedoria*, Maria de Sousa Carrusca (coordenação).

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEVES, Henrique das. “Glossário de palavras, locuções e anexins, etc.” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 5, Antiga Casa Bertrand, Lisboa, 1897-1899, p. 229. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:**Lugar:**

- Cada mocho no seu souto;

[Galiza, Espanha]:

- Cada moucho no seu souto;
- Moito pode o moucho no seu souto;
- ¡Moucho!, damo e doucho.

(In Eladio Rodríguez Gonzalez. *Diccionario enciclopédico gallego-castellano*, vol. 3, Editorial Galaxia, 1961, p. 653.)

Nota: Apesar de as recolhas efectuadas incidirem apenas no território português, seu património material e imaterial, é feita esta menção aos adágios galegos, por serem semelhantes, em forma e conteúdo, aos portugueses, em particular aos que têm raízes minhotas. Neste caso, é bem patente a proximidade histórica e cultural existente entre estas duas regiões, a Galiza e o Minho. A relação do povo com estas aves é, em Espanha, de forma semelhante ao que sucede em Portugal, revestida de alguma superstição:

“El pueblo es supersticioso en cuanto á la muerte se refiere. [...] toma por anuncio de la muerte el grito de la lechuza que revolotea por los tejados de la misma casa.”.

Para uma informação mais detalhada sobre algumas superstições relacionadas com as rapinas nocturnas, em Espanha, consultar: *Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas*, vol. 1, Francisco Alvarez y C.^a - Editores, Sevilla, 1883.)

#02

Contribuidor/Informador:

Fonte: PARENTE, Salvador. *O Livro dos Provérbios*, Âncora Editora, Lisboa, 2005.

Data:

Lugar:

- Coruja não acha os filhos feios;
- Qual a coruja que não gaba o toco?

#03

Contribuidor/Informador:

Fonte: PIRES, A. Thomas. “Investigações Ethnographicas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 15, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1912, p. 254. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

- Cada mocho a seu coito.

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAGA, Theophilo. “Adagiário Português” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 17, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1914, p. 236. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

- Coruja de serão, água na mão.

(in Jorge Ferreira Vasconcellos. *Ulyssipo*.)

Nota: Aparece igualmente em: ROLLAND, Francisco. *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes*, 1841.

#05

Contribuidor/Informador: Maria Teresa Dias, 51 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Outubro 2015

Lugar: Lisboa

- Quem segue um mocho, vai ter a ruínas.

#06

Contribuidor/Informador: Carlos Alberto Nunes Almeida, 52 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Outubro 2015

Lugar: Sintra

- Achou ninho de guincho.

O meu avô chamava ‘guincho’ ao bufo-real. E este provérbio, dizia ele, era utilizado sempre que alguém encontrava algo valioso, pois o ninho desta ave, dizia o meu avô, está sempre recheado de comida para os filhos.

Nota: Após esta recolha (não conhecíamos, atribuído ao bufo-real, o nome ‘guincho’) encontrámos duas descrições semelhantes:

- “O Bufo, ou Guincho” in *O Archivo Popular*, vol. 2, Typ. de A. J. C. da Cruz, Lisboa, 1838, p.281. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=hG0-AAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>
[consult. em 2015.10.28]

- Alberto Pimentel. *Ninho de Guincho*. Typ. da Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1903, p.5. Disponível na Internet: <https://archive.org/stream/ninhodeguincho00pimegoog#page/n9/mode/2up>
[consult. em 2015.10.28]

#07

Contribuidor/Informador: Luís Gordinho e Ricardo Tomé

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Outubro 2015

Lugar: Castro Verde

- Mocho em Janeiro... é melhor do que carneiro.

#08

Contribuidor/Informador:

Fonte: "Tratado de Lopo de Figueiredo" in *Annaes das Sciencias e das Lettras*, Tomo I, Lisboa, 1857, p.561.

Data:

Lugar:

- Tempos havia para usar de coruja, e outros tempos para usar como falcão.

(Dito de D. João II a Lopo Figueiredo.)

#09

Contribuidor/Informador:

Fonte: PIRES, A. Thomaz. "Vocabulário Alentejano" in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 10, Imprensa Nacional, Lisboa, 1907, p. 251. Disponível na Internet:

<http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar: Alentejo

- Gritar ao môcho - gritar álerta!

#10

Contribuidor/Informador: Maria Vera Pereira Dias Sequeira, 70 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Outubro 2015

Lugar: Mem Martins, Sintra

- Tem cara de coruja;
(diz-se normalmente de mulher com rosto magro, nariz fino e comprido)
- Feio como uma coruja;
- É como a coruja, só sai de noite;
(diz-se de quem tem hábitos nocturnos)
- Mãe-coruja.
(diz-se de mãe que protege excessivamente os filhos; também 'mãe-galinha')

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Cândido de Figueiredo - 1913.

Disponível na Internet: <http://www.dicionario-aberto.net/estaticos/about.html>

Data:

Lugar: Alcanena

- Ou *cuco* ou *mocho*, ou uma coisa ou outra.

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, José Diogo. "Linguagem Popular de Turquel" in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 28, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1930, p. 169. Disponível na

Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

- Olhos de mocho, olhos de gato.

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: CHAMBINO, Eddy. *Pastores, Guardiões de Uma Paisagem*, Município de Idanha-a-Nova, 2008, p. 146. Disponível na Internet: <http://www.cm-idanhanova.pt/>

Data:

Lugar:

- Assentar o cú no mocho.

Ir a tribunal.

Nota: Mocho = banco.

#14

Contribuidor/Informador: João Paulo Lopes, 54 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Novembro 2015

Lugar: Alentejo

- Cabeça de mocho;

Expressão utilizada, na columbofilia, para designar os pombos que têm os sacos lacrimais inchados [doença]. Diz-se isto, pois eles ficam com cabeça grande, de mocho.

- Sair o pombo mocho.

Expressão popular no Alentejo, que significa ‘ver falhar as expectativas’. Não está relacionado com a columbofilia.

Nota: “Sair o pombo-mocho” parece ser igualmente uma expressão utilizada pelos caçadores quando, por azelhice, ao disparar para um bando de pombos, algum deles mata um mocho que se encontra abrigado numa árvore.

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Provérbios”. *Citador*. Disponível na Internet: <http://www.citador.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.13]

Lugar:

- Coruja não tem papo.

#16

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEUTRAL, J. “Diagnóstico pelos Olhos” in *O Século Cómico*, n.º 1034, Alexandre Augusto Ramos Certa, Lisboa, 1917, p. 2.

Data:

Lugar:

- Lindos olhos tem o mocho.

[...] Já sabíamos que quando se dizia de alguém “lindos olhos tem o mocho” tal expressão era irónica e indicava que o dono ou dona dos olhos que apresentavam a terna serenidade dos do mocho a tinha pregado ou estava para pregar.

#17

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Rifoneiro de Coura, A Sabedoria Popular”. *Padornelo*. Disponível na Internet: <http://padornelo.blogs.sapo.pt/45795.html>

Data: [consult. em 2015.11.21]

Lugar:

- Carne de mocho em Janeiro é melhor que de carneiro.

#18

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAZÃO, José Ruivinho. *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*, Notícias Editorial, Lisboa, 1998, pp. 175-182.

Data:

Lugar:

- Quem quer saber compra um mocho;
- Queres saber, compra um mocho.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAGA, Theophilo. *Cancioneiro Popular, Colligido da Tradição*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1867, p. 185. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=A4EgXZBhsEkC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

- Coruja de Verão, água na mão.

#20

Contribuidor/Informador:

Fonte: TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova. *As Comparações Fixas na Língua Portuguesa: Essência, Estrutura, Função, Relações Semânticas, Classificação*, XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, FLUC, 2006, p. 654. Disponível na Internet: <http://www.apl.org.pt/actas/xxii-encontro-nacional-da-associacao-portuguesa-de-linguistica.html>

Data:

Lugar:

- Feio como uma coruja.

#21

Contribuidor/Informador: António Mendes Gonçalves, 75 anos

Fonte: recolha oral (A. Gonçalves)

Data: Dezembro 2015

Lugar: Lousã

- És mocho?

Em tom de brincadeira, perguntar a alguém “és mocho?” pretendia sugerir que, a essa pessoa, lhe faltariam os cornos/chifres.

- És pior que as corujas!

Na serra da Lousã existia a crença de que as corujas bebiam o azeite. Deriva daí o dito: *és pior que as corujas!* – referindo-se a quem punha muito azeite no prato.

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: MONTEIRO, Maria Ondina de Oliveira Pinto. *Relatório de Estágio Curricular*, PNDI, Instituto Politécnico da Guarda, 2011.

Data:

Lugar:

- Bufo em janeiro é melhor do que carneiro.

#23

Contribuidor/Informador: Teresa Moreira Vaz Oliveira, 71 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Dezembro 2015

Lugar: Peso da Régua

- Que leve o teu coiro o mau agoiro.

Expressão que o meu pai, natural de Peso da Régua, dizia ao ouvir uma coruja piar.

#24

Contribuidor/Informador: Carlos Portela, 44 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Dezembro 2015

Lugar: Alentejo

- Tarde piaste, triste mocho.

Expressão utilizada pelos meus pais (alentejanos) quando alguém dá tardiamente uma opinião sobre um assunto qualquer.

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Rifões Populares”. *Município de Mirandela*. Disponível na Internet: <http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=3652>

Data: [consult. em 2016.01.06]

Lugar: Bragança

- Cada moucho a seu soucho.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: ver #45, *Vocábulos*

Data:

Lugar:

- [*Estou às moutchas.*]

Nota: Encontrámos o vocábulo 'moutchas' ('às escuras'). Não foi possível apurar se utilizado desta forma.

#27

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Termos / expressões utilizados no Alentejo Litoral”. *Evita*. Disponível na Internet:

http://comunidade.sol.pt/blogs/3vita/archive/2007/07/03/Alentejan_EA00_s.aspx

Data: [consult. em 2016.02.22]

Lugar: Alentejo

- Coruja-Azeiteira.

Pessoa que não nos é agradável (calão).

#28

Contribuidor/Informador: Carlos Portela, 44 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Fevereiro 2016

Lugar: Alentejo

- Dar um mocho.

O meu pai utilizava a expressão “dar um mocho” quando, no jogo da malha, o adversário acabava o jogo sem conseguir pontuar, perdendo.

#29

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAGA, Teophilo. *Introdução e Theoria da Historia da Litteratura Portuguesa*, Livraria Chardron, Porto, 1896, p. 260.

Data:

Lugar:

E na farça do *Clerigo da Beira*, diz também Gil Vicente:

- Mas são Lobos para mochos,
E Raposas de nação.

Nota: FEIO, José Victorino Barreto, MONTEIRO, J. C. *Obras de Gil Vicente, Correctas e Emendadas...*, Tomo 3, Na Officina Typographica de Langhoff, Hamburgo, p.236:

- Mas são lobos para michos,
E raposos de nação.

#30**Contribuidor/Informador:**

Fonte: “L Sagrado – O Fórum Sendinês”. *Sendim em Linha...* Disponível na Internet: http://www.sendim.net/login/forum_l_sagrado/message_topicos.asp?fr=34&tp=207&mid=&id=&PagePosition=&fname=Ditos%20Dezideiros%20Mirandeses%20I%20Outros%20Ditos&Tnome=Nuobos%20ditos%20y%B4%20Publicados%20an%20L%20SAGRADO

Data: [consult. em 2016.02.04]

Lugar:

- Bai a chober, canta la cruja.
- Bai a chober, canta el moucho.

#31**Contribuidor/Informador:**

Fonte: MEDEIROS, Walter de Sousa. “Fragmentos de Metro Incerto” in *Hvmanitas*, vols. 13 e 14, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961-62, p. 196.

Data:

Lugar:

- Grasnava o toupeirão para a estrumeira.

Imaginamos que se trate de uma expressão proverbial, para dizer: «o imundo busca, naturalmente, a imundície»; ou «estivemos a trabalhar em pura perda» [...] Mas não é de enjeitar a possibilidade, mais remota, de que sob o nome da ave se oculte a referência a um inimigo [...] Thompson propõe identificar [toupeirão] com a coruja (*Gloss, of Gr. birds*, p. 108); e alguns naturalistas julgam-se autorizados a incluí-la, com arbitraria precisão, em uma espécie provida de grandes orelhas [...].

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: TEIXEIRA, José. “Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal”, *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, n.º 21/1, Universidade do Minho, Braga, 2007, pp. 207-239.

Data:**Lugar:**

- Mochos.

Família que tem olhos grandes e esbugalhados como os mochos.

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: VIEIRA, Yara Frateschi. “Carolina Michäelis e a Lírica Galego-Portuguesa” in *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras, Porto, 18, 2001, p. 76.

Data:**Lugar:**

- Ama.

Quero salientar apenas que a identificação de Urraca Guterres Mocha como a “**ama**” da cantiga baseia-se fundamentalmente num argumento linguístico, ou seja, o facto de um tipo de coruja ou mocho (a *strix nocturna*) ser conhecida na Idade Média pelo nome latino de “**amma**”, conforme se anota nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha: “Joam Soares Coelho estaria assim a referir-se não a uma ama mas a uma mulher nobre a quem por alcunha chamavam (como é repetidamente afirmado nas suas cantigas) ‘amma’ (Mocho)”.

Esta ama, cuj’ é Joan Coelho,
per boas manhas que soub’ aprender,
cada u for, achará bon conselho:
ca sabe ben fiar e ben tecer
e talha mui ben bragas e camisa;
e nunca vistes molher de sa guisa
que mais límpia vida sábia fazer

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: CAPELÃO, Joaquim Carrilho. “Alcunhas dos Alpalhoenses”. *Portal de Nisa*.

Disponível na Internet: <http://jornaldenisa.blogspot.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.11]

Lugar:

Alcunhas dos Alpalhoenses

Temos o Senhor Catrouxa

E os populares Bacalhóças

Temos os Mouchos e Mouchas

Já se finaram os Motas.

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: CARVALHINHO, Miguel Nuno Marques. *Música de Tradição Oral em Alcongosta, Alpedrinha, Casal da Serra, Castelo Novo, Louriçal do Campo, S. Vicente da Beira, Soalheira e Souto da Casa*, 2010, anexo 2, p. 55.

Data:

Lugar:

• Corujeiros.

Eram assim chamados (“por viverem na serra”) os habitantes de Alcongosta, concelho do Fundão.

Nota: “Já ninguém guarda na memória a origem desse hábito de fuga à tutela da serra, assente em raízes de coragem e espírito de aventura, que determinou pouco a pouco a migração periódica da maior parte dos homens da aldeia. Morreram os mais velhos de todos, que já na juventude eram conhecidos pela designação de corujeiros, os homens que espalhavam pelas províncias próximas ou longínquas o nome de Alcongosta e se tornavam conhecidos pela sede de trabalho, a energia sem limites e o espírito comercial aceso.” (VENTURA, Mario. *Morrer em Portugal*, Livraria Bertrand, Amadora, 1975.)

#36

Contribuidor/Informador:

Fonte: VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram : obra indispensável para entender...*, 2.^a ed. rev., A. J. Fernandes Lopes, 1865, p. 240. Disponível na Internet: <http://purl.pt/13944>

Data:**Lugar:**

- Corugeira.

Pardieiro, povoação vil, sítio penhascoso, e só proprio para criar curujas.

#37

Contribuidor/Informador:

Fonte: HERMINII, Herminia (José Rabaça Gaspar). *Nominalia, ou a Festa dos Nomes...da Minha Sterra, Serra da Estrela, Manteigas...*, Corroios, 2005, p. 427. Disponível na Internet: https://books.google.pt/books?id=UzOtOLiBomYC&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s

Data: [consult. em 2015.10.27]**Lugar:**

- Mocho.

[...] na terra havia o Joaquim MOCHO... que era pouco macho...

#38

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza, Composto por...* 4.^a ed., Na Impressão Regia, Lisboa, 1831, p. 342-493. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=OkZDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:**Lugar:**

- Carismôcho.

adj. ch. De cara redonda, e feya. *Blut.* parece devemos dizer *Carimocho*, de cara triste como o mocho.

- Crujár.

v. n. Cantar ou soltar a voz a Coruja, e outras aves assim dissonoras, de som triste, e agoureiro de casos funestos.

Nota: Carismôcho. *adj.* (Por *carimôcho*, de *cara* e *môcho*; ep. *Carinegro*, *Cariredondo*; o “s” será devido à analogia de *cabisbaixo*, *cabiscaído*; ou será a palavra composta de *caris* e *môcho*? Vid. *Cariz*. Termo popular. Cara redonda e feia. (in VIEIRA, Domingos. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, Chardron e Moraes, Porto, 1873. vol. 2, p.112.)

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: FRADINHO, Manuel Gomes. “Maneiras de Dizer Alentejanas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 31, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1933, pp. 110-114. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

- Zangamôcho.

Indivíduo mal feito.

#40

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). “Toponímia” in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. 10, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, Bragança, p. 111. Disponível na Internet: <http://issuu.com/lelodemoncorvo>

Data:

Lugar:

- Curujas.

ou Corujas, como escrevem modernamente. O povo bragançano ainda hoje emprega as frases: *cucãina* (terra onde canta ou habita o cuco), *corujeira* (idem da coruja), para indicar terrenos de pouco valor, falhos de qualidade produtivas. Significam o mesmo conceito dizendo: é terra onde canta o pernil.

#41

Contribuidor/Informador: Nuno Raminhos, 41 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Dezembro 2015

Lugar: Alentejo

- Óculos de mocho.

A minha mãe contou-me que, quando era nova, chamavam “óculos de mocho” aos óculos com lentes redondas.

#42

Contribuidor/Informador:

Fonte: *Bisnau* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Bisnau>

Data: [consult. 2016-02-08]

Lugar:

- Pássaro bisnau.

Pessoa finória e astuciosa, capaz de enganar, velhaco.

(Do português antigo *avezimau*, do latim *avis mala*, «ave de mau agouro».)

Nota:

— Poltrão !

— Coruja !

— Avezimau!

Eh ! que te arranco a vista !

Espeto-te este pau !

(Jaime Cortesão, *Egas Moniz*, 1918)

#43

Contribuidor/Informador:

Fonte: CÊO, Soror Maria do. *Aves Ilustradas em Avisos Para as Religiosas Servirem os Officios dos Seus Mosteiros*, Officina de Miguel Rodrigues, Lisboa, 1734, p. 151.

Disponível na Internet:

<https://books.google.pt/books?id=KqhgAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

- Corujas.

[...] nós as corujas, porque temos os toucados de Freiras, nos não deo a natureza huma penna de cor [...].

#44

Contribuidor/Informador: Bruno Almeida, 44 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Fevereiro 2016

Lugar: Sintra

- Coruja de sacristia.

Pessoa excessivamente moralista ou falsamente religiosa.

#45

Contribuidor/Informador: Maria Luísa Santos, 66 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Fevereiro 2016

Lugar: Sintra

- Dizem que a coruja era filha de um padeiro.

#46

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Carta Constitucional” (in *O Velho Liberal do Douro*, n.º 5, 1833, p. 35) in *Collecção dos Numeros do Velho Liberal do Douro*, Impressos na Cidade do Porto..., Na Imprensa da Rua dos Fanqueiros, Lisboa, 1933.

Data:

Lugar:

- A coruja não frequenta as Igrejas pelos Santos, mas pelo azeite das alampadas.

#47

Contribuidor/Informador: Rui Arimateia

Fonte: Câmara Municipal de Évora / Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP

Data: Maio 2016

Lugar:

- O mocho não entra no ninho da calandra;
- A ave de bico encurvado, guarda-te dela como do diabo;
- Cada mocho, em seu souto;
- Coruja não acha os filhos feios;
- Coruja não tem papo;
- Corujas no serão, água na mão;
- Quem quer saber, compra um mocho;
- Quem segue um mocho, vai ter a ruínas;
- Queres saber, compra um mocho;
- Todos têm na vida, tempo de coruja e tempo de falcão.

Nota: Gentilmente enviado pelo Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP – Câmara Municipal de Évora.

#48

Contribuidor/Informador: Rota Tons de Mármore, Compadres

Fonte:

Data: Junho 2016

Lugar:

- Olho-de-mocho.

Nas pedreiras de mármore, o olho-de-mocho refere-se à dolomitização secundária do mármore calcítico, que origina espaços onde posteriormente os cristais de calcite podem cristalizar e, por vezes, originar formas semelhantes ao olho de um mocho.

#49

Contribuidor/Informador:

Fonte: GANDRA, Manuel J.. *Florilégio de Tradições do Concelho de Mafra*, Casa do Povo de Mafra, Mafra, 2013, pp. 156-276..

Data:

Lugar:

- Seu filho de um mocho !

Usavam a expressão: “seu filho de um mocho!”, ao ralhar com um rapazito. Outra forma de chamar cornudo disfarçadamente.

- Mocho de quatro orelhas.

Chavelhudo.

- Se deres agoiro que te venha pelo coiro que arrebetes e dês um estoiro.

[Ao ouvir um mocho]

#50

Contribuidor/Informador:

Fonte: CABRAL, A. M. Pires. *O Diabo Veio ao Enterro*, 2ª ed., Editorial Notícias, Lisboa, 1995, p. 86.

Data:

Lugar:

- Mau 'stepor le dê a c'ruja!

#51

Contribuidor/Informador: Fernando Marques, 46 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Julho 2016

Lugar: Mem Martins

- Aquela mulher é uma coruja.

Expressão que se refere às mulheres que estão sempre a falar da vida dos outros. São umas calhandreiras.

#52

Contribuidor/Informador:

Fonte: VILHENA, M. Assunção. *Gentes da Beira- Baixa, Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova*, Fernando Mão de Ferro, Lisboa, 1995, p. 237.

Data:

Lugar:

- Mochos.

Os da Junceira.

#53

Contribuidor/Informador:

Fonte: AZEVEDO, Pedro A. de. “Micellanea” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 10, Imprensa Nacional, Lisboa, 1907, p. 251. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

- Cega-mochos.

Das Gosgominheiras

Nota: Ver *Oração do Almocreve em Cancioneiros #22*.

#54

Contribuidor/Informador:

Fonte: CARRUSCA, Maria de Sousa (coord.). *Vozes da Sabedoria*, vol. 2, União Gráfica, Lisboa, 1975, p. 335.

Data:

Lugar:

- Não é coruja nem sapo. (Camilo)

#55

Contribuidor/Informador: Dora Ramalho, 77 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Julho 2016

Lugar: Paço D’Arcos

A minha mãe dizia, quando ouvia uma coruja cantar: “adivinhas a má sorte, por ti venha a morte”.

#56

Contribuidor/Informador: Francisco Almeida, 70 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Julho 2016**Lugar:** Lisboa

Quando se quer dizer a alguém que essa pessoa traz azar, costuma dizer-se: “és ave de mau agouro”. Sempre achei que, ao dizer-se isto, era como chamar-se coruja ou mocho à pessoa... são as aves do azar, não são?

#57

Contribuidor/Informador:

Fonte: FONSECA, Catarina. “Ensine o Seu Filho a Dormir em 7 Dias.”. *Activa*. 2014.08.03. <http://activa.sapo.pt/criancas/2014-08-01-Ensine-o-seu-filho-a-dormir-em-7-dias>

Data: [consult. em 2016.07.29]**Lugar:**

[...] bastam apenas 7 etapas para transformar mesmo o bebé mais ‘mocho’ numa cotovia.

Nota: o vocábulo ‘mocho’ para designar um bebé, ou alguém, que dorme pouco.

#58

Contribuidor/Informador: Paula Reis, 42 anos**Fonte:** recolha oral (A. Oliveira)**Data:** Março 2017**Lugar:** Lisboa

“Olha o mochito a soprar e a querer ser bufo.”

#59

Contribuidor/Informador: Jorge Cruz, 57 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Abril 2017

Lugar: Almodôvar

Todo o pássaro come carne

Só a coruja bebe azeite.

Só o tempo à Carolina

Come a carne e dá-lhe leite

Nota: Ver #10, *Cancioneiros*; *Cantigas Populares*; *Parlendas*.

De todos os cantos do povo portuguez que podem colligir-se para um cancionero popular, diz o snr. Consiglieri Pedroso, não ha nenhuns tão importantes como os de San João [...] Na noute de San João todos os encantos se quebram; apparecem thesouros ao de cima da agua; têm uma virtude maravilhosa o orvalho apanhado antes do nascer do sol, as flores do campo, as hervas, etc., etc. Esta festa, commum a tantos povos, representa em Portugal o centro de todas a tradições mythicas e legendárias.

*Na noite de San João
Hei-de ir banhar-me ao açude;
N'essa noite é benta a agua,
Para tudo tem virtude*

*Até o pastor banha o gado
Na noite de San João;
Não lhe pega o mau olhado,
E se é doente fica são*

(Neves, Campos, Braga, Cancioneiro de Musicas Populares, Porto, 1893)

**CANCIONEIROS • CANTIGAS POPULARES •
PARLENDAS**



Tat. Aluz
2012'

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Fernando de Castro Pires de. “Cancioneiro de S. Simão de Novais” in *Revista de Guimarães*, Soc. Martins Sarmento, 1923-1929. Disponível na Internet: <http://www.csarmento.uminho.pt/>

Data:

Lugar:

[Moro à beira do monte]

Moro à beira do monte,
Meus vizinhos são penedos:
Não tenho quem chor’ por mim,
Senão mochos ou morcegos.

#02

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Fernando de Castro Pires de. “Cancioneiro de São Simão de Novais” in *Cantares do Minho*, vol. 2, Barcelos, 1937-1942.

Data:

Lugar:

[Canta o mocho no penedo]

Canta o mocho no penedo
A coruja no pinheiral.
Quem se mete com mulheres
Arrisca-se a ficar mal...

Canta o mocho no penedo

Canta o mocho no penedo,
A poupa no carrascal.
Vais morrer numa cadeia
Ou acabar num hospital!

#03

Contribuidor/Informador:

Fonte: BARREIROS, Fernando Braga. “Tradições Populares de Barroso” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 18, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1915, p. 256. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

[*Moro á beira da serra*]

Moro á beira da serra
Meus vizinhos são penedos:
As visitas que me dão
São corujas e morcegos.

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEVES, César das, CAMPOS, Gualdino, BRAGA, Theophilo. *Cancioneiro de musicas populares contendo letra e musica de canções...*, vol. 2, César Campos & C.^a, Porto, 1895, p. 35. Disponível na Internet: <http://purl.pt/742/4/>

Data:

Lugar:

[*Ouviu-se piar o mocho*]

Ouviu-se piar o mocho
No alto do campanário...
Negro sinal de quem tinha
De cumprir o seu fadário

Entrou pela porta dentro

Entrou pela porta dentro
Uma coruja assustada...
Mal pecado que eu morresse
Antes de ser desgraçada!

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Letras”. *Grupo Folclórico de Vila Verde*. Disponível na Internet:
<http://www.gfvv.pt/historia.html>

Data: [consult. em 2015.10.25]

Lugar: Vila Verde

O Malhão de Roubar

Homem:

Com licença meus senhores
De lhes vir apresentar
Esta linda cantadeira,
Que me vem desafiar.

Mulher:

Como a licença foi dada
Eu então vou começar
Vou cantar à minha moda
O que ele não vai gostar.

Homem:

Atirei com a pedra ao rio
Com o peso foi ao fundo
Eu não temo a cantadeira
Ainda que venha do outro mundo.

Mulher:

Esta noite à meia noite
Ouvi cantar uma coruja
Parecia que dizia
Vai-te embora cara suja.

Homem:

Vou fazer a despedida
Que fez o cachorro magro
Comeu encheu a barriga
Saiu abanando o rabo.

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: COELHO, F. Adolpho. “Os Jogos e as Rimas Infantis de Portugal” in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 4.ª série, n.º 1, Imprensa Nacional, Lisboa, 1883, p. 572. Disponível na Internet:

<https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Sociedade+de+Geografia+de+Lisboa%22>

Data:

Lugar: Alentejo

[*Debaxo de um côxo mandôxo*]

Debaxo de um côxo mandôxo,
Foge um bode e um môcho.
Que diabo faria o bode
Que tanto foge.

#07

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Trava-Línguas para Leitura Mecânica em Voz Alta 2”. *Teia da Língua Portuguesa, Sítio de Apoio ao Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas*. Disponível na Internet: <http://www.teiaportuguesa.com/>

Data:

Lugar:

[*Na toca de uma coruja*]

Na toca de uma coruja
numa casa escangalhada
corria de canto a canto
certa cobrinha cintada.

Encontra um pinto calçudo
que por ali andava à caça
das moscas e sevandijas
e que ao ver a cobra embaça.

"Comadre", diz o coitado
lá no seu queriquiqui,
"vem caçar? Eu já cacei.
Entre que eu saio daqui".

Torna a cabeça escancarando
a boca: "caçaste? E eu não.
Mas ambos temos faxina,
compadre do coração..."

#08

Contribuidor/Informador:

Fonte: "As Vozes dos Animais" in *Revista Popular, Periodico Litterario, redigido por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira*, vol. 5, Typographia da Revista Popular, Lisboa, 1851, p. 21. Disponível na Internet:

<https://books.google.pt/books?id=TPdOAQAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

As Vozes dos Animaes

Palram pêga e papagaio;
E cacareja a gallinha;
Os ternos pombos arrulham;
Geme a rôla innocentinha.
Muge a vacca, berra o touro;
Grasna a rãa, ruge o leão;
O gato mia; uiva o lobo;
Também uiva e ladra o cão.

Relincha o nobre cavallo;
Os elephantes dão urros;
A tímida ovellha bala;
Zurrar é próprio dos burros.

Regouga a sagaz raposa;

(Brutinho muito matreiro;)
Nos ramos cantam as aves;
Mas pia o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras
O canto seu variar;
Fazem gorjeios às vezes;
Às vezes põem-se a chilrar.

O pardal, damninho aos campos
Não aprendeu a cantar;
Como os ratos, e as doninhas;
Apenas sabe chiar.

O negro corvo crocita;
Zune o mosquito enfadonho;
A serpente no deserto
Solta assobio medonho.

Chia a lebre, garsna o pato;
Ouvem-se os porcos grunhir;
Libando o succo das flores,
Costuma a abelha zumbir.
Bramam os tigres, as onças,
Pia, pia, o pintainho;
Cucurica e canta o gallo;
Late e gane o cachorrinho.
A vitellinha dá berros,
O cordeirinho balidos;
O macaquinho dá guinchos;
A criancinha vagidos.

A falla foi dada ao homem;
Rei dos outros animais:
Nos versos lidos acima,
Se encontram, em pobre rima;
As vozes dos principaes.

#09

Contribuidor/Informador:

Fonte: FONTES, Manuel da Costa. “A Pulga e o Piolho” in *Romanceiro Português do Canadá*, UC Biblioteca Geral 1, Coimbra, 1979, pp. 162-163. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=41xc3kTMGbwC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:**Lugar:****XLVI. A Pulga e o Piolho**

A pulga e o piolho queriam-se casare,
mas não tinha gente para os ir acompanhare.

Cacafu e cacafô

Lá vêm as formigas dos seus formigueiros:

- Siga lá essas bodas, que seremos companheiros.

Cacafu e cacafô.

Diz: - Ai da nossa alma, companha já temos;
padrinho e madrinha e é que nós arranjaremos.

Cacafu e cacafô.

Lá sai a cigarra pela espiga acima:

- Siga lá essa boda, que eu irei a ser madrinha.

Cacafu e cacafô.

- Ai da nossa vida, madrinha já temos;
padrinho da nossa alma é que nós arranjaremos.

Cacafu e cacafô.

Lá sai o rato do seu burquinho:

- Siga lá essa boda que eu irei a ser padrinho.

Cacafu e cacafô.

- Ai da nossa vida, padrinho já temos;
cozinheiro da nossa alma é que nós arranjaremos.

Cacafu e cacafô.

Lá sai o lagarto do seu buraqueiro:

- Siga lá essa boda, que eu serei o cozinheiro.

Cacafu e cacafô.

-Ai da nossa vida, cozinheiro temos;

azeite para o jantar e onde nós arranjaremos?

Cacafu e cacafô.

Lá sai a coruja do seu corujal:

- Siga lá essa boda, azeite eu irei buscar.

Cacafu e cacafô.

- Ai da nossa vida, e azeite já temos;

e um cordeiro p'r'ó jantar e onde nós arranjaremos?

Cacafu e cacafô.

Lá sai a raposa do seu raposal:

- Siga lá essa boda, que carneiro irei buscar.

Cacafu e cacafô.

[Cantado por Albertina Esteves, de 47 anos de idade, natural da Quinta de Garabatos, Duas Igrejas, Concelho de Miranda do Douro, Distrito de Bragança, Província de Trás-os-Montes (4-6-78)]

Nota: Existem muitas variações. Por exemplo, em: NEVES, César das, CAMPOS, Gualdinho de, BRAGA, Theophilo, “A Boda dos Pintainhos” in *Cancioneiro das Musicas Populares, Contendo Letra e Musica de Canções, Serenatas, Chulas...*, vol. 3, Empresa Editora César Campos & C.ª, Porto, 1898, p. 67.

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Sardinha” in *Cancioneiro Grupo Académico Seistetos*. Disponível na Internet:

<http://www.seistetos.uevora.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.16]

Lugar:

Sardinha

Todo o pássaro bebe agua (*ai ai ai ai*)

A coruja bebe azeite (*ai ai ai ai*)

Mas a tua passarinha (*ai ai ai ai*)

Come carne e bebe leite (*ai ai ai ai*) (*bis*)

Nota: Também em: *Cancioneiro Carpedemico, Carpedemicos, Grupo Académico de Lisboa*.

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAZÃO, José Ruivinho. *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*, Notícias Editorial, Lisboa, 1998, p. 315.

Data:

Lugar:

[*Todo o pássaro come trigo*]

Todo o pássaro come trigo,

Só a coruja bebe azeite:

E a rola da menina

Come carne e bebe leite.

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, Fernando de Castro Pires de. “Chula” in *A Chula, Verdadeira Canção Nacional*, FNAT, Gabinete de Etnografia, Lisboa, 1962.

Data:

Lugar:

[*Não há ave como o mocho*]

Não há ave como o mocho,

que mais faça aborrecer;

se não tens juízo, António,

não estou para te sofrer.

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEVES, César das, CAMPOS, Gualdinho de, BRAGA, Theophilo. “A Viuvinha” in *Cancioneiro das Musicas Populares, Contendo Letra e Musica de Canções, Serenatas, Chulas...*, vol. 1, Typ. Occidental, Porto, 1893, p. 116. Disponível na Internet: <http://purl.pt/742>

Data:**Lugar:****A Viuvinha**

Já ouvi cantar a c’ruja
 Nas margens do Guadiana,
 Quem tiver medo, que fuja,
 Que eu sou maltez de cabana.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEVES, César das, CAMPOS, Gualdinho de, BRAGA, Theophilo. “A Elisa” in *Cancioneiro das Musicas Populares, Contendo Letra e Musica de Canções, Serenatas, Chulas...*, vol. 3, Empresa Editora César Campos & C.^a, Porto, 1898, p. 93. Disponível na Internet: <http://purl.pt/742>

Data:**Lugar:****A Elisa**

Não te esqueças de mim, quando á noite
 Ouvires o mocho na grimpa a piar,
 Como elle tambem vivo triste,
 Passo a vida de continuo a chorar.

(Esta canção foi recolhida no Porto em 1890; parece ser de origem brasileira)

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Cancioneiro”. *A MODA, Associação do Cante Alentejano*. Disponível na Internet: <http://www.cantoalentejano.com/v2/verCancioneiro.php?id=106&pagina=1>

Data: [consult. em 2015.11.19]

Lugar:

O Triste do Mocho

Eu hei-de casar com uma velha, óh Maria!

Que me hei-de fartar de rir

Farei a cama bem alta, óh Maria!

Para a velha não a subir

O triste do mocho piava

O-la-rilariava

Em cima da melancia, óh Maria!

Óh Maria Capitoa!

Dos altos Pirinéus, óh trim, tim, Tim

As mulheres são a desgraça de mim

Óh moços amem a coxa, óh Maria!

Que a coxa também se ama

Só basta a gracinha dela, óh Maria!

Ir aos saltinhos para a cama

O triste do mocho piava

O-la-rilariava

Etc.

Nota: uma variação retirada do cancioneiro tradicional alentejano:

O Mocho (A Monda)

Gosto muito dos teus olhos, óh Maria,
Muito mais gosto dos meus,
Se não fossem os meus olhos, óh Maria,
Não podia amar os teus.

O triste do mocho piava,
Ola-ri-lai-ava,
Em cima da melancia, óh Maria, (refrão)
Maria, Maria Capitoa!
Dos montes,
Ti-ro-li, óh trrim-tim-tim,
As mulheres são a alegria de mim.

Eu não quero mais amar, óh Maria,
Que eu do amar tenho medo,
Eu não quero arriscar, óh Maria,
Apagar o que eu não nego.

(refrão)

#16

Contribuidor/Informador:

Fonte: “O Cuco”. *Projecto Natura*. Disponível na Internet:
<http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/infantil-cuco2.html>

Data: [consult. em 2015.11.19]

Lugar:

O Cuco

O cuco na floresta
estava a cantar
por trás duma giesta
nós fomos escutar
cu-cu, cu-cu, cu-cu cu-cu cu-cu [bis]

A noite estava escura
e não havia luar
ouvimos lá ao longe
o lobo a uivar
a-ú, a-ú, a-ú a-ú a-ú [bis]

Nota: Existem diversas adições populares a esta cantiga, como:

Do cimo de uma torre ouvia-se um piar.

Atravessando o céu, uma coruja a esvoaçar:

“Pi-ú, pi-ú, pi-ú, pi-ú, pi-ú.

Pi-ú, pi-ú, pi-ú, pi-ú, pi-ú”.

#17

Contribuidor/Informador: Ana Paula Almeida, 48 anos

Fonte: recolha oral (A. Oliveira)

Data: Novembro 2015

Lugar: Sintra

[Minha casa é no monte]

Minha casa é no monte,
Meus vizinhos são penedos,
Não oiço cantar de noite,
Senão mochos e morcegos.

#18

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). “Cancioneiro Popular Bragançano” in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. 10, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, Bragança, 2000, p. 431. Disponível na Internet: <http://issuu.com/lelodemoncorvo>

Data:**Lugar:**

[*Lá baixo vem o mocho*]

Lá baixo vem o mocho
De penedo em penedo;
Vai-te daí ó mocho,
Só c'os olhos metes medo.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: KONDOR, P.^e Luís (compilação), ALONSO, P.^e Dr. Joaquim M. (introdução e notas). *Memórias da Irmã Lúcia I*, 13.^a ed., Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007, pp. 142-143. Disponível na Internet: <http://www.pastorinhos.com/>

Data:**Lugar:**

[*popular?; ano: 1917*]

Um dia, pusemo-nos a cantar, em coro, as alegrias da Serra:

Ai, trai lari, lai, lai, Trai lari, lai, lai, Lai, lai, lai!

Nesta vida tudo canta,
Comigo, ao desafio:
Canta a pastora na serra
E a lavadeira no rio.

É a voz do pintassilgo
Que me vem a despertar,
Logo ao nascer do sol,
No silvado, a cantar!

De noite, canta a coruja
Que me quer assustar!
Na escamisada, canta
A rapariga ao luar!

O rouxinol, na campina,
Passa o dia a cantar!
Canta a rola no bosque,
Canta o carro a chiar!

A serra é um jardim
Todo o dia a sorrir!
São as gotas do orvalho,
Nas montanhas, a luzir!

#20

Contribuidor/Informador: Rudolfo Dias, 46 anos

Fonte:

Data: 2015.12.14

Lugar: Lisboa

Na floresta, o lobo dorme quando a coruja está acordada e está acordado quando a coruja dorme. O lobo dorme tanto numa semana quanto a coruja dorme num dia. Quantas horas dorme cada um destes animais por dia?

Resposta:

O lobo dorme tanto numa semana quanto a coruja dorme num dia. A coruja dorme 7 vezes mais do que o lobo. Por cada hora que o lobo dorme, a coruja dorme 7 horas; por cada 2 horas que o lobo dorme, a coruja dorme 14; e por cada 3 horas que o lobo dorme, a coruja dorme 21. Como $21+3 = 24$ horas, num dia, o lobo dorme 3 horas e a coruja as restantes 21 horas.

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: MONTEIRO, Abílio. *Poesias e Canções Populares do Concelho da Maia, Recolhidas da Tradição Oral*, Livraria Portuguesa, Porto, 1900, p. 116.

Data:

Lugar:

[*Eu não vou a S. Mamede*]

Eu não vou a S. Mamede
Sózinha, que tenho medo;
Terra de muito carvalho,
A coruja canta lá cedo.

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: AZEVEDO, Pedro A. de. “Micellanea” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 10, Imprensa Nacional, Lisboa, 1907, p. 251. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar:

Oração do Almocreve

Almocreves são da Lage,
tacheirinhos são do Prado,
lavamalgas Romeirinho,
os maus homens do Carvalho,
videirinhos do Pinheiro,
'stalajadeiros de S. Gens,
saem grillos no Torrão,
papa-santos Igreja Nova
borradouros Pousadouros,
boas pingas na Arrechão,
rasga baetas no Penedo,
fura-bolos são da Foz,

cega-mochos das Gosgominheiras

mosquinhos são do Cubo,
 os moleiros são da Cella,
 demandistas de Salamonde,
 Ruivaes, poucos e que taes,
 esfola-cabras nas Boticas,
 tripa-longa Lamalonga,
 arranjados são de Campos,
 grande femea de Padrões,
 pára-borra Venda Nova,
 saca-bolsas Codeçoso,
 mata-lebres Pae Affonso,
 os lobeiros são da Serra,
 manteigueiros das Alturas,
 ratoneiros da Atilhó,
 perfumados das Lavradas,
 arrebita Carvalhelhos,
 arrinca-nabos são de Beça,
 os rabinos são das Quintas,
 futriqueiros das Boticas,
 muitas femeas tem a Granja,
 Sapellos e Sapiões,
 e muitas mais Bentuzellos,
 ferra-moscas Casas Novas,
 ribeirinhos de Curalha,
 cornudinhos são do Cando,
 trampolineiros Casas dos Montes,
 pouca nobreza há em Chaves,
 pádeirinhas de Faiões,
 castanheiros d'Assoreiras,
 castello de Monforte,
 e paro aqui que vou p'r'o norte.

(in *Correio da Noite*, nº 8210, anno de 1906)

Nota: Não foi possível apurar o significado de cega-mocho. Sem conhecimento se possui qualquer relação, encontramos: “Saganucho – está por ceganucho = vesgo de um olho.” (*Revista Lusitana*, vol. 12, p. 122.).

#23

Contribuidor/Informador:

Fonte: DELGADO, Manuel Joaquim. *Subsídio Para o Cancioneiro Popular do Alentejo*, 2.^a ed., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1980, p. 65.

Data:

Lugar:

[*Linda ave é um mocho*]

Linda ave é um mocho,
Que de noite canta à porta.
Mais val' um amor carocho
Que uma açucena tã' torta.

(Ervidel)

#24

Contribuidor/Informador:

Fonte: DELGADO, Manuel Joaquim. *Subsídio Para o Cancioneiro Popular do Alentejo*, vol. 2, 2.^a ed., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1980, p. 125.

Data:

Lugar:

Mote

*Fui um dia ó cemitério
Lá dentro pus-me a chorar
Olhando prà sepultura
Adonde m'hé-d' enterrar.*

I

Logo à entrada sombria
Vi o retrato da morte
Chorei dos mortais a sorte
Lembrou-me então que morria.
Num instante de agonia

Olhei *pra* tod'ò desterro
Vi aquel' grande império
Onde tanto horror existe
Pra ver um quadro tão triste
Fui um dia ò cemitério.

II

Em tão grande solidão
Vi muitos crepes e lutos
Findando *árves* e frutos
Naquela triste mansão
Na lúgubre habitação
Ouvi um jazigo estalar
Olhei *prà* louza, vi 'star
Dois parasitas mirrados
Lembrou-me os *entepassados*
Lá dentro pus-me a chorar.

III

Naquela *homanidade*
Vi muitos rostos mortais
Pelas ruas sepulcrais
Sobre a terra da verdade.
Eu tão cheio de saudade
Deci aquela *tornura*
Pra ver na terra *ovscura*
Se algum lamento soava,
Quando dei notícia estava
Olhando prà sepultura.

IV

Apenas ouvia o vento
Soprando contra *tresteza*
Sobre as cruzes da defeza
Piava o mocho agoirento
Acaba a paixão num *mimento*
Ouvi uma voz clamar

Tratei de me retirar
Disse *prô* verde *cepestre*
Já vi a campa terrestre
Adonde m'hé-d' enterrar.

(*Por Jerónimo José, trabalhador rural, natural da freguesia de Aljustrel*)

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: DELGADO, Manuel Joaquim. *Subsídio Para o Cancioneiro Popular do Alentejo*, vol. 2, 2.^a ed., Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1980, pp. 142-143.

Data:

Lugar:

Mote

Nas tristes noites soturnas
Do Inverno rigoroso
Tudo procura o amparo
No ponto mais abrigoso.

I

Levantam-se as ventanias
Sopro do mar Oceano,
Traz do *globo*¹ africano
As maiores epidemias.
Temendo as neves mais frias
Baixa a fera às suas furnas
Até as aves nocturnas
Baixam aos ramos vegetais
Tudo teme os temporais
Nas tristes noites soturnas.

II

Levantam-se as trovoadas
Ouve-se o ribombar dos trovões

Formam-se os grandes montões
Das águas mais coalhadas.
Tudo corre às abrigadas
Se o temporal é perigoso
Tudo procura o repouso
Aonde resgate a vida
Temendo a arremetida
Do Inverno rigoroso.

III

Nos sítios baixos e sombrios
Passam águas apertadas
São as grandes *ribeiradas*²
Que vão procurando os rios.
Levantam-se os temporais frios
Que turvam o luar mais claro
Creio que deve ser raro
Quem não receia este perigo
Nem que seja um fraco abrigo
Tudo procura o amparo.

IV

Forma-se um *pé de palmeira*³
Volta-se o vento ao Poente
Estende rapidamente
Forma a grande capoeira.
Vem a chuva mais *basteira*⁴
Junto ao vento furioso
Torna o viver mais custoso
A toda a espécie de animal
Que só se escapa ao temporal
No ponto mais abrigoso.

(Glosas compostas por Manuel Mateus Fialho, cantoneiro, natural de Mombeja)

1. *Globo*, querendo significar “continente”.
2. *Ribeiradas*, “enchentes das ribeiras; torrentes”.

3. *Pé de palmeira*, “pé de vento”.

4. *Basteira*, “arreatada, forte”.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: PEREIRA, Fernando. “Serra do Açor”, *Meloteca, Sítio de Músicas e Artes. Canções sobre a Beira Alta*. Disponível na Internet: <http://www.meloteca.com/portugal-poesia-e-musica-beira-alta.htm>

Data: [consult. em 2016.08.28]

Lugar:

Serra do Açor

Nasci em terras de xisto
à beira do rio Ceira
em lugar de balsa sem porto
numa serra onde o Açor pousou,
em leito de feno dormi.

Cresci na terra de sargaço
correndo em lameiros verdejantes,
ouvi o sopro dos ventos
junto ao correr das levadas
vi noites sem luar.

Ouvi histórias de bruxaria
lendas de lobisomens,
almocreves e mouras encantadas
vi sementeiras e colheitas,
as malhas e debulhas.

Saltei fogueiras de rosmaninho,
acendi o madeiro de Natal,
cantei janeiras pelo povoado,
cheirei alecrim e loureiro,
bebi chá de sabugueiro.

Nadei nas águas do Alva
na ponte que tem três entradas
em Avô, terra de poetas,
cantei baladas ao luar
até o galo cantar.

Que importa ser acordado
dos sonhos desta noite
pela coruja que é a “surga”
ou pelo sino da capela?
Tudo isto existe, tudo isto é belo,
nada mudou, tudo está como era dantes...

As lendas são beijos de amor e de fé. São filhas do coração, da alma e do sangue duma Pátria.

(Alberto Vieira Braga, 1936)

**CONTOS TRADICIONAIS • LENDAS • FÁBULAS •
APÓLOGOS**



Tout. Alus
2017

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: BRAGA, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. 2, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999, p. 228. Disponível na Internet: <http://bdalentejo.net/>

Data:**Lugar:****Lenda da Coruja**

Havia um pássaro sem penas, chamado o pito-nú. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nú penas para ele se vestir. Mas o pito-nú, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca aparece de dia com medo que as outras aves a piquem, pelo facto de ela não poder restituir as penas do pito-nú.

#02

Contribuidor/Informador:

Fonte: MONTEIRO, Ana Rosa. “Onomatopeias da Cova da Beira” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 38, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1943, pp. 137-138. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:**Lugar:****15 – A coruja:**

a) “O pavão nasçâu incarrapato, e a cruja incargõ-se dâle e foi a pedir ma pena impestada a cada pássaro. Odespõï, todes le dexterem que sim, que las impestavem, mas que las havia detronar a dárim. O pavão, assim que se viu vestido, já ñõ quij dar as penas, e a cruja, que era ma spece de fiador, tamãï no as podia pagárim. É prisso que ela no anda de dia, só munto ralo, pôque os pássaros botem-se todes a ela, a pedirem-le as pênasim.

Anda sempre atão:

- Gru!... Gru!... Gru!...

E respondem-le os maj pássaros:

- *Deves ma pena
a cada um!*

(Alcaide)

b) Merece ainda registo a curiosa versão da Partida:

“Cando fôï que se fromou o mundo, a cruja era ma molher e andava vestida de graça. Noss’Senhër dou-le uns baucros de mâiase. Òpöï ela scondâu ámitade na toca dum castenhëro, e òpöï Noss’Senhër dixele assim;

- Vamos a tal banda, pra partiramos os báucreso!

Apöï forem e Noss’Senhër, cando viu tão pöcos, dixele-le:

- Atão, stão aqui todos, vélha?

- Stão, sa Senhëri.

- Bom – dixele Nos’Senhër –
*os que aqui stão,
partidos são;
os que lá dëxastes,
ò mato se vão!*

... São atão os baucros montâsesi. Òpöï, como ela o röbou, Noss’Senhër pôse-a sem o vestido de graça e, assim que se viu incarrapata, pediu ma pena a cada pássaro – e lá fecou cma pena de cada coldade.

É um pássaro que no tem porte pra arrinjar ninho, põe os ovos adonde calha. O comâr delas é o azëte das alâmpedas das eigrâjas, que se pöim a tchupéri. No podem sair de dia, sempre é um almal que todes os pássaros le piquem, O cantar é só üe:

-Gru!... Gru!... Gru!...

Stá im dezâri:

A povre da cruja,
 O que stá de apaixonada!
 Todes os pássaros le pequerem,
 Dëxarem-na despenada...”

#03

Contribuidor/Informador:

Fonte: LOPES, Miranda. “Da Minha Terra” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 31, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1933, p. 155. Disponível na Internet: <http://www.instituto-camoes.pt/>

Data:

Lugar: Trás-os-Montes

O Cuco e a Poupa

O Cuco pediu a seu compadre Mocho Fernandes que lhe emprestasse um saco de pão; êste disse-lhe que mandasse por êle a sua comadre Poupa. O Cuco desconfiou que o compadre Mocho lhe tinha feito uma grande desfeita, e pediu informações a D. Catovio Jorge e a Melro Rodrigues, perguntando-lhes se sabiam ou tinham visto alguma coisa. D. Catovio Jorge começou logo a dizer: Vi! Vi! Vi! E logo o Cuco moveu um processo contra o Mocho Fernandes, e levou a questão aos tribunais. Sendo juiz D. Gavião Gomes, êste deu o crime como provado e condenou o compadre Mocho Fernandes a ser públicamente açoutado, sendo levado por tôdas as ruas da povoação em companhia do compadre Cuco e da comadre Poupa, encarregando Melro Rodrigues de publicar em tôdas as ruas o crime cometido, açoutando-o com um pedaço de sola bem grossa; e quando o açoutava, o Cuco dizia: P’lo c...!! P’lo c...!! E a comadre Poupa respondia: Por tão pouca coisa! Por tão pouca coisa! Por uma rapiocada!!!

#04

Contribuidor/Informador/Autor: Manuel Romão Carvalho Gonçalves**Fonte:** GONÇALVES, Paula Alexandra Couto. *O Sagrado no Imaginário Barrosão, E em Padre António Lourenço Fontes, Estudo Etnolinguístico*, UTAD, Vila Real, 2008, pp. 112-113. Disponível na Internet: <https://repositorio.utad.pt/handle/10348/219>**Data:****Lugar:**

O mocho e a raposa

No tempo em que os animais falavam...

Era uma vez uma coruja que fez um ninho em cima de uma árvore. Quando já tinha filhos, passou por ali uma raposa que, apercebendo-se que havia filhos lá em cima, disse para a coruja:

- Deita-me cá um filho abaixo, que eu tenho muita fome senão vou aí a cima como-tos todos.

A coruja com medo pensando que a raposa ia mesmo lá acima, deitou-lhe um filho abaixo. A raposa comeu-o e foi-se embora toda satisfeita.

No dia seguinte, voltou a passar por ali e voltou a repetir a cena. A coruja com medo dá-lhe outro filho, a raposa comeu-o, mas a coruja ficou a chorar. Passou por ali o mocho e vendo a coruja a chorar, perguntou-lhe o que ela tinha. Ela contou-lhe que tinha sido a raposa que passara por ali e lhe dissera que deita-se o filho abaixo senão ia lá cima e lhos comia todos. O mocho como era mais inteligente disse:

- Ó maluca, tu não vês que ela não pode vir cá em cima, as unhas dela não servem para trepar a árvore, nem os dentes para a cortar.

No dia seguinte a raposa voltou a passar por lá e vira-se para a coruja e diz-lhe:

- Deita-me cá um filho abaixo senão vou lá cima e como-os todos.

Diz-lhe a coruja:

- Os teus dentes não cortam a árvore nem as tuas unhas servem para trepar por isso tu enganaste-me não te deito mais nenhum a baixo.

A raposa muito zangada diz:

- Quem te ensinou essa história, foi o mocho não foi?

Passados uns dias, o mocho foi convidado para casamento, lá ia todo engravatado a cavalo num burro a caminho do casamento. Ao passar num regato de água caiu abaixo. A raposa que andava ali por perto foi ao correr da margem e quando pode deitou-lhe a boca, tumba, agarrou-o.

- Ai tu andaste a ensinar a coruja para não me der os filhos, agora vou-te comer a ti.

O mocho responde-lhe:

- Não me comas assim molhado que te dou cabo da barriga. Põe-me ali a secar e deixa-me secar secadinho e depois comes-me depois de estar seco.

E a raposa foi na conversa, pôs-se ao sol, foi-o virando de um lado para o outro, até que o mocho ficou sequinho. O mocho quando viu que estava seco, disse assim para a raposa:

- Agora já me podes comer, já estou seco, mas antes de me comer vais dizer o seguinte, mocho comi, letrado dos passarinhos.

No momento que a raposa abriu a boca para dizer, mocho comi, letrado dos passarinhos o mocho fugiu e ao mesmo tempo que ia a fugir disse:

- A outro sim mas não a mim.

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: : BRAGA, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. 2, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999, p. 247. Disponível na Internet: <http://bdalentejo.net/>

Data:

Lugar:

Fábula da Raposa e do Mocho

Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um mocho; disse ela para si:

- Ceia já eu tenho.

E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o.

O Mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ela:

- Ó raposa, não me comas assim como qualquer frango desses que furtas pelos galinheiros; tu também sabes andar à caça de altenaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vais comer, grita bem alto: «Mocho comi!»

A raposa levada por aquela vaidade, gritou:

- Mocho comi!

- A outro sim, que nenja a mim! Replicou-lhe o mocho caindo-lhe de entre os dentes e voando pelo ar fora, livre do perigo.

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: : BRAGA, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. 2, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999, pp. 247-248. Disponível na Internet: <http://bdalentejo.net/>

Data:

Lugar:

A Águia e a Coruja

A coruja encontrou a águia, e disse-lhe:

- Ó águia, se vires uns passarinhos muito lindos em um ninho, com uns biquinhos muito bem feitos, olha lá não mos comas, que são os meus filhos.

A águia prometeu-lhe que os não comia; foi voando e encontrou numa árvore um ninho de coruja, e comeu as corujinhas. Quando a coruja chegou e viu que lhe tinham comido os filhos, foi ter com a águia, muito aflita:

- Ó águia, tu foste-me falsa, porque prometeste que não me comias os meus filhinhos, e mataste-mos todos!

Diz a águia:

- Eu encontrei umas corujas pequenas num ninho, todas depenadas, sem bico, e com os olhos tapados, e comi-as; e como tu me disseste que os teus filhos eram muito lindos e tinham os biquinhos bem feitos entendi que não eram esses.

- Pois eram esses mesmos, disse a coruja.

- Pois então queixa-te de ti, que é que me enganaste com a tua cegueira.

#07

Contribuidor/Informador:

Fonte: SARMENTO, Francisco Martins. *Contos e Lendas*, Casa de Sarmiento, Centro de Estudos do Património, Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, p. 26. Disponível na Internet: http://www.csarmiento.uminho.pt/cs_1.asp

Data:**Lugar:****O cuco, o mocho e a poupa**

O cuco era casado com a poupa. Pediu um dia ao mocho, que era vendeiro, um carro de milho, e o cuco prometeu-lho, com a condição de que lhe dormiria com a mulher, a poupa. Aceitou o cuco; mas, quando o mocho lhe mandou o carro de milho, o cuco ficou-lhe com o milho, o carro e os bois; pelo que o mocho lhe pôs uma demanda.

O cuco pôs-lhe outra por adultério, e venceu, sendo o mocho condenado a percorrer as ruas, levando os pontapés que ao ofendido aprovesse dar-lhe.

A procissão levava esta ordem. Na frente ia um criado do mocho chamado Domingos, por abreviatura Mingos; seguia o mocho, atrás o cuco e no couce a poupa.

O cuco a cada pontapé dizia:

"No cu."

O mocho, ao levar o pontapé choramingava:

"Mingos!"

Atrás a poupa ia dizendo:

"Por tão pouca cousa!"

#08

Contribuidor/Informador:

Fonte: MOURA, José Carlos Duarte. *Contos, Mitos e Lendas da Beira, A Ar Arte e Associação Cultural Outrem*, 1987/1993, p. 48. Disponível na Internet: <http://www.outrem.com/>

Data:

Lugar: Penha Garcia, Idanha-a-Nova

A Raposa e a Carriça

Era uma vez uma raposa e uma carriça. A raposa andava com muita fome e ia todos os dias ao tronco do carvalho e dizia:

- Oh comadre carriça deite-me um carrichinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho.

A carriça com medo deitava-lhe um carrichinho. Três dias lá foi e em todos lhe comeu carrichinho, dizendo que lhe levantava o rabo e lhe cortava o carvalho. Ao quarto dia a raposa lá foi outra vez e disse:

- Oh comadre deita-me cá um carrichinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho.

A carriça deitou-lhe novamente um carricho, mas ficou a pensar como é que havia de se livrar da raposa. Na mesma tarde foi lá o mocho que lhe disse:

- Oh comadre carriça onde estão os teus filhinhos?

- Deitei-os à comadre raposa, que vem aí e diz que levanta o rabo e corta o carvalho.

Responde-lhe o mocho:

- Ah parva! Quando ela voltar diz-lhe que rabo de raposa não corta carvalho só a força de homem e do gume do malho.

No dia seguinte a raposa voltou lá e disse:

- Oh comadre carriça deita-me num carricinho abaixo senão levanto o rabo e corto o carvalho.

A carriça já tinha aprendido a lição e disse-lhe:

- Rabo de raposa não corta carvalho, só a força do homem e o gume do malho.

A raposa lá se foi embora com o rabo entre as pernas. Desta maneira a carriça livrou-se da raposa manhosa.

#09

Contribuidor/Informador:

Fonte: COELHO, F. Adolpho. *Contos Populares Portuguezes, Colligidos por F. Adolpho Coelho*, P. Plantier, 1879, pp. 20-22. Disponível na Internet: https://pt.wikisource.org/wiki/Ficheiro:Contos_Populares_Portuguezes_colligidos_por_F._Adolpho_Coelho.pdf

Data:

Lugar:

O Pinto Borrachudo

Era d'uma vez um pinto borrachudo que andava a gravetar em um monte de terra e achou lá uma bolsa de moedas e disse:

— «Vou levar esta bolsa ao rei.» Poz-se a caminho com a bolsa no bico, mas como tivesse de atravessar um rio e não podesse disse:

— «Oh rio! arreda-te para eu passar.» Mas o rio continuou a correr e elle bebeu a agua toda. Foi mais para deante e viu uma raposa no caminho e disse-lhe: — «Deixa-me passar.» Como a raposa se não movesse, comeu-a.

Foi andando e encontrou um pinheiro e disse-lhe:

— «Arruma-te para eu passar.» Como elle não se arrumasse, engoliu-o. Mais adeante encontrou um lobo e comeu-o; depois encontrou ainda uma coruja e fez-lhe o mesmo. Chegado ao palacio do rei disse que lhe queria fallar e entregou-lhe a bolsa das moedas e o rei ordenou logo que o metessem na capoeira das gallinhas e que o tractassem muito bem. O borrachudo, logo que alli se viu, começou a cantar:

— “Qui qui ri qui,
Minha bolsa de moedas
Quero para aqui.”

E como vissem que lh’a não levavam, lançou a raposa que tinha comido, e ella comeu as gallinhas todas.

Foram dar parte a el-rei do succedido e elle ordenou que mettessem o borrachudo dentro da copeira. Compriram-se as ordens, mas o borrachudo continuou sempre a cantar:

— “Qui qui ri qui, etc.”

Depois como lhe não levassem o dinheiro, lançou o pinheiro e os copos da copeira foram todos quebrados. Então o rei ordenou que mettessem o borrachudo na cavallariça, e elle sempre cantando:

— “Qui qui ri qui, etc.

Lançou fora o lobo e o lobo comeu os cavallos. O rei mandou então que o mettessem no pote do azeite, mas elle lançou lá a coruja e ella bebeu o azeite. Então o rei, não sabendo já o que havia de fazer, mandou que aquecessem o forno e que metessem lá o borrachudo; mas elle, mesmo dentro do forno começou a gritar:

— «Qui qui ri qui, etc.”

E foi lançando o rio que tinha bebido e já o palacio do rei estava quasi a afundar-se quando o rei ordenou que fossem levar a bolsa de moedas ao borrachudo e o mandassem embora, antes que elle lançasse o rio todo. E lá se foi embora outra vez o borrachudo com a bolsa de moedas no bico.

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Lendas de bias do norte e do sul”. CEAO. LOPES, Morais. “Lenda de bias do norte e do sul” in *Algarve: as Moiras Encantadas s/l*, Edição do Autor, 1995 , pp. 48-51. Disponível na Internet: <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-de-bias-do-norte-e-do-sul-1/?category=15>

Data:

Lugar: Algarve

Lenda de bias do norte e do sul

Nesses tempos em que Allah
Viveu em terras cristãs,
O sol trazia consigo
O calor de outras manhãs.

Até as ondas do mar,
Que ali perto adormeciam,
O perfume de outras flores
Lá de tão longe traziam.
As aves, os rouxinóis
Que bem sabiam trinar,
Cantavam ali, também,
Para amar, só para amar.

De igual modo, brandos ventos,
Vindos de outras latitudes,
Vibravam no ar das tardes
As cordas dos alaúdes.

Era el-rei, Ben Abdalkrim,
E tinha, como tesoiro,
Dez palácios de cristal
Forrados a folhas de oiro.
Quando o sol ali beijava
Essas paredes douradas,
Fugiam, para bem longe,

As pessoas, de pasmadas.

Tinha dez filhas, el-rei,
Mais belas que quanto havia...
Era Fhátma... era Zhara...
Mas todas de nome Bia...

Queria el-rei que elas fossem,
Voto feito ao Al-Corão,
Casadas com gente moira,
Nunca com homem cristão.

Mas os votos assim feitos
A um deus não verdadeiro
Foram como sons fugindo
Nas águas de algum ribeiro.

Porque... senão fora, foi
O caso assim sucedido:
De terem dez reis cristãos
Logo ali aparecido.
Vieram de longes terras,
Trazendo dinheiro e fama,
Para fazerem cristãs
Quem nascera na moirama.

Mas el-rei Ben Abdalkrim,
Invocando Allah distante,
Cada filha, flor amada,
Encantou com seu amante.

Foram elas transformadas
Em figueiras rasteirinhas,
Onde nem sequer pousavam
As velozes andorinhas.

E eles?... Ah!... eles, coitados,

Sem mais sorte ou mais alentos,
Foram feitos, para sempre,
Negros mochos agoirentos.

Mais... el-rei ali traçou
Uma linha imaginária;
Linha essa que inda hoje existe
E da lenda é tributária.

Abdalkrim então falou,
Nessa manhã, só de azul:
Cinco filhas para o norte,
'Cinco filhas para o sul!

A lenda que o tempo trouxe,
Geração em geração,
Ainda agora se escuta,
Ao luar, em pleno v'irão.
É que logo que é sol posto
E ao sabor da maresia,
Andam os mochos dizendo,
Tristemente: Bia!... Bia!...

E ao sítio que ali ficou
Tão malquisto assim por sorte,
Passou a chamar-se, então,
Bias do Sul e do Norte.

Esta foi a lenda triste
Que os sóis, ao longe, dispersos,
Contaram, não sei porquê,
Aos ouvidos dos meus versos.

E a ti peço, alma cristã,
Que, quando um mocho piar,
Faças o sinal da cruz
Por alguém que anda a chorar.

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Lenda da Fraga do Ujo”. CEAO. PARAFITA, Alexandre. *Património Imaterial do Douro - Narrações Orais (contos, lendas, mitos)*, vol. 1, Fundação Museu do Douro, Peso da Régua, 2007, p. 203. Disponível na Internet: <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-de-bias-do-norte-e-do-sul-1/?category=15>

Data: [consult. em 2015.10.01]

Lugar: Tabuaço, Viseu

Lenda da Fraga do Ujo

No alto do Fradinho, há uma fraga a que chamam “Fraga do Ujo”, onde noutros tempos, aparecia à noite um ujo, lá bem no topo, que assustava toda a gente, especialmente as crianças.

O ujo era uma ave gigante muito estranha, parecida com um mocho enorme e que se plantava no alto daquela fraga, de onde, a altas horas da noite, emitia uns gritos muito assustadores:

— Úuuuuuuujooooooooo! Úuuuuuuuuujooooooooo!

Era assim que o ouvíamos. Tirava o sono a qualquer um. Assim que tocavam as trindades e a noite começava a cair, se alguém queria meter medo aos mais novos, bastava dizer:

— Olh’ó úuuujoooooooo!

Todos corriam logo para casa. Hoje já ninguém o vê lá, mas aquela fraga ficou sempre com o seu nome.

Nota: Ujo. ORNITOLOGIA ave de rapina noturna da família dos Bubonídeos; bufo (ujo in *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-10-01 16:11:48].

Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ujo>

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: VILHENA, M. Assunção. *Gentes da Beira- Baixa, Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova*, Fernando Mão de Ferro, Lisboa, 1995, p. 95.

Data:**Lugar:****A Origem dos Javalis**

S. Pedro e Nosso Senhor passaram por uma aldeia onde uma menina, chamada Maria da Cruz cuidava numa vara de porquinhos. Nosso Senhor contou-os e seguiu. Quando voltaram a passar por lá, Nosso Senhor verificou que os porquinhos não estavam lá todos. É que a mãe da Maria da Cruz tinha roubado alguns e Nosso Senhor julgou-a nestes termos:

— Os que aqui estão, partidos estão, (são os porcos de hoje)

Os que faltam, ao mato vão; (são os javalis)

E a pastora numa coruja se faça.

A menina transformou-se num passarinho com cara de gente e uma marrafa ao meio no cabelo e voou. Assim a mãe de Maria da Cruz foi castigada: perdeu os porquinhos que se transformaram em javalis, e a filha que se transformou numa coruja.

Nota: Outra versão:

Quando Deus Nosso Senhor andava neste mundo, passou por uma terra onde encontrou uma mulher muito pobre, com muitos filhos. Deus Nosso Senhor ajudou-a entregando-lhe uma vara de porcos, dizendo-lhe que voltaria para saber como estava. Passado algum tempo, Deus Nosso Senhor reencontrou a mulher e perguntou-lhe pelos porcos. A mulher, matreira, foi buscar apenas metade e escondeu também a pastora que lhe havia ajudado a criar os animais. Deus Nosso Senhor castigou-a, dizendo-lhe: “Os que aqui estão divididos estão. Os que aqui faltam, bravos se tornarão”. Nasceram assim os javalis. E a pastora transformou-se em coruja, daí, o seu piar ser assim: ó madrinha acuda, ó madrinha acuda, ó madrinha acuda. (Bemposta, Abrantes)

“Documentar o Intangível - a lenda dos javalis” in *Abarca, Jornal Regional*, 2015.11.27. Disponível na Internet: <http://www.abarca.com.pt/?cix=noticia526156> [consult. em 2016.02.18]

#13

Contribuidor/Informador: Ana Paiva

Fonte: Câmara Municipal de Coruche / Museu Municipal de Coruche

Data: Abril 2016

Lugar:

Lenda sobre a origem do nome Coruche

No concelho de Coruche existe a lenda associada ao próprio nome do concelho, que teria derivado de "coruja":

Segundo uma lenda, dizem que o nome foi dado por D. Afonso Henriques, quando, ao vir de Santarém para tomar o castelo e a povoação aos Mouros, lhe chamaram a atenção dois enormes pinheiros, no cocuruto dos quais estavam poisadas duas corujas que nem o tropear dos cavalos amedrontava. Então o rei terá dito:

- Estamos a chegar à terra das corujas.

E assim batizou a povoação.

Segundo outra lenda, o nome teria sido posto pelos habitantes da Erra que, ao dirigirem-se para o rio, onde faziam as suas trocas comerciais ou embarcavam os produtos que comerciavam com outras regiões, observaram grande quantidade de corujas nas proximidades da povoação, e logo designaram: É a terra das corujas.

in Pinto, J. Antunes - Coruche e suas gentes, ed. autor, 1987, p.17

(Erra é uma freguesia do concelho de Coruche.)

Nota: Entrada generosamente enviada pelo Centro de Documentação da Câmara Municipal de Coruche.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). “Etnografia” in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. 9, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, Bragança, p. 309. Disponível na Internet: <http://issuu.com/lelodemoncorvo>

Data:**Lugar:**

Nos festejos populares a São João, a Santo António e a São Gonçalo de Amarante, como casamenteiros, andam esparsos restos do sexualismo pagão adscrito ao equinócio de Junho, com ressaibos fesceninos acentuadamente fálicos, que igualmente aparecem nas lendas aplicadas pelo povo ao cuco, mocho e poupa.

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal). “Segundo Preâmbulo” in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. 5, Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, Bragança, p. 18. Disponível na Internet: <http://issuu.com/lelodemoncorvo>

Data:**Lugar:**

O notável jurista Tomé Pinheiro da Veiga na *Fastigimia*, p. 191, obra interessantíssima para avaliar a vida peninsular nos princípios do século XVII, tratando das razões porque chamam cornudos e cucos aos maridos ludibriados na fidelidade conjugal, vê-se embaraçado para fundamentar o título de cucos e não acerta por último. A razão é clara em Varge, concelho de Bragança. O cuco apanhou em adultério ou quase a sua mulher a bubela (poupa) com o mocho e, segundo o artigo aplicado das *Ordenações*, o réu foi açoitado. O triste esforçava-se por fugir com o rabo... à chicotada e o cuco furioso gritava: *cú-cú, cú-cú*, como quem diz: no cu, no cu, quando o látego errava o alvo. O mocho não piava, como na balada, mas exangue gemia: *uí, uí*. O melro protestando contra a barbaridade do castigo assobiava irónico em estribilho no final de cada gorjeio invectivando o queixoso: *coitado, coitado* e a bubela concordando, acrescentava: *burro, burro, burro, por tão pouco, por tão pouco*. Quem conhece o canto das aves citadas admirará, sem dúvida, a perícia e a fidelidade com que

adaptaram seus gorjeios a tão burlesco caso. Daqui se originaram os ápodos de *cucos* e *coitados*.

#16

Contribuidor/Informador: Margarida Rosa da Silva

Fonte: recolha oral (C. Gomes, A. Oliveira)

Data: Novembro 2015

Lugar: Açores

O Melro e o Mocho

Um dia, um melro foi a voar e pousou num castanheiro para passar a noite. Entretanto, viu que já lá estava um mocho. O mocho viu o melro e pensou para si mesmo, *ora, ora, ceia de primeira!* E foi falando com o melro, fingindo-se seu amigo.

A noite chegou e o mocho estava ansioso que o melro adormecesse, para poder comê-lo. Mas o melro mantinha-se com um olho fechado e outro aberto, e o mocho cada vez mais nervoso com a situação.

Ao fim de tanto esperar, disse o mocho:

- Ouve lá, amigo melro, por que não fechas os dois olhos?

Ao que respondeu o melro:

- Amigos de longe vistos de perto, fazem com que tenha um olho fechado e outro aberto.

#17

Contribuidor/Informador:

Fonte: PORTO DA CRUZ, Visconde de. “«As Almas» do Lombo dos Leais” in *Algumas Lendas e Alguns Monumentos do Archipelago da Madeira, Comunicação...*, Tipografia do Comércio, Lisboa, 1924, pp. 8-9.

Data:**Lugar:****«As Almas» do Lombo dos Leais**

Cerca de uma légua distante da vila do Porto da Cruz, em plena serra, entre arvoredos centenários e grandes moles de negras cantarias, alvejam as paredes do velho Solar dos Leais. É uma espaçosa casa antiga, correndo em dois andares, com as janelas pequenas e estreitas abrindo para o nascente. Do lado da Estrada Real, para quem sobe da vila ou desce da serra, o Solar oferece a monotonia das suas muralhas, que se rasgam apenas para o grande portão da entrada. Dizem que os meus antepassados propositadamente assim fizeram construir aquele ninho adorável, para melhor garantirem a defesa, no caso de assalto dos corsários ingleses, franceses ou mouros que frequentemente levavam a cabo suas proezas, as mais das vezes castigadas severamente, na linda Ilha...

A Quinta do Lombo dos Leais é das mais antigas da Ilha da Madeira, e, sem dúvida, das mais aprazíveis, já pela sua situação privilegiada, em plena serra, numa altitude considerável, já pela riqueza das terras que a cercam, já pelo remansoso isolamento em que se encontra. Os olhos perdem-se extasiados por muitos léguas de serras lindíssimas incrustadas de vilarejos, ou na distância imensa do horizonte onde o anil do mar se confunde com o azul do céu.

Afirmam uns que a fundação daquele Solar do Lombo dos Leais vem dos tempos dos Reis da segunda dinastia, D. Afonso V ou mesmo D. Duarte, e outros que, apenas, do Reinado do Cardeal Dom Henrique. Em documentos que consultei tive ensejo de verificar que a sua fundação se deu por 1613, o que já dá um certo ar venerável aqueles possantes muralhas, amassadas com argila e areia.

Quando o Povo do Porto da Cruz iniciou os trabalhos de edificação da Igreja Paroquial, os Senhores do Lombo dos Leais tomaram à sua conta a construção da Capela do Santíssimo, que forma o braço direito da Cruz Latina que o Templo

apresenta. Nessa capela do Santíssimo Sacramento dormem em Deus antepassados, da minha Raça, que foram bons cristãos e leais servidores da sua Pátria e dos seus Reis...

Segundo rezam as tradições, num rigoroso Inverno aconteceu findar-se no Solar um dos seus Senhores. E como a água do céu não parava, como apostada em impedir de todo que levassem para o mausoléu da Família o velho Fidalgo, em vista da decomposição adiantada do cadáver, foi mister sepulta-lo na Capela de são João Nepomuceno, mesmo junta a outra casa dos Leais, a poucos minutos da Quinta do Lombo e mais conhecida pela «Casa da Capela». Na rocha sobre que assentam os alicerces desta velha habitação e deste minúsculo Santuário, fazem as corujas seus ninhos e em grandes bandos passam seu viver de noctívagas.

E poisando, nos arvoredos ou nos telhados, soltam seus gritos sinistros que por vezes se assemelham a uma suplica plangente... O Povo, porém, apegado as superstições, afirma que é a Alma do Fidalgo que dorme o sono eterno na Capela solarenga, que se ergue a passear por seus domínios a matar saudades ou a chorar, censurando aquele isolamento a que na morte o votaram, arredando-o das Cinzas dos que na morte o antecederam, e, lá em baixo, dormem na Igreja Paroquial, com esse mar de Safira a salmodiar-lhes orações... E da case da Capela, meio derrocada pelos séculos, nem vivalma se abeira desde que o sol se some no poente... Um receio supersticioso empolga aquelas Almas simples de Camponeses que se benzem orando quando os gritos das aves nocturnas enchem aquelas vales...

#18

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Praça do Almada”. *Wikipedia*. Disponível na Internet: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_do_Almada

Data: [consult. em 2015.12.05]

Lugar:

Uma lenda fala de uma coruja branca que voa sobre a praça entre as onze e meia da noite e a meia noite, a qual é associada à encarnação da alma de alguém que muito amou esta praça e que nunca mais a quis deixar.

Nota: “Achamos muito curiosa esta lenda a propósito de uma coruja-fantasma do passado na Praça do Almada, mas infelizmente não temos qualquer informação a

propósito, aliás nunca a tínhamos ouvido. É certo que com alguma frequência (mas não com tal pontualidade) são observadas corujas-das-torres *Tyto alba* a sobrevoar a Praça, predando nas concentrações de passeriformes que pousam nas tílias para passar a noite, por vezes em número muito significativo, o mesmo acontecendo noutras praças e jardins locais. Nos inícios da década de 80 um casal nidificou na torre da Igreja Matriz. Na altura circulou, por brincadeira, a história que seria o fantasma de um antigo prior. A credence popular de então e a curiosidade da catraiada acabaria por as expulsar. Hoje é de supor que nidifiquem em alguma das casas abandonadas que pontificam pela cidade. As aves de rapina nocturnas não são normalmente fáceis de observar aqui no concelho da Póvoa, sendo a coruja das torres talvez a mais comum. Quando foi construída a A 28 auto-estrada entre Porto e Viana do Castelo na freguesia de Amorim foram detectados uma série de exemplares mortos na berma da estrada, sendo de supor que a população local tenha sido seriamente afectada.

O mocho galego é muito raro aqui na região, com escassas observações, já a coruja do mato e o bufo de orelhas contam com observações nos pinhais das freguesias a Norte. Em suma uma lenda romântica de alguém apaixonado pela Póvoa é fácil de compreender, mas provavelmente foi inventada muito recentemente.”

(Comentário gentilmente enviado por José M. Flores Gomes, arqueólogo municipal, Museu Municipal, Município Póvoa de Varzim.)

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: SERPA, C. Gonçalves. “Serpínia e a Fundação de Serpa”, 1962, in SERPA, José Penedo de. *A Serpe, Serpa enCantada em Lendas envolVidas por Ana – o Rio*, e-libro.net, 1996, p. 88. Disponível na Internet: <http://www.joraga.net/>

Data:

Lugar:

Serpínia e a Fundação de Serpa

- Porque olhas tanto para aquela palmeira em frente do meu quarto... interrogou de novo Serpínia.

- Lembro-me...

- Do quê?

- Queres que diga?

- Já...

- Esta noite acordei ao piar sinistro dum mocho agoirento que, poisado naquela palmeira piava... piava... piava... e isto por mais duma hora. Quando ele voou, uma coruja passou grasnando também pelo mesmo sítio. Isto não é bom sintoma nem presságio consolador dizem os aurúspices.

- Olha - Galiosa - nunca fui supersticiosa e em vez de temer o canto das avezinhas alegro-me com ele.

- Também eu, quando elas são canoras. Agora estas. . . estas... estas são piadeiras.

#20

Contribuidor/Informador:

Fonte: COSTA, José Daniel Rodrigues da. “Fabula Allegorica, e Moral” in *Papeis Contra Papeis ou Queixas de Apollo para Açoute de Máos Poetas*, Off. de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1820, pp. 11-15. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=0JtgAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

Fabula Allegorica, e Moral

O Estorninho, a Coruja, e o Burro

Sobre um viçoso olival
Dos ares se viu descer
Brava tropa de Estorninhos
Vindo azeitona comer.

Huns na terra, outros nos ramos,
Era tal a chalreadura,
Que bem mostravão, contentes,
Ter achado alli fartura.

Huma Coruja que os viu,
E que de os ver não gostou,
N'hum a apartada oliveira
Apaixonada pousou.

Desesperada de ver
Da azeitona os descaminhos,
Temia faltas de azeite,
Mal-dizendo aos Estorninhos.
E não se podendo ter,
Entre as ramas se encobrio,
Toda irada, toda crespá,
Estas fallas proferio:
Leve a breca os ratoneiros!
Que sem guarda que os espreite
Dão fim de tanta azeitona
Para haver faltas de azeite.

Comem o que não he seu,
Julgando que pouco val;
A azeitona leva cresta;
Pobre dono do olival!

Hum Estorninho, que ouvia
Aquellas lamentações,
Poz-se em campo pelos mais,
E soltou estas razões:

Inda que estás encuberta,
Já para mim és patente;
Tu, que pelo azeite puggas,
És Coruja certamente.

A azeitona que comemos,
Que bem pouco nos embucha,
Val menos do que esse azeite,
Que vossê nos templos chucha.

Tornou-lhe a Coruja: Amigos,
Sou Coruja, não o nego;
Mas tenho muita razão
No que digo, e no que allego.

Pois que somos dois teimosos,
Lhe respondeo o Estorninho,
Alguem de fóra decida
Qual de nós he mais daninho
Veio alli pastando hum Burro:
Eu o chamo, que he preciso,
Que ella decida a contenda,
Sem suborno, e com juizo.

Conveio nisso a Coruja,
E o jumento se chamou,
Que prompto veio; e informado,
Suspenso hum pouco ficou.

Mas como serio animal,
Porque juiz se viu feito,
Julgou ter perdido a essencia,
E ser hum sabio perfeito.

Arribitou as orelhas,
De cima o beijo enrugou,
Deo tres zurros, dois pinotes,
E a causa sentenceou.

O roubo dos Estorninhos
(O Burro assim se explanava)
Pela pouca quantidade
He furto que não agrava.

Mal maior eu considero
Fazerem-me conduzir

Azeitonas á Cidade,
Para o povo lá cortir.

Duas vezes na semana,
Levo hum ceirão, levo hum sacco
Cheios dellas para a praça,
Vindo a ser iscas de Basco.

Não só eu, outros mais andão
Mettidos na mesma nora;
Isto faz o azeite escasso,
E que venha outro de fóra.

Eu inda lembrança tenho,
Pois que não he muito antigo,
De se prohibirem bollos
N'hum anno falto de trigo.

Mas quando ha pouca azeitona,
Não se faz nisto reparo:
Casas de povo a consomem,
Haja embora azeite caro.

Porém tornando á questão:
Coruja he bicho malvado,
Porque onde pressente azeite,
Por ella há de ser chupado.

Assim devo concluir,
Dando sentença legal,
Que o mal que faz a Coruja,
He cem vezes maior mal.

Disse: e virou mui soberbo,
Deixando os dois litigantes;
Repetio zurros, e couces,
E foi pastar como d'antes.

Logo o Estorninho á Coruja

Motejando disse então:

Estás convencida, ladra?

Ella respondeo-lhe: Não.

Poi bem, lhe disse o Estorninho:

Novo partido se acceite,

As azeitonas deixamos,

Vai dellas fazer azeite.

Respondeo ella: Não sei,

Nem para tal tenho geito;

O que sorvo, e me sustenta

He o que encontro já feito.

Vai-te, virbanta, disse elle,

Que só serves, monstro feio,

De desfrutar, pelo mundo,

Frutos do trabalho alheio.

Deste Conto se collige

O que a todo o instante vemos;

Com systema de Coruja

Inda entre nós homens temos!

Que sem risco, sem fadigas,

Sem despezas, e sem sustos,

Desfrutão bens grangeados

Por outros a muito custo.

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, José Maria da Costa e. “Fábulas” in *Poesias*, tomo 2, Typ. de António José da Rocha, Lisboa, 1844, pp. 169-171. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=PUwTAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:**Lugar:****Fábula LI.****O Conjuuro**

Desdentada
 Bruxa odiosa,
 N'huma noute
 Nebulosa,
 Por Floresta
 Tenebrosa,
 A deshoras
 Se meteo.

Faz tres circulos na terra
 Com a magica varinha,
 Que na mão rugosa tinha,
 E com voz que tudo aterra
 Entoou diabolica canção.

A sua voz horrenda abala em roda o chão,
 Dos Lobos, e dos Cães os uivos, e os latidos
 Começam de soar; fogem espavoridos
 Corujas, Noitibós, e Mochos, que a tremer,
 Nos domicilios seus, correm a se esconder.
 Das hervas o verdor subito amarellece,
 Para o Regato, a Fonte, e de correr se esquece.
 Então juntando a Velha a lenha, que cortou,
 Com luz que de hum sepulchro á lampada accendera

Chegou-lhe o fogo; o fogo em ondas se ateou,
 E crepitando sobe!... ao longe reberbera,
 E da medonha noute augmenta mais o horror,
 Redobra o seu conjuro a horrivel feiticeira,
 De hum Mocho o coração arroja na fogueira,
 Faz nella espadanar d'Agno de negra côr
 O sangue, junta o fel de hum Tigre maculoso,
 O figado de hum Gallo, hum Sapo venenoso,
 Arruda, incenso; e diz sacrilega oração,
 Que faz obedecer o Reyno de Plutão.

Eis relampagos fulgem horrendos,
 Eis trovões que rebramam tremendos,
 Dos Demonios os risos, os urros
 Que, sahindo dos inferos curros,
 Toda a selva povoam,
 E em redor da Bruxa se amontoam.

D'estes monstros a horrivel matinada
 Discordante, ferós, descompassada,
 Faz os montes tremer, abala os ares,
 E ao longe echoa nos revoltos mares!

Eis o Corni-capri-pede Astharoth
 “Oh Tu, que tens o anel de Selamoth,
 “Que todos nos domina,
 “Feiticeira mofina,
 “Dize, porque motivo nos chamaste
 “E do Inferno atéqui nos arrastraste”

Callou, e a velha Stria
 =Quero (lhe respondia)
 =Saber, e logo, aonde
 =O meo Azor se esconde;
 =Azor, o meo Gatinho,
 = Que me fugio há pouco, coitadinho!
 Ouvindo tal o Demo enfurecido,

A boca, e os olhos negros retorcendo,
Com o caprino pé o chão batendo
Clama em ferós rugido:

“Esqueleto ambulante,
“Vaso de perdição, e de maldade,
“Apavoras os Campos, e a Cidade,
“Alvorotas ar, pego, e Ceo brilhante
“E os Reynos do profundo
“Por bagatella tal!... Montrego immundo,
“Maldita encantadora
“Fica ahi em má hora!
Disse, os dentes rangendo, dando aos rabos,
Fogem com elle todos os Diabos.

Desta Bruxa o conjuro frustrado
Me tem feito lembrado
De Sultão tanto, e tanto Imperador,
Que por leve etiqueta, e pondenor,
Quebrantam pazes, e declaram guerras,
Fazem marchar Exercitos, e Frótas,
Mares cruentam, e desolam terras:
E apoz de mil batalhas, mil derrotas:
Tanta morte, e Cidade incendiada,
Que lucram nisso?... nada.

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: SILVA, José Maria da Costa e. “Fábulas” in *Poesias*, tomo 2, Typ. de António José da Rocha, Lisboa, 1844, pp. 39-518. Disponível na Internet: <https://books.google.pt/books?id=PUwTAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Data:

Lugar:

Fabula XIV.

O Mocho, e o Velho

Em hum pardieiro
Mui roto, e mui fusco,
Entrando hum Velhusco,
Vio Mocho agoureiro,
Hum Rato empolgar.

“E huma ave (lhe brada)
“Que a Sábia Minerva
“Comsigo conserva
“Por tão celebrada
“Em philosophar:

“Avilta a Sciencia
“Com animo atroz?
“Fazendo-se algoz
“Da inerme innocencia,
“Para a devorar?

=Porque a Natureza
(Responde em furor,)
=Me fez pensador;
=Nem de huma vil preza
=Me heide alimentar?

=Que Sabio somente
=Se nutra de Vento,
=He vão pensamento
=Que na Humana gente
=Se pode só, dar.

Fabula XXXIII.

O Pardal, e o Mocho

Vendo hum Pardal hum Mocho encafuado
Nas musgosas ruinas de hum castello,
Muito lampeiro a bulha quiz mete-lo,
E lhe disse com tom assucarado.

“Vivendo sempre só, sempre envolvido
“Nas sombras deste escuro pardieiro,
“Como alcançaste o nome lisongeiro
“De Sábio, e de Tritonida valido?...

“Do commercio das Aves te desquitas;
“Foges do resplendor do Sol luzente,
“E, apenas tua voz escuta a gente,
“Quando de noite horridamente gritas!

- Para ser Sabio (o Mocho lhe responde)
- Cumpre o Mundo fugir, e em solidão
- Indagar com tenaz meditação
- Altos arcanos, que Natura esconde.

Fabula LV.

O Mocho, e o Coelho

N'hum buraco encastellado
Tristonho Mocho vivia,
Da Consorte em companhia,

Dos Filhinhos rodeado,
Sem mais nada lhe emportar.

Junto delle se encovava
Coelho vago, e solteiro,
Que vendo-o ser tão cazeiro
Á paciencia o não levava,
E lhe foi assim pregar.

“Oh vizinho, he forte gosto!...

“He forte madraçaria!...

“Se continua, algum dia

“Passarei pelo disgosto

“De o ver de abafo acabar.

“Faça como eu, saia fora,

“Venha ares livres beber,

“Venha nas Campinas ver,

“Como a pulcri-coma Flora

“Faz as flores vecejar

- Será bom o seu conselho,

- Porém a mim não me apraz:

(Volve o Mocho) eu amo a paz,

- Pois como prudente, e velho

- Já o valor lhe sei dar.

- E se o Senhor se recrea

- De se expor aos caçadores,

- E aos dentes devoradores

- D’Aves, e Feras de prea,

- Que o pertendem devorar.

- Eu não! Que tenho que ver

- Nas campinas, e nos prados?...

- Nos filhos meos, muito amados,

- Ponho todo o meu prazer,

- Ponho todo o meu folgar.

- Por elles, e minha Esposa

- Reparto a minha ternura,
 - Da domestica ventura
 - Tão suave, tão gostosa
 - Quero em braços acabar.
-
- Riso, o que digo, lhe dá
 - Porém seja Pay, e Esposo,
 - E quanto he delicioso
 - o meu viver saberá.
- Disse, e tornou-se a encovar.

Á sabia phylosophia
Deste Mocho tão prudente
Por muita cazada gente
De fera mizantropia
Sei que se hade o nome dar.

Fábula LXI.

O Milhafre, e o Mocho

Certo Milhafre, ou Milhano,
Que não sei porque capricho,
Nossos bons antepassados,
Deram dois nomes a hum bicho:

Certo Milhafre, que astuto,
Mui longos paizes vira,
E que mil vezes as unhas,
De Aves em sangue tingira:

N'hum derrocado Castello,
Com hum Mocho se encontrou,
E depois de sauda-lo,
Deste modo o chasqueou.

“Sempre has de ter bem máo genio,

“Pois não achas hum Amigo,
“Que os desgostos da existencia
“Queira aligeirar contigo:
Nisto a Ave de Minerva
Surrindo lhe respondeu,...
Surrindo, creio que he muito,
Mas hum ar de riso deu.

- Não me fallecem amigos
- Por eu ter má condição,
- Mas porque o Ceo me deu olhos
- Para ver na escuridão.

O sabio, que dos Humanos
Penetra a perversidade,
Ou nunca, ou mui raras vezes
Cultivará a amizade.

Fabula XXVIII.

O Mocho, e o Sapo

Hum Mocho assentou morada
Na fenda de hum Pardieiro,
E ali o alado agoureiro,
Levava vida folgada,
Como o Frade em seu Mosteiro.

E quando a noite descia
De sombra a terra toldando,
Elle piando, ou miando*
As pardas azas abria.
E os ares hia cortando.

Aqui hum rato caçava,
Além hum Pardal damninho
Hum Perdigão, ou Pombinho,

E com elles carregava
Abastecendo o seu ninho.

Um dia passava inteito
A dormir, ou a comer,
E ás vezes n'outro mister,
Que eu acho mui lisongeiro,
Isto he em nada fazer.

*O piar d'hum Mocho tem muita semelhança com o miar d'hum Gato.

Fabula VII.

O Mocho, e a Cigarra

Em a toca de hum sobreiro
Prudente Mocho vivia,
Que dormia o dia inteiro,
E pela noute sahia
O sustento a procurar.

Esta he dos Mochos a moda,
E a moda de muita gente,
Que, jogando a noute toda,
Co' Sol no meridio ardente
Desperta para almoçar.

Veio o Estio abrasador,
E longas messes medrando
Do sobreiro em de redor,
Como mar de ouro brilhando
Fazia-as o vento ondear.
Logo importuna Cigarra
Ali morada buscou,
Campo, e ares atroou
Com a estridula algazarra
Todo o dia sem cessar.

O misero transnoitado
Que descançar desejava,
Co' termo mais mesurado
Á Cigarra supplicava,
Que o deixasse repousar.

Que ao menos por horas duas,
Pois só disso era contente,
Parasse as cantigas suas,
Para elle commodamente
De brando somno gozar.

Era justa a petição,
Mas a Cigarra imprudente,
Não he quiz dar attenção,
E dobrou acintemente
Seu importuno trillar.
Mais duas vezes, ou tres,
Repete o Mocho o pedido,
Porem d'aquella má rez
Foi sempre desatendido
O seu humilde rogar.
Athe que enfim já cançado
D'aquella ruim visinhança,
Resolveo desesperado
Tomar severa vingança
Della adrede o molestar.

Alguns dias passar deixa,
E diz-lhe emfim “oh visinha,
“Pauze a sua branda endeixa,
“E venha na casa minha
“Algumas horas passar.
“De nectar huma reserva
“Tenho que Palas me deo,
“Minha semana a Minerva
“Acabei, e hum Primo meu

“Hontem me foi revezar.

“E a Deosa, que he generosa,

“Ao que he seu bom servidor,

“C’huma redoma grandiosa

“D’esse suave licor

“Sohe o trabalho pagar.

“Venha pois, e beberemos

“Em doce conversação,

“Fóra huma cãa lançaremos,

“Que he grande consolação

“Com os amigos folgar.

A cantora que se achava

Abrasada em sede ardente,

Sem demora ás azas dava,

E voando velozmente

Foi junto ao Mocho pousar.

Elle que a vio a seu lado

A devorou sem demora,

E desde então socegado

Poude des que raia a Aurora

The á noute resonar.

Quem á rasão senão rende,

Á força deve ceder;

E como gozar pertende

De descanso, ou de prazer

Quem ruim visinho achar?

E que remedio?... mata-lo

Como o nosso Mocho fez?

Não ousou de aconselha-lo!...

Mas, havendo tal revez,

He logo a casa mudar!

Fabula XLIV.

O Ralo, o Grilo, e a Coruja

Hum Ralo raurrava
Com pouco ruído
Nos trigos metido,
Em noite formosa
De estivo luar.

E hum Grilo mui negro,
Que perto morava,
O ar atroava
Com seu muito agudo
Grigrí sem cessar.
E, o que he mais galante,
Os dois gritadores
De grandes cantores
Queriam por força,
A fama gozar.
E ei-los hum com outro
Gritando, altercando,
Hum, e outro teimando
Que a palma do canto
Lhe deve tocar.
Hum arbitro buscam,
Que a questão decida,
E foi elegida
Coruja prudente,
Que estava a escutar.

“Amigos, (diz esta)
“Eu sou mui sincera,
“E nimio severa
“A minha sentença
“Haveis de julgar.

“Se melhor dez vezes,
 “Que vós eu cantára,
 “Prudente julgára
 “Por forrar escarneos
 “Silencio guardar.

Poeta das duzias
 Já vi que renhiam,
 E que bem faríam,
 Em co’ esta Coruja
 Conselho tomar.

#23

Contribuidor/Informador:

Fonte: “L moucho i la águila”. *You Sou Mirandés*. Disponível na Internet:
http://www.mirandadodouro.com.pt/mirandes/contos_lmouchoilaaguila.htm

Data: [consult. em 2015.01.15]

Lugar:

[*mirandês*]

L moucho i la águila

Era ua beç ua moucha que tenie uns mouchicos mui feios, mui feios, no niu, nun buraco dua faia. Tenien pêlo malo que parecien ratos, tenien ls uôlhos mui feios cumo ls uôlhos de mocho, las alas sien prumas... éran todos çfarrapados. Bai un die, biu benir ua águila pur aquel sítio i pousou eili nun picon, onde la moucha tenie l niu. I bai la moucha fui-se para an pie de la águila i diç-le assi:

— Ah águila, mira bou-te a pedir un fabor!

— Pus tu dirás! Arrespondu la águila.

— Se un die achares no niu uns páixaricos pequeninos, mui lindos cun ls biquitos mui bien feitos, i las prumas mui relhamposas, i ls uôlhicos mui listos, i las cabecicas mui redondicas, nun ls comas, nó! Yê que son mius filhos! Dixo la moucha. Pus stá bien, arresponde la águila.

Soutordie, staba la águila no mesmo picon i sentiu piar uns páixaricos eili naqueilha fraga, nun buraco.

La águila achigou-se al buraco onde piában ls páixaros i bei anton cinco páixarotes mui feios, mal feitos, cula la cabeça quadrada, ls uôlhos arregalados, las alas znudas i cun pêlo de rato no lhombo. I diç assi:

Ui!... que páixarotes tan feios eiqui stan, bou a comê-los!

I papou-los todos. De cada bicada, papaba sou. Nun instante ls papou! Deili a un rato, ben-te la moucha cun un lhagartico no bico de çubiaco pal dar a comer als sous mouchicos. Bai-se al niu a saber de ls filhos i... achou l sítio... Yá alhá nun stában. Atirou cun l çubiaco la fraga abaixo i bai-se a a tener cun la águila chorando:

- Ah comadre papon, anton dixebos que se algua beç achássedes un niu cun uns páixaricos mui lindos, culs biquitos mui bien feitos, las prumas mui relhamposas, ls uôlhicos mui listos i las cabecicas mui redondicas, que nunca ls comírades, i agora bou a ber i comistes-me-los!... Éran mius filhos!...

- Nó, moucha, isso nun yê assi cumo tu dizes!... Arrespondeu la águila. You achei un niu cun uns páixarotes mui feios, mui feios: tenien la cabeça quadrada, ls uôlhos arregalados, i las alas znudas, ls bicos tuôrtos i ls lhombos cubiertos cun pêlo de rato, i esses si ls comi. Se éran esses ls tous filhos, houbiras-me lhougo dito la berdade!...

#24

Contribuidor/Informador:

Fonte: GAMA, J. A. Sanches da. “O Môcho Professor, Fábula Imitada” in *Literatura Ilustrada, Jornal Para Todas as Classes*, n.º 1, Impr. Literaria, 1860, p. 39.

Data:

Lugar:

O Môcho Professor

Sob os ramos d'um alamo frondoso
Um môcho dava as suas prelecções;
E dos nossos pedantes
Adoptando o sistema, os modos arrogantes,

E os fôfos palavrões,
 Em bôa fé se cria o rei dos sabichões.
 A bossa musical acha no burro;
 E ao burro ensina as regras da harmonia;
 A aranha é destinada á poesia;
 Quanto ao gallo, rival do nosso Gama,
 As ondas navegando,
 Há de um dia alcançar eterna fama,
 Novos mares, novas terras conquistando;
 De immurheciveis louros
 O pato deve um dia ornar a frente;
 E, animoso e valente,
 Atravez de mil p'rigos
 Fará tremer os povos inimigos.
 Findaram os estudos
 E o burro na scena apparece a *cantar*,
 E canta por tal forma,
 Que, corrido a chicote, o mandaram pastar;
 A aranha s'esfalfou por muitos annos,
 Escrevendo um poema sem sabor;
 E, em cata d'um esdrúxulo rebelde,
 Estalou de miseria e de dor;
 Do estrondo da batalha atordado,
 E de medo, cae o gallo fulminado;
 E o mesquinho do pato,
 Largando as armas ao primeiro fogo,
 E dos casos da guerra
 Não q'rendo saber mais,
 Á pressa s'escondeu n'um limpido regato,
 Que sereno corria entre uns canaviaes.
 Ora, se o bom do mestre, com mais sisudeza
 Lhes consultasse o instincto e a natureza,
 - O gallo seria
 Um monarcha feliz no seu poleiro;
 Levará o burro os saccos ao moleiro;
 A diligente aranha
 As teias urdira com facilidade;

O pato em mansa limpha
Veloz navegaria.

E assim cada um podia
Dentro da sua esfera achar a f'licidade.

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: MELLO, António Joaquim de Mesquita e. “O Pardal, e o Mocho” in *Collecção de Poesias Reimpressas e Ineditas*, Tomo 2, Na Typ. de Manoel José Pereira, Porto, 1862, pp. 107-109.

Data:

Lugar:

O Pardal, e o Mocho

Consta que pardal esperto
Escuzo sitio buscou;
Qual era o fim desta busca
Á tradição escapou.

Dizem só que alli occulto
Sombrio mocho encontrára,
E corre por cousa certa,
Que entre os dois isto passára:

PARDAL.

«Desgraçado, tu sósinho
«Mettido na brenha escura!
«Não ha miseria peor,
«Não ha peor desventura!

«Porque não vens, tu, comigo
«Nas seáras povoadas
«Ter os mesmos regabofes,
«Que tem os meus camaradas?

«Nós lá folgamos á larga

«Pelo chão, e pelos ares;
«Nem fugimos uns dos outros,
«Nem temos os teus pesares.

«A despezas dos camponios
«Trazemos o papo cheio:
«Vem, coitado, vem azinha
«Lograr-te de igual recreio.

MOCHO

«Agradeço o teu alvitre,
«Mas dize, por tua vida;
«Acaso não tem precalços
«A vossa gabada lida?

PARDAL

«Tem alguns, e eu sou tão lizo,
«Que não te escondo os maiores:
«Astucias de trêdos moços,
«Ferezas de caçadores.

«Mas a troco de uma folga
«Regalada, e sempre bella,
«Tudo isso é cousa pouca,
«É nonáda, é bagatella.

MOCHO

«Bagatella! Há quem tal diga!
«Ora segue o teu caminho,
«Vai, ó *simples*, vai-te embora,
«Deixa-me em paz no meu ninho.

«Deixa-me estar n'um retiro,
«Onde traições não conheço;
«Onde escapo ao malfazejo,
«Porque jámais appareço.»

Assim o mocho pensava,
E eu tambem assento n'isto:

Menos tramas tem no mundo
Quem do mundo é menos visto.

Nota:

Os Mochos

Sob os feixos onde habitam,
Os mochos formam em filas;
Fugindo as rubras pupilas,
Mudos e quietos, meditam.

E assim permanecerão
Até o Sol se ir deitar
No leito enorme do mar,
Sob um sombrio edredão.
Do seu exemplo, tirai
Proveitoso ensinamento:
— Fugí do mundo, evitai

O bulício e o movimento...
Quem atrás de sombras vai,
Só logra arrependimento!

(BAUDELAIRE, Charles, in *As Flores do Mal*. Tradução de Delfim Guimarães.)

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: PACHECO, Fernando Assis. “O Mocho e o Macaco” in *A Musa Irregular*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2006, pp. 196-197.

Data:

Lugar:

O Mocho e o Macaco

Ora uma vez um mocho diz o meu filho
que sabe todas as histórias do mundo

uma vez um mocho

o macaquinho pergunta-lhe

o que é quando se morre?

pois nada diz o mocho

morre-se praí

o macaquinho insiste

mocho e quando tu morreres?

morro nada diz o mocho

hás-de morrer tu primeiro

mas veio uma zorra e comeu o mocho

que foi para um buraco muito fundo

ninguém cantava nesse buraco

só os morcegos e mesmo esses

só se a gente lhes batesse

com uma vassoura da cozinha

o macaquinho come bananas

escapa-se ao jacaré do Amazonas

que lhe quer dar uma dentada

salta nas árvores

uma daquelas era onde estava o mocho

coitado do mocho

não viu a zorra ao pé da carvalheira

morre-se praí

morre-se num instantemente de nada

morre-se a morte mocha

sem a gente dizer ai

Nota: *Morte mocha* parece ser um termo utilizado pelos gnósticos que significa “aceitar a morte e o renascimento com naturalidade”. Não sabemos se utilizado, pelo autor, com este significado.

#27

Contribuidor/Informador: Rui Arimateia**Fonte:** Câmara Municipal de Évora / Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP**Data:** Maio 2016**Lugar:****506. O Mocho e o Criado**

Um mocho tinha um criado chamado Domingos e um carro de bois. Quebrou-se o cabeçalho do carro e o mocho mandou o criado cortar um pinheiro para o substituir. O criado demorou-se e o mocho andava pelo ar: “Domingos, Domingos!” (é o miar). “Os bois? Os bois?” (é o mochar).

Isto explica o que dizem nas Caldas da Rainha: o mocho tem duas vozes: *miar* (quase como o gato) e *mochar* (grito grosso e longo). O *miar* é sinal de boa-nova; e o *mochar* é agouro.

(De São Geraldo de Montemor-o-Novo?)

in *Contos e Lendas*, vol. 2, Leite de Vasconcellos, *Acta Universitatis Conimbricensis*, Coimbra, 1969, p. 178.

Nota: Gentilmente enviado pelo Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP – Câmara Municipal de Évora.

#28

Contribuidor/Informador: Rui Arimateia**Fonte:** Câmara Municipal de Évora / Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP**Data:** Maio 2016**Lugar:****O Mocho**

Era uma vez um mocho que vivia lá no meio dos campos, um dia fez um ninho em cima de um chaparro. O mocho criou quatro mochinhos no ninho.

Ali nas redondezas havia uma zorra que era muito manhosa, andava sempre a ver se comia alguma coisinha. Um dia a zorra foi até ao pé do chaparro onde o mocho tinha o ninho com os quatro filhinhos.

A comadre zorra começou a dizer:

- “Mocho, moquinho dá-me um dos teus filhinhos, senão eu corto o chaparro, chaparrinho e como-te a ti e aos teus filhinhos.”

O mocho com medo da zorra, atirou-lhe um filhinho.

No outro dia a zorra manhosa apareceu lá outra vez e começou com a mesma conversa:

- “Mocho, moquinho dá-me um dos teus filhinhos, senão eu corto o chaparro, chaparrinho e como-te a ti e aos teus filhinhos”.

O pobre do mocho não sabia o que havia de fazer, não teve outro remédio e atirou-lhe outro moquinho. Foi mesmo o que ela quis.

O mocho coitadinho já tinha dado dois dos filhinhos à zorra, estava muito choroso, fartava-se de chorar. Passou por ali a comadre águia, e quando avistou o mocho a chorar perguntou-lhe o que ele tinha, ele contou-lhe o que se andava a passar, que a zorra chegava lá, punha-se por baixo do chaparro e dizia:

- “Mocho, moquinho dá-me um dos teus filhinhos, senão eu corto o chaparro, chaparrinho e como-te a ti e aos teus filhinhos”.

A águia ouviu a conversa e disse ao mocho:

- Quando a zorra aqui aparecer outra vez salta de raminho em raminho e diz-lhe:

- “Zorrinha cagaiteira, deixa-me a mim e aos meus filhinhos e vai p'ró outro lado da ribeira”. Se ela te perguntar quem te ensinou isto diz-lhe que fui eu.

A águia foi-se embora. No outro dia aparece outra vez a zorra, ficou por baixo do chaparro e começou com a mesma cantilena:

- “Mocho, moquinho dá-me um dos teus filhinhos, senão eu corto o chaparro, chaparrinho e como-te a ti e aos teus filhinhos”.

O mocho pulou de raminho em raminho e disse-lhe:

- “Zorrinha cagaiteira, deixa-me a mim e aos meus filhinhos e vai p'ró outro lado da ribeira”.

- Ó compadre mocho, quem é que lhe ensinou isso?

- Ora Zorra, foi a comadre águia.

- E aonde é que ela anda? perguntou a zorra.

- Anda lá p'rós lados da ribeira.

Mesmo agora vou lá ter coom ela, disse a Zorra.

Assim que chegou à ribeira, não viu por ali a águia, lombrigou-a lá do outro lado da ribeira, mas a ribeira levava muita água e ele não podia passar.

A águia, mal avistou a Zorra veio logo ao pé dela.

- Comadre Zorra, o que faz aqui? Quer passar lá p'ró outro lado?

- Eu querer queria, mas a ribeira leva muita água, amiga águia.

A águia esperta disse-lhe assim:

- Agarre-se aqui ao meu rabo com a boca que eu passo-a p'ra outra banda.

A Zorra disse logo que sim, mas quando iam a meio da ribeira, onde o pêgo era mais fundo, diz a águia:

- Comadre Zorra, diga “gorro gorro”.

E a Zorra entre dentes disse: “gum gum”.

- Não é isso, é: “gorro gorro”.

- A Zorra, para dizer melhor “gorro gorro”, abriu a boca e caiu ao pêgo.

Assim se acabou com a manhosa da Zorra Cagaiteira.

in *Contos à Lareira*, Ed. Câmara Municipal de Mértola, 1997.

Nota: Gentilmente enviado pelo Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP – Câmara Municipal de Évora.

#29

Contribuidor/Informador: Rui Arimateia

Fonte: Câmara Municipal de Évora / Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP

Data: Maio 2016

Lugar:

A Coruja e a Águia

Havia a águia e a coruja.

Nesse tempo os bichos e os pássaros eram todos compadres uns dos outros e um dia a coruja encontrou a comadre águia e disse-lhe:

- Ó águia, se encontrares um ninho com uns passarinhos muito bonitos e muito bem feitos, não os comas, que são os meus filhos.

A águia um dia foi passear e encontrou um ninho com três passarinhos muito feios. Comeu-os todos!

A coruja chegou lá e achou o ninho sem os filhos, Encontra a águia e diz-lhe:
Então comeste os meus filhos?

- Tu disseste que eles eram muito bonitos e muito bem feitos. E como aqueles eram feios, comi-os, pensando que não eram os teus.

- É pena não os veres com os meus olhos, logo os achavas bonitos!

Moral da história: “Quem o feio ama bonito lhe parece”

Contador: Ezequiel Maria Santos (89 anos)

Recolha: Marisa Amarelo (16 anos), Julho de 2002

Nota: Gentilmente enviado pelo Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP – Câmara Municipal de Évora.

#30

Contribuidor/Informador: Rui Arimateia

Fonte: Câmara Municipal de Évora / Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP

Data: Maio 2016

Lugar:

A Pega, a Raposa e o Mocho

Era uma vez uma pega que tinha cinco filhinhos num ninho, em cima de um carvalheiro¹.

Um dia vem uma raposa e diz:

- Ó comadre pega, então tá² boa? O que é que tem aí?
- Tenho cinco peguinhos! Atão³ porquê?
- Bota⁴ um cá p'ra baixo que eu 'tou⁵ cheia de fome, há três dias que não como nada.
- Não dou. Eles são tão pequeninos e são só cinco.
- Ai não?? Atão, ão, ão, carvalheiro ao chão.

Ora a pega coitada, deu-lhe um peguinho para a raposa não deitar o carvalheiro abaixo e matar todos os peguinhos e assim foi, todos os dias, até a pega ter só dois peguinhos.

De seguida, passa o mocho e diz:

- Ó pega, então o que foi? Porque é que tá a chorar tanto?

- Ora, foi a comadre raposa que passou por aqui para eu lhe dar um peguinho, mas eu não lho queria dar e ela disse “ã, ã, carvalheiro ao chão” e raspava ao pé da raiz. Eu era obrigada a pôr um pego lá para baixo.

- Olha, amanhã quando a raposa cá vier, diz-lhe que o carvalheiro não vai ao chão senão com braço de homem e bico de enxadão.

No outro dia, quando a raposa vai ter com a pega com a mesma lamúria, a pega diz-lhe:

- Olha, o carvalheiro não vai ao chão senão a braço de homem e a bico de enxadão.

- Quem é que te disse isso?

- Foi o compadre mocho.

- Onde é que ele anda?

- Anda na horta a cavar.

A raposa chega à do mocho para o comer:

- O comadre raposa não me coma, estou todo sujo, todo enlameado. Lava-me antes de me comeres.

A raposa lá o foi lavar:

- Pronto, agora vou-te comer!

- Ai! Ainda não me comas! Já viste, estou todo molhado e nem te vou saber a nada. Coloca-me além no velado⁶ a enxugar e depois podes comer-me.

A raposa colocou-o no velado a enxugar e quando vai para o comer, o mocho levanta-se e abala⁷ a voar e a dizer:

- Não me comes não, que eu já não chego com os pés ao chão!

Contador: António Azinheira (70 anos)

Recolha: Tiago Azinheira (13 anos), Julho de 2002

in *Contos e Lendas Tradicionais*, (Recolha em S. Sebastião da Giesteira – Évora), Ed. Associação de Desenvolvimento Local ‘A Giesta’, Dezembro de 2002.

Nota:

1 – carvalho, planta que dá os bugalhos

5 – estou

2 – está

6 – valado, vala

3 – então

7 – vai-se embora

4 – deita

Nota: Gentilmente enviado pelo Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial / DCP – Câmara Municipal de Évora.

#31**Contribuidor/Informador:**

Fonte: FURTADO-BRUM, Ângela. “O melro e o mocho” in *Contos Tradicionais Açorianos*, João Azevedo Editor, Ponta Delgada, 2003, p. 170.

Data:**Lugar:****O Melro e o Mocho**

Uma certa tarde um melro foi voando, voando até que chegou ao pé de um castanheiro onde queria passar a noite. Pousou, mas viu que lá estava um mocho. O mocho, assim que viu o melro, ficou muito contente e disse lá consigo:

- Já cá tenho ceia de primeira!

E começou com voz muito mansa a falar com o melro, fazendo-se muito seu amigo. O tempo foi passando, o Sol pôs-se, e o mocho estava inquieto que o melro pegasse no sono pra poder comê-lo. Mas o melro, pra descansar estava sempre com um olho fechado e o outro aberto. O que estava virado prò mocho estava sempre aberto. E o mocho olhava para ele e pensava: “Ara, o melro não fecha os olhos”. Esperou, esperou e foi ficando aborrecido até que, por fim, rebentou e disse:

- Ó amigo melro, porque é que não fechas os dois olhos?

Respondeu o melro espertalhão:

- Amigos de longe vistos de perto fazem com que eu tenha um olho fechado e outro aberto!

(Lucinda Amaral, 89 anos, Lajes, Pico)

Nota: Gentilmente enviado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura – Direcção Regional da Cultura / Açores.

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: MOUTINHO, José Viale. “A Coruja e a Águia” in *Livro Português das Fábulas – Uma Antologia*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2014, pp. 64-65

Data:

Lugar:

A Coruja e a Águia

Certa vez, uma coruja voou até junto de uma águia-real e disse-lhe assim:

- Ó águia, sei que andas à caça por estes lados, que é onde eu tenho o meu ninho. Assim, quero pedir-te se o vires, ele tem quatro corujinhas muito lindas, com uns olhinhos belos e uns biquinhos muito bem-feitos. Não as comas que são as minha queridas filhinhas!

A águia respondeu-lhe que estivesse descansada, que seria incapaz de fazer mal às filhinhas da amiga. E lá foi cada uma para seu lado.

Daí a pouco, a águia entrou num arvoredor e encontrou um ninho de coruja e logo comeu as quatro corujinhas que lá estavam, voltando aos seus voos.

E a coruja, quando regressava ao ninho, com alimento para as filhas, ficou louca de dor ao ver que estas tinham sido comidas, e só podia ter sido pela águia. E dirigiu-se a ela, pedindo-lhe explicações:

- Eu não te preveni, águia, de que as minha filhas...

- ... eram lindas, de olhos belos e biquinhos bem-feitos! Ora eu encontrei umas corujinhas de olhos fechados, sem bico, feiosas. Nem pensei que fossem as tuas filhas...

E a coruja ficou a pensar como o seu amor de mãe lhe tinha feito ver mais do que a conta!

(Moral da história: Quem feio ama, bonito lhe parece.)

Nota: Gentilmente enviado pelo Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM).

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: COELHO, Francisco Adolpho. “O Cuco e a Popa” in Contos Populares Portuguezes, P. Plantier, Lisboa, 1879, p. 23.

Data:

Lugar:

O Cuco e a Popa

O cuco era marido da popa e a popa era muito estragada; quando era no principio do anno comia tudo e depois andava a pedir misericórdia. Foi pedir uma vez á melra para irem ambas pedirem ás formigas se lhes davam algum socorro e as formigas disseram para a melra:

- «Emquanto tu andaste de silveira em silveira - *chelro, merlo, merlo, merlo, chelro* - ganharas pão para o inverno.»

O moxo era o rendeiro n'esse tempo; o cuco mandou lá a mulher pedir-lhe um carro de pão. O rendeiro disse-lhe:

- «Pois sim; eu empresto-te esse carro de pão, mas has de dormir cá esta noite, que eu amanhã mandote lá o pão pelos meus moços no meu carro e com os meus bois.»

A popa ficou lá e o moxo mandou-lhe ao outro dia o carro de pão; o cuco assim que o carro lá chegou ficou com carro, bois e tudo, dizendo que a mulher tinha ganho tudo. N'isto o moxo mandou obrigar o cuco pelos bois e carro; depois foram a juizo e o juiz deu-lhes de sentença - o cuco que andasse a publicar por esse mundo todo que era

cuco, porque o quiz o o moxo que andasse de terra em terra em busca dos bois; faz elle -: «Bois, bois»; a l'upa que havia de andar recomondando ás outras mulheres para *pouparem*¹ o que tinham a fim de não se verem obrigadas a ir pedir a mariolas como o moxo.

¹*Popa, poupar*, jogo de palavras.

(Ourilhe)

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "O Philosopho e o Mocho" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, p. 76.

Data:

Lugar:

O Philosopho e o Mocho

(fábula 41ª)

Um philoso escapou
 Outr'ora d'uma cidade
 Ao povo, que o acossou
 À pedrada,
 Depois da eschola queimada,
 Onde ensinava a verdade⁽⁶³⁾,
 E num bosque se escondeu.
 Alli deu
 Com um pobre mocho,
 Velho e chôcho
 E perseguido
 Por um bando desabrido
 De insolente passarada,
 Que em tórno d'elle fazia
 Uma infernal ingresia
 Não lhe pougando bicada⁽⁶⁴⁾.

Depois de os ter enxotado,
Ao mesquinho perguntou,
Porque era assim conspurcado?

- «Porque sou

Capaz de ver

Durante a noute fechada,
Quando elles não vêem nada.»

- «Sim, por isso é que há de ser,»

O sabio diz, «mocho amigo:

O mesmo se deu commigo.»

63. A quantos não tem isto acontecido? Rara será a verdade que não tenha custado sangue.

64. Os mochos são alvo da troça dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: porisso os passarinhos ás vezes servem-se d'elles para chamarizes cercando-os de ramos envisgados. Não é menos notavel a fuga do milhafre deante da chiadeira das andorinhas, explicada no mytho de Tereu (o milhafre), Progne (a andorinha) e Philomeia (o rouxinol).

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "A Aguia e o Mocho" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, pp. 213-214.

Data:

Lugar:

A Aguia e o Mocho

(fábula 113ª)

«Não te chegues para mim,
Agoirento, tanto assim!
Cheiras aos ratos que embaças.
Põe-te ao largo, não me faças
Perder toda a paciencia,
Dar-te cabo da sciencia.»
Pespegou com altivez
A aguia ao velho freguez
Do mocho, quando este entrou

No Olympo, e se lhe achegou
Julgando que tinha nella
Com quem desse á taramella.

Logo o mocho se abespinha:

- «Se você da passarada

Foi rainha,

Isso aqui não vale nada,

Aqui somos nós eguaes:

Senão diga,

Orgulhosa d'uma figa,

Em que presta você mais?»

- «Eu t'ó digo,

Mono feio,

Amigo

Do bem alheio:

Eu voei

E até ao céu

Ceguei

Só com o esforço meu;

E tu, mocho, se cá 'stás,

Foi porque te trouxe Palas:

Vê agora se te calas,

Ou ainda aqui não fico.»

Assim lhe deu

Sota e ás,

E lhe fez calar o bico.

Nem os méritos se pegam,

Nem todo o matto é ouregam⁽¹⁴⁴⁾.

144. Nem todos tem equal valor só por estarem na mesma posição social ou terem distincções eguaes. Os tacões muito altos e os grandes chapéos que usam alguns homens muito baixinhos para parecerem de estatura regular, servem só para os tornar ridiculos. Cada um é o que é; e uma moldura muito valiosa pode até patentear mais o nenhum valor da pintura que encerra.

Diz Voltaire (*Henriade* 1.): *Tel brille au second rang, qui s'éclipse au premier.*

#36

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "A Coruja" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, p. 577.

Data:

Lugar:

A coruja

(fábula 262ª)

Muito feia e muito suja

(Pois passava a triste vida

Em negros forros mettida)

Velha c'ruja

Qu'ria o azeite bebr

D'uma lampada que a arder

Estava

Em certa capella:

Mas, se a vontade

Sobrava,

Muito medo tinha ella

De chegar-se à claridade.

Começa pois, sem olhar

A lampada, a esvoaçar;

Tanto vento

Fez que emfim

Logrou

A luz apagar,

E de azeite se fartou

Depois e muito a seu contento.

Assim

Despota procura

Extinguir

A santa luz da verdade

Para os povos opprimir

Á vontade,

Envolvido em treva escura ⁽²⁹³⁾!

293. Não ha calumnia que não levantem ás corujas. Todos lhes atiram só porquê... são feias e aparecem de noite! Os lavradores supersticios perseguem-as e o mesmo fazem aos mochos e sapos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damninhos. Mas são de mau agoiro! E matam esses e outros desgraçados animaes, ou os pregam vivos numa porta ou os espetam num pao, para exemplo! Aqui, como em muitas outras fabulas não culpo o animal mas aquelle que tem as qualidades que lhe são attribuidas.

#37

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "A Aguia e o Mocho" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, pp. 295-298.

Data:

Lugar:

A Aguia e o Mocho

(fábula 148ª)

Depois de feitas as pazes
 E dado o fraternal chocho,
 Disse á aguia o negro mocho:
 - «Vê lá agora o que fazes!
 Os meus filhos não devores.
 Tão espertos!
 De lindas pennas cobertos,
 Olha, são mesmo umas flores!
 Mostram ter tanto talento
 Que de fazel-os doutores
 Eu não desisto do intento.
 Mal te podes enganar,
 Se não ´stás estás de todo cega.»
 Responde a aguia: «Socega!
 Para que has de dizer mais;
 Com todos esses signaes

Não t'os posso devorar.»

E dizia

Com verdade

A aguia quanto sentia.

Quem é fraco

Tem maldade,

É velhaco,

Trapaceiro,

Seja lá elle quem for:

É a matreira raposa,

A serpente venenosa,

Tartufo, calumniador.

Quem é forte é verdadeiro;

Honrado, porque é brioso,

Tem nojo do mentiroso.

Não as forças corporaes,

O valor

Inspira o forte,

Que antepõe soffrer a morte

A vilezas praticar...

Para que hei de dizer mais?

Foi ella encontrar

Um dia

Em toca mui bolorenta

Ninhada

Feia e nojenta:

Vontade não lhe mettia

De a comer; mas, apertada

Da fome, enguliu a empada

Muito pouco estomacal.

Tinha-a apenas

Devorado,

Deixando só pés e pennas,

Quando lhe apparece ao lado

O mocho!... Imaginem qual

Foi o seu grito de dôr,

Seu brado de indignação,

Vendo espalhados no chão
Os restos dos filhos seus!
Erguendo os olhos aos ceos
Pede um raio vingador
Sobre o impio matador.
 Pesarosa então
 Lhe diz
A aguia: - «Amigo, eu não
 Quiz,
Juro ao céo, causar-te lucto;
Isto foi triste fructo
De tu me informares mal,
Poisque nem um só signal
Tinham elles de entre tantos
Signaes que um dia me déste.»
- «Ai de mim! que não soubeste.»
Lhe responde o mocho em prantos:
«Quando me estavas ouvindo,
Perceber que os meus filhitos
Eram para mim bonitos,
Embora não para os mais;
E que um filho sempre é lindo,
Visto com os olhos de paes.»

 Inda mal
 Que esta cegueira,
Infeliz, é verdadeira;
Bem como o seu resultado
Muitas vezes é fatal.
Não seja o filho educado
Só com os mimos de seus paes,
Que nelle não vêem mais
Do que raras perfeições:
Eu não fallo de feições,
Mas do brio e qualidades
 Moraes
 Intellectuaes.

Fogem as tenras edades,
 Vem os annos que ensinam,
 (Quantas vezes cruelmente?)
 Que não é o que imaginam
 O modo de educar gente ⁽¹⁷⁹⁾.

179. Não seja o filho educado em casa. É o meu *delenda Carthago*. Não cessarei de o repetir. Passada certa idade, a casa paterna, e mais que tudo os mimos maternos, são a causa pelo menos do acanhamento physico, moral e intellectual de muitissimos homens, ainda dos melhores.

#38

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "O Mocho e a Lagarta" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, pp. 741-744.

Data:

Lugar:

O Mocho e a Lagarta

(fábula 332ª)

Um môcho
 Já velho e chôcho,
 Que havia muito estudado
 Porém mal,
 Estava capacitado
 De que, afinal,
 Tudo morre
 Neste abysmo de miseria,
 E que só é immortal
 A increada materia.
 (Quanta gente,
 Infelizmente,
 Hoje assim tambem
 Discorre!)
 Não obstante, môcho honrado.

Muitos terás encontrado
Na mesma contradicção,
 Poisque são,
Para o mal e para o bem,
De suas crenças o inverso.⁽³⁶³⁾
Nem todo o... môcho é perverso.
Tinha este, coração:
Uma lagarta encontrou
Entre as folhas do seu ninho
E a ela se affeiçoou.
Signal é de peito nobre
Proteger o fraco e o pobre.
Passados dias, notou
 Que, apesar
 Do seu carinho,
 A lagarta adoecia;
 Mal comia.
'Stava sempre a dormir.
- «Vem a morte!» pensou elle.
Muda a lagarta de pelle,
De fórmula; morta não está,
Inda bóle, se lhe tóca...
- «Bem pouco mais durará»
Diz o môcho «é evidente:»
E leva a pobre doente
Para um cantinho da tóca
Onde acabe docemente.
Tempo depois lá voltou
E, cascas só encontrando,
 Exclamou
 Quasi chorando:
- «Assim tudo morre e passa!
E creiam nesta trapaça
De haver almas immortaes,
 Entaipadas
Nos corpos dos animaes!
 Forte pêta!

Não é a mim que ella embaça,
Só merece gargalhadas.»
Notado o mocho não tinha
A formosa borboleta,
Que de tal mumia mesquinha
 Se soltara
 E voara,
 A bom voar,
Alegre as flores buscar.

 Será isto
 Não ter
 Visto
 Nunca haver
 Bem
 Reparado,
 Que põe em
 Caminho errado
Tanto... môcho, embora honrado?

363. Não só o inverso de suas palavras; pois como diz o Mestre: «Não basta dizer – Senhor! Senhor! mas fazer a sua vontade:» porém o inverso das suas crenças. – *Video meliora proboque, deteriora sequor* – reconheço e approvo o que é melhor, mas sigo o peor. Também é verdade que muita gente apresenta theorias más, das quaes está muito longe em seu procedimento. Para se ser justo basta tirar as consequencias logicas dos bons principios e pol-as em pratica. Tenho notado que neste mundo há muita falta de logica, muita demazia de rhetorica, e muito abuso de *bicarbonato*.

Nota: “Tenho notado que neste mundo há muita falta de logica, muita demazia de rhetorica, e muito abuso de *bicarbonato*.” Ver mesma obra, página 671, fábula 299^a)

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: O'NEILL, Henrique. "O Mocho e o Sapo" in *Fabulário*, Composto e Dedicado a Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos, Livraria Ferreira, Lisboa, 1885, pp. 590-591.

Data:

Lugar:

O Mocho e o Sapo

(fábula 268ª)

Um mocho estava
Mettido
Encolhido
No seu nicho;
Sapo, que se regalava
Ao sol sem pejo extendido:
- «Feio bicho!»
Lhe gritou.
- «Conheço que feio sou»
O triste mocho volveu:
«É só porisso que 'stou
Na minha tóca de dia
Escondido, enquanto o véo
De noute não cobre o céu,
Sem ter a tua ousadia!»
E metteu-lhe o bucho a falla.

Não julguem haver
Direito
De arguir
Por qualquer
Defeito
Quem nunca d'elle fez gala
E até
O busca encobrir.
E quem é
As mais das vezes

O virtuoso censor? ⁽²⁹⁹⁾
O esquadrinhador
De fezes?
Se o indagares, leitor,
Has de achar,
Sem que muito tempo busques,
Ser tão máo senão pior
E de indole a mais villã,
Pois só procura infamar.
- «Tir'-te lá, não me enfarrusques!»
Disse a caldeira á sartã.

299. – Chama-lh'o antes que t'o chame. – Muito dos mais zelosos defensores da moral pública são os que mais a offenderam e a offendem ainda, patenteando, com o desejo de infamar, aquilo que ninguem via. Nasce isso tambem ás vezes do desejo de mostrar que, se elles andam mal, tambem outros assim fazem, senão pior.

#40

Contribuidor/Informador:

Fonte: NASCIMENTO, Cabral do. "O Mocho" in *Fábulas*, Portugália Editora, Lisboa, 1955, pp. 47-48.

Data:

Lugar:

O Mocho

De que me serve ter o nome
De sábio, de ave da Ciência?
Tudo que penso fica em mim. E a minha inteligência
Cá dentro se consome.

Ali defronte, o papagaio
Tem voz, tem brilho. Afortunado em tudo,
Vive ao sol, é feliz e, olhando a rua de soslaio,
O dia inteiro fala... Oh, esse não é mudo!

Para quê esta vã cogitação? P'ra quê

Tantos problemas insolúveis... Deus? A vida? Existo?

Quem me dera dizer ao menos isto:

“É o rei que vai à caça... Dá cá o pé...”

#41

Contribuidor/Informador:

Fonte: Godinho, Sérgio. “A Linda Joana” in *Sobreviventes*, 1971.

Data:

Lugar:

Olhai a linda Joana
que linda que ela vai
com pombas no vestido
que muito bem lhe cai
e rolas na garganta
que ao cantar encanta
Que é da manta, qu' é da manta
levou-a pra dormir
Três homens a seguem
qual será seu
ai sim, ai não, ai sim, que sou eu

Olhai a feia Alcina
que feia que ela vai
com corvos no vestido
que muito mal lhe cai
e corujas na garganta
que os pardais espanta
Que é da manta, qu' é da manta
levou-a pra dormir
Três homens a seguem
qual será seu
ai não, ai sim, ai não, não sou eu

(Olhai a linda...)

Olhai a linda Joana

que linda que ela vai

#42

Contribuidor/Informador:

Fonte: MATA, Gonçalo Gil. “Rumo sem Rumo”, 2016.10.11, *What’s the Trick*. Disponível na Internet: http://whatsthetrick.com/rumo_sem_rumo/article/182

Data: [consult. em 2016.10.19]

Lugar:

Era uma vez uma jovem árvore que morava numa floresta muito densa. Vivia preocupada com as suas decisões e com o seu futuro no meio de todas aquelas árvores. Era evidente que, ao crescer, iria encontrar obstáculos: os ramos enormes do Sr. Eucalipto que vivia mesmo ao seu lado, a frondosa copa da Sr. Cameleira, também sua vizinha, entre dezenas de outras árvores.

De uma forma geral, o seu constante tormento era saber que, em todas as pequenas decisões sobre como posicionar o crescimento dos seus ramos, a partir do momento em que virasse cada um deles para a esquerda ou para a direita não mais poderia voltar atrás. Vivia pesarosa com este pensamento, sempre de semblante carregado, taciturno e alerta, na constante eminência de mais uma catastrófica necessidade de decidir rumo e de um possível arrependimento mais tarde.

Certo fim de dia pousou nos seus ramos um mocho sábio.

- Mas que semblante tão carregado, minha jovem árvore. Parece que carregas nos ombros as preocupações do mundo. Que se passa? Corre-te mal a vida?

- Humm... não. Na verdade não me posso queixar. Mas nunca se sabe o que aí vem! Neste momento , por exemplo, preocupa-me aquele enorme ramo ali... como vou eu contorná-lo quando crescer e lá chegar?

- Bem - disse o mocho olhando para os ramos da árvore, elegantemente entrelaçados noutros -, o que fizeste quando passaste aqui por este?

A árvore suspirou e disse:

- Esse... esse foi uma decisão terrível! Noites e noites de ansiedade, sem pregar olho. E no próprio dia em que finalmente fui obrigada a decidir, arrependi-me e temi o pior. Entrei numa profunda depressão, julgava que tinha deitado tudo a perder.

- Mas acabou por correr bem, parece-me, não?

- Para já sim, mas... a verdade é não posso sossegar já! Quero dizer, tudo isto tem consequências inimagináveis! Agora até parece bem resolvido, mas ainda posso perfeitamente vir a concluir mais tarde que foi uma decisão errada...

- Árvore, deixa-me fazer-te uma pergunta: o que é para ti ser feliz?

A árvore refletiu um momento, o tempo de uma inspiração mais tranquila, e respondeu:

- Hummm... não sei bem, acho que é conseguir sossegar e viver com tranquilidade, e ir realizando aquilo que é ser uma árvore. Não sei. Aproveitar a vida, acho. Um dia todos morreremos...

- E isso significa tomar todas as decisões acertadas?

- Se eu não decidir bem, como poderei ser feliz?...

- Não achas que corres o risco de chegar ao final da tua vida e perceber que afinal correu tudo bem e que desperdiçaste muita da tua possível felicidade numa preocupação excessiva? Pensa nisso...

O mocho partiu e a árvore ficou pensativa. Estaria a desperdiçar a sua vida com o seu permanente estado de alerta, e um eterno receio de escolher mal?

Uns meses mais tarde, voltou o mocho a poisar num ramo da árvore a conversar um pouco. Ele conseguia ver que a árvore sofria. Estava algo desequilibrada, ramos torcidos, descuidados, aflitos com espaço. Como se naqueles meses a árvore tivesse crescido "aos trambolhões".

- Olá árvore, pareces triste, então que se passa?

- Não sei. Não compreendo. Fiz o que tu disseste: resolvi nunca mais tomar decisões, e o caos apoderou-se do meu mundo... Parece que tudo corre mal!

- Mas... eu não disse que não tomasses decisões. Disse-te que o sofrimento que lhes associas te poderia estar a limitar a tranquilidade e a capacidade para usufruir de tudo o que já tens.

- Ohhh... mas como é isso possível? Para decidir bem tenho obrigatoriamente que me preocupar. Para não me preocupar, suspendi as decisões! E tudo correu mal! Não compreendo nada...

O mocho sorriu de forma tranquila e sábia.

- Árvore, as situações que se te apresentam são parte inevitável do teu mundo. Não lhes podes fugir. Mas aprender e arrepender são bem diferentes. É o medo do arrependimento que te faz sofrer.

Esperou um momento e depois acrescentou:

- Cada um de nós é um dançarino neste grande baile. Se pensares demasiado cada passo, não vais conseguir libertar atenção para te deixares invadir pela música, nem vais saborear a fluidez dos movimentos. Se por outro lado resolves parar com os teus passos, vais esbarrar-te com tudo o que te rodeia, porque o mundo sempre avança, mesmo sem ti.

- Oh! Quero muito sentir-me a fluir como dizes, mas eu não sei fazer isso! Não consigo dançar assim, livre e despreocupada...

- Bem, é que não é uma coisa de se "conseguir". É uma coisa de se "deixar" acontecer...

O mocho fez uma pausa para que árvore digerisse aquelas palavras. Depois acrescentou:

- Viver em sintonia com a tua música interior não é uma habilidade tua. Já nasceste assim programada. Só precisas de deixar que todo esse ruído mental se acalme um pouco para escutar também essa origem. Oriunda de onde, confesso que não te sei

dizer, mas sei que habita numa sensação porventura pouco habitual e muito serena. Algo diferente. Procura por algo diferente!

Enquanto via o mocho partir, a árvore deu um longo suspiro e sossegou. Por alguma razão, qualquer coisa naquelas palavras a transportara para uma serenidade diferente. Sossegou de uma forma que nunca tinha sossegado antes. Sentiu, sem saber de onde vinha, poisar-se-lhe a alma num terreno tão seguro, tão seguro, que mergulhou numa paz como nunca antes na sua vida. Tudo à sua volta lhe pareceu volátil, em torno de um eu sólido e intocável. Um eu conectado com tudo o resto.

Sorriu com a sua conclusão: estou aqui, sempre estive aqui, estou em casa e ao mesmo tempo em evolução... Pertença a tudo isto!

Estremeceu por dentro, como sempre acontece neste momentos, e chorou, comovida pela simplicidade de tudo...

Olhou para o mocho, esvoaçando ao longe, olhou para todas as árvores à sua volta, e para a beleza imensa do rio próximo. Sentiu o pôr-do-sol entranhar-se na pele, intenso, lento, dilatando aquele momento no tempo, pintando-lhe as folhas de um brilho inédito, e, com lágrimas a turvar toda aquela paisagem e a voz tremida, disse alto, sem saber para quem:

- Obrigado!

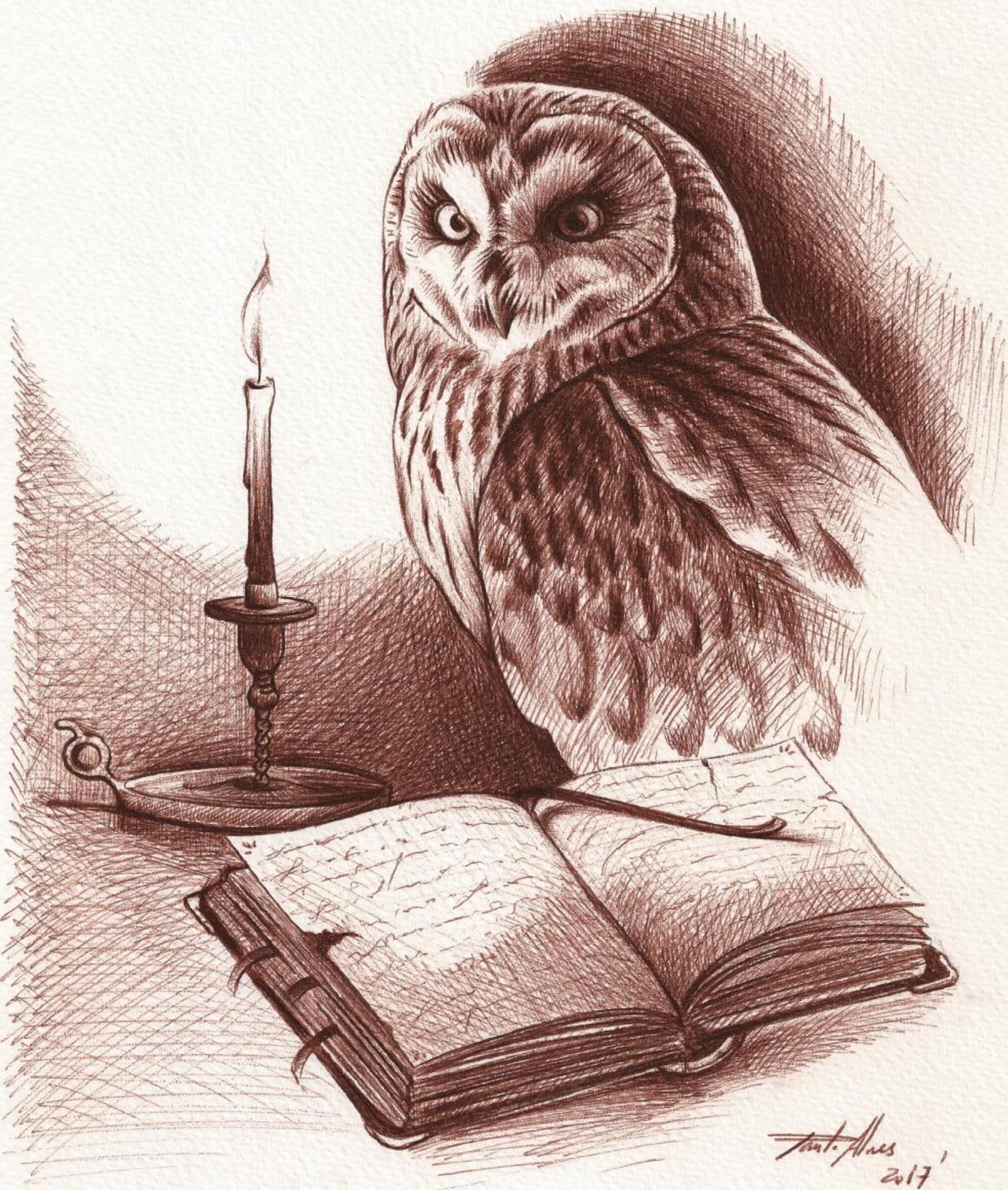
Nos dias seguintes a árvore voltou a ser árvore, um pouco inquieta aqui ou ali com algumas decisões, mas sabendo melhor escutar essa orientação de dentro, e sempre voltando à memória firme daquele instante, onde viu que, na verdade, entre todas as opções e consequências, tudo correrá bem...

Nota: texto gentilmente cedido ao STRI por Gonçalo Gil Mata, *partner* da MIND4TIME.

***O mal de quem apaga as estrelas
é não se lembrar de que não é com candeias que se ilumina a vida.***

(Miguel Torga, *Diário*, 1948)

LITERATURA • OUTROS TEXTOS



Tout. Alnes
2017

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: VICENTE, Gil. «Farça Chamada “Auto das Fadas”» in *Obras, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Tomo Segundo*, França Amado, Coimbra, 1912, p. 294.

Data:**Lugar:**

[*Diz Genebra Pereira, uma feiticeira*]:

Sempre ando neste marteiro :
 Vem-se a mi homem solteiro,
 Que quer casar com Costança,
 Sem nenhua esperança.
 Triste, morto de paixão.
 Eu c'o sangue do Leão,
 Mexido c'o rabo da Huja
 E ali o fel de coruja,
 Ei-lo mancebo aviado.
 Vem hum frade excomungado,
 Que o benza do quebranto ;
 Vou e faço-lhe outro tanto,
 Assi, Senhor, veja eu prazer.

#02

Contribuidor/Informador/Autor: BINGRE, F. Joaquim. “Miscellanea Poetica” in *Jornal Semanario*, 20 de Fev. de 1851, p. 62.

Fonte: VASCONCELLOS, J. Leite de. *Tradições Populares de Portugal*, Livraria Portuense de Clavel & C.^a, Porto, 1882, pp. 255-256.

Data:**Lugar:**

Há tres noites me ladra no telhado
 Uma agoureira c'ruja, e pia um môcho;
 Logo que me levanto, encaro um coxo,
 E bons dias me dá um corcovado.

Pelo dia adiante um mau olhar
De arremesso me dá um torto e chôcho;
Um calvo, ao pôr do sol, com boné roxo
Me faz um rapa-pé empaturrado
Todos estes malditos agoueiros
Sempre foram Aruspices dos mortos;
E da hora fatal os mensageiros...

C'rujas, môchos, carcundas, côxos, tortos,
E calvos. – seus eguaes -, são marinheiros,
Que levam os baixeis, da morte, aos portos!!

#03

Contribuidor/Informador:

Fonte: SEMEDO, Curvo. *Poesyas Liricas: com uma noticia biografica do auctor*,
Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1890.

Data:

Lugar:

u Agora envolvo o peçonhento sapo
-Na barba negra do lidroso bode :
"Tapo-lhe os olhos, e á tyranna os tapo :~
~Já Nicêa, o teu bem, vêr Gil não pode.
-Este sangue^qj^á Strige (1) achei no papo,
-Em cima por três vezes lhe sacode :
-Tal tiltro abranda o coração mais duro.
-Triforme deusa, attende ao meu conjuro...

(1) **Strige**, ave nocturna, que mata, e chupa as creanças de noite. Vtâ, (k l. ti Met.)

#04

Contribuidor/Informador/Autor: GUERREIRO, Couto. *Satiras e Elegias*, Lisboa, 1786.

Fonte: VASCONCELLOS, J., Leite. “Tradições Populares Portuguesas no Século XVIII” in *Revista lusitana: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*, vol. 6, Antiga Casa Bertrand, 1901, p. 286.

Data:

Lugar:

Se a coruja grasnou sobre o telhado
Cuida que a morte vem, fica finado.

Nota: A propósito destes versos, diz J. Leite de Vasconcellos: “[...] o mesmo succede hoje.” (VASCONCELLOS, J. Leite de. *Revista Lusitana*, Lisboa, 23 de Outubro de 1900).

#05

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALMEIDA, Teodoro de. *O Feliz Independente*, ed. Zulmira Santos, Campo das Letras, Porto, 2001, p. 131.

Data:

Lugar:

D’entre as moitas fechadas, negros mochos
De quando, em quando com seus pios tristes
À descuidada gente anunciavão
Mil futuras desditas.

#06

Contribuidor/Informador:

Fonte: BINGRE, Francisco Joaquim. “As Aves Agoireiras” in *Obras de Francisco Joaquim Bingre*, ed. de Vanda Anastácio, vol. 4, Lello Editores, Porto, 2000, p. 658.

Data:

Lugar:

Aves nocturnas
Sobre o telhados
Agoiram, tristes,

Fins desgraçados.

#07

Contribuidor/Informador/Autor: BUSSE, Francisco Pedro. “As Bruxas Namoradas, Idyllio VII, Bruxamaia” in *Poemas lyricos de hum natural de Lisboa*, Regia officina typographica, Lisboa, 1789.

Fonte: PIRES, A. Thomás. “Investigações Ethnographicas” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 11, Imprensa Nacional, Lisboa, 1908, p. 254.

Data:

Lugar:

Está tudo em silencio, e mal ao longe

Resoa o pio do obstinado mocho.

Nem coruja esvoaça, nem morcego.

#08

Contribuidor/Informador/Autor: PESSOA, Fernando. “Pia, pia, pia”.

Fonte: Luso-Livros. Disponível na Internet: <http://www.slideshare.net/beebgondomar/lengalengas-e-rimas-do-arco-davelha> e Casa Fernando Pessoa. Disponível na Internet: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2233>

Data: [consult. em 2015.10.15]

Lugar:

Pia, pia, pia

Pia, pia, pia

O mocho,

Que pertencia

A um coxo.

Zangou-se o coxo

Um dia,

E meteu o mocho

Na pia, pia, pia.

#09

Contribuidor/Informador/Autor: BUSSE, Francisco Pedro. *Poemas lyricos de hum natural de Lisboa*, Regia officina typographica, Lisboa, 1787.

Fonte: PIRES, A. Tomás. “Tradições Populares de Santo Tirso” in *Revista Lusitana, Arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcelos*, vol. 17, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1914, pp. 187-188.

Data:

Lugar:

Gemião na floresta pardos Môchos,
Então n’hum caverna que se entranha
Na borda de hum outeiro penhascoso,
Faticina, e Patenia fabricavão
Ternos feitiços pelos seus amantes.

Eu vi com esta banha de urso cego,
Com que vês esfregar-me, oh Faticina,
Esfregar-se tambem a mouca Efluvia.
(Minha mestra de encantos e de agoiros),
E conversa em coruja, voar longe
A embruxar cem Meninos sobre os berços.

#10

Contribuidor/Informador:

Fonte: GAIO, A. Silva. *Mário*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1981, p. 9.

Data:

Lugar:

[...] Aí tens. Não é maldade vossa, é ignorância. É como a tua, Lucas – disse o vigário para um dos homens. – Apanhaste uma pobre coruja, mataste-a, e ergueste-a, num pau, acima do teu telhado! Para quê?

- Nosso vigário! Para as outras terem o exemplo, e fugirem!

- Pobre Lucas! Então também inventas a pena de morte para ensinares as aves? Ouve. Se não queres emendar-te por caridade, emenda-te por interesse. Tu sabes de que se sustentava aquela desgraçada coruja?

- Do azeite que ia furtar à lâmpada da igreja.

- Valha-te Deus! – disse o vigário, repetindo a frase que era o seu *bordão*. – Olha, caçava os ratos, que dizimam o teu pobre celeiro. Era o teu gato, mas que não miava a pedir-te de comer! E também têm os seu affectos, os seus ninhos, os seus filhos. Tem dó disto. Só voa de noite? Que queres? É porque os seus olhos se magoam com a muita luz. Adeus.

- Adeus, nosso vigário.

Nota: Obra publicada originalmente em 1868.

#11

Contribuidor/Informador:

Fonte: SANTA CATARINA, Simão Antonio de. *Oraçoens academicas*, 2 vols., Editora Na Officina da Musica, Lisboa, 1723, p. 257.

Data:

Lugar:

Rimas Sonoras

O Pardal já maduro
 Cantava a noite toda n'um monturo,
 E o ramilhete alado,
 Andava Noitibô desesperado.
 Pois o Canario velho
 Toda a noite voava Escaravelho,
 E eu que nome não tinha
 Sempre estive a mear Ave gatinha.
 Outros com seus pontuffos
 Bufavaõ nos penedos feitos Buffos;
 E alguns de Musas sujas
 Voavaõ porcos, bem como Corujas,
 Todos estupefatos
 Não cantavaõ, grasniaõ como patos.
 Alguns novos fedelhos
 Faziaõ grù grù grù de Perûs velhos,
 E eu por diversos modos,
 Os tormentos sento de quasi todos.

Nota: Ave gatinha = mocho-galego.

#12

Contribuidor/Informador:

Fonte: ALBUQUERQUE, Luis da Silva Mozinho de. “Georgicas Portuguezas” in *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras*, A. Bobée, Paris, 1820, vol. 9, pp. 13-14.

Data:

Lugar:

Pelas excavações da rota casca,
 Pelas fendas dos estalados ramos
 A seve se corrompe e se extravasa;
 Penetra a chuva, a neve se insinua;
 Succede a corrupção, as fibras seccão,
 Os delgados canaes, que a natureza,
 Para circulação dos vitaes suecos,
 Por toda a parte havia semeado,
 Aniquilão-se, alojão-se no lenho
 Roedores insectos, sujios vermes.
 Mil parasitas vão roubando as braças;
 Tornão-se em fim os troncos cavernosos.
 Nas corruptas profundas cavidades
 Da arvore infeliz, ao dia fogem
 O triste noutibó, o mocho triste,
 A coruja severa e taciturna,
 O alado mamal filho da noute;
 Alli se alojão mil reptiz impuros.
 Sem base, sem sustento, eis sopra Eólo,
 E a arvore quebrada cahe por terra.

#13

Contribuidor/Informador:

Fonte: GUILHERME, Manoel. *Conselheyro Fiel, Com Maximas Espirituaes Para Convencer o Entendimento...*, Off. de Antonio Pedrozo Galzam, Lisboa, 1727, pp. 457-458.

Data:**Lugar:**

75. Empenhada em hum furto, huma coruja, chegou a manhã, & ficou incompleto o furto; desafogando-se a roubadora contra a luz, em mil injurias. Respondeu-lhe a manhã: *Estimo que me ultrajes, porque me prézo de que sejas minha inimiga. Mas que culpa te tenho eu dessa insperada infelicidade, se desprezas o dia, aborreces a luz, & pervertes a ordem natural?* Que esperão os discipulos desta coruja, seguindo as suas cegueyras, & malicias, senão que os apanhe hum desestrado repente, com o furto nas mãos.

#14

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, Aquilino. *Terras do Demo*, Bertrand Editora, Lisboa, 2012, p. 35.

Data:**Lugar:**

Em voz alta, Jaime declarou que sua mãe era uma grandessíssima coruja que tinha dinheiro enterrado e preferia beber o sangue dos filhos.

#15

Contribuidor/Informador:

Fonte: QUADROS, António. “Cantares de Andarilho”. Disponível na Internet: <http://zecafonso.com.sapo.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.10]**Lugar:**

Cantares de Andarilho

Já fiz recados às bruxas
do caselho à portelada
dei-lhes a minha inocência

elas não me deram nada.

Andei à giesta
ao lírio maninho
na Bouça da Fresta
no Casal Velido
erva cidreira
à erva veludo
na Lomba regueira
no Pinhal do Mudo.

Andei ó licranço
andei ao lacrau
no Monte do Manso
na Espera do Mau
vibra à carocha
ao corujão cego
na mata da Tocha
no rio Lágedo.

Fui andarilho das bruxas
moço de S. Cipriano
já fui morto e inda vivo
vendi a alma ao Diabo.

Era donzel e guardei-me
p´ras filhas da feiticeira
parti-me em metade à loira
noutra metade à morena.

#16**Contribuidor/Informador:**

Fonte: HERCULANO, Alexandre. “O Parocho da Aldeia” in *Lendas e Narrativas*, vol. 2, Casa da Viuva Bertrand e Filhos, 1865, Lisboa, p. 134.

Data:**Lugar:**

[...] todo o caminho provando a si mesmo que no ha diabos no mundo, nem almas, nem, talvez, Deus; mas sentindo arripiarem-se-lhe os cabellos ao vêr danar a phosphorescencia d'algum marnel, resando o credo em cruz ao passar por algum cemiterio, benzendo-se ao ouvir piar algum mocho.

#17**Contribuidor/Informador:**

Fonte: CARLOS I, Dom. “Nada Pode Haver de Mais Belo” in *Carta ao Conde de Arnoso. Citador*, 1889. Disponível na Internet: <http://www.citador.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.13]

Lugar:**Nada Pode Haver de Mais Belo**

Amigo Bernardo, dos desertos do Roncão d’el-Rei, na mais bela poética noite de luar que ver se possa, te escreve este teu amigo. Nada pode haver de mais belo; os rouxinóis cantam à desgarrada, o ar rescende dos milhares de loendros (laurier-rose) que cobrem as encostas alcantiladas do Guadiana. Que maravilha, que encanto, que tristeza (tu, com certeza, aqui choravas)! Neste momento, houve-se o sinistro roncar da coruja e o longínquo uivar dos lobos, misturado com o forte ladrar dos rafeiros e os nossos cavalos relincham inquietos nas quadras... É à luz dum prosaico castiçal (uma garrafa com uma vela) que te escrevo estas sentidas regras, que espraio sobre este branco papel as ondas da minha melancolia. E como não estar melancólico se acabamos de fazer dezasseis léguas a cavalo em oito horas e não descansámos e não dormimos a noite passada senão uma mísera hora e vemos apenas diante de nós umas velhas esteiras, as nossas mantas, e os aparelhos dos nossos cavalos como travesseiros, para passarmos umas noites.

#18

Contribuidor/Informador:**Fonte:** PASSOS, Soares de. “O Noivado do Sepulcro”. *Projecto Vercial*. Disponível na Internet: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/index.html>**Data:** [consult. em 2015.11.13]**Lugar:****O Noivado do Sepulcro**

Vai alta a lua! na mansão da morte
 Já meia-noite com vagar soou;
 Que paz tranquila; dos vaivéns da sorte
 Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe
 Funérea campã com fragor rangeu;
 Branco fantasma semelhante a um monge,
 D'entre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
 Campeia a lua com sinistra luz;
 O vento geme no feral cipreste,
 O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se!... com sombrio espanto
 Olhou em roda... não achou ninguém...
 Por entre as campas, arrastando o manto,
 Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
 Que entre ciprestes alvejava ao fim,
 Parou, sentou-se e com a voz magoada
 Os ecos tristes acordou assim:

"Mulher formosa, que adorei na vida,
 "E que na tumba não cessei d'amar,
 "Por que atraíças, desleal, mentida,

"O amor eterno que te ouvi jurar?

"Amor! engano que na campa finda,
"Que a morte despe da ilusão falaz:
"Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
"Do pobre morto que na terra jaz?

"Abandonado neste chão repousa
"Há já três dias, e não vens aqui...
"Ai, quão pesada me tem sido a lousa
"Sobre este peito que bateu por ti!

"Ai, quão pesada me tem sido!" e em meio,
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

"Talvez que rindo dos protestos nossos,
"Gozes com outro d'infernal prazer;
"E o olvido cobrirá meus ossos
"Na fria terra sem vingança ter!

- "Oh nunca, nunca!" de saudade infinda,
Responde um eco suspirando além...
- "Oh nunca, nunca!" repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinas, airosas,
Longas roupagens de nevada cor;
Singela c'roa de virgínias rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palor.

"Não, não perdeste meu amor jurado:
"Vês este peito? reina a morte aqui...
"É já sem forças, ai de mim, gelado,
"Mas inda pulsa com amor por ti.

"Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
"Da sepultura, sucumbindo à dor:
"Deixei a vida... que importava o mundo,
"O mundo em trevas sem a luz do amor?

"Saudosa ao longe vêes no céu a lua?
- "Oh vejo sim... recordação fatal!
- "Foi à luz dela que jurei ser tua
"Durante a vida, e na mansão final.

"Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
"Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
"Quero o repouso de teu frio leito,
"Quero-te unido para sempre a mim!"

E ao som dos pios do cantor funéreo,
E à luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já desse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

#19

Contribuidor/Informador:

Fonte: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Já Sobre o Coche de Ébano Estrelado”.

Citador. Disponível na Internet: <http://www.citador.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.13]

Lugar:

Já Sobre o Coche de Ébano Estrelado

Já sobre o coche de ébano estrelado,
Deu meio giro a Noite escura e feia,
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
Nem pia o mocho, às trevas acostumado.

Só eu velo, só eu, pedindo à Sorte
Que o fio com que está mih'alma presa
À vil matéria lânguida, me corte.

Consola-me este horror, esta tristeza,
Porque a meus olhos se afigura a Morte
No silêncio total da Natureza.

#20

Contribuidor/Informador:

Fonte: OLIVEIRA, Carlos de. “Tempo”. *Citador.* Disponível na Internet:

<http://www.citador.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.13]

Lugar:

Tempo

O tempo é um velho corvo

de olhos turvos, cinzentos.
Bebe a luz destes dias só dum sorvo
como as corujas o azeite
dos lampadários bentos.

E nós sorrimos,
pássaros mortos
no fundo dum paul
dormimos.

Só lá do alto do poleiro azul
o sol doirado e verde,
o fulvo papagaio
(estou bêbedo de luz,
caio ou não caio?)
nos lembra a dor do tempo que se perde.

#21

Contribuidor/Informador:

Fonte: VERDE, Cesário. “Humilhações”. *Citador*. Disponível na Internet:
<http://www.citador.pt/>

Data: [consult. em 2015.11.13]

Lugar:

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,
E disse-me, piscando os olhos de coruja:
- Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...

#22

Contribuidor/Informador:

Fonte: CAMÔES, Luís de. “Carta II” in *Obras Completas de Luis de Camões, Correctas e...*, vol. 3, Off. Typ. de Langhoff, Hamburgo, 1834, p. 485.

Data:

Lugar:

[...] Aindaque, para viver no mundo, me debruo d’outro panno, por não parecer coruja entre pardaes, fazendo-me hum para ser outro, sendo outro para ser hum.

#23

Contribuidor/Informador:

Fonte: RODRIGUES, Amália. “O Bicho de Conta” in *Versos*, Livros Cotovia, Lisboa, 2005, p. 73.

Data:

Lugar:

O Bicho de Conta

O bicho de conta
Todo se fechou
Na minha mão tonta
Quando o apanhou

E nela ficou
Todo enroladinho
Fez-me comichão
O raio do bichinho

Encontrei o mocho
Agarrei o gato
O mocho era coxo
Era gago o gaio

Mas fugiu-me o coxo

E falou-me o gaio
Ora vai do vira
À noite é que eu saio

Fui atrás da lua
Encontrei o sol
E vi os pauzinhos
A um caracol

#24

Contribuidor/Informador:

Fonte: SEVERIM, José Maria do Couto. “A Zagala” in *Revista dos Açores*, n.º 1, Sociedade Auxiladora das Letras Açorianas, Ponta Delgada, 1851, p. 396.

Data:

Lugar:

Só houve os pios do mocho
Pousado no salgueiral!
Esses pios tão sentidos
D’ave agoureira do mal!
Só ouve os brandos cicios
Da bria no sipoal!

#25

Contribuidor/Informador:

Fonte: COSTA, Sousa. *Ressurreição dos Mortos, Romance, Scenas da Vida do Douro*, Portugalia Editora, Lisboa, 1914.

Data:

Lugar:

E ao alto, no morro convulso do Ermo, mais convulso sob a luz plácida do crescente, o ujo crucitava, lento, compassado, num dorido carpir de peito humano.

- Temos chuva ou neve - considerou o Roque, crente no horóscopo da persistência daquele gemido, daquele pranto.

Nota: Ujo = bufo-real.

#26

Contribuidor/Informador:

Fonte: NEMÉSIO, Vitorino (Introdução, seleção e notas de). *Bocage, Poesias várias*, 3.^a ed. (emendada), Livraria Clássica Editora, 1970, Lisboa.

Data:

Lugar:

[...] o terrífico fica pelos qualitativos, sem que o vejamos vivo: luar, florestas, mochos que “guincham” e deviam piar.

#27

Contribuidor/Informador:

Fonte: LIMA, José da Silva. *Entre Rezas & Romarias, Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.

Data:

Lugar:

Muitas crenças se promovem e facilmente ganham espectadores que fazem de mirones. O virtual promove e amplia. A cultura é mais de power-points e de blogs na esfera virtual, mas o que se vive vai depressa para um outro planeta e entra em casa do amigo em tempo real. O tempo é de muita velocidade. O mocho nem tem tempo de piar, nem a jaculatória tempo de ser pronunciada. As rezas são ditas mais depressa e as romarias demoram, talvez, o mesmo tempo. No visor vestem-se de mais cores e a sensação dá mais vigor à lide. O Espírito Santo contenta-se com o latente e os Santos potenciam a felicidade.

#28

Contribuidor/Informador:**Fonte:** GAMA, Sebastião da. “Serra-Mãe”, 1945, *Casa Fernando Pessoa*. Disponível na Internet: <http://casafermandopessoa.cm-lisboa.pt/>**Data:** [consult. em 2015.12.03]**Lugar:****Serra-Mãe**

O agoiro do bufo, nos penhascos,
 Foi o sinal da Paz.
 O Silêncio baixou do Céu,
 Mesclou as cores todas o negrume,
 O folhado calou o seu perfume,
 E a Serra adormeceu.

Depois, apenas uma linha escura
 e a nódoa branca de uma fonte amiga;
 a fazer-me sedento, de a ouvir,
 a água, num murmúrio de cantiga,
 ajuda a Serra a dormir.

#29

Contribuidor/Informador:**Fonte:** COELHO, Trindade. “A Coruja Doente” in *O Figueiroense, Semanário Imparcial, Político, Noticioso, Litterário e Recreativo*, n.º 311, ano 7, Editor Manuel Luís, Figueiró dos Vinhos, 1903, p. 3.**Data:****Lugar:****A Coruja Doente**

Era uma vez uma coruja, que todas as noites entrava n'uma igreja pela janella, e bebia o azeite das lampadas todas. Um dia adoeceu e estava muito mal, - e dizia então para outra coruja que era mãe d'ella:

- Mãe! Ó minha mãe! Peça a Deus que eu não morra!

Responde a mãe!

- Isso! Roubavas-lhe o azeite todas as noites e agora queres que te acuda!

#30

Contribuidor/Informador:

Fonte: SALGADO, Heliodoro. “Cantares” in *O Alarme, Diario Republicano da Tarde*, António Manuel Vilhena, Porto, 1904, p. 3.

Data:

Lugar:

Ao brilhar da lua cheia
sobre as arvores do prado
parece ouvir-se de alguém,
ao longe, sentido brado.

Será a coruja noctívaga,
cortando o calmo mysterio
da noite erma e socegada,
nos cedros do cemitério?...

Será um mocho agoureiro?
Será algum inocente
cahido n’um precipício
que invoque o seu Deus clemente?

#31

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, Thomaz. “Um Mocho (Passatempo D’Um Serão D’Inverno)” in *Sons que Passam, Versos, Em Casa de Viuva Moré - Editora*, Porto, 1868, pp. 111-117.

Data:

Lugar:

Um Mocho

(Passatempo D’Um Serão D’Inverno)

Inda há muita gente que treme d’agoiros
de sapos, corujas, aranhas, lacraus!

Eu tenho arripios d'ouvir os besoiros,
e fugo dos mochos! Os mochos são maus!

Bem sei que se riem de ver-me tão fraco,
que estamos no tempo dos sabios profundos;
mas eu terei culpa d'odiar um macaco,
e os olhos d'um mocho redondos e fundos?!...

Se eu fosse contar-vos milhares de historias,
que sei, de bisarmas, bruxedos, e fados,
seriam volumes de bellas memorias...
mas Deus me defenda de tantos peccados!

Um caso... esse conto, que foi verdadeiro;
e, visto que estamos tão juntos e sós,
ouvi-me as maldades d'um mocho agoireiro...
mas isto, segredo! que fique entre nós!

Deu-se o caso numa aldeia
d'este nosso Portugal,
porque na bella Ulysssea
quem podia crer em tal?

Senhora nobre e formosa
foi numa granja viver;
era mãe tão carinhosa
como as mães que o sabem ser.

As faces alvas e bellas
faziam lyrios corar;
e invejavam-lhe as estrellas
os raios de puro olhar.

Nas horas dos seus tormentos
erguia os olhos aos ceos;
todos os seus pensamentos
voavam puros a Deus!

Se orava por seu esposo,
por seus filhos, pae, e irmãos,
Deus sorria cainhoso,
e eram dons a plenas mãos.

Entra um dia a febre ardente
naquelle asylo do amor,
e uma filhinha innocente
caiu no leito da dor!

Era o quadro do martyrio
aquelle grupo gentil!
É triste murchar-se um lyrio
nas alvoradas d'abril.
A filha, encostando a frente
ao seio da triste mãe,
derramando pranto ardente,
e a mãe a chorar tambem!

- «Mãe: eu tenho frio e sede!
Minha mãe, por teu amor!
põe as mãos! ajoelha e pede
por tua filha ao Senhor!» -

-«Não chores, filha! são tantos
os ais que eu envio a Deus!...
Já me conhece os meus prantos,
e basta que elle oiça os meus!...» -

- «Mãe, faze-me outros carinhos!
leva-me longe d'aqui!...
mostra-me o rio e os barquinhos
e as flores que inda hontem vi!...

Se abiriam mais os talos
que nos arbustos deixei?!

Quero ver os meus cavallos
que tanta vez abracei.» -

- «Irás, filha, e nos meus braços!
lá te espera o sol e o ar,
e a harmonia dos espaços,
aves, flores, terra, e mar.» -

Sairam. O mar e os montes
sorriam á triste mãe;
o seio dos horisontes
tem seus affectos tambem.

A filha entre-abre um sorriso;
á boca volta o rubi.
Um raio do paraíso
descêra e poisára ali!

Expande-se o firmamento!...
Os olhos têm fogo e luz!...
Eis nisto um mocho agoirento
bateu as azas!... - «Jesus!...

um mocho na minha herdade!
e a poisar tão perto!... ali!...
Mensageiro da maldade,
mocho disforme, fugi!
Meu Deus, não temais que esteja
a tremer do encantador!
mas se olha com tanta inveja
o meu thesoiro, Senhor!...
Vede-o! vede-o tão pasmado!...
ai, filha!... esconde-te aqui!...
Senhor, despede o malvado!...
Mocho, deixae-nos! fugi!

Não venhas trazer desgraça;

estes lares não são teus!...
No manto da tua graça
esconde-a d'elle, meu Deus!

Salva-a, Senhor dos senhores,
já que outro amparo não tem!
D'um mocho contam-se horrores...
eu sou christã... mas sou mãe.

Um mocho na minha herdade!
um mocho que eu nunca vi!
Senhor mocho, por piedade,
eu tenho medo! fugi!» -

Em vista da *senhoria*
o mocho ergueu-se e partiu.
A innocente, no outro dia,
cheia de vida surgiu.

Fique a história registada;
mas em segredo... entre nós!
Um mocho não vale nada;
mas eu tenho medo!... e vós?...

#32

Contribuidor/Informador:

Fonte: PIMENTEL, J. F. de. "O Corujão do Bussaco" in *Cancioneiro, Parte Primeira, Solaos*, Imprensa de E. Trovão, Coimbra, 1849, p. 160.

Data: 1838

Lugar: Santa Cruz do Bussaco

Puniu-o Deus; e mudou-lhe
Em azas negras os braços,
O rosto em bico medonho,
Em pennas os ombros lassos.

Quatro seculos depois

O burel na selva entrou,
E da virgem a caveira
D'uma cruz aos pés achou.
E inda lá terrível brada,
Atroando a solidão,
O profano cavalleiro
Feito negro corujão.

#33

Contribuidor/Informador:

Fonte: BANDARRA, Gonçalo Annes. *Trovas do Bandarra, Natural da Vila de Trancoso, Apuradas e Impressas por Ordem de Um Grande Senhor de Portugal...*, Imprensa Popular de J. L. de Sousa, Porto, 1866, p. 29.

Data:

Lugar:

LVI

Tambem la naquella altura
Está um lobo huivando,
E no meio da espessura
Um bufo está bufando,
E um mocho está cantando,
E Andre está sentindo
Não bailar como Fernando

#34

Contribuidor/Informador:

Fonte: QUEIROZ, Eça de. "S. Cristóvão" in *Lendas de Santos*, Livros do Brasil, Lisboa, 2000.

Data:

Lugar:

A boa comadre, cruzando os braços sobre o avental enfarinhado, dava os seus conselhos; e já por ordem dela, o bom mateiro todas as noites, com uma longa vara, batia as ramas do arvoredado que abrigava a sua cabana, para que não viesse nelas

pousar alguma coruja, que, piando de noite, faria nascer a criança medrosa e com os olhos tortos.

#35

Contribuidor/Informador:

Fonte: SHAKESPEARE, William (trad. de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça). *Hamlet*, Lacerda Editores, Rio de Janeiro, 2004.

Data:

Lugar:

Dizem que a coruja era filha de um padeiro.

Nota: Expressão que parece ter origem numa lenda. Jesus Cristo, tendo parado na casa de um padeiro, pediu algo para comer. Este preparou-lhe uma massa com um pouco de fermento e preparou-se para a colocar no forno. A filha do padeiro, mulher avarenta, achou que a quantidade era exagerada e reduziu-a consideravelmente. Porém, ao aperceber-se do crescimento da massa e, desta forma, da inutilidade da sua acção, exclamou: “hu-hu-hu”, tendo sido castigada e transformada numa coruja.

Esta expressão foi-nos transmitida oralmente por Maria Luísa Silva, com 66 anos. À data, nem nós nem a informante tínhamos conhecimento da sua origem literária.

#36

Contribuidor/Informador:

Fonte: MORAES, Francisco de. *Dialogos de Francisco de Moraes, autor de Palmeirim de Inglaterra. Com hum desengano de Amor, sobre certos amores, que o Autor teve em França...*, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1786, p. 14.

Data:

Lugar:

Esse tal lancem no aos Leões, encampéno aos escudeiros, decerão a elle, como pardais sobre mocho.

#37

Contribuidor/Informador:

Fonte: FALCÃO, Cristóvão, “Crisfal, Ecloga” in *Obras de Christovam Falcão, contendo: A ecloga de Crisfal, a carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas (...) por Theophilo Braga*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1871, p. 6.

Data:**Lugar:**

Já o sol se encobria
 a este tempo e mais
 ficando a terra sombria
 e o gado aos currais
 jaa entam se recolhia:
 Ouvi cães longe ladrar
 e os chocalhos do guado
 com um tom tam concertado
 que me fizeram lembrar
 de quanto tinha passado.

Por mais minhas queixas vâas
 vi berrar o guado moucho
 cuberto das finas lâas,
 e assoviar o môcho
 com o triste cantar das rãas:
 Jaa as serranas ao abrigo
 se hiam: os prados deixando
 as mais d’ellas suspirando
 huma dizia: ay Rodrigo,
 outra dizia: ay Fernando.

#38

Contribuidor/Informador:

Fonte: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. “O Corvo Grasnador e o Mocho Feio” in *Poesias de Manuel Maria de Barbosa Du Bocage, Colligidas en Nova e Completa Edição, Dispostas e Annotadas por I. F. da Silva e...*, Tomo 1, A. J. F. Lopes, Lisboa, 1853, p. 29.

Data:**Lugar:**

O corvo grasnador, e o mocho feio
 O sapo berrador e a ran molesta,
 São meus únicos socios na floresta,
 Onde carpindo estou, de angustia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
 Ah, malfadado amor, paixão funesta!
 Urselina perdi, nada me resta;
 Madre terra! Agasalha-me em teu seio;

Da víbora mordaz permite, oh Sorte,
 Que nos mattos asperrimos que piso
 As plantas me envenene o tenue corte!

Ah! Que é das graças? Que é do paraíso?
 A minha alma onde está ? Quem logra... oh Morte,
 Quem logra de Urselina o doce riso?

#39

Contribuidor/Informador:

Fonte: GAMBOA, Joaquim Fortunato de Valadares. “Ecloga II, Fido e Albano” in *Obras Poeticas*, vol. 2, Na Typografia Rollandiana, Lisboa, 1804, pp. 91-92.

Data:**Lugar:**

Para abrigar-me da noite
 Entre dois chôpos armei
 Pequena choça formada

De huns ramalhos, que apanhei.

Alli logo bem defronte
Torta oliveira ficava,
Donde certa noite hum mocho,
Ave agoureira piava.

Hia pegando no sono
Quando a triste ave gemeo,
Acordei sobresaltado,
Todo o corpo me tremeo.

Para rebater o agouro
Da choça logo sahi,
O luar estava claro,
Claramente o mocho vi.

Ponho huma pedra na funda,
Aponto, despeço o tiro,
Errei-o, bateo as azas
Voou tres vezes em giro.

Sempre sobre o lado esquerdo
Fez os giros todos tres;
E sobre o mesmo lugar
Veio pousar outra vez.

Segunda, e terceira pedra
Contra elle arremecei;
Mas em vaõ; todos os tiros
Desgraçadamente errei.

A todas as tres pedradas
Vi o mesmo succeder;
Faz as tres voltas voando,
Torna a pousar, e a gemer.

Então perdi o valor,
Então entrei a sentir,
Grande mal vaticinado,
Que me havia sobrevir.

Voltei costas á choupana,
Fui, deitei-me á borda da agua,
Pensando em meu mal futuro
Cheio de susto e de magoa.

Que triste acontecimento
Me estivesse emparelhado
Não sabia; mas sabia
Tinha de ser desgraçado.

#40

Contribuidor/Informador:

Fonte: GAMA, Simam. “Cinco tarde da Quaresma Pregadas em Lisboa, na Igreja da Casa Professa da Companhia de Jesvs, Anno de 1681” in *Sermoens Varios do Padre Simam da Gama, da Companhia de Jesvs, Quinta Parte, Offerecida...*, Na Officina de Miguel Manescal, Lisboa, 1712, p. 21.

Data:

Lugar:

[sobre a inveja]

E que lhe importàra a Curuja, para que voasse trespassando as nuvens, que não remontasse até ao Ceo seus ligeiros voos a Agua?

#41

Contribuidor/Informador:

Fonte: CAMÕES, Luis de. “A D. António de Noronha (Já sobre um seco ramo estava posto)” in *Rimas*, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1953, p. 389.

Data:**Lugar:**

Já sobre um seco ramo estava posto
o mocho co funesto e triste pranto¹;
a cujo o som o pastor ergueu o rosto
e viu a terra envolta em negro manto.

1. Ed. 1598: *canto*.

#42

Contribuidor/Informador:

Fonte: RIBEIRO, Thomaz. *A Delfina do Mal, Poema*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1868, pp. 64-67.

Data:**Lugar:**

Mas não pára inda aqui: nos pinheiraes
começam de se ouvir grandes risadas
e d'esvoaçar uns negros passarões
que se ajuntam nos ares em manadas...
 como as nuvens pejadas
que trazem os relampagos e o vento
 em noites de trovões, -
quando o pae se ajoelha ao pé do lar,
 eu digo as orações,
tu choras, e a mãe busca o ramo bento!

Esses passaros maus são feiticeiras
 e bruxas (são as velhas),
que, para se evadirem dos casaes,
ao dar da meia noite, untam-se todas,
cabellos, pés e mãos, pescoço e orelhas,

com oleos infernaes,
e dizem ao demonio esta heresia:
- Lindo bode e senhor! (Chamam-lhe bode
por ser cornudo.) A quem por si não pôde,
faça uma graça a tua bisarria:

quero-te ir visitar;
faze-me ave á tua escolha,
que eu quero voar, voar,
por cima de toda a folha.-
Diz, e sem mais estorvo,
lá vae a bruxa ao ar,
coruja, noitibó, morcego, ou corvo!

Por entre as moitas de carqueja e tojo
ora se erguem ao ar, ora se somem,
umas vezes saltando, outras, de rojo,
bichos de quatro pés e caras d'homem.
São tristes lobis-homens que em manada
andam de rastos a cumprir os fados,
e lá se vão por mal dos seus peccados
para a Ponte do entrudo amaldiçoada!

E ali tudo se junta; apagam-se os luzeiros;
a mata fica muda, e inteira a escuridão!
o vento nem bafeja as ramas dos pinheiros;
o mocho entra na toca; o sapo entra no chão!

Alem, na Ponte do entrudo,
empoleirado em seu throno,
o infernal augusto mono
dá a beijar o pé felpudo
ás bruxas acocoradas
e aos lobis-homens sombrios.
Tem muitas prendas guardadas
no bojo d'um grande cofre,
e aquece os membros esguios,
ao lume, que cheira a enxofre.

Depois, a côrte maldita
ali relata á porfia
seus estragos, e dá conta
dos males que fez de dia
aos meninos, ás piaras,
aos vinhedos, ás searas,
e aos velhinhos, tanto monta.

Uma diz que deu feitiços
d'amor a duas rivaes;
outra, que fôra aos silhaes
matar o gado aos cortiços.

Uma, assára uma cordeira
viva á luz d'uma candeia;
outra, enredára uma teia
que inda estava na urdideira.

Aquella, espreitára uns noivos,
e teve a *grande ventura*
de os levar á sepultura
co'uma peçonha nuns goivos.

Mais uma, torce os destinos
felizes das creaturas,
e entra pelas fechaduras
sugar o sangue aos meninos.

Outra, deu feitiço ás hortas,
e ao dono, um terçol num olho,
deixando-o calvo e zarolho,
e em cima co'as pernas tortas!

*O símbolo distancia-se do que desvela,
ganhando uma autonomia que lhe permite significar o ausente.*

(Miguel Baptista Pereira, *Para Uma Filosofia do Símbolo*, 2004)

TOPONÍMIA • BRASÕES • EMBLEMAS



Art. Alvo
2017'

#01

Contribuidor/Informador:

Fonte: SOUSA, Rui. *Arcas, Corujas, Lombo, Murçós, Olmos, Soutelo Mourisco e Vilar do Monte – Sedes de freguesias ausentes nas inquirições de D. Afonso III e D. Dinis – Reflexões acerca da sua Omissão*. Cadernos 07, Terras Quentes, Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, 2010, pp. 67-69.

Data:**Lugar:****Corujas**

À semelhança de Arcas, também Corujas está ausente do rol constante das Inquirições. A limitação à percepção dessa ausência transportar-nos-ia à redução a uma avaliação da eventual evolução histórico-temporal da actual povoação, desleixando factores que podem assumir especial preponderância para a compreensão histórica da freguesia. Ainda à semelhança de Arcas, o topónimo desta povoação não oferece, aparentemente, dificuldades transcendentais, já que é um vocábulo perfeitamente entendível no Português corrente e, conseqüentemente, detentor de uma aparente facilidade de sinonímia. Quedando-nos pelo facilitismo de fazer corresponder a toponímia ao mundo ornitológico, não seria hercúlea a tarefa. A própria heráldica da freguesia de Corujas remete-nos para o já citado mundo ornitológico, por apresentar “*quatro corujas de prata*” no seu brasão. Não é de espantar tal fenómeno já que, na fauna do Nordeste Transmontano, é vulgar a detecção de aves da ordem das Strigiformes, particularmente as das Famílias *Tytonidae* (*Tyto alba*, a coruja-das-torres) e *Strigidae* (*Strix aluco*, a coruja-do-mato e *Athene noctua*, o mocho-galego).

Acresce que, em território português, é comum a existência de topónimos “coruja” e seus derivados: Corujas, Corujal, Corujido, Corujeira, Corugeiras, Corugeiro ou Corujo. É de salientar o fenómeno da vulgarização da alternância entre as letras “o” e “u”, bem como a da letra “g” com o “j”, surgindo, apenas a título exemplificativo, as formas “Corujeira”, “Curujeira”, “Corugeira” e “Curugeira”. Existe ainda uma freguesia de Torres Novas com o nome de Alcorochel, a qual ostenta uma coruja no seu brasão, justificada toponimicamente por constituir um sinónimo árabe para a referida ave, e a vila de Coruche que, de igual forma apresenta duas corujas na sua heráldica, apesar das reservas levantadas relativamente à associação.

Fora do âmbito territorial nacional, é possível detectar uma proliferação semelhante em Espanha, restringindo-se aqui a área de dispersão, no entanto, às Comunidades Autónomas da Galiza e das Astúrias, onde são abundantes exemplos como “Las Curuxas”, “Coruxas”, “Coruxeira”, “Coruxeyra”, “Curuxeira”, “Curuxeyra”, “La Curuxona”, “Curuxeo”, “El Curuxíu” ou “La Coruxera”.

Na presença deste desfile de topónimos associados, naturalmente de forma primária, a uma ave, poderiam dar-se por encerradas as tentativas de justificação para a origem de Corujas. Contudo...

Fora da abrangência das duas setentrionais Comunidades Autónomas espanholas, o designativo para a ave em questão não é “coruja” ou “coruxa”, mas sim, em castelhano, “lechuza”. Olhando para a proliferação de um pretense zootopónimo numa abrangência territorial que não se restringe à região norte de Portugal, estendendo-se para latitudes mais meridionais, acrescida de idêntico fenómeno na Galiza e nas Astúrias, seria com toda a naturalidade que deveríamos verificar uma distribuição com grande amplitude, pelo resto da península, de topónimos derivados de “lechuza”. No entanto, tal não se verifica, isto se exceptuarmos a existência de uma “La Lechuza” na Gran Canaria. Numa tentativa de uma melhor compreensão desta ausência, foi feita uma extrapolação para o mundo hispanófono, verificando-se um reduzido número de exemplos, como o são duas “La Lechuza”, respectivamente, na Argentina e no Chile, e idêntico número de “Las Lechuzas”, uma nas Honduras e outra no México, o que comprova a quase inexistência de tradição na utilização do zootopónimo em causa. Se extravasarmos esta análise ao restante mundo latino, não se encontram exemplares em Itália e poderão detectar-se, de forma muito remota, alguns poucos exemplos em França. Sendo o vocábulo mais vulgar para designar “coruja”, em Francês, “hibou”, as “homenagens” de índole toponímica à ave nocturna só são passíveis de detecção em Caouënnec e Chavan ou Chavanne. No primeiro dos casos fazendo derivar a provável atribuição à forma bretã para designar “coruja”, ou seja, “kaouen”. No segundo, adaptando o nome alternativo, na Língua Francesa, para coruja-do-mato, “chat-huant”. Dada a quantidade de topónimos derivados de “coruja” ou “coruxa” nas áreas já referenciadas, soa a ilógica a completa omissão no restante território peninsular, bem como nas regiões com as quais partilhamos a língua-mãe, particularmente porque a área de dispersão das aves Strigiformes não fica limitada à faixa peninsular ocidental. O ilogismo não permanece, no entanto, nesta aparente limitação geográfica de topónimos derivados de “coruja”. Dentro do território abrangido pelos mesmos há designativos em locais não identificados como habitat de corujas e em relação aos

quais não há registos de que em algum período o tenham sido, particularmente os que respeitam à forma mais difundida, “Corujeira”. Segundo Viterbo, no seu Elucidário, “Curujeira” corresponderia a um “pardieiro, povoação vil, sítio penhascoso e só próprio para criar curujas”. Ora, na verdade, esta descrição não corresponde à localização da povoação de Corujas. Tal como não tem correspondência em bastantes “Corujeiras”, situadas em zonas baixas e planas e rodeadas, bem proximamente, de outros aglomerados populacionais (basta pensar nas que se situam no Ribatejo).

Por outro lado, este significado que associa as “Corujeiras” com locais inóspitos, deixando antever um sentido depreciativo para a coruja, é incompatível com a imagem de sabedoria que, desde o mundo clássico, vinha em associação com esta ave. Convém lembrar que a deusa grega da sabedoria e da justiça, Athena, possuía como símbolo uma coruja. A “gláuks” (coruja em grego) é frequente, como imagem, nas cunhagens de moeda desde o séc. VI a.C., o que atesta as características superiores que lhe eram atribuídas. Posteriormente, o panteão romano apresenta Minerva, a equivalente de Athena, associada, de igual forma à sabedoria e tendo como símbolo uma ave da mesma família da coruja. Contudo, o carácter iminente nocturno desta ave haveria de ser, já em período cristão, o veículo para a criação de lendas em seu redor, como a de rapinar o azeite das lamparinas acesas, durante a noite, no interior das igrejas (a verdade é que rapinava, sim, os insectos que se abeiravam da luz). Estes factores, aliados à mentalidade medieval, haveriam de criar a imagem que ainda hoje vigora relativamente à coruja, como ave de mau agoiro. A conjugação dos hábitos nocturnos, com as lendas e com o habitat destas aves, associado a locais ermos e penhascos (ainda que tal não corresponda inteiramente à verdade), terá sido a base para a transformação de conceitos e para o significado constante no Elucidário. Acresce que a justificação para tal atribuição reside numa passagem da Crónica de D. João I relatando um facto do séc. XIV, em relação ao qual ocorre a adjectivação de Gibraltar como “curugeira”. A julgar correcta esta apreciação, seria expectável a extensão da mesma às designações geográficas que aparecem, um século antes, nas Inquirições de 1258, nas formas de “Curugeira”, “Corugeira”, “Curugeiro” e “Curugera”. Recuando ainda mais temporalmente, o termo mais antigo com afinidades em relação aos expostos provém de um documento do Mosteiro de Celanova, datado de 1063, onde é mencionada uma povoação de nome “Corugiario”. Posteriormente, em 1085, num outro documento proveniente do Mosteiro de Arouca, surge-nos “Curugios” para, já no século seguinte, concretamente em 1152, nos depararmos com um “Curugio” num documento de Afonso VII. Já com Afonso IX nos aparece na documentação um “Corugium”, em 1227. Ainda no século XIII, na

compilação dos milagres de S. Pedro Telmo, mandada efectuar pelo Bispo Egídio de Tuy, entre o rol de testemunhos vêm declarados “Petrus Petri de Corugio”, “Petrus Mariola” e “Major Laurentii”, ambos de “Curugio”. Não desvalorizando o Frei Joaquim Viterbo, não parece de todo aceitável que as povoações cuja toponímia deriva, pretensamente, de “coruja”, se situem em locais pouco prazenteiros, não invalidando, contudo, a eventual derivação a partir da ave nocturna. Estudos recentes sobre a toponímia Asturiana corroboram, de alguma forma, esta evolução, quando sugerem que a mais provável origem da nomenclatura do rol de povoações já mencionadas residirá no vocábulo do baixo-latim, “corugia”, que teria dado “coruxa”. Ainda que, etimologicamente, não seja tarefa fácil obter explicação plausível para a nomenclatura de uma ave que, em latim era designada por “noctua” e em grego, como já mencionado, por “gláuks”, a evolução de “coruja” a partir de “corugia” não levantaria grandes obstáculos. Porém, os Glossários de Latim da Idade Média mostram outra faceta, apontando que o termo “corugia” é uma corrupção de “corrigia”, cujo significado pode ser “tira, cordão ou correia”, “cíngulo” ou... “faixa de terreno”. Os exemplos em documentos medievais abundam: entre outros, “...concedo ecclesiae...duas marchas auri et duas Corugias auri et unam argenti...” ; “...pro una Corrigia de auro et argento pró Domino...”; “...quae est quase duae Corrigiae de terra, una juxta aliam conjuncta...”.

Este dado vem, sem dúvida, abrir uma nova possibilidade de interpretação toponímica. Se lhe acrescentarmos que, no ano de 1228, nos surge um D. Heidenricus Corugia como signatário de um reconhecimento de propriedade em território actualmente alemão, afastado, portanto, dos limites da região onde imperam os topónimos derivados de “coruja”; e ainda, igualmente fora desses limites o facto de a actual cidade de Correggio, situada em Itália na província de Reggio-Emilia, cuja etimologia deriva de “corrigia” mas que surge documentada, em época medieval, como “Corigio” e “Corugio”; ficamos na presença de legítimas dúvidas acerca da origem do zootopónimo “coruja”, limitado, em território ibérico, à longa faixa atlântica que se abre desde a Galiza ao sul de Portugal.

Às anteriores observações podem ainda acrescentar-se aquelas que apresentam características de homofonia e que abrem ainda mais o leque de possibilidades. A começar pela existência, na Língua Portuguesa de um vocábulo com pronúncia igual ao “coruxo” asturiano e galego: “corucho”, um termo que pode designar a parte mais alta das árvores ou, como regionalismo, a croça (ou palhoça, capa tradicional feita de palha ou colmo, usada pelos camponeses para se resguardarem da chuva). Para lá da

coincidência e do facto de a croça (ou corucho), substituída em situações solenes pela capa de burel, constituir uma indumentária que faz parte da etnografia transmontana, esta associação reside apenas, e a meu ver, numa curiosidade que permite atestar as possibilidades da toponímia e do surgimento de nomenclaturas à mesma associada. Mais arrojada que esta possibilidade é, pelo mesmo fenómeno de semelhança fonética, avançar com a possibilidade de os topónimos derivados de “coruja” ou “coruxa” possuírem alguma correspondência com “Carouge” e outros topónimos do centro europeu legados pelos designativos da rede viária romana, nomeadamente, o “quadruvium” (cruzamento de duas estradas ou vias importantes) do qual derivam.

Independentemente das conjecturas que possam advir do exposto, é um facto que os designativos potencialmente derivados de coruja ocorrem, pelo menos, a partir do virar do primeiro milénio da Era Cristã. É, de igual forma, inquestionável que as Inquirições não fazem referência a Corujas. Contudo, o foral de Ervedosa, dado por D. Dinis a 5 de Julho de 1288 faz menção à existência de uma “Curujas”. Nas especificações dos limites geográficos constantes do documento, surge “...e de sy por esse cerro dantre Penas Juntas e Curujas...”. Não é possível determinar se esta anotação se refere à Corujas aqui tratada, pelo enquadramento geográfico. Contudo, não há outras hipóteses toponímicas que a associem a uma localização distinta. Por outro lado, os primeiros documentos que fazem referência específica à actual povoação de Corujas são provenientes do Mosteiro de Castro de Avelãs e, conseqüentemente, da Arquidiocese de Braga. Na primeira relação de aldeias na posse dos Beneditinos, datada de 1319, não surge o nome de Corujas. Este facto torna-se, de alguma forma, irrelevante, a partir da constatação de que Lamas também dessa lista não faz parte. Lamas já tinha existência comprovada por alturas das Inquirições, no entanto, os monges só eram aí detentores de cinco casais, não sendo donatários de toda a aldeia, o que pode justificar plenamente a omissão. Será necessário esperar pelo séc. XV para, num documento de 8 de Julho de 1435, onde constam as decisões de D. Duarte sobre as possessões de Castro de Avelãs, vir mencionado: “...havia em Lamas sette cazaas, e em Crastelos hum cazal, e em Curujas outro...”. Já em 1462 surge um documento de confirmação do abade e reitor de “Santa Maria de Lamas e Curujas com sua anexa Santiago”. A grafia utilizada em ambos os documentos (Curujas) remete-nos para a coincidência de idêntica utilização no anteriormente mencionado foral de Ervedosa. Ao longo dos séculos, se exceptuarmos a forma como a povoação é designada no início do séc. XVIII (Santiago de Crujas), passou-se, paulatinamente, da forma “Curujas” para “Corujas”, particularmente a partir do séc. XVI. Em face disto, pode supor-se que, no período em que decorreram as Inquirições de 1258 (trinta anos antes do foral de Ervedosa), já existiria uma povoação no local onde hoje se localiza

Corujas ou, em última instância, nas suas imediações. Anteriormente já existiria, contudo, um outro assentamento populacional, tal como se poderá inferir dos relatos da existência de um anterior aglomerado denominado Guímbrias. Os registos para a sua existência encontram eco na lenda que refere que a povoação teria sido abandonada devido a uma incursão muçulmana. Tal a invasão de lendas que povoa o imaginário popular transmontano, dada a ausência de provas arqueológicas e de registos escritos que mencionem a existência do topónimo “Guímbrias” no cadastro da freguesia, não seria de relevar a provável existência de um ancestral povoado. Contudo, no séc. XVIII é mencionada a reedificação da actual Capela de Santo Amaro, situada a noroeste da aldeia, a qual, à data, se situaria, segundo o documento guardado no “Museu Regional de Bragança”, na Quinta das Quimeras, Guimbras ou Gimbras (ao longo do documento a designação surge de três formas distintas). As “Memórias Paroquiais” corroboram esta informação, referindo a existência de “...hua Capella de Santo Amaro sita em hua quinta arruindada que se chama as Gimbricas...”. Num outro documento com a mesma proveniência, do século anterior, é anotada a existência de diversos moradores na referida Quinta. Não fosse o topónimo associado, “Guímbrias”, “Guimbras” ou “Gimbricas” não passaria de mais uma povoação morta a acrescentar à lista das que, comprovadamente, já existiram no concelho de Macedo de Cavaleiros e, entretanto, se extinguiram. Todavia, este topónimo remete-nos para o período anterior à própria nacionalidade, dada a sua associação antroponímica ao nome Wímara ou Vímara, o mesmo que daria origem ao nome Guimarães. A partir deste dado é possível aferir a quase certa existência de um agregado populacional bastante remoto em Corujas, dada a sua proveniência num antropónimo de origem germânica.

Face ao exposto, é legítimo questionar a aparentemente óbvia justificação para a toponímia de Corujas, bem como o é em relação ao apuramento da antiguidade da povoação ou de uma eventual antecessora. A conjugação de dados poderá apontar para a origem do topónimo “Corujas” a partir de factores externos ao universo da onitologia, assim como a ausência da povoação das Inquirições poderá não significar a sua inexistência, ainda que mantendo um carácter de sufragânea da vizinha povoação de Lamas, pelo menos até ao séc. XVIII.

#02

Contribuidor/Informador:

Fonte: “Freguesia de Muxagata...”. *beira.pt*. Disponível na Internet: <http://beira.pt/portal/sem-categoria/freguesia-de-muxagata-em-exposicao-no-cihafa/>

Data: [consult. em 2015.11.10]

Lugar:

Muxagata

Esta povoação foi constituída freguesia desde tempos remotos. Nada se sabe sobre a verdadeira origem do seu nome, apenas que em 1482 se chamava “**Mocegata**”; em 1527 já pertencia ao concelho de Algodres com o nome de “**Moxogata**”, tendo então 68 moradores ou fogos; em 1600 “**Muxigata**”; em 1700 “**Muxiguata**”; em 1747 já tinha 112 fogos e 311 fregueses; e atualmente designa-se “**Muxagata**”.

Nota: Existe uma portada, na denominada ‘Casa da Muxagata’, 1676, com elementos zoomórficos esculpidos que a tradição oral diz tratar-se de um mocho e de uma gata, estando na origem do nome Muxagata. (Ver brasão.)

#03

Contribuidor/Informador: Santos Costa**Fonte:**

Data: Janeiro 2016

Lugar: Trancoso

Valdujo

O topónimo Valdujo é, de entre muitos que têm na sua aglutinação espécies onitológicas, aquele que mais se enquadra e corresponde ao lugar. Trata-se efectivamente de um povoado, repartido por três povoações (daí o topónimo genérico), que se situa num vale e que, até há alguns anos atrás, era um refúgio dos bufos-reais ou ujos. Posso garantir-lhe que muitas noites a ouvi na sua melopeia monótona e cronometrada quando ali passava alguns dias.

Num documento de 1219 encontra-se grafado *Valle Hujio*, naturalmente porque já era território desta ave rapace (*Bubo bubo*). A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (vol. 33, p. 761) refere-se ao termo *hugio* do documento como ujo,

reportando-se ao documento inédito de 1219. Outros historiadores e monografistas repetem a génese toponímica para dizer que Valdujo - única freguesia com este nome, pelo que o documento só se pode referir a ela - provém de Vale do Ujo ou Vale do Bufo Real (Mocho Real).

No almanaque Anuário de Trancoso do ano de 1916, bebendo em Pinho Leal, também concorda com esta raiz toponímica, dizendo a determinado passo: " Nas duas Beiras e ainda no Alto Alentejo, dá-se o nome de Bujo ao bufo, ave de rapina nocturna bem conhecida, por isso o nome desta freguesia vem a ser Vale do Bujo".

É claro que Vale do Hujó ou Vale do Ujo, mesmo sem a transformação ou corruptela popular regional, dará sempre Valdujo, como é comum em outros topónimos que têm como composto o termo Vale - Valfor, Valverde, etc.

Curiosamente, alguns habitantes, através de uma associação, confundiram a designação ujo com outra ave e, aqui há uns anos atrás, mandaram estampar umas camisolas com um grifo.

Nota: Comentário, da autoria de Santos Costa, escritor, enviado generosamente ao STRI, em resposta ao assunto em questão.

#04

Contribuidor/Informador:

Fonte: "Origens Históricas". *Página de Aviúges*. Disponível na Internet: <http://aviuges.no.sapo.pt/historia.html>

Data: [consult. em 2016.02.07]

Lugar:

Aviúges

A origem de tão peculiar nome toponímico ("Aviúges") permanece desconhecida, de tal modo que não se pode saber com certeza a verdadeira etimologia da povoação, mas adianta-se a possibilidade de derivar de "Ali vi hújos.", hujos aqui no sentido de corujos (masculino de corujas). Esta é apenas uma suposição sem qualquer valor... Na falta de outra teoria para a génese deste nome fica esta hipótese. Deve-se

salientar o facto de outrora existirem muitos carvalhos nesta aldeia e as corujas preferirem estas árvores para viverem, dando alguma credibilidade a esta teoria.

Um nome tão estranho leva a diversas formas de redigir, daí utilizar-se frequentemente Aviujes, Avinjes, Avintes ou mesmo Avirijes, como forma de escrita de Aviúges.

• Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

- **Achada do Mocho**, freguesia de Alcoutim, distrito de Faro;
- **Alto dos Mochos**, concelho de Évora, distrito de Évora;
- **Barroca do Môcho**, freguesia do concelho de Vila Velha de Ródão;
- **Beco da Corujeira**, concelho de Caldas da Rainha, distrito de Leiria;
- **Beco do Mocho**, concelho de Viana do Castelo;
- **Bufareira**, localidade do concelho de Lousada, distrito de Porto;
- **Bufo**, localidade do concelho de Guimarães, distrito de Braga;
- **Bufo**, localidade do concelho de Monchique, distrito de Faro;
- **Cabeço do Mocho**, localidade do concelho de Portimão, distrito de Faro;
- **Caminho do Mocho**, concelho de Oeiras;
- **Caminho dos Mochos**, concelho de Monção;
- **Casais do Mocho**, localidade do concelho de Santarém, distrito de Santarém;
- **Casal Coruja**, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa;
- **Casal do Bufo**, localidade do concelho de Cadaval, distrito de Lisboa;
- **Casal do Bufos**, concelho de Sertã, distrito de Castelo Branco;
- **Casal do Mocho**, localidade do concelho de Mafra, distrito de Lisboa;
- **Casal do Ninho do Mocho**, localidade do concelho de Mafra, distrito de Lisboa;
- **Casal do Penedo do Mocho**, localidade do concelho de Arruda dos Vinhos, distrito de Lisboa;
- **Casal do Vale de Mocho**, localidade do concelho de Leiria, distrito de Leiria;
- **Casal dos Mochos de Baixo**, localidade do concelho de Sobral de Monte Agraço, distrito de Lisboa;
- **Casal dos Mochos**, localidade do concelho de Alenquer, distrito de Lisboa;
- **Casal Bufo**, localidade do concelho de Alenquer, distrito de Lisboa;
- **Cerro do Bufo**, localidade do concelho de Castro Marim, distrito de Faro;
- **Cerro do Mocho**, localidade do concelho de Loulé, distrito de Faro;

- **Chão do Mocho**, localidade do concelho de Viana do Alentejo, distrito de Évora;
- **Charneca do Mocho**, concelho de Setúbal, distrito de Setúbal;
- **Coruja do Meio**, localidade do concelho de Constância, distrito de Santarém;
- **Coruja do Pratas**, localidade do concelho de Constância, distrito de Santarém;
- **Coruja**, localidade do concelho de Loulé, distrito de Faro;
- **Corujais**, localidade do concelho de Lamego, distrito de Viseu;
- **Corujas**, freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança;
- **Corujas**, localidade do concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança;
- **Corujas**, localidade do concelho de Marco de Canaveses, distrito de Porto;
- **Corujas**, localidade do concelho de Santiago do Cacém, distrito de Setúbal;
- **Corujeira**, freguesia extinta do concelho da Guarda, integrada na União de Freguesias de Corujeira e Trinta;
- **Corujeira**, localidade do concelho de Mira, distrito de Coimbra;
- **Corujeira**, localidade do concelho de Proença-a-Nova, distrito de Castelo Branco;
- **Corujeiro**, localidade do concelho de Tondela, distrito de Viseu;
- **Corujo**, localidade do concelho de Tomar, distrito de Santarém;
- **Corujos**, localidade do concelho de Castro Marim, distrito de Faro;
- **Eira do Bufo**, localidade do concelho de Monchique, distrito de Faro;
- **Foros do Mocho**, localidade do concelho de Ponte de Sor, distrito de Portalegre;
- **Horta do Mocho**, localidade do concelho de Alandroal, distrito de Évora;
- **Ilhéu do Bufo**, Açores;
- **Largo Alto do Mocho**, concelho de Oeiras;
- **Largo do Mocho**, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém;
- **Largo dos Mochos**, concelho de Viseu;
- **Lugar do Mocho**, localidade do concelho de Marco de Canaveses, distrito de Porto;
- **Lugar do Moucho**, localidade do concelho de Oleiros, distrito de Castelo Branco;
- **Marco do Mocho**, localidade do concelho de Chaves, distrito de Vila Real;
- **Miradouro dos Moinhos do Mocho**, distrito de Lisboa;
- **Miradouro do Mocho Real**, concelho da Guarda, distrito da Guarda;

- **Mocho Novo**, localidade do concelho de Ponte de Sor, distrito de Portalegre;
- **Mocho**, localidade do concelho de Ponte de Sor, distrito de Portalegre;
- **Mocho**, localidade do concelho de Vila Nova de Gaia, distrito de Porto;
- **Mochos**, localidade do concelho de Nelas, distrito de Viseu;
- **Moinho do Mocho**, localidade do concelho de Montemor-o-Novo, distrito de Évora;
- **Monte da Coruja**, localidade do concelho de Portalegre, distrito de Portalegre;
- **Monte das Corujas**, localidade do concelho de Mora, distrito de Évora;
- **Monte de Bufo**, localidade do concelho de Serpa, distrito de Beja;
- **Monte de Vale de Bufo**, localidade do concelho de Serpa, distrito de Beja;
- **Monte do Mocho Novo**, localidade do concelho de Ponte de Sor, distrito de Portalegre;
- **Pátio do Mocho**, concelho de Vila Franca de Xira;
- **Portela da Coruja**, localidade do concelho de Cinfães, distrito de Viseu;
- **Portela do Mocho**, localidade do concelho de Cabeceiras de Basto, distrito de Braga;
- **Porto do Bufo**, localidade do concelho de Aljustrel, distrito de Beja;
- **Praça da Corujeira** (Jardim da Corujeira), freguesia de Campanhã, distrito de Porto;
- **Quinta da Coruja**, localidade do concelho de Covilhã, distrito de Castelo Branco;
- **Quinta da Coruja**, localidade do concelho de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra;
- **Quinta da Tapada da Coruja**, localidade do concelho de Fundão, distrito de Castelo Branco;
- **Quinta das Corujas**, localidade do concelho de Guarda, distrito de Guarda;
- **Quinta do Mocho**, concelho de Loures;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Estremoz, distrito de Évora;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Mangualde, distrito de Viseu;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Moita, distrito de Setúbal;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Setúbal, distrito de Setúbal;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Vila Real, distrito de Vila Real;
- **Quinta do Mocho**, localidade do concelho de Vila Viçosa, distrito de Évora;
- **Quinta dos Mochos**, localidade do concelho de Lagoa, distrito de Faro;
- **Quinta Mocho**, concelho de Sobral de Monte Agraço;
- **Rua Casal Vale do Mocho**, concelho de Leiria;

- **Rua da Corujeira**, concelho de Caldas da Rainha, distrito de Leiria;
- **Rua de Mochos**, concelho de Marco de Canaveses;
- **Rua do Carvalho Mocho**, concelho de Vale de Cambra;
- **Rua do Casal do Mocho**, concelho de Mafra;
- **Rua do Mocho**, concelho de Alijó;
- **Rua do Mocho**, concelho de Caldas da Rainha;
- **Rua do Mocho**, concelho de Viseu;
- **Rua dos Mochos**, concelho de Ílhavo;
- **Rua dos Mochos**, concelho de Mira;
- **Rua Maria Augusta Mocho**, concelho de Celorico da Beira;
- **Rua Mocho**, concelho de Espinho;
- **Rua Ninho do Mocho**, concelho de Mafra;
- **Rua Nova do Corujo**, concelho de Barcelos, distrito de Braga;
- **Rua Nova do Mocho**, concelho de Coimbra, distrito de Coimbra;
- **Rua Penedo da Coruja**, concelho de Sintra;
- **Rua Penedo do Mocho**, concelho de Sintra (à data, existem duas placas toponímicas apresentando nomes diferentes para a mesma rua: Penedo do Mocho e Penedo do Moucho) ;
- **Rua Quinta do Mocho**, concelho de Setúbal;
- **Tapada do Bufo**, localidade do concelho de Celorico da Beira, distrito de Guarda;
- **Tapada do Mocho**, localidade do concelho de Oeiras, distrito de Lisboa;
- **Toca do Mocho**, localidade do concelho de Loulé, distrito de Faro;
- **Toca do Mocho**, localidade do concelho de Odemira, distrito de Beja;
- **Travessa da Moucha**, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga;
- **Travessa do Mocho**, concelho de Espinho;
- **Travessa do Mocho**, concelho de Mafra;
- **Travessa do Mocho**, concelho de Marco de Canaveses;
- **Travessa do Mocho**, concelho de Ourém;
- **Travessa do Mocho**, concelho de Viseu;
- **Travessa do Rio Mocho**, concelho de Vila Nova de Gaia;
- **Travessa dos Mochos**, concelho de Loures;
- **Travessa Penedo do Mocho**, concelho de Sintra;
- **Travessa Quinta do Mocho**, concelho de Nelas;
- **Travessa Vila Mocho**, concelho de Anadia;

- **União de Freguesias de Corujeira e Trinta**, concelho da Guarda;
- **Vale de Bufo**, localidade do concelho de Lagos, distrito de Faro;
- **Vale de Coruja**, localidade do concelho de Cinfães, distrito de Viseu;
- **Vielá do Mocho**, concelho de Espinho;
- **Vila do Mocho**, localidade do concelho de Anadia, distrito de Aveiro;
- **Volta do Mocho**, concelho de Loulé.

Nota: Existem também alguns nomes de rios, ribeiros/as, azenhas, pontes, fontes, moinhos, cerros, montes, marcos geodésicos, etc. com o vocábulo 'mocho', 'coruja' e 'bufo'. Como, por exemplo:

Azenha do Mocho; Cabeço do Mocho (monte); Fonte Lameiro do Mocho; Coruja (vértice geodésico); Corujas (vértice geodésico); Fonte da Coruja; Alto da Corujeira (monte); Corujeira (vértice geodésico); Varanda dos Ujos (monte, “habitat natural das corujas”); Corujos (vértice geodésico); Fonte do Bufo; Serra das Corujas; Barranco do Bufo (ribeiro); Bufo (vértice geodésico); Ribeira da Coruja; Ribeira de Corujas; Ribeira do Mocho; Ribeiro da Corujeira; Ribeiro das Corujas; Ribeiro de Bufo; Ribeiro do Bufo; Ribeiro do Mocho; Ribeiro da Quinta da Mocha; Regato da Coruja; Toca do Mocho (vértice geodésico); Vale do Bufo; Mocho (vértice geodésico); Moinho do Mocho; Ponte do Bufo; Ribeira do Bufo; Moinho do Bufo (azinha); Moinho da Corujeira (azinha, ilha da Madeira); Pico do Mocho (Açores).

E algumas casas particulares:

Tapada do Bufo; Casa do Mocho; Vale de Coruja; Vila do Mocho; Corujeira de Dentro; Casal do Mocho; Casal do Ninho do Mocho; Casal do Penedo do Mocho; Casal dos Mochos; Casal dos Mochos de Baixo; Chão do Mocho; Corujais; Coruja do Pratas; Corujas; Bufo; Casal do Bufo; Eira do Bufo.

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

<i>Categoria</i>	<i>nome</i>	<i>descrição</i>	<i>X</i>	<i>Y</i>	<i>folha</i>
1	Ilhéu do Bufo	ILH	3862	42645	8
1	As Fragas do Bufo	REG	2608	5431	21
1	Barranco do Bufo	RIB	1671	0383	585
1	Barranco do Bufo	RIB	1681	0379	586
1	Barranco do Bufo	RIB	1574	0331	585
1	Barranco do Bufo	RIB	2187	0448	581
1	Barranco do Bufo	RIB	2239	0321	589
1	Barranco do Bufo	RIB	2498	0642	567
1	Barranco do Bufo	RIB	1972	0536	571
1	BUFO	VG	2127	0467	580
1	Bufo	CAS	1689	0377	586
1	BUFO	VG	2580	0962	542
1	Bufo	CAS	1853	4952	85
1	Bujos	POV	1842	3478	252
1	Bujos	POVI	1836	3478	251
1	Casal do Bufo	CAS	1206	2548	351
1	Casal dos Bufos	POV	2013	3274	277
1	Cerro do Bufo	MTE	1540	0494	577
1	Cerro do Bufo	MTE	1772	0486	578
1	Cerro do Bufo	MTE	2299	0356	589
1	Corgo do Bufo	REG	1810	0474	578
1	Cova do Bufo	REG	0861	2115	401-A
1	Eira do Bufo	CAS	1676	0378	585
1	Fonte do Bufo	FTE	1898	2046	422
1	Fraga do Ujo	REG	2401	4578	138
1	Ribeiro Bufo	RIB	1951	4718	112
1	Ribeiro de Bufo	RIB	1534	5352	28
1	Ribeiro do Bufo	RIB	1898	2046	422
1	Serro do Bufo	CAS	2597	0275	600
1	Tapada do Bufo	CAS	2666	4043	192
1	Ubufo	REG	2376	3794	223
1	Vale de Bufo	CAS	1441	0231	593
1	Vale do Bufo	VE	1757	2309	379
1	Ujo	REG	2442	5218	46
1	Ujo	CAS	2151	4930	86
1	VALDUJO	SF	2718	4303	160
1	Valdujo	CAS	1648	4181	174
1	VALDUJO	SF	2716	4297	170
1	Vinhas de Valdujo	REG	2724	4274	170
1	Lomba do Bufo	REG	1851	3319	264
1	Lomba do Bujo	REG	2162	3618	233
1	Los Ujos	REG	3374	5393	39
1	Moinho do Bufo	AZE	2645	3935	203
1	Monte de Bufo	CAS	2573	0964	542
1	Monte de Vale de Bufo	CAS	2564	0968	542
1	Monte do Hujo	REG	2530	4822	103
1	Ponte do Bufo	PTE	2385	3651	234
1	Porto do Bufo	CAS	1994	1024	529
1	Quinta dos Ujos	CAS	2283	4822	101
1	Ribeira de Valdujo	RIB	2710	4289	170
1	Ribeira do Bufo	RIB	2385	3651	234

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

2 Pico Mocho	MTE	6340	41874	29
2 Achada do Mocho	REG	2320	0534	574
2 Azenha do Mocho	AZE	2670	3401	257
2 Azenha da Mocha	CAS	1578	4861	97
2 Azenha da Mocha	AZE	1602	4940	83
2 Baixa do Mocho	REG	2361	5032	74
2 Cabeço do Mocho	POVI	1617	0204	594
2 Cabeço do Mocho	MTE	2990	3729	227
2 CAMOCHO	VG	0993	2185	402
2 Casais do Mocho	POV	1494	2545	352
2 Casal da Mocharreira	POV	0983	2313	374
2 Casal do Mocho	CAS	1064	2272	389
2 Casal do Ninho do Mocho	CAS	1052	2174	403
2 Casal do Penedo do Mocho	CAS	1097	2236	389
2 Casal do Vale de Mocho	POV	1433	3088	297
2 Casal dos Mochos	CAS	1192	2325	375
2 Casal dos Mochos de Baixo	CAS	1152	2246	389
2 Cerro do Mocho	POV	2090	0157	606
2 Chão do Mocho	CAS	1986	1579	478
2 Fonte Lameiro do Mocho	FTE	2676	3102	293
2 Fonte Mocharro	FTE	2347	3709	223
2 Foros do Mocho	POV	1991	2323	380
2 Foros do Mocho	POV	1982	2316	380
2 Fraga do Mocho	REG	2836	4421	151
2 Ribeira do Mocho	RIB	1144	2042	417
2 Ribeiro do Mocho	RIB	1576	4494	143
2 Ribeiro, da Quinta da Mocha	RIB	2650	2001	427
2 Toca do Mocho	CAS	1962	0360	587
2 TOCA DO MOCHO	VG	1502	0931	535
2 Toca do Mocho	CAS	1543	0840	545
2 Vale da Cós do Mocho	REG	2130	3132	289
2 Vale dos Mochos	REG	1490	3003	297
2 Vale Mocho	REG	3235	4912	93
2 Veiga dos Mochos	REG	2579	5198	61
2 Vila do Mocho	CAS	1752	3841	208
2 Vale de Mochina	REG	3084	4173	183
2 Vale Moxarro	REG	0926	2264	388
2 Ribeiro do Moxarro	RIB	0918	2252	388
2 Horta do Mocho	CAS	2760	1970	441
2 Horta Mochilo	CAS	2130	1408	488
2 La Mocha	REG	3005	1262	515
2 Lugar do Mocho	CAS	2007	4635	125
2 Marco do Mocho	CAS	2545	5439	21
2 Mocha	CAS	1871	3261	276
2 Mocha	CAS	1596	4964	83
2 Mochada	CAS	2893	3667	237
2 Mochico	REG	2201	4407	147
2 MOCHO	VG	2321	0538	574
2 Mocho	REG	2991	5036	78
2 Mocho	REG	3089	3398	271
2 Mocho	REG	2562	5354	34
2 Mocho	CAS	1575	4495	143

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

2 Mocho	CAS	1984	2314	380
2 Mocho Novo	CAS	1976	2320	380
2 Mochón	REG	3360	5455	26
2 Mochos	REG	1717	5617	3
2 Mochos	CAS	2231	3942	200
2 Moinho da Mocha	AZE	2944	4092	193
2 Moinho do Mocho	MOI	1093	2777	326
2 Moinho do Mocho	CAS	1803	1909	435
2 Monte do Mocho Novo	CAS	1967	2324	380
2 Monte Mochão	CAS	2635	1870	451
2 Moucharia	POV	0959	2317	374
2 Mouchedo	CAS	1885	4521	135
2 Moucheira	POV	0920	2173	402
2 Moucheira	POV	1798	5665	3
2 Moucho	POV	2154	3243	277
2 Moucho	POV	2161	3244	278
2 Mouchos	CAS	1809	5005	70
2 MUXAGATA	SF	2554	4102	180
2 Muxagata	REG	2844	3315	270
2 Muxagata	CF	2558	4069	191
2 MUXAGATA	SF	2556	4099	191
2 Muxagata	CAS	2637	4044	191
2 Muxagata	CAS	2640	4045	192
2 MUXAGATA	SF	2811	4525	141
2 Muxos	POV	2327	4198	179
2 Ninho do Mocho	REG	1416	5329	27
2 O Mocho	CAS	1908	5778	1
2 Pedras de Mocho	REG	1412	0274	593
2 Penedo do Mocho	REG	1656	5189	55
2 Penhas Mochas	REG	3477	4968	95
2 Portela do Mocho	CAS	2125	5003	72
2 Puente Mocha	REG	3370	4728	121
2 Quinta do Mocho	CAS	1387	1768	455
2 Quinta do Mocho	CAS	2476	4091	190
2 Quinta do Mocho	CAS	2388	4786	115
2 Quinta do Mocho	CAS	2535	2067	426
2 Quinta do Mocho	CAS	2503	2034	426
2 Quinta do Mocho	CAS	2650	1996	441
2 Quinta do Mocho	CAS	1261	1905	432
2 Quinta dos Mochos	CAS	1761	0151	604
3 Corujeira de Dentro	CAS	2912	36320	1
3 Corujeira de Fora	POV	2914	36316	1
3 Corujeira	POVI	2986	36217	4
3 Moinho da Corujeira	AZE	2992	36223	4
3 Corujeira de Baixo	POV	3254	36281	6
3 Corujeira de Cima	POVI	3248	36281	6
3 Corujeira	POV	3061	36181	8
3 Corujeira	POVI	3096	36170	8
3 Corujeira	POVI	3211	36171	9
3 Levada da Corujeira	POVI	3204	36162	9
3 Alto da Corujeira	MTE	1552	5134	55
3 Alto do Carujo	MTE	2332	5038	74

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

3 Arroyo de la Coruja	RIB	3393	5394	39
3 Barranco da Escrujeira	RIB	2234	0683	565
3 Barranco do Corujo da Várzea	RIB	1605	0928	536
3 Barroca do Vale da Coruja	REG	2231	3542	244
3 Carujo	CAS	2183	3252	278
3 Casal da Corujeira	CAS	1084	2748	326
3 CORUCHE	VG	1655	2220	392
3 CORUCHE	SC	1649	2214	392
3 Coruche	CF	1645	2204	392
3 Coruche	POV	1429	5424	14
3 CORUCHE	SF	2499	4253	169
3 CORUCHE 1º	VG	1656	2219	392
3 Corucho	POV	1397	3220	273
3 Corucho	POV	1996	4705	112
3 Corucho da Pena Ruiva	REG	1978	4338	155
3 Corucho da Roca	REG	2135	5317	31
3 CORUJA	VG	1860	2653	343
3 Coruja	REG	2231	0306	589
3 Coruja	POV	2083	0312	588
3 Coruja do Meio	CAS	1862	2675	343
3 Coruja do Pratas	CAS	1862	2678	343
3 Corujais	CAS	2239	4647	126
3 Corujas	CAS	1591	1055	527
3 Corujas	CAS	1918	4613	124
3 CORUJAS	VG	2960	5142	64
3 CORUJAS	SF	2968	5152	64
3 Corujeira	REG	2258	4191	178
3 Corujeira	POV	2582	4129	180
3 Corujeira	POV	2029	4154	177
3 Corujeira	POV	1846	3126	288
3 Corujeira	POVI	1228	2575	351
3 Corujeira	CAS	1837	4398	154
3 Corujeira	POVI	1702	3599	241
3 Corujeira	POV	1982	4120	176
3 Corujeira	POV	1709	4383	154
3 Corujeira	CAS	1885	4393	155
3 Corujeira	POV	1709	5343	29
3 Corujeira	POV	1953	5216	43
3 Corujeira	POV	1845	5232	43
3 CORUJEIRA	VG	2286	5388	32
3 Corujeira	POVI	1702	3602	230
3 Corujeira	CAS	1837	4820	98
3 Corujeira	POV	1854	3426	252
3 Corujeira	POV	2087	3036	301
3 Corujeira	CAS	2226	3337	266
3 Corujeira	REG	2650	4827	104
3 Corujeira	CAS	2073	4918	86
3 Corujeira	CAS	2105	4921	86
3 Corujeira	CAS	2140	4987	86
3 Corujeira	POVI	1498	3794	217
3 Corujeira	CAS	2034	4868	100
3 Corujeira	POV	2009	4808	100

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

3	CORUJEIRA	VG	1626	4651	122
3	Corujeira	CAS	2020	4621	125
3	Corujeira	POV	1622	4653	122
3	Corujeira	CAS	2040	4624	125
3	Corujeira	POV	2098	4629	125
3	Corujeira	REG	2376	3804	212
3	CORUJEIRA	SF	2675	3933	203
3	Corujeira	REG	2653	3837	214
3	Corujeira	REG	2399	4741	115
3	Corujeira	POV	1809	4717	111
3	Corujeira	POV	1762	4741	111
3	Corujeira	POV	2165	3101	290
3	Corujeira	REG	1089	2753	326
3	Corujeira	REG	1089	2745	326
3	Corujeira	CAS	1854	2053	422
3	Corujeira	CAS	1907	4944	85
3	Corujeira	CAS	1948	5047	71
3	Corujeira	POV	1982	5002	71
3	Corujeira	CAS	1946	5042	71
3	Corujeira	CAS	2311	4520	137
3	Corujeira	POV	2377	4283	168
3	Corujeira	POVI	1132	2335	375
3	CORUJEIRA	VG	1143	2347	375
3	Corujeira	REG	2900	3778	226
3	CORUJEIRA	VG	1579	3415	250
3	Corujeira	CAS	1581	3419	250
3	Corujeiras	REG	2311	1192	521
3	Corujeiras	POV	1671	3222	274
3	Corujeiras	CAS	1947	5726	1
3	Corujeiras	CAS	2193	4666	126
3	Corujeiras	POV	2093	4743	113
3	Corujeiras	POV	1957	4707	112
3	Corujeiras	CAS	1727	5050	70
3	Corujeiro	POVI	2121	3941	199
3	Corujinho	CAS	1630	0948	536
3	Corujo	REG	2295	0559	573
3	Corujo	CAS	1622	0949	536
3	Corujo	POV	1601	5102	55
3	Corujo	POV	1728	2888	320
3	Corujo	CAS	1789	4997	84
3	Corujo	POV	1606	5098	69
3	Corujo	REG	3120	5180	65
3	Corujo da Várzea	CAS	1617	0941	536
3	Corujos	POV	2507	0386	591
3	CORUJOS	VG	2511	0387	591
3	Crujães	POV	1633	5044	69
3	Crujeira	CAS	1667	5485	15
3	Crujeira	POV	2170	3099	302
3	Crujeira	REG	2929	4923	91
3	Crujeira	REG	2279	3796	222
3	Crujeira	CAS	2618	4001	191
3	CRUJEIRA	VG	2463	1794	461

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas

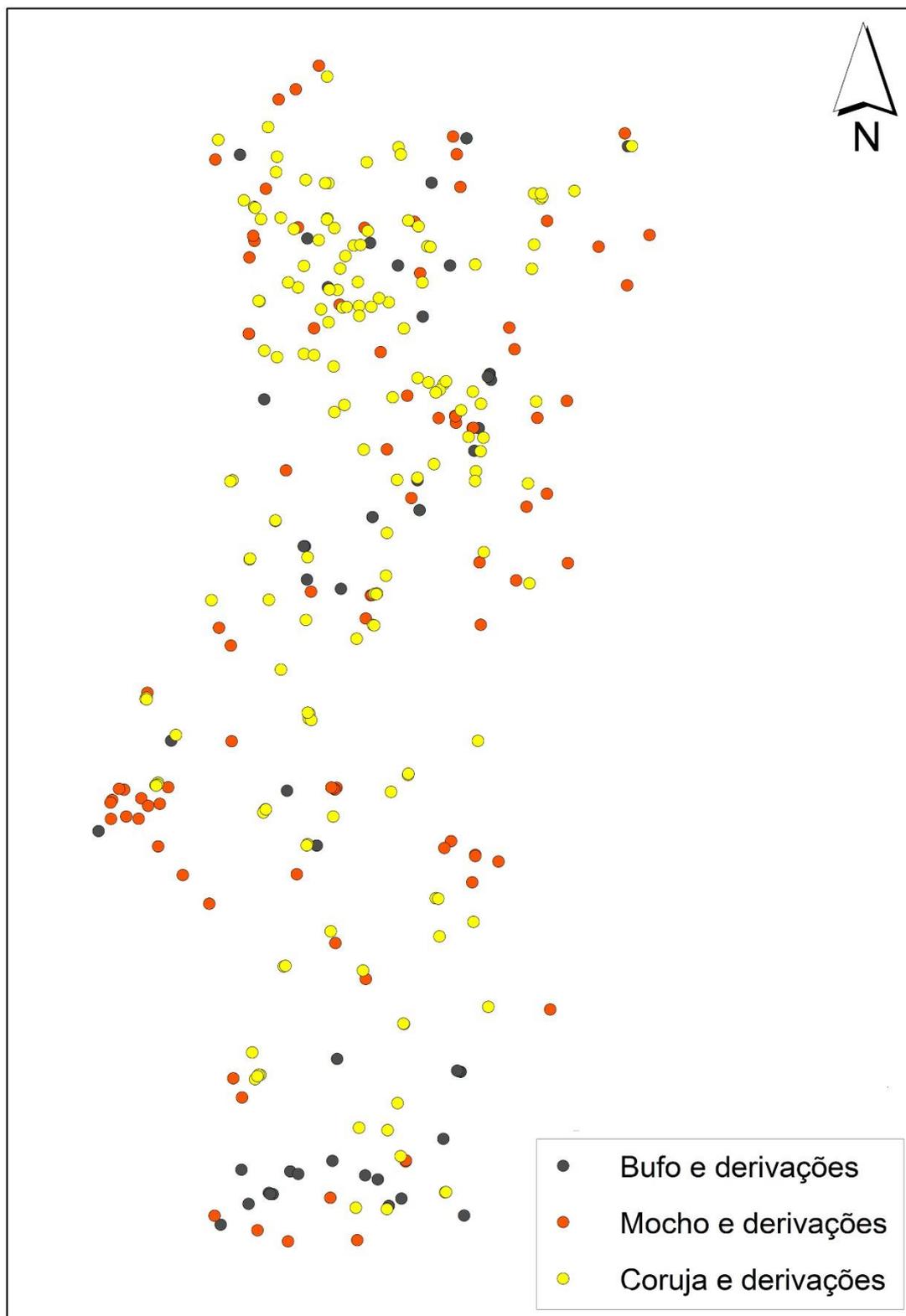
3 Crujeira	CAS	2474	1792	461
3 Crujeira	CAS	1741	1467	486
3 Crujeira	CAS	2638	4218	169
3 Crujeira Velha	CAS	1749	1470	486
3 Crujões	CAS	1704	5269	42
3 Escrujinha	REG	2281	0813	549
3 Corujo	REG	2690	3450	257
3 Fonte da Coruja	FTE	2098	0695	564
3 Fraga do Coruja	REG	2454	3871	212
3 Caruja	CAS	2641	1681	474
3 Carujo	CAS	2183	3252	278
3 Ribeiro da Corujeira	RIB	2376	3805	212
3 Ribeiro das Corujas	RIB	2907	3300	270
3 Regato da Coruja	RIB	2380	5010	74
3 Vale Corujo	REG	2677	4160	181
3 Vale da Coruja	VE	2939	4170	182
3 Vale da Coruja	REG	1872	2647	343
3 Vale de coruja	CAS	1954	4551	135
3 Sítio do Carujo	REG	2117	1448	488
3 Ribeiro dos Carrujos	RIB	2423	4914	88
3 Serra do Carujo	SA	2171	3250	278
3 Monte da Coruja	CAS	2662	2547	360
3 Monte da Corujeira	MTE	1938	5216	43
3 Monte da Corujeira	CAS	2712	1274	513
3 Monte da Corujeira	CAS	2331	2384	383
3 Monte da Corujeira	CAS	2480	1611	473
3 Monte da Corujeira	CAS	1964	1635	469
3 Monte das Corujas	CAS	1976	2185	408
3 Monte dos Carrujos	MTE	2436	4911	88
3 Monte dos Corujos	CAS	2250	2303	382
3 Monte Velho da Corujeira	CAS	2332	2390	383
3 Quinta da Coruja	CAS	2649	3791	225
3 Quinta da Corujeira	CAS	2918	4807	105
3 Quinta da Corujeira	CAS	1141	2338	375
3 Quinta da Corujeira	CAS	1135	2333	375
3 Quinta da Corujeirinha	CAS	2428	4262	168
3 Quinta das Corujas	CAS	2689	3998	203
3 Quinta das Corujeiras	CAS	2309	1194	521
3 Quinta das Corujeiras	CAS	2156	4625	125
3 Quinta do Carujeiro	CAS	2099	4582	136
3 Ribeira da Coruja	RIB	1855	2682	343
3 Ribeira da Corujeira	RIB	2296	5353	32
3 Ribeira da Corujeira	RIB	1488	3789	217
3 Ribeira da Corujeira	RIB	1850	2047	422
3 Ribeira da Crujeira	RIB	1649	4414	143
3 Ribeira de Coruche	RIB	2481	4226	169
3 Ribeira de Coruche	RIB	2511	4267	169
3 Ribeira de Coruche	RIB	2463	4214	168
3 Ribeira de Corujas	RIB	2929	5167	63
3 Ribeira de Corujas	RIB	2962	5167	64
3 Ribeira do Carujo	CAS	2181	3249	278

- 1. Bufo e derivações 
- 2. Mocho e derivações 
- 3. Coruja e derivações 

AZE Azenha
 CAS Casas
 CF Estação de Caminhos de Ferro
 FTE Fonte, Chafariz
 ILH Ilha, Ilhéu
 MOI Moinho
 MTE Monte, Morro, Cabeço
 POV Povoação (lugar de 1 a 10, de 11 a 59 fogos)

POVI Povoação Importante (lugar com mais de 60 fogos)
 PTE Ponte
 REG Região
 RIB Ribeiro, Ribeira (até 5km, de 5 a 20km)
 SA Serra
 SC Sede de Concelho
 SF Sede de Freguesia
 VE Vale
 VG Vértice Geodésico

Topónimos em Portugal Continental e Ilhas



Nota: Topónimos - Numa tentativa de perceber algum padrão geográfico, na toponímia, que fosse coerente com distribuição histórica das espécies, a principal limitação é as pessoas associarem o mesmo nome a diferentes espécies, sobretudo quando comparando sul e norte. Depois, outro problema é a mesma espécie ter mais de uma designação.

Aparentemente, *Tyto alba* e *Strix aluco* são quase sempre designadas por coruja (Fem.). No Sul, *Bubo bubo* é quase sempre designado por bufo, raramente lhe dão outro nome. No Norte, julgo ser também comum o uso de mocho, corujo e ujo. No Sul, mocho, quase sempre, refere-se a *Athene noctua*. *Otus scops* e *Asio otus* são quase ignorados. *Asio otus*, por vezes, também é confundido com *Bubo bubo* - daí a designação frequente de ambos, como bufo. Uma vez que *T. alba*, *S. aluco* e *A. noctua* têm uma distribuição tão alargada em Portugal, não é fácil tirar grandes conclusões sobre o ajuste, entre a toponímia e a ocorrência histórica. No geral, bate certo, pois é totalmente abrangente. Do que eu conheço do uso de bufo na toponímia, esta tem muitas vezes uma correspondência com locais de ocorrência potencial de *Bubo bubo* (ribeiras, cumeadas, rochas, cerros) - é a relação mais ilustrativa das três designações. Ainda assim, seria preciso ir ao detalhe do habitat para saber se havia uma boa correspondência entre toponímia e ocorrência histórica (e actual) de bufo-real. Geograficamente, são perfeitamente verosímeis as designações, com a potencial ocorrência das espécies. Também não parece haver uma preferência regional pelo uso de um termo, em detrimento de outro.

Acho que o principal a retirar é o uso generalizado das três famílias de designações, ao longo de todo o país, o que sugere que muitas das aves de rapina nocturnas (sobretudo *Tyto alba*, *Athene noctua*, *Bubo bubo* e *Strix aluco*) deverão, historicamente ter ocupado Portugal de Norte a Sul.

Numa relação mais detalhada da toponímia-habitat eu diria o seguinte:

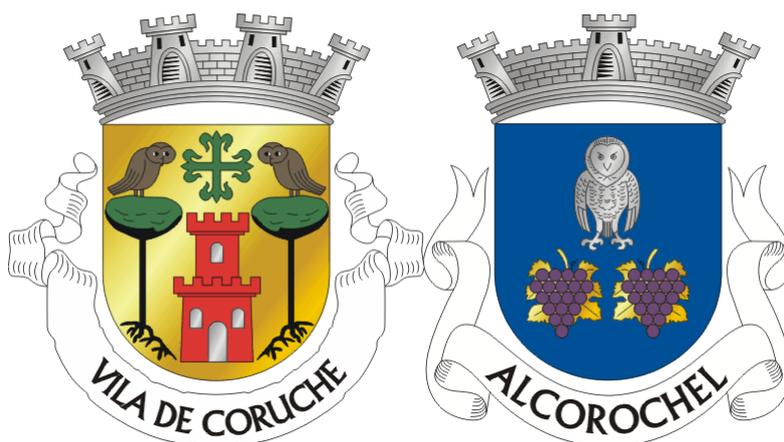
- Florestas - seria esperado encontrar sobretudo coruja na toponímia - de *Strix aluco*;
- zonas agrícolas - seria esperado encontrar coruja e mocho na toponímia - de *Tyto alba* e *Athene noctua*;
- serras, ribeiras, zonas rochosas - poderia encontrar-se bufo, mocho, corujo, ujo, corujão na toponímia - de *Bubo bubo*.

(Rui Lourenço – GTAN/SPEA; LabOr – Laboratório de Ornitologia da Universidade de Évora)

BRASÕES • EMBLEMAS

- **Vila de Coruche** - Escudo de ouro com uma torre torreada de vermelho, aberta e iluminada de prata, acompanhada de dois pinheiros de verde com troncos de negro e arrancados do mesmo, rematados por duas corujas afrontadas de sua cor. Em chefe, uma cruz antiga de Avis, de verde. Coroa mural de quatro torres de prata. Listel branco com a legenda de negro : "VILA DE CORUCHE". (ver #14, *Lendas*)

- **Alcorochel** - Escudo de azul, uma coruja de prata realçada de negro e acompanhada em contra-chefe de dois cachos de uvas de púrpura folhados de ouro. Coroa mural de três torres de prata. Listel branco, com a legenda a negro, em maiúsculas: "ALCOROCHEL".



- **Corujas** - escudo de verde, vieira de ouro acompanhada de quatro corujas de prata, armadas de ouro, realçadas e bicadas de negro e animadas de vermelho, acantonadas. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: “CORUJAS”.



- **Corujeira** - Escudo de azul, três corujas de ouro, realçadas de negro. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: “CORUJEIRA”.

- **Muxagata** - Escudo de ouro, cruz da Ordem de Cristo, acompanhada em chefe de uma gata passante, de negro, realçada de prata e animada de ouro e, em campanha, de um mocho volante, de negro, animado, bicado e armado de ouro e realçado de prata. Coroa mural de prata de quatro torres. Listel branco, com a legenda a negro: “MUXAGATA - VILA NOVA de FOZ CÔA”.



Nota: «[...] Pedro A. Ferreira entendia que o apelativo *coruja* está, não só na base de *Coruche*, mas também na de muitos outros topónimos: “*Coruche* é deturpação de *Corucho* — e este de *corujo* por *coruja* — ave nocturna”. J. P. Machado, que atribui a *coruja* etimologia obscura, informa que *curugios* se documenta em 1085 e *curugeira* em 1101, como topónimo. Quanto a *Coruche*, diz desconhecer a sua origem, mas aventa a hipótese de se tratar de um nome arábico, ou mais provavelmente arabizado, isto é, pré-arábico mas passado pela fieira do idioma arábico, cuja forma mais antiga — *Coluchi* — data de 1268. O Autor ocupa-se ainda de *Alcorochel*, com as variantes *Alcoruchel* e *Alcorouchel*, considerando-o o resultado híbrido de *al* + *Coruche*.» MARQUES DE AZEVEDO, Maria Luísa Seabra. *Toponímia Mocárabe no antigo Condado Conimbricense*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2005.

• **SIED – Serviço de Informações Secretas de Defesa**

Armas:

Escudo de vermelho, uma esfera armilar de ouro rematada de três cruces de Cristo; Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra; Correia de vermelho perfilada e fivelada de ouro; Paquife e virol de vermelho e de ouro; Timbre: uma coruja-das-torres de ouro encendida de negro;

Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro maiúsculas de estilo elzevir «ADIVINHAR PERIGOS, E EVITALLOS».

Simbologia:

A ESFERA ARMILAR símbolo dos Descobrimentos Portugueses, do conhecimento do mundo, da nossa história colectiva representada pela presença da língua e da diáspora portuguesa, projecta Portugal como um país de vocação global. A CORUJA-DAS-TORRES, capaz de observar e caçar esplendidamente apesar das trevas que a envolvam, simboliza a sabedoria, a cautela, a surpresa e a certeza e alude à capacidade de obter informações importantes em tempo útil, que caracteriza o Serviço de Informações Estratégicas de Defesa. A DIVISA «ADIVINHAR PERIGOS, E EVITALLOS» (Os Lusíadas VIII – 89) evoca a preocupação permanente do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa em antecipar e prevenir todas as situações que possam colocar em causa a independência, os interesses nacionais e a segurança externa de Portugal.



Os esmaltes significam:

O OURO, sabedoria e firmeza; O VERMELHO, coragem e empenho; O NEGRO, discricção e prudência.

• **EPE – Escola Prática de Engenharia**

Armas:

Escudo de negro, um castelo de ouro lavrado de negro, iluminado e aberto de vermelho, sustido por uma faixa ondata de prata, acompanhado em chefe por duas lucernas de ouro, flamejantes de vermelho perfilado de ouro, a da sinistra voltada; Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra; - Correia de vermelho perfilada de ouro; Paquife e virol de negro e de ouro; Timbre: uma coruja esvoaçante de ouro; Condecorações: circundando o escudo o colar de Grande Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada; Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir "VBIQVE DOCERE ET PVGNARE".



Simbologia:

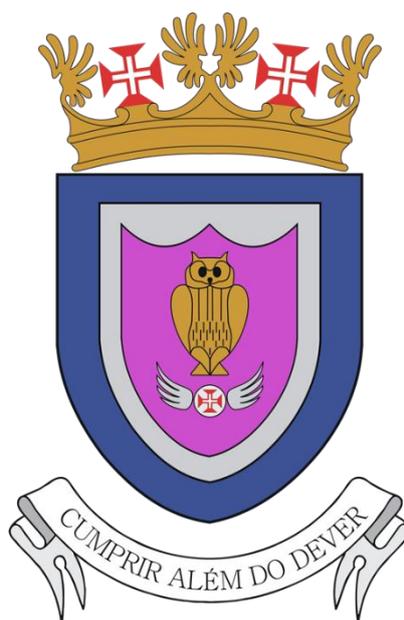
O NEGRO do campo é a cor tradicional da Engenharia, cuja Casa-Mãe é esta Escola secular donde saíram todos os seus quadros; O CASTELO simboliza a protecção e conjugação dos desejos inflamados, no projecto posto em obra, em apoio de outras forças, quer em campanha quer em paz, no valioso e por vezes decisivo contribuindo para consecução dos objectivos estabelecidos. Alude também a Almourol, fortaleza medieval que está sob a guarda da Escola Prática de Engenharia e que, preñe de lendas e de história, criou um sentimento de nacionalidade, tradição e de ligação aos primórdios das fortificações e da organização do terreno; As LUCERNAS recordam a difusão da doutrina, que a Escola desenvolveu e aperfeiçoou, na técnica e na táctica; A FAIXA ONDADA representa o rio Tejo, invocando a existência histórica da Engenharia Militar na sua vivência ao longo dos tempos, com a concretização dos seus desejos de bem servir, nas diversas situações de trabalho, como recorda a actividade dos pontoneiros, na transposição de cursos de água, sendo esta Escola o berço dos mesmos; A CORUJA, ave consagrada a Atena-Minerva, é o símbolo do conhecimento racional, pelo dom da clarividência, na interpretação dos sinais em obediência ao primado da técnica que lhe está subjacente a da reflexão no estudo, para o domínio do desconhecido, a que é chamada a Escola na sua acção pioneira, para a elaboração e divulgação de novas doutrinas; Atena-Minerva é deusa da inteligência intuitiva e da

vigilância protectora, na total disponibilidade de que se reclama; A divisa "VBIQVE DOCERE ET PVGNARE" exprime a grande missão da Escola Prática de Engenharia, na Universalidade da sua acção, na variedade das suas missões, na especialização dos seus trabalhos técnicos, na ubiquidade da sua actividade de formação e de combate.

Os esmaltes significam:

O OURO: a nobreza das intenções e o sofrimento, traduzido no espírito de sacrifício, que vai buscar a reserva anímica, que exorta a merecer os antepassados e a ser o exemplo e estímulo para os vindouros; A PRATA: a riqueza dos trabalhos executados e a humildade e serenidade com que são desenvolvidos; O VERMELHO: a audácia das tropas especialistas, no abrir e fechar o caminho e a segurança na certeza da sua continuidade; O NEGRO: a obediência às regras estabelecidos e a honestidade nos seus princípios.

• **CFMTFA - Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea**



Escudo

De prata com um escudete de púrpura carregado de um mocho de ouro em ponta de cruz de Cristo alada de prata, bordadura a azul.

Divisa

Num listel de branco, sotoposto ao escudo, em letras de estilo elzevir, maiúsculas, de negro: «« CUMPRIR ALÉM DO DEVER »».

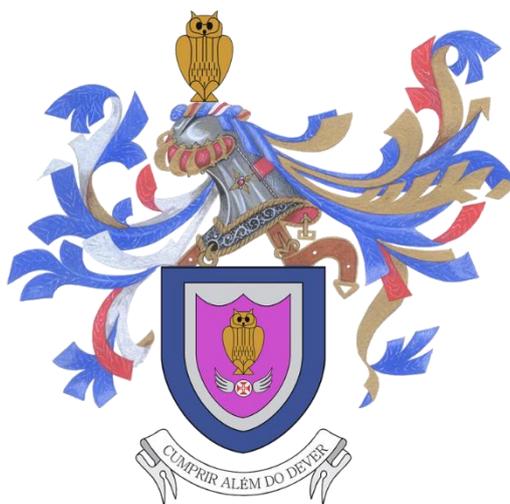
Coronel Aeronáutico

É de ouro, constituído por um aro liso com virolas nos bordos superior e inferior, encimado por oito pontas, das quais cinco aparentes. A ponta central e as laterais são encimadas por duas asas de águia estendidas. As pontas intermédias são encimadas por cruces de Cristo.

Simbologia

O Mocho: símbolo de sabedoria, representa a atividade do estudo e da aprendizagem; O Escudete: de púrpura foi retirado do Brasão de armas da ex-Base Aérea 2, em sua homenagem; A Cruz de Cristo: é sinal identificativo das aeronaves militares portuguesas e assim ligado à Força Aérea; A Divisa «CUMPRIR ALÉM DO DEVER» exprime a decisão de cumprir todas as tarefas que lhe são cometidas; Coronel Aeronáutico: é sinal distintivo privativo da Força Aérea que com ele caracteriza todas as suas Unidades e Órgãos; O AZUL: significa o zelo no ensino e a lealdade e a justiça na avaliação dos conhecimentos adquiridos; A PÚRPURA: representa a dignidade, temperança e devoção ao ensino; O OURO: simboliza a firmeza e perseverança; A PRATA: significa a humildade com que é executada a missão e a riqueza dos resultados obtidos.

Brasão de Armas do Comandante



Escudo

De prata com um escudete de púrpura carregado de um mocho de ouro em ponta de cruz de Cristo alada de prata, bordadura a azul; Divisa: num listel de branco, sotoposto ao escudo, em letras de estilo elzevir, maiúsculas, de negro: «CUMPRIR ALÉM DO DEVER »»; Elmo: de prata, quatrocentista, com grades e guarnições de ouro, forrado de vermelho e colocado a três quartos para a dextra; Correia: de sua cor, perfilada e afivelada a ouro; Paquife e Virol: de azul, ouro, vermelho e prata; Timbre: o mocho do escudo.

Simbologia

O Mocho: símbolo de sabedoria, representa a atividade do estudo e da aprendizagem. O Escudete - de púrpura foi retirado do Brasão de armas da ex-Base Aérea 2, em sua homenagem; A Cruz de Cristo: é sinal identificativo das aeronaves militares portuguesas e assim ligado à Força Aérea; A Divisa: «CUMPRIR ALÉM DO DEVER» exprime a decisão de cumprir todas as tarefas que lhe são cometidas; O azul: o zelo no ensino e a lealdade e a justiça na avaliação dos conhecimentos adquiridos; A púrpura: a dignidade, temperança e devoção ao ensino; O ouro: a firmeza e perseverança; A prata: a humildade com que é executada a missão e a riqueza dos resultados obtidos.

• ESPE – Escola Superior Politécnica do Exército



Simbologia

O campo AZUL representa o firmamento, suprema realidade etérea do mais elevado conhecimento; A FOLHA DE FIGUEIRA representa a ciência alicerçada no trabalho, pois a seiva abundante que nela circula é como o labor que sustenta a vida humana, alimentando-a com a sua energia criadora; AS LUCERNAS representam a luz que se faz presente no espírito através da aquisição constante e proveitosa dos conhecimentos ministrados nesta Escola; O MOCHO simboliza a sabedoria humana, através da sua capacidade de ver até nas trevas e de vislumbrar a realidade das coisas mesmo na maior escuridão; O TREVO DE VERMELHO representa o trabalho que deve sempre acompanhar a vida do estudante e do profissional.

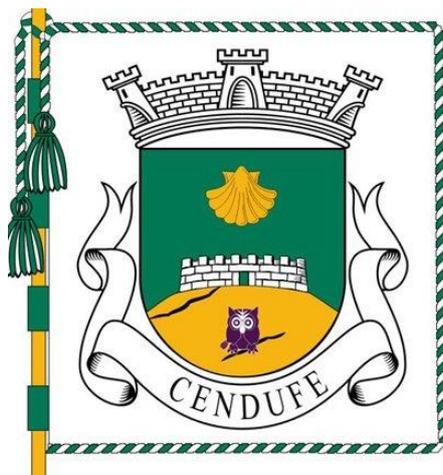
Os esmaltes significam:

O OURO: firmeza e sabedoria; O VERMELHO: confiança e generosidade; O AZUL: perseverança e zelo.

• Academia das Ciências de Lisboa



• **Cendufe**



Brasão

escudo de verde, monte de ouro rematado por construção castreja de prata, lavrada de negro e aberta do campo, o monte carregado de um mocho de púrpura, animado, bicado e realçado de prata; em chefe, uma vieira de ouro, realçada de negro. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: “CENDUFE”.

Bandeira: branca. Cordão e borlas de prata e verde. Haste e lança de ouro.

Selo: nos termos da Lei, com a legenda: “Junta de Freguesia de Cendufe – Arcos de Valdevez”.

• **Coruche**



Tem por armas um escudo com uma coruja no centro. Ignora-se a origem d'estas armas, e parece que a villa se chamou antigamente *Coruja*, que degenerou em *Coruche*.

(LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho. *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 2, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874, p. 404.)



ANEXO

As Aves de Rapina Nocturnas

1.0. Espécies existentes em Portugal

São sete as espécies de rapinas nocturnas existentes no território nacional. Todas elas ocorrem em Portugal Continental, uma nos Açores e uma na Madeira.

Continente

- [Coruja-das-torres](#)

Tyto alba (subespécie nominal *T. a. alba* e possivelmente *T. a. guttata*); Residente;

Nomes comuns para esta espécie: Estrige; Coruja-azeiteira; Bebe-azeite; Coruja-branca; Coruja-alvadia; Coruja-católica; Grifa; Coruja-da-igreja; Galhofo; Corujo (para o macho da coruja);

- [Coruja-do-mato](#)

Strix aluco (subespécie *S. a. sylvatica*); Residente;

Nomes comuns para esta espécie: Estrige; Coruja-cabreira; Cravo-do-monte; Grifa;

- [Coruja-do-nabal](#)

Asio flammeus (subespécie nominal *A. f. flammeus*); Invernante;

Nomes comuns para esta espécie: Coruja-d'água; Galhofeira; Coruja-galhofa; Coruja-de-arribação;

- [Bufo-pequeno](#)

Asio otus (subespécie nominal *A. o. otus*); Residente / Invernante;

Nomes comuns para esta espécie: Toupeirão; Coruja; Mocho;

- [Mocho-galego](#)

Athene noctua (subespécie *A. n. vidalii*); Residente;

Nomes comuns para esta espécie: Piôcho; Ave-gatinhas; Chio; Papagaio-saloio; Demingueso; Passarelo; Ave de Minerva; Moncho; Mocha; Moucho (*mouchico* para as crias de *moucho*); Carrocho; Meixo;

- [Mocho-d'orelhas](#)

Otus scops (subespécie *O. s. mallorcae*); Estival;

Nomes comuns para esta espécie: Margarida; Mochela (também utilizado como forma feminina de *moucho*); Carrocho; Meixo; Piôcho;

- [Bufo-real](#)

Bubo bubo (subespécie *B. b. hispanus*); Residente;

Nomes comuns para esta espécie: Ujo (ou Uja); Corujo; Corujão; Mocho-real; Miau-miau; Grão-duque (origem francesa: *gran-duc*); Bujo; Bufaranho; Martaranho.

Nota: coruja-moura: em Portugal, a única observação documentada refere dois indivíduos abatidos pelo Rei D. Carlos, no estuário do Tejo, em finais do século XIX.

Açores

- Mocho / Bufo-pequeno

Asio otus (subespécie nominal *A. o. otus*). Residente.

Madeira

- Coruja-das-torres

Tyto alba (subespécie *T. a. schmitzi*); Residente.

Nota: Existem alguns registos para os Açores e Madeira, muito ocasionais, de *Asio flammeus*, *Otus scops*, *Strix aluco*, *Bubo scandiacus*. A proveniência destas aves é incerta.

1.1. Características gerais

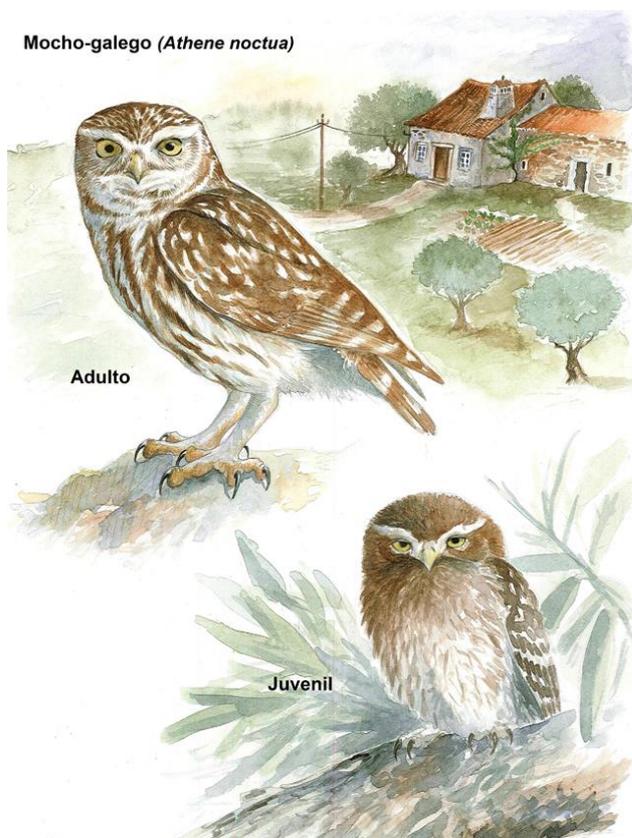
por Ricardo Brandão

Médico Veterinário

CERVAS – Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens

As rapinas nocturnas – pertencentes à ordem dos Strigiformes e a família *Strigidae* – são aves de cabeça grande, por vezes, até, aparentemente desproporcional, em relação ao resto do corpo. A maior parte das espécies apresenta um disco facial que pode ser achatado, arredondado ou em forma de coração e que esconde os grandes ouvidos externos.

Algumas espécies apresentam tufo de penas erectas, em forma de orelhas, e os olhos são geralmente muito grandes. Os bicos são pequenos e encurvados, em forma de gancho, situados entre espessas penas sensitivas (cerdas), de grande capacidade táctil. O pescoço é baixo, o corpo compacto e as pernas são curtas, com excepções, por exemplo, na família *Tytonidae*, onde, para além de pernas longas, os indivíduos diferem da maior parte das corujas, por apresentarem, também, um corpo mais



delgado e esguio. As asas são longas mas arredondadas e as caudas são curtas. As garras são curvas e afiadas. A farta e densa plumagem é críptica, discreta, em tons de cinzento, castanho ou negro, com uma superfície suave e macia, apresentando-se, frequentemente, com aspecto inflado.

Os dedos e garras são as principais armas de que uma ave de rapina nocturna dispõe e são essenciais para a obtenção de alimento. A maior parte das espécies apresenta patas e dedos robustos e revestidos por penas, o que contribui para minimizar perda de calor, principalmente durante as longas esperas nocturnas, por vezes sob temperaturas muito baixas.

A parte inferior dos dedos tem pele rugosa, com numerosas papilas, concorrendo, assim, para uma maior capacidade de agarrar a presa. As garras são muito afiadas e longas, facto que associado à potência conferida pelas pernas, relativamente curtas e robustas, com excepção das da coruja-das-torres, torna os membros posteriores extremamente eficazes, no momento da captura das presas, causando, geralmente, a morte de forma instantânea.

Tal como a maioria das aves, as rapinas nocturnas apresentam 4 dedos (ou dígitos) em cada pata. No que diz respeito à estrutura das patas, são consideradas Zigodáctilas, porque apresentam dois dedos para a frente (dedos II e III) e dois para trás (dedos I, ou hallux, e IV), ao contrário, por exemplo, da maior parte das aves de rapina diurnas ou dos passeriformes. No entanto, à semelhança de outros zigodáctilos, como a águia-pesqueira, têm a extraordinária capacidade de também movimentarem o dedo IV para a frente, quando necessário. Uma interessante particularidade é a rugosidade de uma das garras, que se encontra, facilmente, por exemplo, na coruja-das-torres e que é utilizada no arranjo e re-organização da plumagem, durante o *preening*, contribuindo assim para um voo silencioso e eficaz, essencial para a caça.

Os ouvidos das aves de rapina nocturnas são geralmente de grandes dimensões e bem desenvolvidos, o que lhes permite a detecção de sons que outros animais, incluindo o homem, não conseguem ouvir. No entanto, ao contrário do que se possa pensar, os ouvidos das rapinas nocturnas não são muito mais desenvolvidos do que os do homem, que tem potencial auditivo semelhante, mas possuem adaptações específicas e um conjunto de pormenores anatómicos que conferem capacidades auditivas extraordinárias.



A evolução das estruturas nestas espécies é notável e pode-se considerar que lhes permite ter uma “visão auditiva”, tal é a sua acuidade e a diversidade de vantagens que proporciona, tanto ao nível da obtenção de alimento como até no voo, dada a sua relação com a capacidade de cálculo de distâncias. A evolução da audição nas diferentes espécies de rapinas nocturnas está necessariamente relacionada com o ambiente em que se encontram. Assim, verifica-se que, dentro deste grupo, a audição das espécies estritamente nocturnas é mais desenvolvida do que as daquelas que têm actividade diurna, crepuscular ou ao amanhecer. Também é possível constatar que as espécies que frequentam ambientes mais silenciosos, que chegam a caçar sem conseguir ver as presas, ouvem melhor do que as que vivem em habitats mais ricos em sons, como ocorre, por exemplo, nos trópicos.

As capacidades auditivas das rapinas nocturnas não se devem apenas à existência de ouvidos mais sensíveis, mas, principalmente, à combinação de outros factores que, em conjugação, permitem maior capacidade de detecção de sons. Um factor importante é a presença de um disco facial cujo bordo é formado por penas rígidas que ajudam a direccionar e até a amplificar os sons para os ouvidos, no caso das que estão orientadas caudalmente ou, no que diz respeito às rostrais, que auxiliam a reduzir o ruído, causado pela turbulência durante o voo.

As próprias penas, para além de terem funções de protecção, podem ainda ter mobilidade conferida por músculos especializados que permitem que a ave se concentre voluntariamente num determinado ponto de origem de um som. Caso as penas do disco facial sofram algum tipo de lesões, as capacidades auditivas da ave não serão as mesmas. À frente do ouvido existe ainda uma porção vertical de pele de controlo voluntário, por parte da ave, o opérculo ou “concha”, que potencia ainda mais a capacidade desta se conseguir focar no som que está a ser encaminhado pelas penas caudais.

Outro aspecto importante é a assimetria dos orifícios auditivos e das penas envolventes correspondentes. Um dos ouvidos está mais elevado do que o outro, com diferenças de 15°, no máximo, e este aspecto é determinante na capacidade da ave isolar e triangular os sons que recebe. Por outro lado, podem também ocorrer diferentes formas das cavidades auditivas de um lado da cabeça, em relação ao outro, em algumas espécies, o que poderá ser a razão pela qual um dos ouvidos consegue detectar melhor algumas frequências de som do que o outro. É devido a estes pormenores que as rapinas nocturnas necessitam de constantes movimentos de

cabeça, quando se estão a concentrar na origem de determinado som, associando a informação que recebem à que obtêm, também, visualmente, quando isso é possível, nos momentos que antecedem o ataque a uma presa.

Internamente, a membrana timpânica é de grandes dimensões, no caso das rapinas nocturnas, e é projectada, externamente, ao contrário do que ocorre nos mamíferos; a cóclea, o órgão auditivo, é de maiores dimensões do que nas outras aves. A componente neurológica associada à audição também é relevante, verificando-se que há diferenças significativas entre as várias espécies de aves, no que respeita ao número de células, na parte do cérebro responsável pela audição. Numa ave diurna, como por exemplo, um corvídeo, podem existir 3-4x menos neurónios na área auditiva do cérebro, comparando com uma ave de rapina nocturna, de tamanho semelhante.

As aves são os vertebrados com a visão mais apurada, sendo este o sentido mais desenvolvido na maior parte das espécies, com capacidade de percepção de espectros de luz que não são detectáveis para outros animais, como é o caso do homem, apesar de existirem muitas semelhanças entre os olhos das aves e dos mamíferos.

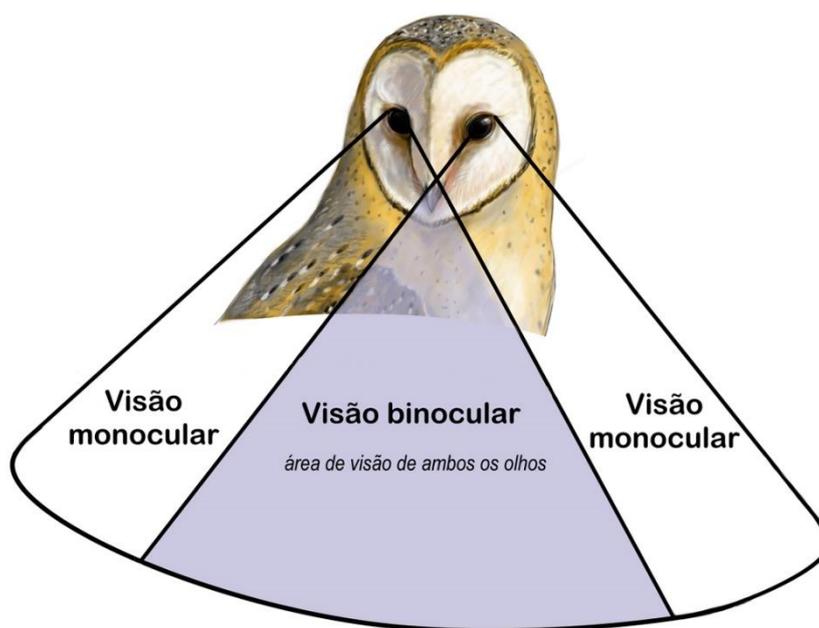
As aves de rapina nocturnas são das espécies que apresentam melhores capacidades visuais, por serem aves predadoras. No entanto, não é apenas na obtenção de alimento que a visão é essencial, sendo muito relevante no voo, para que este seja eficaz e seguro, mesmo a grandes velocidades, permitindo que a ave consiga detectar obstáculos.

Ao contrário do que se possa pensar, as aves de rapina nocturnas não conseguem ver em condições de ausência total de luz, mas estas aves evoluíram no sentido de conseguirem detectar estímulos luminosos muito reduzidos, o que permite a sua actividade durante a noite. Durante o dia, a visão também é excelente e conseguem detectar cores.

Os olhos são de grandes dimensões, comparando com o tamanho da cabeça e do resto do corpo, podendo ser, nalgumas espécies, maiores do que os de um homem adulto. Em conjunto, os olhos são geralmente maiores do que o próprio cérebro. Esta grande dimensão dos olhos permite uma maior projecção das imagens na retina, cerca de 2,5x mais que no homem, contribuindo para uma maior acuidade visual. Ao

contrário da maior parte das aves, as rapinas nocturnas apresentam uma área de córnea grande, relativamente ao tamanho do resto do globo ocular.

As rapinas nocturnas têm uma extraordinária visão binocular, devido à estrutura tubular dos seus olhos, que funcionam em conjunto e direccionados frontalmente, conseguindo assim um campo binocular de 60-70°. No entanto, o campo de visão, com apenas 150°, é reduzido e corresponde a cerca de metade do que ocorre num pombo. Nesta e noutras aves, com olhos alojados mais lateralmente na cabeça, há um menor arco de visão binocular frontal (cerca de 25°), mas há uma maior área de visão para cima, para os lados e até para trás, o que se torna vantajoso para detectar a aproximação de predadores.



Nas rapinas nocturnas há excelentes capacidades de determinação da distância e detecção dos movimentos das presas, num grande campo de visão que é criado pela possibilidade de movimentos rotacionais de quase 360° da cabeça, que compensa a falta de mobilidade dos olhos.

A estrutura tubular torna os olhos das rapinas nocturnas numa espécie de telescópio que, nalgumas situações de grande proximidade, em relação ao alvo, tem dificuldades em fazer a focagem de forma rápida, sendo por isso que, por vezes, as aves se têm

que afastar momentaneamente de uma presa morta ou ainda ferida, antes de a atacarem novamente ou de a comerem.

1.2. Rapinas Nocturnas: Recuperação, Conservação, Investigação e Divulgação

• **STRI – Rapinas Nocturnas de Portugal**

O STRI – Rapinas Nocturnas de Portugal é um projecto da Associação ALDEIA apresentado ao público no dia 8 de Maio de 2012 e que pretende reunir informação diversa sobre as aves de rapina nocturnas existentes em Portugal.

- www.strirapinasnocturnas.com

• **CERVAS – Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens**

O centro tem como objectivos detectar e solucionar diversos problemas associados à conservação e gestão das populações de animais selvagens e dos seus habitats. As linhas de acção do CERVAS são a recuperação de animais selvagens feridos ou debilitados, o apoio e/ou a realização de trabalhos de monitorização ecológica e sanitária das populações de animais selvagens, o apoio e fomento à aplicação do Programa Antídoto – Portugal, a promoção da sensibilização ambiental em matéria de conservação e gestão dos animais selvagens e o funcionamento como unidade intermédia de gestão e transferência de informação e amostras tratadas através de parcerias científicas.

- <http://cervas-aldeia.blogspot.pt/>

• **RIAS – Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens**

Funcionando como um hospital de fauna selvagem, o trabalho do RIAS consiste na recepção e tratamento de animais que são encontrados feridos ou debilitados e posterior libertação, sempre que possível, no local onde foram encontrados. Além destes, também a recepção de animais mortos de espécies prioritárias é importante, para tentar perceber as causas de morte e, assim, determinar factores de risco para as populações selvagens.

Se o trabalho de recuperação tem um impacto imediato no bem-estar e sobrevivência de cada animal que passa pelo RIAS, esse trabalho, associado à investigação e a educação ambiental e sensibilização da comunidade, em particular as gerações mais novas, poderá ter um impacto global na conservação de populações e espécies de animais selvagens, não só na Ria Formosa, como em todo o país.

- <http://rias-aldeia.blogspot.pt/>

• **GTAN/SPEA – Grupo de Trabalho sobre Aves Nocturnas**

O Grupo de Trabalho sobre Aves Noturnas (GTAN) surgiu em 2007 do interesse de alguns sócios da SPEA com um gosto especial por este grupo de aves. O seu intuito é ajudar a promover o estudo e conservação dos Strigiformes (mochos e corujas) e dos Caprimulgiformes (noitibós) em Portugal.

- <http://www.spea.pt/pt/participar/grupos-de-trabalho/aves-noturnas/>

• **LabOr – Laboratório de Ornitologia / Universidade de Évora**

Como principais objectivos, o LabOr promove e realiza estudos técnico-científicos e actividades pedagógicas na área da Ornitologia e Biologia da Conservação através de:

- 1. Projectos de I&DT e prestação de serviços ao exterior;*
- 2. Actividades de formação universitária e profissionalizante (teses de mestrado, doutoramento e apoio em pós-graduações);*
- 3. Projectos no âmbito de Unidades Curriculares de formações de 1.º e 2.º Ciclos universitários de acordo com o processo de Bolonha;*
- 4. Acções de divulgação e difusão da cultura científica na área da Ornitologia;*
- 5. Produção de elementos didácticos de apoio aos ensinios.*

- <http://www.labor.uevora.pt/index.php/pt/pagina-inicial/>

As Rapinas Nocturnas na Cultura Popular Portuguesa – pequenas histórias

*coitado do mocho
não viu a zorra ao pé da carvalheira
morre-se praí
morre-se num instantemente de nada*

*morre-se a morte mocha
sem a gente dizer ai*



STRI
RAPINAS NOCTURNAS
DE PORTUGAL

Maio 2017



aldeia 



SPA
REPTILAS NOCTURNAS
DE PORTUGAL



erithacus

BIODIVERSIDADE & DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL